



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

CARLA OLIVEIRA DE LIMA

**NATUREZA, CULTURA E IMAGINÁRIO NOS RELATOS
DE ALFRED RUSSEL WALLACE, LOUIS RODOLPH
AGASSIZ E ELIZABETH CABOT CARY AGASSIZ**

MANAUS
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

CARLA OLIVEIRA DE LIMA

**NATUREZA, CULTURA E IMAGINÁRIO NOS RELATOS
DE ALFRED RUSSEL WALLACE, LOUIS RODOLPH
AGASSIZ E ELIZABETH CABOT CARY AGASSIZ**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em História,
do Instituto de Ciências Humanas e Letras da
Universidade Federal do Amazonas, como
requisito para a obtenção do título de Mestre
em História.

Orientador: Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte

MANAUS
2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte
Departamento de História (UFAM)

Prof. Dr. Manuel de Jesus Mazulo da Cruz
Departamento de Geografia (UFAM)

Prof. Dr. Síval Carlos Mello Gonçalves
Departamento de História (UFAM)

*À minha avó, Elza Gonçalves d'Oliveira,
pelas melhores histórias que já ouvi. Ao
meu avô, Cleóbolo Barroso d'Oliveira (in
memoriam), pelas modinhas cantadas sob a
luz da lua.*

AGRADECIMENTOS

Sem mais delongas, gostaria primeiramente de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas, por ter concedido e viabilizado a mim, por meio da FAPEAM, uma bolsa de estudos, sem a qual, talvez, não tivesse chegado até aqui.

Aos professores Elizângela Martins e Luís Balkar, pelo incentivo inicial para que eu ingressasse neste programa.

Ao meu orientador Auxiliomar Silva Ugarte, sou grata pela amizade e confiança que delegou a minha pessoa e ao meu trabalho.

Ao professor Paulo Koguruma (*in memoriam*), agradeço por suas ótimas aulas e indicações bibliográficas que me fizeram repensar os rumos do meu trabalho no contexto da modernidade.

Ao professor Hideraldo Lima, por ter lido com acuidade o meu trabalho em minha qualificação, abrindo-me novas possibilidades para melhorá-lo.

Ao professor Síval Carlos, agradeço por fazer-me pensar sobre a noção de indivíduo, por suas ótimas indicações de leitura e por suas sugestões em minha qualificação.

Ao professor Carlos Guedelha, agradeço por sua generosidade desmedida em se dispor a corrigir as possíveis falhas que cometi na escrita deste texto.

À minha amiga Beatriz S. Marques, por ter cedido uns minutos de seu tempo à tradução para a língua inglesa o resumo deste trabalho.

Aos meus colegas do mestrado, principalmente a Simone Villa Nova, Lygia Maria Ferreira e Nasthya Cristina Garcia, pela amizade, paciência e incentivo, que não têm preço.

Aos meus familiares, pelo apoio constante, principalmente em alguns momentos difíceis que me fizeram desanimar, pois *o tempo não pára...*

Ao Alberto Marques, pelo sorriso, pelo carinho e pela cumplicidade de sempre.

Enfim, ao intrigante mistério da vida que faz o mundo girar e as estrelas do céu brilhantes...

AGRADEÇO

RESUMO

Esta pesquisa privilegiou algumas fontes narrativas produzidas em meados do século XIX pelos viajantes naturalistas que passaram pela Amazônia Alfred Russel Wallace (1848/1852), cuja experiência de viagem veio a ser conhecida pelo público com a publicação de “Viagens pelos rios Amazonas e Negro” em 1853; e Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz (1865/1866), cuja narrativa deu origem a obra de dupla autoria “Viagem ao Brasil” de 1867. Com este intuito, observamos que o contexto das viagens incidiu decisivamente na forma como estes indivíduos, pertencentes à cultura anglo-saxã, apreciaram às alteridades humana e ambiental da Amazônia. Estes viajantes se inserem num grupo de indivíduos do Oitocentos, que se lançaram além-mar a fim de encontrar não apenas material promissor para suas pesquisas, mas também que viam estas viagens como uma oportunidade para fugir das ordenações da ascendente sociedade burguesa. Assim, se de um lado anunciaram uma natureza coletável e “categorizável”, por outro lado objetivaram apreciar a natureza em sua cadeia de relações. Nestes termos, podemos pensar a pulsão de viajar, para onde nenhum homem branco ousou chegar, como a expressão de um sentimento nostálgico de perda da natureza, de desencantamento com o meio ambiente de seus países, decorrente das transformações provocadas pelas revoluções industrial e tecnológica. Neste processo, a natureza deixou de ser interpretada simbolicamente, passando a ser revelada por um observador externo que pudesse examiná-la e dissecá-la. Enfim, foi por meio da viagem para um mundo que concebiam como o avesso de sua cultura, que estas pessoas puderam refletir sobre suas próprias existências. Mais do que examinar a natureza e seus habitantes por meio dos *olhos do império*, estes viajantes enfatizaram o valor de se aprender com o Outro.

ABSTRACT

This research has privileged some narrative sources produced in the midst of the XIX century by naturalistic travelers who passed through the Amazon, Alfred Russel Wallace (1848/1852), whose travel experience became known to the public with the publishing of "Journeys through the Amazon and Black Rivers in 1853; and Louis Agassiz and Elizabeth Cary Agassiz (1865/1866), whose narrative originated the doubled authored "Journey to Brazil" in 1867. With this purpose, it was observed that the context of the journeys reflected decisively on the way in which those individuals, who belonged to the Anglo-Saxon culture, appreciated the Amazon's human and environmental diversity. These travelers inserted themselves in a group of individuals from the ninth century, who sought the overseas in order to find not only promising research materials for their studies, but also they saw these journeys as an opportunity to flee from the ordination of the rising bourgeois society. Thus, while announcing a collectable and a "categorizable" nature, on the other hand they aimed to appreciate nature in its chain of relations. In these terms, the drive to travel, to where no white man had dared go, can be understood as the expression of a nostalgic feeling of loss of nature, of disenchantment over their country's environment, due to the transformations set off by the industrial and technological revolutions. When man started to think about himself as ever more separate from the natural environment that surrounded him, discarding the symbolic sense and significance that the old world and/or traditional societies explained the relation they had with nature. Finally, it was through the journey to a world conceived by them as the opposite of their culture that these people could reflect about their own existence. More than to examine nature and its inhabitants through the eyes of the empire, these travelers emphasized the importance of learning from "Another".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – VIAGEM E IMAGINÁRIO NOS RELATOS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS E ELIZABETH AGASSIZ	
1.1 – O PRETEXTO DAS VIAGENS PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX.....	6
1.2 – BREVES TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS E ELIZABETH AGASSIZ	11
1.3 – PRODUÇÃO E RECEPCÃO DAS NARRATIVAS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS E ELIZABETH AGASSIZ.....	27
1.4 – RELATOS DE VIAGEM COMO FONTE DE REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA.....	38
1.5 – VIAGEM E OBSERVAÇÃO.....	46
CAPÍTULO II – VIAGENS E IMAGINÁRIO CIENTÍFICO NO SÉCULO XIX	
2.1 – PONTO DE PARTIDA: O GOSTO PELOS ESTUDOS NATURALISTAS	53
2.2 – INCURSÕES INTELLECTUAIS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS AGASSIZ	67
2.3 – PONTO DE CHEGADA: VIAGEM E MODERNIDADE.....	80
2.4 – VIAGENS INTERIORES PELA AMAZÔNIA.....	91
CAPÍTULO III – OS VIAJANTES E O MUNDO NATURAL AMAZÔNICO	
3.1 – LER, IMAGINAR, VIAJAR	113
3.2 – LUGARES PITORESCOS, VISTAS AGRADÁVEIS.....	126
3.3– TERRAS REMOTAS, FLORESTAS E RIOS SEM FIM: IMAGENS AMBÍGUAS SOBRE A NATUREZA NOS RELATOS DE WALLACE E AGASSIZ	137
3.4 – NATUREZA OU CIVILIZAÇÃO NA AMAZÔNIA?	161
3.5 – APRENDER COM O OUTRO: RECIPROCIDADE E ADAPTAÇÃO DIANTE DA ALTERIDADE HUMANA E AMBIENTAL.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	189
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	193

INTRODUÇÃO

O século XIX testemunhou a realização de viagens de europeus e norte-americanos para as antigas possessões portuguesas da América do Sul. Para isso contribuíram os movimentos de descolonização que vinham ocorrendo desde o século anterior, às pressões napoleônicas que forçaram os ingleses a estabelecer relações comerciais com outras zonas não européias, e a vinda da família real portuguesa em 1808 para o Brasil, abrindo os portos para a visita estrangeira desta parte do império português. Este movimento se liga a um conjunto de transformações relacionado à Revolução Industrial, que colocou em xeque os domínios ibéricos e deslocou o centro de poder para a Europa setentrional. É neste contexto que podemos situar as viagens dos naturalistas Alfred Russel Wallace, Louis e Elizabeth Agassiz, personagens e testemunhas oculares soprar dos novos tempos e da emergência de uma nova atitude dos homens frente à realidade. Portanto, é sobre estes viajantes, ou melhor, sobre a experiência de viagem destes estrangeiros empreendida pela Amazônia brasileira do Oitocentos que este trabalho irá tratar.

Nosso recorte cronológico se situa em meados do século XIX. Conforme Lifchitz Moreira Leite, o naturalista-viajante deste período era dependente de instituições financiadoras para suas explorações, gozando de uma relativa autonomia e, no Brasil, será prestigiado pelas autoridades. Este comportamento das autoridades brasileiras pode ser tido como herdeiro das modificações ocorridas nas primeiras décadas do século XIX, quando o deslocamento da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos brasileiros modificou a receptividade oficial a naturalistas estrangeiros, mesmo quando representam ostensivamente o pólo científico dos tentáculos imperialistas das nações européias.

*“Com as exceções de praxe, foram facilitados os meios para que se movimentassem pelos sertões, sem o risco de emboscadas e sem ser perseguidos pelos desconfiados habitantes daquelas plagas. Cartas de apresentação para os governadores das províncias facilitaram as relações indispensáveis para a realização dos trabalhos”.*¹

1 LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Viajantes naturalistas – caracterização*. São Paulo, CAPH, mimeo, 1990 Versão revista ampliada e ampliada da introdução de – Condição feminina no século XIX. 2ª ED., Rio de Janeiro: HUCITEC-Edusp, 1993. Disponível em: http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0042-03.shtml. Acesso em: 01/09/05.

Este novo panorama está relacionado com a nova configuração histórica de fins do século XVIII, “decorrente da “descolonização”, rompimento com a metrópole e formação do Estado Nacional suscita uma espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes”.²

A escolha de Alfred Russel Wallace e de Louis e Elizabeth Agassiz como protagonistas desta pesquisa, teve como proposta abarcar alguns pontos de rupturas e aproximações na forma como estas pessoas conduziram, pensaram, expressaram seu olhar diante do outro, já que pertenciam a países, culturas e classes sociais diferenciadas. Portanto, tentaremos perceber, tanto semelhanças quanto contraposições em suas concepções de mundo que podem ter balizado a construção de sua visão sobre a Amazônia. Por isso, achamos importante perceber como esses estrangeiros perceberam a Amazônia. Nesta questão, tentaremos compreender como estes observadores de terras longínquas “selecionaram, emolduraram, iluminaram ou sombrearam”³ os elementos que a compõem. Além disso, compreender o sentido da viagem empreendida na Amazônia por estes expedicionários do Oitocentos, significa também observar as mudanças na órbita do centro de hegemonia mundial - das sociedades européias meridionais, a Europa latina, para a Europa setentrional, de cultura anglo-saxão. Trata-se, então, do olhar britânico e estadunidense sobre alguns elementos que compõem o espaço amazônico. E o fator que os incentiva a partir para longínquas, desconhecidas e remotas terras, é a certeza que nelas estão as respostas para suas indagações científicas. Isto deve ser basicamente observado, pelo fato de os viajantes crerem que não havia outro caminho para o progresso da humanidade, a não ser por aquele que agora estava sendo requerido pela ciência moderna. Assim, qualquer forma de conhecimento, mesmo que resulte de uma cultura milenar, que não obedeça a certos parâmetros de cientificidade, objetividade e racionalidade, logo é indicativo de atraso, incivilidade. Assim, solapando antigos valores e ressaltando tudo o que é ‘novo’, a ciência se coloca como a única portadora de uma “verdade”, substituindo gradativamente a autoridade da religião e desqualificando saberes milenares de sociedades tradicionais.

Foi partindo desse princípio, que uma cena de Elizabeth Agassiz nos fez despertar sobre a importância de um trabalho voltado a análise do discurso dos viajantes naturalistas que passaram pela região. A senhora Agassiz relata, em uma passagem de

2 BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 11.

3 MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.p. 16.

suas crônicas, sua insatisfação de estar no meio de uma *floresta sem fim*, onde o tempo, este maravilhoso instrumento da nova ordem burguesa mundial, possui uma dinâmica diferenciada de seu mundo. Com isso, podemos considerar que sua falta de adaptação era evidente. Assim, podemos compreender que nossa personagem não conseguiu aceitar uma paisagem diferente a que estava acostumada a lidar, no caso em questão, as paisagens de Boston – Estados Unidos da América. A monotonia se caracterizava pela ausência do homem na paisagem. Sua insatisfação diante do meio-ambiente amazônico pode ser mais bem vislumbrada no seguinte trecho:

Com a passagem do tempo, essas florestas sem fim parecem monótonas, quando os dias se sucedem aos dias, sem que se descubra uma só habitação, nem se encontre uma só canoa, acaba-se aspirando por terras cultivadas, pastagens, campinas, campos de trigo e molhos de feno; enfim, qualquer coisa que denote presença do homem. Sentada à tarde na popa do navio, navegando por centenas de léguas entre margens desabitadas e florestas impenetráveis, acabo por ceder à opressão do tédio⁴. (grifos nossos).

Este pequeno trecho nos mostra um dos temas clássicos e recorrentes dos relatos de viagem, qual seja, a floresta amazônica tida como impenetrável. Elizabeth, esposa do cientista Louis Agassiz, sentia tédio diante duma natureza que lhe parecia *monótona*, por que era *desabitada*. Na verdade, o sentimento de Elizabeth sobre essas *florestas sem fim*, poder ser entendido como uma forma de reivindicar a transformação destas pelo homem. Neste ponto, podemos, ainda que de forma superficial, compreender que não era a floresta que era impenetrável, mas sim seu olhar etnocêntrico diante do *outro*, incapaz de perceber o próprio conhecimento e adaptação nativa diante dos segredos da natureza. O olhar desta personagem nos oferece algumas pistas/indícios sobre a constituição desses indivíduos que se lançaram pela América do Sul, com intuito de estudar e classificar alguns elementos do meio natural que a compõe.

Assim, no primeiro capítulo situamos a trajetória de nossos personagens como parte das transformações que se operaram no mundo a partir da revolução industrial e tecnológica que definiram um novo campo de visão para apreciações sobre o mundo natural. Mas foi no efervescente debate intelectual da época sobre as origens das espécies que podemos situar as trajetórias individuais de Alfred Russel Wallace e Louis Agassiz. O primeiro, oriundo da tradição do radicalismo socialista, participou

4 Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 201.

efetivamente de grupos de pensadores que tenderam a subverter a tradição e as verdades religiosas. Enquanto o segundo, filho de pastor protestante suíço, formado nas tradicionais universidades alemãs, foi o principal opositor das teorias do evolucionismo. Em suas descrições, encontramos um estilo literário que entrelaça a linguagem científica ao estilo pitoresco de narrativa. Com isto, estes viajantes visaram atingir o público leitor de seus países de origem, cada vez mais ávido pelas curiosidades da América do Sul. Por outro lado, as apreciações destes viajantes enfatizaram o valor de ver “com seus próprios olhos” a natureza em suas conexões de relações. Compartilhavam, per essa via, dos ensinamentos do naturalista alemão Alexander von Humboldt, que definiu para outros viajantes um novo estilo literário que tenta unir poesia e ciência.

No segundo capítulo, objetivamos perscrutar o imaginário social da época que definiram a Amazônia como ponto de chegada para suas ambições intelectuais e de carreira. Neste caminho, tentamos vislumbrar parte de suas premissas intelectuais que balizaram algumas de suas atitudes frente à realidade a ser apreciada. Porém, a viagem das duas expedições possuiu características díspares. Agassiz viajou pelo interior do Brasil apoiado pelas elites estadunidense e imperial brasileira, e, por isso os meios de viajar foram-lhe facilitados. Enquanto Wallace empreendeu uma viagem com muito menos recursos, e, apoiado apenas por alguns comerciantes que nem sempre conseguiam fornecer o principal meio para se transpor as brenhas selvagens – o índio. Assim, podemos também pensar que estes homens perceberam a Amazônia através da sobreposição de dois mundos: o arcaico e o moderno. O primeiro que estava se encerrando e o segundo que se estava iniciando.

No último capítulo, retomamos o assunto das alteridades ambientais e humana sob a perspectiva do olhar destes viajantes. Tentamos compreender por essa via de que forma a experiência de viagem os impactou. Se de um lado a exuberância da paisagem leva ao prazer, ao gozo do olhar naturalista, de outro, ao se depararem com uma natureza ameaçadora, hostil, monótona, a mesma gerava sentimentos de pavor e de solidão nos viajantes. As duas noções equivalem às concepções românticas do sublime e do pitoresco. A perspectiva do pitoresco visava observar a natureza por meio da integração das formas; sendo estas sentidas em toda sua plenitude. Ao apreciar a paisagem, o observador é levado a um estado de prazer, de gozo, motivando sentimentos sociais. Enquanto a visão do sublime, ao contrário, encontra o homem impotente frente á grandiosa força da natureza, despertando sentimentos anti-sociais e a consciência de sua individualidade, de não pertencer ao todo. Por outro lado, ao mesmo

tempo em que representaram a região como um Éden, há uma preocupação em inventariar os recursos naturais passíveis a serem explorados. Evidencia-se, assim, uma mescla de diferentes visões sobre a natureza. Enquanto podemos entender o gosto pelas viagens e pela natureza selvagem como uma reação contra alguns valores da autoconfiante sociedade industrial, urbana, individual e capitalista, por outro lado, ao inventariar a natureza os viajantes se alinhavam a estas premissas. Esta ambigüidade pode ser interpretada como um indício da difícil tarefa desses homens em saber conciliar o gosto pela natureza, com suas necessidades materiais e os apelos de se viver em uma sociedade industrial.

Portanto, empreendemos a partir deste momento, uma viagem subjetiva, que busca entender alguns significados da fala estrangeira em relação à Amazônia do século XIX. Por esta razão, achamos relevante estudar os viajantes não somente porque abre um amplo leque de percepções sobre a Amazônia, mas, além disso, nos revelam significados e intenções que transcenderam os objetivos literais escritos nas anotações dos diários dos viajantes/naturalistas do século XIX. Deste modo, a justificativa dessa pesquisa passa por algumas problemáticas inerentes à constituição de identidades européia e americana e sua insurgência no caso específico da Amazônia brasileira, nosso recorte espacial neste trabalho.

CAPÍTULO I – VIAGEM E IMAGINÁRIO NOS RELATOS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E ELIZABETH E LOUIS AGASSIZ

O que é um diário senão um amontoado de lembranças? Lembranças da memória mais recente, da memória daquele dia que, nem bem acabou de ser vivido, já passou. Sendo assim, ainda que contra vontade, o que é um diário senão também um amontoado de esquecimentos? Esquecimentos daquilo que ficou a sombra do que está dito, daquilo que para sempre passou com o dia.

Lúcia Rocha

1.1 – O PRETEXTO DAS VIAGENS PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX

A vinda de estrangeiros para o Brasil foi principiada por conta das reformas econômicas e administrativas promovidas pelo príncipe regente D. João. Uma de suas primeiras ações foi conceder a estrangeiros a licença de “*participar da exploração de ouro e de outros minérios*”.⁵ Ao mesmo tempo promoveu reformas urbanas na futura capital do Reino Unido, com a instalação de várias instituições como o “*Jardim Botânico, Biblioteca Nacional, Escola Real de Belas Artes e a Imprensa Régia*”⁶, sendo esta última a responsável pela “*circulação de jornais e livros brasileiros*”.⁷ Assim, britânicos, alemães, franceses, suíços, norte-americanos, canadenses, austríacos, italianos se puseram em marcha para o Brasil.⁸ Movimento este que veio a ser ainda mais incentivado pela herdeira do trono austríaco, a princesa Leopoldina por conta de seu casamento com D. Pedro.

Em 1817, Leopoldina parte em viagem ao Brasil, levando em sua comitiva não apenas objetos de luxo para seu casamento e sua fiel criadagem, mas também os naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Phillipe von Martius que

5 Cf. LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 29.

6 Ibidem, p. 29.

7 Ibidem, p. 29.

8 Entre os quais os britânicos merecem um apreço especial pela Casa Real, por conta dos laços comerciais estabelecidos entre ambos desde o Tratado de 1810, o que torna o Brasil economicamente e intelectualmente influenciado por esses estrangeiros, “sendo os primeiros a lançar publicações sobre o país” Ibidem, pp. 29-30.

ganharam notoriedade pelas coleções efetuadas pela missão científica que lideraram no Brasil, bem como pela publicação e divulgação de sua narrativa *Viagem pelo Brasil*. Essa expedição, iniciada no ano de 1817 e finalizada no ano de 1820, teve como proposta não apenas colecionar e estudar “fatos” da botânica, da zoologia e da etnografia brasileiras. Esta missão científica ambicionava “interiorizar o olhar” sobre a natureza e a cultura do Brasil e do continente sul-americano, cujas paisagens guardavam, ainda, muitos segredos para o imaginário de muitos europeus deste período. Nenhuma outra região brasileira reservava tantos mistérios a serem desvendados por esses homens como a região amazônica⁹, pois, até esse período a cartografia conhecia completamente apenas o litoral do país, enquanto o seu interior permanecia em branco na quase totalidade de mapas europeus. Portanto, certamente o fato de até o final do Setecentos e início do Oitocentos o norte do Brasil ser interdito a estrangeiros, cultivou e aguçou ainda mais a curiosidade e as imaginações destes sobre a região.

Sendo assim, muitos homens foram impulsionados por um desejo de partir para a quase inexplorada região amazônica. Um desejo que fora alimentado por narrativas de viagens e pelo legado imagético no formato de quadros, ilustrações, aquarelas, fotografias, realizadas por viajantes estrangeiros que alcançaram o Brasil desde o início de nosso período. Os consumidores desta literatura e destas imagens viam sempre representações de uma natureza tropical, onde palmeiras e bananeiras se misturavam a outros cenários igualmente exóticos e pitorescos. De tal modo, que a palmeira, descrita pela primeira vez por Von Humboldt, venha ser o tema constante da iconografia do período sobre a paisagem brasileira. Spix e Von Martius não fugiram desta regra de representação já que exploraram a região mais rica em palmeiras do mundo, a Amazônia, e após retornarem a Europa “*incluíram a palmeira no pensamento botânico contemporâneo*”.¹⁰ Enfim, o Brasil passou a ser definido a partir dos elementos que compõem sua paisagem natural: bananeiras, palmeiras, densas florestas virgens.

Como se sabe, Spix e Martius não estiveram sozinhos nesta empreitada. Eles foram precedidos e sucedidos por outros viajantes naturalistas do porte de Wallace e Agassiz. Para se ter uma idéia, mesmo que parcial, do contingente de viajantes

9 Como veremos, apesar do tratado de abertura dos portos assinado por D. João, o rio Amazonas continuaria fechado a navegação estrangeira até meados do Oitocentos. A abertura da livre navegação se deveu em parte ao sucesso da missão diplomática erigida por Agassiz junto a D. Pedro II, cujo governo, pressionado externamente e internamente, resolveu deliberar a abertura do Amazonas e seus afluentes para as nações amigas em 1867.

10 MANTHORME, Katherine. *O Imaginário Brasileiro para o Público Norte Americano do Século XIX*. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago. 1996. p. 60.

estrangeiros que penetraram na Amazônia durante o século XIX (além de Spix e Martius), deixando algum legado escrito, observe-se o seguinte levantamento sobre viajantes: o alemão Robert Avé-Lallemant (1859), Adalberto, Príncipe da Prússia (1842); os franceses Henri Coudreau (1883), Jules Crevaux (1876-1879), Paul Marcoy (1847); o suíço Emilio Goeldi (1885-1890); o canadense Charle F. Hartt (1865-1878), os norte-americanos Willian H. Edwards (1842), Daniel P. Kidder (1845), Thomas Ewbank (1855); os ingleses Richard Spruce (1849-1864), Henry Walter Bates (1848-1859), Alfred Russel Wallace (1848-1852), Mawe John (1809-1810) e Henrique Lister Maw (1829); os italianos Gaetano Osculatti (1846-1848) e Ermano Stradelli (1888-1889) entre outros. Há ainda aqueles viajantes que por algum acontecimento ocasional não puderam publicar seus escritos como o caso de Johannes von Natherer (1817-1835), zoólogo alemão que acompanhou a expedição liderada por Spix e Martius pelo interior do Brasil, e que por ocasião de um incêndio todos os seus escritos foram destruídos.

Estes viajantes percorreram a região amazônica em meados do século XIX a fim de responder algumas inquietações científicas, a partir das quais podemos vislumbrar os princípios reguladores de um tempo. Um tempo em que mudanças significativas estavam em andamento, transformações as quais vão se operando como um verdadeiro turbilhão de acontecimentos, de descobertas e de redescobertas de mundos, e, por que não dizer do redescoberta do Novo Mundo.¹¹ É a emergência do indivíduo moderno. O acontecimento mais inter-relacionado com este turbilhão de mudanças, caracterizador do ambiente moderno do mundo ocidental no século XIX deriva da atmosfera lograda pela Revolução Industrial. Assim, viagens empreendidas neste contexto funcionavam tanto como mais uma oportunidade para o aprendizado, (o mundo concebido como uma grande escola que caracteriza o espírito iluminista do XVIII), como era um meio eficaz para se reconhecer as potencialidades de mercado e de inserção na nova ordem capitalista industrial do Novo Mundo. Foi neste contexto que o casal norte-americano Agassiz e o britânico Wallace consideraram a região e seus habitantes como um verdadeiro laboratório para suas incursões intelectuais.

Foi a Revolução Industrial que levou ao Ocidente a uma transformação sem precedentes: primeiro por que foi ela que transformou as relações de trabalho. Ela veio

11 Lembremos que foi no contexto do iluminismo que o termo Novo Mundo foi ratificado pelo conde Buffon para designar o continente americano em oposição ao Velho Continente, Europa. Mais tarde Humboldt, no início do XIX, irá introduzir o termo Novo Continente para designar as paragens americanas, com a perspectiva de refutar os princípios depreciativos da tese buffoniana sobre estas.

substituir as relações pessoais herdadas do sistema patronal, ou das corporações de ofícios, pela disciplina das fábricas, subjugando os trabalhadores ao toque constante das máquinas e ao soar do ponteiro do relógio. Sendo assim, para garantir os meios de subsistência, grande parte da população europeia paulatinamente passou a obedecer a um sistema produtivo que tem como lógica a compra de sua força de trabalho. Depois vemos a mudança no modo de produção: a substituição do trabalho manual pelas máquinas; a força animal para força inanimada; o trabalho artesanal para fabricação em série. E por último, há uma crescente melhoria nos métodos de extração e processamento de matérias-primas, especialmente as inovações adquiridas pela indústria da metalurgia e da química.¹² É a disciplina do trabalho junto aos avanços tecnológicos que facilitaram o progresso econômico sem precedentes vivido pelo Ocidente desde então.

Mas a Revolução Industrial acarretou mudanças mais profundas que não se restringiram ao campo da economia. Ela pôs em xeque aspectos da tradição medieval, que via o trabalho e a diversão, o espaço da casa e do labor, da superstição e da realidade como indissociáveis, para dar vazão a um novo estilo de vida, condicionado pela razão e pelo modo de vida burguês “*puritano e exato*”.¹³ E este mundo burguês, racionalizado e exato, concebe o mundo através da classificação, ordenação e diferenciação do meio ambiente. Assim, enquanto o aldeão parte da observação dos ciclos naturais (dia, noite e estações do ano) para organizar seus afazeres diários, o trabalhador das fábricas é condicionado pelo tempo exato do ponteiro do relógio.

Por tudo isso, pode-se avaliar que os europeus, há tempos, haviam conquistado elevado senso de autoconfiança em si mesmos e em sua capacidade criativa e adaptativa para superar obstáculos e dominar o meio ambiente. Sobretudo, os homens da ciência do XIX, pessoas cultas como os nossos viajantes naturalistas Alfred Russel Wallace, Louis e Elizabeth Agassiz acreditaram nisso.

Tal era a confiança nos métodos científicos que todas as outras formas de conhecimento para eles foram subordinadas. Este é o caso da filosofia. Como sabemos os métodos das ciências naturais deram sustentação epistemológica para a disposição das duas correntes filosóficas dominantes do Oitocentos: o positivismo francês de

12 Cf. LANDES, David S. *Prometeu Desacorrentado: Transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. pp. 5-7.

13 Ibidem, pp. 5-7.

Auguste Comte¹⁴; e o empirismo inglês de John Stuart Mill¹⁵. A eles se alia “o *mediocre pensador*”¹⁶ Herbert Spencer (1820-1903). É a partir destas perspectivas que se observa a consolidação da visão histórica de progresso evolucionista. Por esta ótica, “o *método científico era o trunfo do último dos estágios através dos quais a humanidade precisava passar...*”.¹⁷

Os homens instruídos de meados do século XIX estavam não apenas *confiantes* nos métodos da ciência, mas, sobretudo, encontravam-se *orgulhosos* do que haviam conquistado. Logo esta confiança os levou a uma certeza sem precedentes – “*estas conquistas não eram apenas impressionantes, mas também finais*”.¹⁸ Podemos ilustrar esta sentença através do seguinte trecho da palestra ministrada por Louis Agassiz, na viagem de ida ao Brasil a bordo do paquete Colorado:

*“O tempo das grandes descobertas já passou. Os curiosos pela natureza não se põem mais em caminho para achar um novo mundo, da mesma forma que não estudam mais o céu para procurar uma nova teoria do sistema solar. A tarefa do naturalista dos nossos dias é explorar mundos cuja existência já é conhecida, **aprofundar e não descobrir**. Os primeiros exploradores no sentido moderno da palavra foram Humboldt no mundo físico, Curvier em História Natural, Lavoisier em química, Laplace em astronomia”*.¹⁹ [grifos nossos]

Esta afirmação de Agassiz tem clara ligação com a idéia do físico Lord Kelvin que “*pensava que todos os problemas básicos da física haviam sido resolvidos, e só alguns menores ainda precisavam ser solucionados*”.²⁰ Conforme nos esclarece Eric Hobsbawn, esta confiança nos rumos da ciência, não significava que todas as pessoas com “*habilidades e inteligência*” acreditassem ter encontrado a solução para todos os problemas, mas que estas pessoas “*não tinham sérias dúvidas quanto à direção que estavam seguindo... assim como os métodos teóricos ou práticos para lá chegar*”.²¹ E assim a idéia de progresso foi compartilhada por todos os indivíduos letrados de meados

14 Cf. HOBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996. A base de sustentação da filosofia positiva de Comte reside na “*imutabilidade das leis da natureza e a impossibilidade de qualquer conhecimento infinito ou absoluto*.” p. 350

15 Ibidem, p. 350. De acordo com Hobsbawn, assim como a filosofia positiva de Auguste Comte traça uma justificativa filosófica dos métodos das ciências naturais, Stuart Mill foi o homem que abriu as portas da indução e do experimento.

16 Ibidem, p. 350.

17 Ibidem, p. 350.

18 Ibidem, p. 351.

19 AGASSIZ, Louis e Elizabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. p. 29.

20 HOBSBAWN, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.351

21 Ibidem, p. 351.

do século XIX, já que este movimento era óbvio demais para que alguém ousasse negar sua validade. Com isto, vemos a idéia de progresso permear as idéias de grandes expoentes intelectuais do século XIX como Karl Marx, Charles Darwin e Auguste Comte. Além disso, podemos observar uma divisão que é fundamental na idéia de progresso que tais pensadores tinham, segundo Hobsbawn: *“Esse era [o progresso] sem dúvida, o conceito dominante da época, embora houvesse uma divisão fundamental entre aqueles que pensavam que o progresso seria mais ou menos contínuo e linear e aqueles (como Marx) que sabiam que ele precisaria e iria ser descontínuo e contraditório”*.²² A diferença e elementos de discordância *“poderiam surgir apenas sobre questões de gosto, maneiras e moral...”*.²³ Podemos, desta forma, compreender que, apesar dos caminhos conceituais e metodológicos destes pensadores seguirem diferentes rumos, o fim era o mesmo: o progresso da humanidade.

Neste sentido, a teoria da evolução ia além de seu enquadramento no campo da biologia. Ela encarnava o *“triunfo da história sobre todas as outras ciências, embora “história” neste sentido fosse confundida pelos seus contemporâneos com o progresso”*.²⁴ A grande ousadia de Darwin foi levar *“o homem para dentro do esquema da evolução biológica”*, eliminando as *“linhas divisórias entre as ciências naturais e as humanas”*.²⁵ E a partir desta perspectiva o próprio universo era passível de historização: *“o sol e os planetas estavam no centro dessa história, portanto, como os geólogos já haviam estabelecido, também estava a terra”*.²⁶ Assim, coisas vivas e não vivas eram incluídas no mesmo bojo, inclusive o homem. Isso torna mais polêmica a idéia de que a vida é oriunda da não vida. Por razões ideológicas, a idéia de que o homem faz parte da mesma cadeia evolutiva que deu origem aos macacos e que toda a vida que conhecemos resulta da não vida toca em feridas ideológicas muito delicadas, até hoje sem solução.

1.2 – BREVES TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS E ELIZABETH AGASSIZ

22 Ibidem, p. 351

23 Ibidem, p. 351

24 Ibidem, p.359

25 Ibidem, p.359

26 Ibidem, p.359

Podemos situar no centro dessas questões dois naturalistas, o galês Alfred Russel Wallace e o suíço-americano Louis Rodolph Agassiz. O primeiro era um dos defensores da teoria do evolucionismo, embora, posteriormente a sua maior descoberta científica passasse a discordar de Darwin sobre a participação do homem no processo de evolução, enquanto Agassiz será um dos últimos cientistas de meados do século XIX a defender o criacionismo e a teoria do catastrofismo, contrapondo-se ferrenhamente aos darwinistas.

Alfred Russel Wallace (1823-1913) foi o oitavo entre os nove filhos de Thomas Vere Wallace e Mary Anne Greenell. Ele frequentou a escola secundária em Hertford até que a ruína financeira forçou sua família a retirá-lo em 1836, quando tinha apenas 14 anos de idade, período em que passou a trabalhar como ajudante de pedreiro, contribuindo, como convinha aos filhos de famílias proletárias da Inglaterra, para o seu sustento e dos demais membros da célula familiar a que pertencia.²⁷ Com isso, deu continuidade a seus estudos de maneira informal. No início de 1837, Wallace mudou-se para Londres para viver temporariamente com seu irmão John. Enquanto aí permaneceu, assistiu a discussões públicas acaloradas no Salão de Ciências e se familiarizou com as idéias socialistas de Robert Owen (ideólogo do socialismo utópico), bem como com as idéias agnósticas que circulavam nesse momento. No verão seguinte, foi aprendiz de seu irmão William, um topógrafo e engenheiro da construção civil, com quem trabalhou até 1843. Entre 1840 e 1843 ele passou o tempo inspecionando do oeste da Inglaterra ao País de Gales. A experiência de andar por vários pontos da Grã-Bretanha permitiu-lhe conhecer as condições sócio-econômicas da classe trabalhadora e do problema agrário de seu país. Nos anos seguintes, sua função de topógrafo lhe favoreceu adquirir habilidades comerciais e conhecimentos, particularmente em confecções de mapas, geometria e trigonometria, desenho de prédios e construção, mecânica e química da agricultura. Além disso, ele descobriu que realmente apreciava os trabalhos ao ar livre envolvidos em levantamentos e pesquisa. Deste modo, Wallace, oriundo de classe operária inglesa, irá se interessar em 1840 por história natural, influenciado, sobretudo, por suas viagens efetuadas pelo interior da Grã-Bretanha, que era obrigado a realizar por conta de sua condição de aprendiz de topografia. Nesta época é que intensifica seu interesse e suas leituras sobre História Natural, sendo a obra *Vestiges* de Robert Chambers considerada pelo autor a leitura mais importante para sua

27 Cf. PERROT, Michelet. História da Vida Privada, 4: *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Bernardo Joffily – São Paulo: Cia das letras, 1991. p. 110.

formação. Aos poucos, ele começou a ter afinidade pela história natural de sua vizinhança, especialmente em botânica, geologia e astronomia. Enquanto trabalhava na área da cidade de Hertford de Kingston em 1841, ele tornou-se associado do recém-formado Instituto de Mecânica; após mudar-se para cidade de Welsh de Neath, começou a assistir às aulas dadas por membros de várias sociedades científicas daquela área. Ele próprio se envolveu com o Instituto de Mecânica Neath, eventualmente dando suas próprias aulas em vários assuntos de história natural e técnica. O início da década de 1840 testemunhou seus primeiros escritos científicos: um ensaio enviado ao Instituto Mecânico, escrito por volta de 1841 e publicado em 1845.²⁸ Em 1844 é contratado para lecionar no *Collegiate School*, um colégio público da cidade de Leicester para lecionar aritmética, inglês e levantamentos topográficos. Foi neste local que conheceu o estudioso naturalista Henry Walter Bates²⁹ (cuja área de interesse era a entomologia³⁰) seu futuro companheiro de viagem ao Brasil. Depois de um ano de permanência nesta região, foi forçado a voltar para Londres e assumir os negócios de sua família (uma empresa de construção, pesquisa e levantamento topográfico) após a morte de seu irmão mais velho William, mas continuava a ler, coletar e se corresponder com Henry Walter Bates. A intensificação das cartas entre os dois era relativa a interesses científicos comuns: questões da história natural e a curiosidade sobre as regiões tropicais. O teor das conversas e correspondências entre os dois naturalistas também girava em torno do problema da origem das espécies.³¹

28 Wallace biography section. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 03/05/08.

29 Desta viagem nasceu a obra intitulada *O Naturalista no Rio Amazonas*.

30 Ramo da biologia que estuda os insetos.

31 Basílio de Magalhães, tradutor da edição que estamos utilizando sobre A.R. Wallace, faz algumas observações preciosas em notas de roda pé. Aqui estamos abstraindo as informações das páginas 16-30 de seu prefácio. Buffon (1707-1788), conforme o autor, “*pressentiu o transformismo*” na obra *Histoire naturelle générale et particulière*, publicada de 1749-1789, em 32 volumes. Dedicou maior atenção ao assunto do transformismo no Tomo V - *Époques de la nature*. Erasmus Darwin (1731-1802), avô de Charles Darwin. Poeta que faz referência a esta idéia na publicação de 1794-1796 - *Zoonomia, or the laws of organic life* e em 1799 - *Phytologia, or the philosophy of agriculture and gardening*. Magalhães observa que “*o criador da teoria do transformismo foi um caso de ativismo intelectual*”. O poeta Goethe (1794-1832) ao afirmar que “*a flor molhada é a folha modificada*”, também é um precursor do evolucionismo. WALLACE, Alfred R. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. pp. 16-30. Segundo ainda Hobsbawm, a extraordinária contribuição de Charles Darwin, não foi nem tanto o conceito de evolução, – a indicação acima citada demonstra que esta idéia era familiar para alguns pensadores havia décadas – mas por que ele forneceu ao Ocidente, “*pela primeira vez, um modelo de explanação satisfatório para origem das espécies, e o fez em termos inteiramente conhecidos até para não cientistas, já que refletiam os conceitos mais familiares da economia liberal, a competição.*” HOBBSBAWN, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 353.

Era outono de 1847, quando Wallace propõe ao seu amigo realizarem juntos “*uma expedição ao Amazonas, com o fim de explorar a História Natural de suas margens*”.³² Wallace fora estimulado a escolher como ponto principal de sua trajetória a região Norte do Brasil, Pará e Amazonas, após ter lido o livro do americano William H. Edwards – *A voyage up the Amazon, including a residence at Pará*. No início do ano de 1848, os dois naturalistas se encontraram em Londres, com o objetivo de planejar a viagem e de estudar as principais coleções de História Natural sul-americana que lá se encontravam. Ambos previram partir utilizando seus próprios recursos. O plano, segundo Bates, era “*coleccionarmos produtos naturais, dispendo das duplicatas em Londres para pagar as despesas...*”.³³ Ambos partem, após três meses de preparação que incluiu pesquisas e muitas leituras sobre o Brasil. Em abril de 1848, atravessam o canal da Mancha a bordo de um pequeno navio mercante, alcançando a foz do rio Amazonas um mês depois. Por motivos que nunca ficaram bem esclarecidos, após a viagem ao Tocantins, os dois companheiros rompem a associação de excursionarem juntos. Os dois amigos só se reencontraram novamente em fevereiro de 1850 em Barra do Rio Negro, sendo este o último encontro de ambos em terras brasileiras. Bates resolveu efetuar por sua própria conta a exploração da bacia amazônica, por ele nomeada de “*o paraíso do naturalista*”. Wallace parte em outra direção: rumo aos rios Negro e Orinoco. Na época da chegada ao Brasil, Alfred Russel Wallace tinha 25 anos e Henry Walter Bates 23. O período de viagens desses dois naturalistas variou consideravelmente. Wallace percorreu as regiões dos rios Amazonas e Negro por 4 anos (1848-1852); A viagem pelas margens dos rios Amazonas e Solimões de Bates durou mais de uma década (1848-1859).³⁴

O retorno ao solo inglês, ocorrido em 1º de outubro de 1852, deixou Wallace diante de algumas decisões a tomar. Suas coleções asseguraram a ele apenas uma pequena margem de lucro. Ele, agora com 29 anos, tinha razoável reconhecimento por seu trabalho de viajante naturalista, mas ainda não tinha conseguido achar a chave para desvendar os mistérios da transformação orgânica. Além do mais, ele não tinha qualquer coleção que pudesse estudar em sua folga para ajudar a fazê-lo, uma vez que

32 BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas*. Trad. Candido de Mello-Leitão. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 11.

33 *Ibidem*, p. 11.

34 Como o leitor pode ter verificado, o título desta pesquisa foi delimitado aos relatos de Wallace e do casal Agassiz. Assim, gostaria de ressaltar que apesar de Bates ter seguido junto com Wallace na mesma empreitada de reconhecimento da Amazônia, seu relato será utilizado aqui apenas como meio de complementação de informações sobre a trajetória de viagem de Wallace na região.

Wallace perdeu a maior parte de seu arquivo e quase a própria vida no naufrágio do navio, na viagem de volta para a Europa. Durante sua expedição à floresta amazônica, Wallace havia começado a observar indícios da evolução de novas espécies. Dezoito meses se passaram, tempo pelo qual aproveitou para realizar as seguintes atividades: uma viagem de férias à Suíça, na qual ele freqüentou encontros profissionais; e, pôde, finalmente, concluir a produção de dois livros oriundos de suas experiências de viagem a Amazônia – *Palmeiras da Amazônia e sua utilização*; e, *Viagem pelo Amazonas e Rio Negro* – o conteúdo do primeiro resultou em estudo etno-botânico, baseado em desenhos e gravuras que conseguira salvar do incêndio do navio; já o segundo se constituiu em uma narrativa de leitura agradável cujo enredo retrata os seus quatro anos de experiência de viagem.³⁵

Depois de seu resgate e chegada à Inglaterra, Wallace decidiu empreender uma nova aventura além-mar, que duraria oito anos (1854-1862), dessa vez em direção ao Oriente – Arquipélago Malaio, como eram conhecidas, na época, as atuais Indonésia e Malásia. Foi nesse continente que Wallace formulou o princípio da teoria de seleção natural e realizou outras descobertas na biologia, geologia, geografia e etnografia. No período em que esteve muito doente e com malária na ilha de Gilolo (Indonésia), cerca de 16 quilômetros de Ternate, formulou o princípio da seleção natural, a famosa idéia do evolucionismo. Ao retornar a Ternate, enviou, em março de 1858, um artigo intitulado “*On the law which has regulated the introduction of new species*” (Sobre a lei que regula a introdução de novas espécies) junto com uma carta de apresentação a Charles Darwin, expondo o conteúdo de suas descobertas. No artigo, Wallace argumentava que “*‘toda nova espécie surge nas vizinhanças de uma espécie preexistente, proximamente aparentada’*. Wallace claramente estava lidando com a questão da evolução das espécies, embora seu artigo não fizesse menção a nenhum método pelo qual a evolução pudesse ocorrer”.³⁶

Conta-se que em junho de 1858, Darwin recebeu em *Down House* (sua residência de campo) um pacote remetido de Ternate por Alfred Russel Wallace. Na carta de apresentação, Wallace pedia que Darwin, cuja opinião respeitava, comentasse a respeito de sua nova idéia e enviasse os originais a Lyell. O conteúdo do artigo caiu como uma ‘bomba’ na mansão Down House: Wallace resumira elegantemente boa parte

35 Wallace biography section. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 13/05/08.

36 STEFFOF, Rebeca. *Charles Darwin: A revolução da evolução*. Trad. Laura Teixeira Mota – São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 80.

da teoria de seleção natural na qual Darwin vinha trabalhando por mais de vinte anos e não havia ainda publicado. Foi nessas circunstâncias que Darwin se viu diante de um grande dilema a resolver. Ao se dar conta da estranha coincidência, Darwin escreveu uma carta a Charles Lyell, dizendo: “*ele não poderia ter feito um pequeno resumo melhor! Até os seus termos constam agora nos títulos dos meus capítulos!*”. Constatou-se que Darwin havia chegado à mesma conclusão de Wallace “*muito antes (1844), a qual terminado com todas as minúcias, tendo mostrado o respeito manuscrito a sir Charles Lyell³⁷ e a sir Joseph Hooker...*”.³⁸ Atendendo aos conselhos destes dois últimos é que a monografia de Darwin e Wallace foi exposta em uma sessão do *Linnean Society*. Preocupados em promover o reconhecimento público da prioridade da descoberta ao amigo Darwin, Lyell e Hooker realizaram comentários introdutórios, enfatizando que o pioneirismo da descoberta atribuía-se a Charles Darwin, apresentando o artigo de Wallace por último na sessão. Wallace nunca fora consultado sobre os arranjos que se processaram nesse episódio, ficou sabendo da apresentação apenas quando o artigo já havia sido publicado em 20 de agosto de 1858. No entanto, a teoria teve pouca repercussão até a publicação do livro de Charles Darwin, já que por conta deste episódio, Darwin apressou-se em organizar seu livro sobre a evolução, publicando-o em novembro de 1859 sob o título *On the origine of species by means of natural selection* (A origem das espécies por meio da seleção natural). O tema atingiu tamanha repercussão que os livreiros adquiriram 1250 exemplares da primeira edição. Quando Wallace voltou para casa, o livro de Charles Darwin já havia conquistado proeminência. Além disso, por encontrar-se longe de bibliotecas e de gabinetes de história natural, devido ao seu trabalho de coletor naturalista, não teve a mesma oportunidade reservada a Darwin de escrever uma pesquisa mais detalhada sobre a teoria que intuiu.³⁹

Nas décadas posteriores ao seu retorno a Inglaterra, Wallace publicou mais 150 obras incluindo entrevistas, cartas, artigos, livros e monografias. Seus escritos científicos se concentraram na seleção natural, distribuição geográfica e glaciação, e deles podemos destacar três clássicos: *A distribuição geográfica dos animais* em 1876; *Natureza tropical e outros ensaios* em 1878; e a *Ilha da Vida* em 1880. Entretanto, apesar de seu reconhecimento científico, problemas financeiros o acompanharam até o

37 Cientista escocês, cuja grande obra é intitulada “*Principles of geology*” (em 3 vols, 1830-1833). Foi um dos precursores da idéia de transformismo.

38 Sir Joseph Dalton Hooker sistematizou um método de classificação das plantas.

39 RABY, Peter. *Wallace, o herói esquecido da evolução*. Especial da Folha de SP, São Paulo, 29 jun. 2008. Entrevista concedida a Folha de SP. Disponível em: <http://integras.blogspot.com/2008/06/150-anos-depois-teoria-da-evolucao-est.html>. Acesso em: 10/08/08.

fim de sua vida. A maior parte dos lucros acumulados com suas coleções do continente Malaio fora mal investida, e, ele perdeu quase tudo que tinha. Por outro lado, seu intenso trabalho ao ar livre fez com que não se habituasse mais a cargos permanentes. Contudo, ao ver sua ruína financeira se aproximar conseguira um emprego de editor de escritos naturalistas no qual tinha a função de corrigir manuscritos, dar aulas etc. Em 1870 assumiu uma dívida de 500 pounds para produzir uma prova de que a terra não era plana; venceu o desafio através do experimento chamado Canal Bedford o qual identificava a curvatura da Terra, mas ficou sem um tostão da aposta, pois foi perseguido pelo perdedor durante dez anos. Enfim, sua situação financeira se degenerara de tal modo que, em 1881, teve que contar com a intervenção de um amigo bastante influente; a ajuda veio de Charles Darwin, que, por sua vez, conseguiu convencer o governo britânico a conceder-lhe uma pensão no valor de 200 pounds anuais e um prêmio por seus serviços prestados à ciência. Mesmo assim, o valor concedido não foi de grande monta para garantia de sua auto-suficiência financeira, tendo que contar até o fim da vida⁴⁰ com ajuda exterior para sobreviver.

Por sua vez, Jean Louis Rodolph Agassiz⁴¹ (1807-1873) era filho de um pastor protestante da paróquia de Montier, Suíça (lado francês do país), onde nasceu em 28 de maio de 1807. Agassiz, como a maioria dos filhos das classes médias européias, quando criança recebeu do pai e da mãe, talvez com a ajuda de “*preceptores e professoras de preferência inglesas – as misses*”⁴², no espaço privado de sua casa, as primeiras noções das letras e da etiqueta social. Em seguida, passou quatro anos no ginásio de Bienne⁴³ concluindo seus estudos elementares na Academia de Lausanne. Após ter escolhido como carreira a medicina⁴⁴, ele estudou sucessivamente nas Universidades de Zurique,

40 Fonte: Henry O. Forbes. *Obituary: Alfred Russel Wallace, O. M.*, *The Geographical Journal*, vol. 43, no. 1(jan.1914), pp. 88-92. Disponível: <http://www.jstor.org/pss/1778825>. Acesso: 8/05/08: “By the death of Alfred Russel Wallace, on november 7 last, at age of ninety years, the Royal Geographical Society, to which he was elected in 1854, loses one of its oldest and most distinguished fellows; and Natural Science, especially in this bio-geographical aspect, one of those who have, in most widely extending its boundaries and deeply influencing the thoughts of his time, achieved a name which will live as long Natural Knowledge is cultivated...”.

41 Cf. *Classic Encyclopedia*. Based on the 11h Edition of the Encyclopedia Britannica (pub. 1911).

42 PERROT, Michelle. *História da Vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*; tradução Bernardo Joffily – São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 165.

43 Segundo Perrot: “*Chega uma época em que se impõe os pensionatos e internatos. Entre os quinze e os dezoito anos, as moças seguem para lá, a fim de concluir sua educação moral e mundana, de adquirir essas artes recreativas destinadas a torná-las atraentes nos salões matrimoniais. Os garotos, aquartelados em colégios ou liceus, preparam-se para o bacharelado, barreira e nível da burguesia.* Cf. *Ibidem*, p. 165.

44 Sobre este assunto Fugier observa: “*Depois do bacharelado, o rapaz pode iniciar estudos superiores na faculdade de direito ou medicina (matricula na universidade é bastante alta...) ...ou ainda nas grandes escolas – Polytechnique...Pode também ingressar imediatamente no negócio da família*”

Heidelberg e Munique, utilizando a excelência desses centros de ensino para alargar seu conhecimento em história natural, especialmente a botânica. Após concluir seus estudos em medicina, em 1829 recebeu o título de doutor em filosofia em Erlangen, e em 1830 tornou-se doutor em medicina pela universidade de Zurique, quando contava apenas 23 anos de idade.

Conta-se que, até este instante Agassiz não dava atenção especial ao estudo da ictiologia, assunto pelo qual trabalhará ao longo de sua vida. Caberá a uma circunstancia especial ocorrida anos antes da conclusão de seus estudos acadêmicos a definição de sua carreira. Em 1819-1820, os austríacos Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius realizaram uma expedição científica ao Brasil. De regresso a Europa levaram, entre outros objetos de história natural, uma importante coleção de peixes oriunda de várias regiões do interior do Brasil, especialmente das águas do rio Amazonas. Com a morte de Spix, após seis anos do fim da jornada científica ao Brasil em 1826, o trabalho com o conjunto de peixes brasileiros levados à Europa ficara incompleto. Agassiz, que tinha destacado seu talento para assuntos em história natural, é então selecionado por von Martius para completar o exame dos peixes coletados por Spix no Brasil, tarefa completada em 1829, com a publicação do estudo sob o título *Peixes do Brasil*. Foi este trabalho que rendeu a Agassiz larga fama e respeitabilidade no meio “*qualificando-o precocemente para vôos mais altos*”.⁴⁵ A esta altura o promissor naturalista suíço ambicionava se aproximar do conhecido geólogo e paleontólogo francês George Cuvier, conhecido pelos seus métodos empiristas de classificação dos seres. A partir de 1832, Agassiz passou a estagiar no Museu Nacional de Ciências de Paris – ou Jardim de Plantes – satisfazendo suas expectativas de aproximação com o mestre, cujo esquema de idéias teórico-analítico (como iremos salientar posteriormente) deu base de sustentação para suas observações sobre o mundo natural. O período em que passou estudando os peixes fósseis do Museu de História Natural de Paris permitiu-lhe também estreitar laços de amizade com o ‘fabuloso’ Alexander von Humboldt, a quem deveu grande deferência não apenas por sua grande representatividade no meio naturalista, mas sobretudo por fazer-lhe uma grande doação em dinheiro, garantindo-lhe a

FUGIER, Martin Anne. *Os Ritos da Vida Burguesa*. In: Michele Perrot. História da Vida Privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 4. p. 236.

45 MACHADO, M^a Helena P. T. *Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawings, 1865-1866*. translated by John M. Monteiro – Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006. p. 139.

continuidade de seu trabalho como naturalista.⁴⁶ Em 1832, foi nomeado professor em ciências naturais pela recém-inaugurada Academia de Neuchâtel na Suíça. A partir daí, Agassiz teve diante de si uma enorme massa de trabalho a conduzir pela frente. Trabalhou por dez anos em projeto de pesquisa que resultou na edição de *Recherches sur les poissons fossiles* (1833-1843), na qual ele descreve e classifica mais de 1700 peixes fósseis. Esta foi uma de suas primeiras grandes contribuições para a paleontologia. Com isso, Agassiz alargava sua fama no meio científico mundial. O convívio com Cuvier o fez solidificar a sua crença na teoria do catastrofismo, cujos princípios irão dar bases à sua posterior empreitada: introduzir a idéia de uma grande ‘Era do Gelo’.⁴⁷ Neste sentido, Agassiz seguiu com a edição de mais uma obra concluída em 1840, *Etude sur les geleiras*, considerado o primeiro livro de glaciologia e geomorfologia glacial.⁴⁸ Em 1847, ele engrossou o tema com mais uma publicação – *o Sistema de Geleiras*. Sua mais nova idéia sobre a recente Idade do Gelo rendeu mais uma vez grande reconhecimento público por seu trabalho como naturalista. Mas, existiram controvérsias observadas nos bastidores do meio científico entre os seus pares, que ameaçaram enxovalhar a larga fama que conquistara. Agassiz ganhou muitas inimizades no meio, a mais destacada delas foi com os estudiosos Charpentier e Shimper, que se sentiram lesados e menosprezados depois que Agassiz não lhes fez referência como os pioneiros a usar o termo em alemão *Eiszeit*, cujo significado quer dizer era glacial.⁴⁹ Esse incidente trouxe à tona as contradições inerentes às camadas sociais que produziam conhecimento científico sistemático sobre questões de prioridade e falta de reconhecimento do trabalho científico anterior.

Em 1845, Agassiz estava longe de ser o jovem atlético⁵⁰, brilhante e carismático de antes. Agora com 38 anos de idade, envolto em problemas pessoais e atolado em dívidas, viu fracassar a um só golpe a sociedade científica que havia criado e o seu casamento com sua primeira mulher, Cécile Braun, que o abandonou,

46 ABER, James S. *História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz*. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/08.

47 Disponível em: <http://academic.emporium.edu/aberjame/histgeol/agassiz/agassiz.htm>. Acesso em: 14/05/08.

48 Ibidem, disponível em: <http://academic.emporium.edu/aberjame/histgeol/agassiz/agassiz.htm>. Acesso em: 14/05/08.

49 ABER, James S. *História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz*. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/08.

50 Conforme dados recolhidos Agassiz tinha habilidades atléticas quando jovem. Ver ABER, James S. *História da Geologia*. Disponível em: <http://academic.emporium.edu/aberjame/histgeol/agassiz/agassiz.htm>. Acesso em: 14/05/08.

voltando à Alemanha. Conforme Aber, “*Agassiz tinha atingido um ponto crucial de virada em sua vida*”.⁵¹ Após esses verdadeiros abalos sísmicos que se abateram sobre sua vida pessoal, conseguiu uma contribuição em dinheiro no valor de US\$ 3.000,00,⁵² articulada por meio da ajuda de Alexander von Humboldt, do rei da Prússia, Frederico IV, para uma expedição científica para os Estados Unidos em 1846. Assim, em 1847 moveu-se para os Estados Unidos a fim de estudar a história natural e a geologia daquele país e realizar um ciclo de palestras sobre zoologia, a convite do Instituto Lowell de Boston. As tentadoras vantagens pecuniárias e científicas oferecidas no Novo Mundo induziram-no a não mais retornar à Europa, permanecendo ali como professor de zoologia e geologia das universidades de Cambridge e Harvard. Segundo Marcus Freitas: “*Uma vez na rica e cultivada Nova Inglaterra, Agassiz encanta a todos com seu charme, seu conhecimento, seu dom natural para conferências. Os bostonianos passam a ser freqüentadores das conferências públicas que Agassiz ministra no Lowell Institute, sobre a origem da criação*”.⁵³ Em 1861, Agassiz é reconhecido pelo seu trabalho de naturalista, recebendo a *Medalha Complay da Royal Society* de Londres. Ele agora pertencia a uma elite intelectual que incluía Lyell e Humboldt.

No período de sua viagem ao Brasil, Louis Agassiz tinha 58 anos. Entre 1865-1866, liderou uma expedição que envolveu muitas pessoas, conseguindo recolher, aproximadamente, 80.000 exemplares, especialmente peixes oriundos da Amazônia. Dos objetivos da viagem, além da busca por vestígios de glaciação no Brasil, pretendia também duplicar os feitos de Humboldt, objetivo que perseguirá até próximo do fim de sua carreira. Segundo Aber, ao final da expedição Agassiz chegara a concluir que o Brasil tinha sido coberto por uma imensa camada de gelo, fenômeno idêntico ao que ocorrera no hemisfério norte, é o que podemos evidenciar no trecho da carta endereçada a sua mãe:

“Deixo o Brasil com grande pesar, nele passei perto de quinze meses, gozando ininterruptamente as belezas dessa incomparável natureza tropical, aprendendo muita coisa que ampliou o círculo de minhas idéias sobre os seres organizados e a estrutura da Terra. Encontrei traços de geleiras sob este céu escaldante, prova que o nosso globo sofreu mudanças de temperaturas ainda mais consideráveis do que os glacialistas mais

51 ABER, loc. cit.

52 FREITAS, Marcus Vinícius. *Charles Frederick Hartt, Um Naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 51.

53 Ibidem, p. 53.

avançados ousavam conceber. Imaginem-se, realmente, se possível, gelos flutuando sob o equador, como hoje nas costas da Groelândia, e far-se-á provavelmente uma idéia aproximada do aspecto do oceano Atlântico nessa época".⁵⁴

Com esta afirmação, Agassiz caiu em descrédito diante da comunidade científica da época. Talvez por conta do grande desconforto causado pelos resultados da missão, de acordo com Maria Helena Machado, "Agassiz nunca chegou a publicar qualquer trabalho que monta sobre os estudos empreendidos em sua viagem ao Brasil".⁵⁵ Contudo, sua mulher "Elizabeth Cary Agassiz, que tinha funcionado como uma cronista da expedição, organizou e publicou suas anotações em *Journey in Brazil*".⁵⁶ O livro, escrito em linguagem literária, "em tom coloquial", alcançou grande sucesso editorial, caindo no gosto popular desde sua primeira edição saída em 1868. Entretanto, a obra também fora mal recebida pelos membros da comunidade científica, já que a leitura de seus escritos tratava de forma romântica, superficial e reacionária a experiência de viagem pela Amazônia.⁵⁷ Posteriormente à sua ida ao Brasil, ele realizou uma nova expedição, tendo como rota algumas regiões norte-americanas, desta vez, encontrou provas inequívocas de glaciação em torno dos grandes rios Ohio, Mississipi e Missouri.⁵⁸ Em 1871, realizou sua última viagem naturalista, percorrendo a partir do Caribe, todo o litoral da América do Sul até a Califórnia, tentou com isso reinventar a viagem de Darwin a bordo do *Beagle*, mas com pretensões criacionistas. De volta a Boston, empenhou todas as suas energias na manutenção do funcionamento do Museu de Zoologia Comparada de Harvard, que ajudara a construir. Em dezembro de 1873 caiu doente, falecendo subitamente no dia 14 do mesmo mês aos 66 anos de idade.

Contudo, a expedição de Louis Agassiz não teria chegado até nós, com a riqueza de detalhes que expressa esta narrativa sobre a cultura brasileira e questões de gênero, senão fosse a presença de Elizabeth Cabot Cary Agassiz, redatora da expedição e esposa de Louis Agassiz. A redatora da expedição *Tayer*, liderada pelo suíço naturalizado

54 AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 506.

55 MACHADO, M^a Helena P. T. *Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawings, 1865-1866.* translated by John M. Monteiro. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006. p. 130.

56 Ibidem, p. 130.

57 Acusação também pode ser vislumbrada nos escritos pessoais de William James: "O jovem Thies apareceu aqui na noite passada me trazendo o livro da sra. Agassiz, o qual ele havia emprestado do dentista. Folheei-o por mais ou menos uma hora e fiquei muito bem impressionado, pois esperava achá-lo mais pesado e maçante. Apesar disto, acho que muito mais se poderia fazer sobre o tema – ela não consegue descrever a paisagem, ou, de fato, nada que valha alguma coisa." Ibidem, pp. 131-132.

58 ABER, James S. *História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz.* Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/08.

americano Louis Agassiz, a americana Elizabeth Cary Agassiz, tinha 43 anos de idade quando no dia 1º de abril de 1865 partiu de Nova Iorque (Estados Unidos), para a capital do Império do Brasil, Rio de Janeiro, a bordo do “*magnífico paquete Colorado*.” Foi o Sr. Allen Maclaine, presidente da *Pacific Mail Steamship Company*, que presenteou os Agassiz e os demais componentes da expedição com passagens do navio a vapor *Colorado*. Além do casal Agassiz, a expedição contava com outros 15 especialistas nos mais variados ramos da ciência convocados para este projeto.⁵⁹ A participação ativa de uma mulher como a relatora dessa expedição científica evidencia as grandes transformações que estavam se operando a partir de 1850 em várias dimensões sociais e econômicas, mas é principalmente no nível tecnológico que podemos observar concretamente este movimento, graças ao estabelecimento de linhas de navegação a vapor entre o Brasil e a Europa, “*mais rápidas e baratas*” que permitiu “*o aumento de passageiros e de serviços no navio*”.⁶⁰ Assim, o espaço para mulheres em viagens “*longas e perigosas*” foi sendo conquistado “*muito lentamente, com a modernização dos transportes marítimos*”. No entanto, o número de mulheres que se aventuravam além-mar e davam seu testemunho por escrito sob a forma de diários íntimos, correspondências e/ou relatórios de viagem continuava muito inferior que a dos homens. Conforme Moreira Leite: “*De 1800 a 1850, dos 80 livros selecionados, apenas 5 foram de mulheres, sendo que a primeira, Rose de Freycinet (1817), embarcou clandestinamente, disfarçada de homem. De 1850 a 1900 houve 17 autoras entre os 92 livros de viajantes examinados*”.⁶¹

A americana Elizabeth Cabot Cary nasceu no dia 5 de outubro de 1822, em Boston, e era filha de um empresário da região. Tinha saúde frágil e, assim como Agassiz, foi educada em casa. Por volta dos 14 anos de idade, ela entrou para o Boston Society. Após o casamento de sua irmã mais velha, ela passou a freqüentar reuniões de uma sociedade intelectual na Universidade de Cambridge.⁶² Nesta ocasião o então

59 “*Ficaram afastados todos os obstáculos e fiz os meus preparativos de viagem o mais rápido possível, depois de indicar para me acompanharem as seguinte pessoas: Jacques Burkhardt, desenhista; John G. Antony, conchiologista; Frederico C. Hartt e Orestes Saint-John, geólogos; John A. Allen, ornitologista, e George Sceva, preparador. A nossa pequenina sociedade foi aumentada pela adjunção ainda de alguns voluntários, Newton Dexter, William James, Edward Copeland, Thomas Ward, Walter Hunnewell S. V. R., Thayer, cujo concurso, por ser espontâneo, não deixou de ser muito ativo e eficiente*” AGASSIZ, Louis e Elizabeth Agassiz. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. p. 15.

60 Cf. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. pp. 16-17.

61 Ibidem, pp. 16-17.

62 Tratava-se de reuniões de grupos unitaristas que pregavam releituras científicas da Bíblia.

carismático professor suíço Louis Agassiz encantou-se pela inteligente, bonita e culta mulher, filha de uma tradicional e rica família de Boston. Casaram-se em 1850.

As biografias mais recorrentes de Elizabeth a retratam como uma das mulheres notáveis, que lutou pela causa da educação feminina. Em seu país, será a primeira mulher a dirigir uma escola só para meninas. Este aspecto é relevante por que parte de sua narrativa sobre o Brasil foi particularmente endereçada à condição da educação feminina das diferentes camadas sociais que ali se encontravam. Atentemos para seguinte passagem:

*“Escola primária de meninas. Educação da mulher no Brasil. Pouca coisa tenho também a dizer sobre a escola para meninas. Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação da mulher; o nível da instrução dada nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos freqüentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda em tomá-las. Há exceções, está visto. Alguns pais mais razoáveis prolongam a permanência no pensionato ou fazem dar a instrução em casa até dezessete ou dezoito anos; outros mandam suas filhas para o estrangeiro. Habitualmente, porém, salvo uma ou duas matérias bem estudadas, o francês e a música, a educação das jovens é pouco cuidada e o tem geral da sociedade disso se ressentem. Claro está que, na sociedade brasileira, mulheres há cuja inteligência recebe um alto grau de cultura; mas minha afirmação nem por isso deixa de ser verdadeira; são meras exceções e nem outra coisa se poderia dar com o atual sistema de educação, sendo que as mulheres que o personificam sentem amargamente a influencia de um tal sistema sobre a situação que para o seu sexo criam os costumes nacionais”.*⁶³

O que nos chama atenção em diversas passagens que permeiam o texto de Elizabeth Agassiz são as imagens contrastantes que enfatizam de um lado a superioridade da educação e dos costumes das mulheres estadunidenses, quando comparados às brasileiras. A menção na condição feminina no Brasil reflete por contraste a imagem de Elizabeth Agassiz, mulher instruída de mentalidade liberal e americana. Ela, portanto, nos remete a um senso de valor moral que permeia sua educação e sua cultura. Assim, o contato com outras mulheres permitiu a autora-

63 AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866...* p. 347.

viajante tecer imagens da mulher brasileira que é submetida a um rigoroso sistema de controle e censura em todos os níveis de sua vida: a escolaridade de curtíssima duração, o enclausuramento doméstico, a submissão diante do marido ou do pai etc. E todos estes aspectos são apontados pela autora-viajante como um dos males oriundos da cultura lusitana. A citação acima explicita a naturalização de tais costumes nacionais no tratamento dedicado ao sexo feminino. Assim, trata-se de impressões sobre *o outro* que enfatiza questões de sua própria identidade. A percepção desse encontro tem uma função clara de construção de imagens de si mesma e *do outro* aqui representado pela imagem do sexo feminino. Algumas cenas do encontro da americana bem educada da Nova Inglaterra e as demais mulheres que encontra ao longo de suas excursões são, portanto, muito freqüentes em sua narrativa.

Para Miriam Moreira Leite, entre as autoras viajantes, a senhora Agassiz se distingue de outras mulheres, não apenas por suas origens sociais (alta camada social da Nova Inglaterra), mas pela função que ocupou dentro de uma expedição científica deste porte. Segundo ainda Moreira Leite, há uma relação de igualdade do casal Agassiz, que pode ser comprovada pelo fato de que juntos participavam da mesma expedição, cumprindo funções diferentes. A escritora-viajante se dirige a Agassiz como líder da expedição e aos demais, usando a primeira pessoa do plural. Este aspecto a diferencia de Isabel Burton, esposa de Richard Burton, pois nesta última “*transparece uma situação de submissão admirada à autoridade e às idéias do marido*”.⁶⁴ Outro fator de diferenciação que deve ser apreciado é o estado civil das autoras-viajantes. Do levantamento feito por Miriam Moreira Leite sobre as narrativas produzidas por mulheres sobre o Brasil, a maioria era de mulheres casadas. Entre as quais a narrativa de Elizabeth possui o diferencial de ser fruto de uma parceria entre a escritora e seu marido Louis Agassiz.⁶⁵ Deste modo, apesar de Elizabeth escrever em conformidade às pretensões científicas de Louis Agassiz, ela deixa sua marca em várias passagens do texto, demonstrando a existência de uma relação “*estreita e igualitária entre o casal*”.⁶⁶ Mas, contrariando essa imagem de mulher independente e liberal, o estudante e coletor voluntário da expedição Tayer, William James, a descreve nos seguintes termos:

“Do quarto de Coutinho eu me dirigi para o da sra. Agassiz. A excelente, porém fútil mulher olhará tudo sob uma luz tão romântica e inatural, que ela não parece andar por

64 LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem: 1803-1900...* p. 121.

65 Ibidem, pp. 119-121.

66 Ibidem, p. 121.

sobre o chão sólido. Ela parece imaginar que nós somos meros personagens andando por aí em estranhas fantasias, num palco de cenário apropriado e – *pal plus difficile que ça*. Ele me disse – que estava todo confuso e raivoso frente a idéia de ir novamente aos perninlongos e piuns do maldito Solimões, ao qual eu me agraciava pensando ter dado um eterno adieu, na mais entusiástica forma: “Bem James, você se divertirá muito, não é. Eu o invejo.” Oh, que mulher tola!”⁶⁷

Para William James, a visão da senhora Agassiz sobre a Amazônia estava de acordo com seu papel de mulher da alta burguesia esclarecida, isto é, condenada a um artificialismo e romantismo desmedidos, impedindo-a de desfrutar da experiência de viagem e ver a realidade como ela realmente se apresentava.⁶⁸ Diante desses argumentos James prosseguiu:

“A sra. Agassiz está bem e é uma mulher muito boa, porém, como muitas de sua classe em Boston, está tão preocupada em maximizar as oportunidades e tão convicta em ‘compreender’ que ela está impedida de si divertir nos trópicos. Ela escreve abundantemente. Não sei o que resultará disso, mas temo que seja descritivo demais”.⁶⁹

Esta imagem representada por James também pode ser evidenciada quando a jovem Elizabeth Cabot Cary constituiu matrimônio com o professor Louis Agassiz. Elizabeth, obedecendo aos rituais da família burguesa, cumprindo seu papel de senhora do lar⁷⁰, encarregou-se de organizar o agregado familiar, constituído por três enteados (após a morte de Cécile Braun em 1848, Agassiz manda buscar os filhos) e dois filhos. Louis Agassiz, por sua vez, também reforça a imagem da mulher dedicada ao marido no seguinte trecho:

“...Sabes que minha mulher me acompanha; a coragem que ela demonstra em todas as ocasiões, assim como a facilidade com que submete às exigências de qualquer situação, permitem que ela me acompanhe por toda parte, até nas fronteiras incultas do Peru e no meio dos acampamentos dos índios menos civilizados. Em todas as nossas excursões, prestou-me os mais assinalados serviços. Ocupado demais em minhas

67 MACHADO, M^a Helena P. T. *Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawings, 1865-1866*. translated by John M. Monteiro. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006, p. 132.

68 Ibidem, p. 132.

69 Ibidem, p. 132.

70 Segundo Michele Perrot, “O papel principal cabe a senhora do lar, encarregada de fazer funcionar a vida privada tanto na intimidade familiar – cerimônias cotidianas das refeições e serões junto à lareira – quanto nas relações da família com o mundo exterior – organização sociabilidade, visitas, recepções. Ela deve reger o curso das tarefas domésticas de maneira que todos, e o marido em primeiro lugar, encontrem em casa o máximo de bem-estar.” Cf. PERROT, Michele. *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 201.

coleções e na direção de todo o meu pessoal, tenho dificilmente tempo para tomar algumas notas sobre os assuntos científicos de que me ocupo, e, sem ela, teria apenas recordações para contar das minhas viagens. Ela porém, diariamente, vem tomando notas extensas que nos serão da maior utilidade quando regressarmos...”.⁷¹

Por outro lado, tal imagem esconde a mulher que procurou conciliar suas funções domésticas à busca por um espaço próprio na vida pública. No ano de 1856, a senhora Elizabeth Cabot Cary Agassiz, estabeleceu em sua casa uma escola para meninas em Boston, a qual contou com a ajuda de seu marido. Louis Agassiz e outros professores de Harvard para lá colaboraram dando uma série de palestras. A escola funcionou por sete anos sendo fechada em 1863. Conforme Lorelai Kury, “Durante o tempo em que permaneceu no Brasil, um outro livro de divulgação científica, escrito por ela e seu enteado Alexander Agassiz, estava sendo lançado: *Seaside Studies in Natural History, sobre os animais marinhos de Massachusetts*”.⁷² Posteriormente a sua primeira viagem ao Brasil, mais uma vez, colaborou com um projeto de seu marido ao Brasil, ajudando-o a organizar e a gerir a expedição *Hassler Expedition* (1871-1872) que viajou ao longo da costa brasileira passando pelo Estreito de Magalhães. A maior parte dos objetos coletados nesta viagem foi reunida do Museu de Zoologia Comparativa de Harvard. Em 1879, seu engajamento na luta pelos direitos femininos levou-a ao movimento em prol à abertura de vagas para mulheres na Universidade de Harvard⁷³, cujo anexo foi fundado no mesmo ano. Acreditamos que a trajetória de vida de Elizabeth, já sinalizava para uma quebra de padrões (ou será conciliação?) burgueses de comportamento de gênero, isto é, ao encampar a luta pela causa feminina ela se insere em um número cada vez maior de mulheres de meados do século XIX, principalmente oriundas da classe média e alta, que desejavam “*obter para si e para*

71 AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...*p. 507.

72 Cf. KURY, Lorelai. *A sereia Amazônica dos Agassiz: Zoologia e Racismo na Viagem ao Brasil*. Revista Brasileira de História. vl. 21 n.41 São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200009. Acesso em: 04/04/05.

73 Sobre a questão da educação feminina Michelle Perrot observa: “*Para a jovem burguesa, se está destinada ao casamento – isto é, se dispõe de um dote suficiente para encontrar um marido - , a questão dos estudos superiores. O ensino secundário feminino, ministrado em colégio interno...nunca teve como objetivo a preparação das alunas para o exame do bacharelado, única via de acesso possível à universidade. Terminando os estudos secundários, a jovem pode obter diploma elementar ou certificado de conclusão de estudos secundários. Mas ela nem sequer precisa do diploma... Estudar, para uma adolescente burguesa, significa se preparar para desempenhar seu papel de mulher do lar: cuidar de uma casa, dirigir os empregados, ser interlocutora do marido e a educadora dos filhos. Para isso, não há a necessidade de saber latim nem dominar conhecimentos científicos especializados, bastando um verniz de cultura geral, de artes recreativas – música e desenho – e uma formação teórica e prática em economia doméstica – cozinha, higiene, puericultura.*” Op. cit., pp. 236-237.

suas descendentes” os mesmo direitos que prevaleciam a seus pais, irmãos, maridos e filhos homens.⁷⁴ E neste processo de embate social de gênero, coube ao EUA (iniciando pelo Oeste) a primazia de abrir as portas das universidades para elas. Na Europa, segundo nos mostrou a historiadora Carla Pinsky, elas só puderam ingressar em 1860.⁷⁵ Sem dúvida, esse era o retrato que diferenciava as mulheres estadunidenses em relação às européias: as primeiras viviam em um ambiente mais propício à emancipação pessoal, enquanto as segundas num espaço profundamente arraigado a relações e modos de vida conservadores.⁷⁶ Enfim, Elizabeth sintetiza o retrato de parte das mulheres de uma época, cujas ações colocaram na berlinda e questionaram os valores morais e os papéis sociais que ocupavam na sociedade ocidental.⁷⁷ Essa bem-disposta mulher faleceu aos 85 anos, no dia 27 de junho de 1907.

Foram, portanto, múltiplas motivações e interesses que levaram esses viajantes a largar o conforto dos seus lares e a convivência de seus pares europeus ou norte-americanos, para penetrar em um mundo estranho e desconhecido ao seu. A atmosfera que guiava o olhar destes viajantes, bem como aspectos de sua individualidade, os contextos ideológicos e mentais em que estavam inseridos, tudo isso merece ser considerado em nossa relação com as fontes históricas, como nos lembra Jacques Le Goff, para que não façamos *papel de ingênuos*.⁷⁸ Assim, devemos ler os textos levando em conta o “*ato e as circunstâncias de sua enunciação*”⁷⁹, e não pensá-los como enunciados transparentes, verídicos, como única versão dos fatos. Acreditamos que apesar destes relatos não darem conta da “*extensão da realidade*”⁸⁰, eles se revelam como uma pintura enquanto representação do real.

1.3 – PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DAS NARRATIVAS DE ALFRED RUSSEL WALLACE E LOUIS E ELIZABETH AGASSIZ

74 PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi (org.) *Historia da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 275.

75 Ibidem, p. 275.

76 Ibidem, p. 281.

77 Mas, por outro lado, o fim de uma moral, que ordenava o meio social de acordo tempo do espaço público, reservado aos homens, e o tempo do espaço doméstico, dedicado à mulher, cujos efeitos se fazem sentir na busca por uma individualidade feminina, isto não levaria ao perigo de detonar a instituição familiar, base de toda a moralidade burguesa?

78 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão...[et. AL.]. 4ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 548.

79 UGARTE, Auxíliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Tese de doutorado. São Paulo: USP/PPGH. 2004. pp. 33-34.

80 Ibidem, p. 32.

Outra questão que devemos frisar é que estes relatos se inserem no gênero de fontes históricas classificadas por Marc Bloch, “*de testemunhos voluntários, isto é, destinados a um público leitor*”.⁸¹ Diferentemente de outros tipos de documentos produzidos à época do Oitocentos – como os relatórios dos presidentes de províncias, cartas e diários de viagens, artigos e livros técnico-científicos, como por exemplo os tratados botânicos organizados a partir da nomenclatura taxionômica⁸² – as descrições de Wallace e Agassiz tiveram por finalidade alcançar um público leitor mais amplo, do que aquele circunscrito aos gabinetes de história natural. Isto porque os relatos de viagem, assim como os jornalísticos, se constituíram como mediadores entre a rede científica e a esfera pública, funcionando como legitimadores da autoridade científica e de seu projeto totalizador em escala global. Também, segundo Mary Pratt, a partir da metade do século XVIII viajantes-cientistas desenvolveram novos paradigmas de discurso sobre o Novo Mundo (ou zonas de contato como prefere a autora) os quais se distinguiram incisivamente de outros tipos de relatos do “*gênero popular da literatura de sobrevivência...e suas associações míticas*”⁸³, como por exemplo as descrições de La Condamine sobre a descida do rio Amazonas havia herdado.⁸⁴ O que torna imperioso para esta pesquisa seguir o trajeto da edição e circulação das narrativas de Wallace e Agassiz neste instante.

Das edições escritas na língua materna dos viajantes-naturalistas, a narrativa do casal Agassiz teve sua primeira edição no ano de 1868 sob o título *A Journey in Brasil*, Boston: Fields & Osgood, 550 p. il. Foi com esta publicação que se deu a conhecer aos leitores estadunidenses a famosa *Tayer expedition* (1865-1866), que viajou do Rio de Janeiro ao norte do Brasil até chegar à Amazônia, dirigida por Louis Agassiz, professor em Cambridge e Harvard. Após conquistar os leitores estadunidenses, a obra obteve novas edições, alcançando leitores de diferentes nacionalidades e idiomas. Assim, com o sucesso editorial alcançado, a obra ganharia uma segunda edição ilustrada em francês, datada do ano de 1869, com título *Voyage au Brésil* – Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 532 p. il. com 54 gravuras e três mapas.⁸⁵ Além desses exemplares foram

81 Do mesmo modo observou UGARTE. *Ibidem*, p. 32.

82 Segundo Mary Pratt, muitos foram os suportes lingüísticos da empresa científica. Assim devemos pensar que muitas formas de escrita, de fala e de publicações veicularam o conhecimento na esfera pública ao mesmo tempo que definiram e sustentaram seu valor. Cf. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio H. B. Gutierrez – Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 63 .

83 PRATT, *ibidem*, p. 48.

84 PRATT, *ibidem*, p. 63.

85 SILVA, Leonardo Dantas. *Textos Sobre o Recife*. Koster: o mais fiel retratista da paisagem. Disponível

publicados edições em espanhol – *Viage al Brasil por Agassiz y su esposa*. Barcelona: Tipo-Lithográfico de F. Nascente, 1890 e 1892.⁸⁶ Mas embora o foco temático dos relatos fosse o Brasil, os leitores de língua portuguesa só teriam acesso a uma edição em seu idioma no final da década de 1930. Deveu-se a Edgar Sússekind de Mendonça a tradução da obra para a língua portuguesa no final da década de 1930, cuja versão baseia-se na edição francesa acima citada.

O primeiro título da obra do viajante-naturalista inglês Alfred Russel Wallace foi intitulado *A Narrative of Traves on the Amazon and Rio Negro*, publicado na Inglaterra por Reeve and Company em 1853. Foram impressos 750 exemplares das *Viagens* de Wallace que contou com um relativo sucesso editorial. Em 1862, data em que Wallace retornou de sua viagem ao arquipélago Malaio, restavam 250 livros. Em 1870, seu novo editor, Maximillian, resolveu lançar uma nova empreitada editorial. A segunda edição deste texto foi lançada no ano de 1889, por Ward, Loock and Co., em inglês simultaneamente em Londres, Nova Iorque e Melbourne. Com o intuito de abranger um público leitor mais extenso, os editores juntamente com o autor da obra resolveram fazer modificações em seu texto original. A segunda edição foi publicada sem o apêndice do vocabulário das línguas indígenas. O que demonstra uma crescente preocupação por parte dos naturalista-viajantes com os leitores de sua obra. Para ilustrar esta preocupação com os leitores, observemos a seguinte passagem retirada do prefácio da obra de Wallace:

*“A presente edição é, em sua essência, uma reimpressão do trabalho original; mas foi cuidadosamente revista... A única omissão, que há ainda notar-se, é a dos vocabulários dos índios, bem como os comentários do dr. Lathan sobre os mesmos os quais julgamos dispensáveis para o leitor em geral. Os editores, todavia, acrescentam algumas estampas, que servem para dar melhor idéia dos aspectos do Amazonas”.*⁸⁷

Houve várias reimpressões desta última edição com diferentes formatos, como por exemplos os livros de bolso – mais baratos e acessíveis a classes menos privilegiadas – até a morte de Wallace, ocorrida em 1914.⁸⁸ Foi com base na segunda edição que Basílio de Magalhães traduziu as *Viagens* de Wallace para o português, publicada em 1939.

em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.html>. Acesso em: 08/08/06.

86 Ibidem.

87 WALLACE, Alfred, *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 34.

88 WALLACE, Alfred R. *Uma Narracion de Viajes por el Amazonas y el Rio Negro*. Trad. Rafael Lassaletta y Jose Alvarez. Iquito-Peru: Monumenta Amazônica, 1992. p. 28 e p. 38.

Este prefácio exemplifica alguns aspectos estudados por Roger Chartier para os quais ele defende a idéia de que o historiador não deve levar em conta somente o conteúdo e as informações escritas no interior de uma obra, mas deve considerar também, aspectos relacionados à própria produção e circulação, bem como a edição e as formas de impressão da obra.⁸⁹ Assim, esta obra foi editada sem informações preciosas sobre as populações indígenas, o que poderá ser uma forte limitação para qualquer análise que se pretenda mais aprofundada sobre as formas de comunicação indígena, por exemplo. Resta-nos apresentar os condicionantes que levaram a recortes de tal natureza.

Conforme Lorelai Kury, desde “*o início do século XIX os naturalistas haviam passado a separar os textos considerados puramente científicos das narrativas de viagem*”.⁹⁰ Esta separação tem clara intenção de atingir um público letrado cada vez mais amplo do que restringir os textos a um seleto grupo de especialistas em história natural. Esta literatura de viagem logo cairia no gosto de um público culto e ávido em conhecer o Novo Mundo. De pena em punho estes naturalistas realizaram não apenas descrições técnicas dos seres e da geografia dos lugares que alcançavam. Mas esta literatura procurou traduzir tudo o que seus olhos viam e testemunhavam, utilizando recursos imagéticos e lingüísticos que fazia parte de sua própria estrutura de mundo e de natureza Ocidental. Daí por exemplo utilizarem sempre o recurso da comparação por analogia, mais que por contraste, para traduzir para o leitor (e talvez para si mesmos) tudo o que seus olhos, sua imaginação e sua memória captavam. Assim estes relatos eram carregados de emoção, de sentimentos do viajante diante de uma natureza ao mesmo tempo grandiosa e harmônica que apequenava os homens. Estes mecanismos analógicos, relacionam-se ao conceito de *Verbalidade* desenvolvido por Luís Filipe Barreto, de acordo com este autor:

“...chamamos de *VERBALIDADE*, isto é, expressão da língua enquanto mera tentativa de exata reprodução do território extra-verbal, máquina de fotografar as coisas no seu realismo sensível [...] A verbalidade é uma escrita essencialmente inscrita no real como se fosse uma grelha reprodutora das coisas em si mesmas. A maioria destas unidades e sujeitos jamais o seriam sem a viagem física, sem a vivência civilizacional

89 CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

90 Cf. KURY, Lorelai. *A sereia Amazônica dos Agassiz: Zoologia e Racismo na Viagem ao Brasil*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n.41, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 Sep 2008. doi: 10.1590/S0102-01882001000200009.

nómada que abriga e convida a memorizar e espelhar através do verbo a sua intensa experiência de visualização dos novos quadros do acontecimento e conhecimento [...] O significativo neste campo de escritores não escritores é a sua necessidade de passar e fixar, o novo e diferente percebido, à escrita. O fixar o acontecido nas malhas do conhecido, o 'reproduzir' essa realidade outra que se abre aos sentidos da cristandade. Estamos, portanto, frente a discursos que não podemos catalogar de obras literárias, mas sim, de escritas fixadoras do extra-verbal, verbalidades que não atingem o estatuto de literalidade".⁹¹

As narrativas “*Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*” e “*Viagem ao Brasil*” (respectivamente introduzidas no mercado editorial nos anos de 1853 e 1867) não são apenas exemplos de um gênero literário de divulgação científica. Ricos em detalhes sobre as paisagens e os costumes das populações das regiões por onde excursionaram os viajantes, esta literatura não se preocupou exclusivamente em descrever aspectos geológicos, zoológicos ou botânicos do Brasil.⁹² A senhora Agassiz e Wallace deram um tom pitoresco aos seus relatos, levando o leitor a imaginar todo o cotidiano da viagem, as aventuras e os perigos que ora enfrentaram ao se embrenharem na mata virgem. Mas, é principalmente Elizabeth Agassiz que demonstra saber combinar este jogo discursivo entre o pitoresco e o relato científico. Suas descrições dão conta de um sentimento sobre a natureza que ressaltam o belo, o sublime, a singularidade das paisagens visitadas. Também não escapam de seu olhar os hábitos e costumes da população brasileira. Assim como as paisagens os costumes eram ressaltados como *um espetáculo dos mais pitorescos*. O espetáculo das paisagens e dos hábitos da população brasileira é interrompido por uma descrição mais “*sisuda*” dada pela relação de palestras, de notas e das cartas de conteúdo científico de Louis Agassiz.⁹³

A autora-viajante conferiu um tom didático a essas descrições à medida que vai combinando suas descrições ao conteúdo de Agassiz. Este, por sua vez, não deixa de acrescentar suas notas explicativas nos relatos de sua esposa. Veja-se a seguinte passagem da narrativa de Elizabeth Agassiz que acompanha uma nota explicativa de seu marido: “*Os índios daqui são muito destros em matéria de pescaria, e, em lugar de ir colecionar, Agassiz, mal chega a um lugar qualquer, contrata alguns pescadores e fica*

91 Do mesmo modo observou UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)...* p. 34

92 Cf. KURY, Lorelai. *A sereia dos Agassiz...* pp. 2-3.

93 Ibidem, p. 12

a bordo superintendendo os desenhos e a preparação dos exemplares à medida que vão chegando”. Em nota Luis Agassiz observa:

*“A oportunidade de colher esses peixes no seu ambiente natural, e conservá-los vivos, por horas ou por dias, em nossos recipientes de vidro, foi muito instrutiva e sugeriu comparações que antes não havíamos imaginado. As nossas instalações estavam muito bem preparadas, e como o comandante consentira que eu enchesse o tombadilho com toda a sorte de aparelhagem científica, eu dispunha de grande número de bocais largos de vidro e tinas de madeira para guardar os exemplares que desejava estudar com mais cuidado e de que desejava possuir desenhos ao vivo. Uma das principais modificações feitas por J. Müller, na classificação dos peixes providos de espinhas, foi a separação em ordem distinta, sob o nome de Faringognatas, de todos os peixes que têm os ossos faringianos soldados. O ilustre anatomista alemão reuniu a estes um certo número de tipos ligeiramente raiados, que estavam anteriormente unidos aos lúcius e arenques caracterizados pela mesma estrutura. Parecia assim, haver visto um caráter anatômico definido e facilmente determinável, com auxílio do qual numerosos peixes poderiam ser corretamente classificados. Mas surgiu uma questão: são tais peixes realmente relacionados uns com os outros, e tão bem agrupados nessa nova ordem de Faringognatas que nela se possam incluir todos aqueles que lhe pertençam propriamente e somente estes? Penso que não. Suponho que Müller haja atribuído sempre um excessivo valor aos caracteres anatômicos isolados; e, sendo embora um dos maiores anatomistas e fisiologistas de nossa época, falta-lhe o tato zoológico...”*⁹⁴

Mas será o próprio Louis Agassiz a enfatizar o papel de cronista de sua esposa na expedição, sem a qual *“teria apenas recordações para contar das minhas viagens. Ela, porém, diariamente, vem tomando notas extensas que nos serão da maior utilidade quando regressarmos...”*⁹⁵ Mediante esta passagem, podemos acrescentar que Agassiz necessitava da colaboração de Elizabeth, não apenas porque precisava rememorar a experiência de viagem, mas basicamente porque isso servia também para pontuar o tempo que passa. Muitas mulheres burguesas no século XIX depositavam suas lembranças *“como que cadernetas de poupança”*. Assim, os diários íntimos cumprem o seu papel de *“repositórios de lembranças”*⁹⁶ que ao inscrever *“o presente entre o passado e o futuro, ela estrutura sua vida”*. A busca do tempo burguês compreende uma *“vontade de ritmar o tempo”* por que a *“repetição não é rotina”* no espaço

94 AGASSIZ. *Viagem ao Brasil...*p.120.

95 Ibidem, p.507

96 PERROT, Michele. *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 195.

burguês, segundo Anne Martin-Fugier: *“Ela ritualiza, e o ritual dilata o momento: antes, ele é aguardado e fazem-se os preparativos; depois, ele é objeto de comentários e reflexões. O prazer está na espera dos momentos que pontuam o dia. A ritualização confere se valor de felicidade ao acontecimento destinado a se transformar em lembrança”*.⁹⁷

Mas se o hábito de escrever em diários íntimos era algo corriqueiro entre as mulheres burguesas do século XIX, o mesmo não se podia dizer das mulheres viajantes no mesmo período. A quase totalidade dos relatos de viagem foi escrito por homens, cuja narrativa não separava o pitoresco do científico. De acordo com Lorelai Kury, dos poucos relatos existentes de autoria femininas, como os de Maria Graham e Marianne North, encontravam-se circunscritos ao formato do pitoresco e/ou das descrições artísticas, sendo que o primeiro tipo servia de igual modo para exaltar o talento da obra de seus maridos. Não deixa, portanto, de ser surpreendente encontrar neste espaço absoluto dos homens uma narrativa escrita sob uma ótica feminina mais independente. Na verdade, a narrativa de viagem do casal Agassiz se configura num relato escrito a duas mãos, cujas preocupações díspares de suas anotações complementam a narrativa: enquanto Elizabeth Cary escreve sobre o cotidiano da viagem, constituindo no corpo principal da narrativa, os escritos de Agassiz foram organizados de modo a complementar as impressões de sua esposa, em notas de roda pé, em cartas enviadas às autoridades brasileiras e em um breve e último capítulo da obra que sintetizou suas impressões sobre a viagem. Trata-se de uma obra produzida a partir de duas visões da realidade: a primeira, derivada do gosto romântico e pitoresco por paisagens agrestes; a segunda, efeito do processo de ordenação do mundo por meio de uma linguagem taxionômica. Assim a separação de textos científicos mais “sisudos” da narrativa literária de tom mais agradável indica uma separação dos papéis sociais de gênero (pois não havia espaço para relatos científicos de mulheres), ao mesmo tempo em que expressa duas perspectivas diferentes do olhar sobre a mesma realidade.

Do mesmo modo, observamos passagens em seu texto em que as idéias preconceituosas de seu marido parecem fundir-se ao seu corpo textual, ao mesmo tempo em que observamos em outras uma capacidade de observação mais relativizadora em relação às diferenças culturais e constituição física dos brasileiros, sobretudo, os mestiços amazônicos o que empresta ao texto um caráter ambíguo. Sobre esse ponto

97 Ibidem, pp. 194-195.

ambíguo da narrativa, acreditamos que seja uma demonstração clara da interferência de Louis Agassiz no corpo principal do texto, haja vista que as cenas mais depreciativas sobre a população híbrida da região amazônica ligam-se às concepções ideológicas com as quais ele comungava.

Em relação ao texto do britânico Alfred Russel Wallace, apesar de estar situado entre o pitoresco e a descrição científica – cujas descrições sobre palmeiras e bananeiras consagram a imagem pitoresca da natureza tropical – suas descrições iniciais surpreendem por colocar um componente mais realístico à paisagem, superando em parte a visão que via nas paisagens amazônicas a mítica natureza primal. Wallace observa que suas excursões anteriores à sua viagem para a Amazônia foram “*limitadas à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu*”. Daí a grande expectativa de encontrar neste lugar um ambiente que lhe encantasse a visão. Mas, à medida que vai se familiarizando com a nova paisagem, suas impressões nunca foram de “*tão grande e tão completo desapontamento...*” Segundo o naturalista: “*A temperatura não era lá ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjeturado durante o tédio de uma viagem marítima*”.⁹⁸

Ao mesmo tempo em que discordou da imagem pintada por outros viajantes em relação à região amazônica, ele descreve a viagem como uma verdadeira saga de aventura heróica na qual teve que passar em nome da ciência. Assim, ao enfatizar campos de tensão, perigos e aventuras em seu trajeto, levou para segundo plano as descrições naturalistas, projetando sobre si mesmo a imagem do dedicado homem que escalou perigosas montanhas apenas para encontrar um único exemplar de ave, o gavião de penacho, enfrentou sol, chuva e mosquitos, desceu cachoeiras a bordo de pequenas canoas indígenas e sobreviveu a um naufrágio *após 80 dias*⁹⁹ de viagem desde Belém do Pará até Deal, na Inglaterra. Tudo havia feito em nome da história natural. Ele se constituía, por essas imagens, na própria encarnação viva do herói cientista ou do

98 WALLACE. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*...p. 20.

99 Curiosamente a mesma medida de tempo tomada pelo romance de Júlio Verne “A volta ao mundo em 80 dias” escrito em 1872. Igualmente, o balão que deu ao romance dinamismo, ação e caráter visionário moderno para época, também fora citado por Wallace (isto é, muito antes do romancista ter fabricado seu primeiro exemplar) como um recurso a ser utilizado pelos naturalistas num futuro próximo: “*Estas florestas, em sua glória e esplendor plenos, apenas poderão ser vistas devidamente reparadas, deslizando suavemente em um balão sobre a sua ondulada e florida superfície. Tal privilégio, contudo, está reservado aos viajantes das eras vindouras*” *Ibidem*, p. 72. Arriscamos ainda especular se o perfil do personagem principal do romance Phileas Fogg, de temperamento metódico e misterioso, não teria tido por inspiração o caráter pouco expansivo de Wallace.

mártir da ciência. Assim, podemos evidenciar que esta narrativa, ao se concentrar mais nas dificuldades do viajante em conseguir montar suas coleções do que propriamente na descrição científica destas, evidencia que o objetivo do naturalista viajante ia além de mapear a natureza para fins técnicos; a viagem derivava também de suas expectativas pessoais.

Não obstante, seus relatos foram escritos em um período no qual o continente americano não era completamente desconhecido – como o fora para os primeiros cronistas da era das grandes navegações – já que estes homens já tinham lido e/ou ouvido informações detalhadas sobre a região em que planejaram explorar, além de contarem com a colaboração de autoridades e nativos da região – índios, caboclos, portugueses – que os auxiliaram seja em maior ou menor escala. Deste modo, para se alcançar qualquer área desejada, o viajante precisava antes perguntar para os nativos se sabiam qual a direção certa a ser tomada e, então, contratá-los para levá-lo até lá. Por meio do uso destes conhecimentos milenares promover-se-ia a “descoberta” do que aqueles já conheciam.¹⁰⁰ A descoberta, nestes termos, revela-se “*em um ato de conversão dos conhecimentos (discursos) locais em conhecimentos europeus nacionais e continental associados a formas e relações européias de poder*”.¹⁰¹

Por outro lado, a Amazônia imaginada por esses viajantes europeus e norte-americanos continuava sendo um mundo estranho, desconhecido e impenetrável. Era mesmo uma grande ousadia penetrar nas veias de seus rios, mesmo para estes racionais homens da ciência. Certamente, as informações que circulavam pela Europa e EUA sobre a Amazônia, não enfatizavam apenas o caráter pitoresco e a exuberância e potencialidade econômica da natureza. Em alguns relatos é possível encontrar descrições com um trágico desfecho, cujos expedicionários foram castigados por doenças e até perderam sua sanidade física e mental.¹⁰² Sendo assim, o exotismo das zonas tropicais exercia um fascínio, uma *sedução aventurosa*¹⁰³ para estes viajantes. Lembremos que até o final do Oitocentos, a maioria dos europeus nasciam e morriam

¹⁰⁰ Evidentemente está prática foi incorporada por todos os viajantes que transitaram por zonas de contato. Ver PRATT, 1999, passim.

¹⁰¹ Ibidem, p. 341.

¹⁰²Cf. LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.p. 31. A expedição liderada pelo barão de Langsdorff, iniciada em 1824, que saiu de São Paulo e atingiu o Amazonas terminou numa grande tragédia. Além das doenças que atingiram todos os expedicionários, Langsdorff perdeu sua sanidade mental. De volta a sua pátria viveu até o final de seus dias com a impossibilidade de voltar as suas atividades intelectuais.

¹⁰³ Usamos os mesmo termos de Karen Lisboa.

nos seus vilarejos; e a expansão das migrações foram promovidas principalmente pelo recrutamento militar e a fome. Por estas razões, empreender uma viagem para além-mar no século XIX era empresa difícil e onerosa e requeria um período de preparação.

Mas voltemos mais um instante à narrativa de Wallace. Ao mesmo tempo em que se decepcionou com a paisagem, Wallace também reservou um tom pitoresco em muitas de suas passagens, uma vez que seu estilo literário é produto de uma mentalidade científica que compartilha das concepções românticas de percepção do mundo natural; assim, apesar de ser menor seu encantamento, ele descreve alguns cenários nestes termos:

*“À tarde, ao pôr-do-sol, o cenário era de uma admirável beleza. Viam-se grupos de elegantes palmeiras, enormes árvores de algodão-seda, as casas dos negros rodeadas de mangueiras e laranjeiras, o majestoso rio com suas margens alcantiladas, entendendo-se, lá no fundo, a eterna floresta. Tendo isso, suavizando pelos pálidos clarões de um mágico crepúsculo de meia hora, formava um quadro indescritivelmente belo”.*¹⁰⁴

Por outro lado, o “ardente desejo de visitar uma região tropical” nasceu, como acima citado, da leitura de outros relatos que não se cansavam em descrever “as maravilhas” encontradas por estes sujeitos na Amazônia e em outros recantos remotos do mundo. Deste modo, devemos pensar as viagens como pretexto para inúmeras narrativas. Mas Wallace, ao ver com os seus próprios olhos esta nova paisagem, opõe-se à perspectiva humboldtiana de enaltecer em demasia a natureza da região por onde excursionou. E ele encontra uma explicação bastante racional em relação ao que considera o ledó engano dos outros naturalistas:

*“Para o naturalista, nos trópicos, tudo desperta essa espécie de interesse, por uma ou outra razão. Se uma planta tem uma forma tropical, ele examina-a com curiosidade, com verdadeiro deleite. Outra liga-se a uma espécie européia, sua conhecida, e isso é o bastante para atrair sua atenção. De algumas, as estruturas são-lhe desconhecidas, e eis porque fica ele muito contente, examinando-as com todo cuidado. De outras, a localidade é desconhecida, e ele sente grande prazer em determiná-la. Ali, ele está sempre atento. Examina vários objetos, um por um, e neles, por várias causas, confunde o seu próprio interesse. E daí em razão das sensações produzidas pela beleza, é ele então levado a fazer descrições exageradas da exuberância e do esplendor da vegetação tropical. **O exagero das idéias, que geralmente fazemos a respeito dos trópicos, provém da leitura dos trabalhos de naturalistas, que são em grande número***

104 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 90.

*entre os viajantes daquelas regiões. Se eu cheguei a uma conclusão diferente, não é porque eu seja incapaz de apreciar os esplendores do cenário tropical, porém, sim, porque acredito que eles não são da natureza ou da espécie com que geralmente são pintados. Os cenários da nossa terra, por sua própria natureza, são insobrepujáveis”.*¹⁰⁵

Há, portanto, uma vontade de determinar a parcela da realidade e de irrealidade efetuada por outras narrativas sobre o mesmo espaço, revelando-nos uma atitude desmistificadora em relação ao mundo natural amazônico. Para Wallace, as descrições que enfatizam a exuberância e a beleza das formas tropicais da Amazônia foram percepções exageradas da realidade. Enfatiza mesmo o seu arrependimento em ter se arriscado por tanto tempo em terras tão incultas e inferiores aos cenários de sua pátria. Isto nos remete a algumas interrogações sobre esta percepção menos positiva e mais racional das paisagens amazônicas, dado que o discurso vigente é de exaltação a natureza tropical sul-americana: se é verdadeira essa percepção de Wallace sobre a Amazônia, por que o naturalista demorou-se por tanto tempo em sua saga de redescoberta de novos objetos científicos pelo interior da Amazônia? Já que as terras não apresentavam tanta novidade como havia imaginado, o que o fez não encerrar a viagem em menos de quatro anos de exploração? Isto se deveu à sua fidelidade às causas da ciência? Ou se trata apenas de uma apreciação de acordo com as idéias de Buffon de terra inacabada? Qual a intencionalidade de Wallace em conceber a região norte do Brasil nestes termos?

Uma das características dos relatos de Wallace se assemelha ao estilo de Humboldt, tendo em vista que a viagem foi planejada sem interferências institucionais, sem obrigações de satisfazer uma pretensa missão oficial. Assim como Humboldt, Wallace “*não foi enviado para missões em nome de um esquema paternal, consubstanciado por uma autoridade em sua pátria de origem*” não queria ser reconhecido como um autor viajante, mas como um “*Homem e uma Vida, numa forma que se tornou possível apenas na era do Indivíduo*”.¹⁰⁶ Assim, a trajetória de Wallace se diferencia das viagens de outros naturalistas que obedeciam a uma missão oficial e/ou matinha relações de interesses com autoridades, como observamos nas relações estabelecidas entre Agassiz e D. Pedro II, e também como observamos em Spix e Martius, trata-se de um viajante com uma perspectiva mais independente.

105 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* pp. 545-546.

106 PRATT, Mary. *Os Olhos do Império...*p. 202.

1.4 – RELATOS DE VIAGEM COMO FONTE DE REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

Este aspecto é particularmente necessário para que sejamos capazes de delinear as formas como os europeus representaram o espaço amazônico e a sociedade brasileira que estava em formação naquele instante. Acredito que é a partir do contato com o outro que esses europeus constroem sua própria imagem de homens civilizados, sendo esta auto-imagem, parafraseando Nobeert Elias, nada mais que a *consciência europeia de si*.¹⁰⁷ Esta idéia se desdobra em vários sentidos e significados tanto para a Europa, como para as culturas que, para ela, estavam subordinadas, como nos esclarece Mary Pratt em sua obra *Os olhos do Império*. Em conformidade com este viés apontado por esta autora, percebemos um duplo movimento destes relatos de viagem: se por um lado a leitura destas narrativas ajudaram a (re)criar uma imagem da região amazônica e do Brasil na Europa e na América do Norte, por outro lado, elas cultivaram uma auto-imagem que aquelas sociedades tinham de si mesmas.

Compartilho da idéia de que estes livros de viagem funcionaram como um catalisador de expectativas, à medida que eram lidos dentro e fora da Europa. A leitura de fontes desta natureza aponta para algumas das questões suscitadas por Mary Pratty: “*como os relatos dos viajantes produziu o resto do mundo para os leitores europeus? “Em que medida as construções europeias sobre os outros subordinados teriam sido moldadas por esses últimos”?*”¹⁰⁸ A autora avalia a forma como o relato de viagem e a história natural se aliaram para criar, o que denomina, de uma nova consciência planetária. Todavia, se é notório que a Europa vê a si mesma como centro de irradiação do conhecimento e da civilização, determinando os modelos e práticas significantes das culturas subordinadas, ela continua “cega” quanto aos contornos das determinações alcançados/traçados pela periferia em relação a metrópole. Em outras palavras, o que estes homens civilizados aprenderam com os incivilizados em sua experiência de viagem por aquelas “remotas” terras? Pode-se pensar numa transformação de sensibilidades destes viajantes após o contato com o “outro”? Tentaremos aprofundar este duplo movimento das narrativas nos capítulos que se seguem. Por enquanto, a exposição de tais indagações pretende mostrar algumas das propostas inovadoras no

107 Ibidem, p. 25.

108 Ibidem, pp. 28-29.

modo como os historiadores, antropólogos, lingüistas e outros estudiosos das ciências sociais estão pensando algumas das abordagens no trato com este tipo de fonte¹⁰⁹.

A renovação na forma de abordagem da literatura de viagem tem apresentado os relatos como uma importante fonte para se tentar constituir determinada categoria da realidade histórica. Esta categoria à qual me refiro vincula-se ao conceito de representação que, por sua vez, articula-se com outras duas noções complementares: o imaginário e o simbólico. Estas noções traduzem a realidade vivida através de imagens mentais, produzidas através dos sentidos ou do intelecto. As imagens mentais se constituem em representações do real que, quando incorporadas para compreensão do real concreto, passam a fazer parte da própria realidade. E esta mesma realidade é reinterpretada individualmente através de representações mentais que, por sua vez, revelam uma pluralidade de significados aos fatos que são evidenciados através dos discursos.¹¹⁰

Embora a literatura de viagem se constitua em importante instrumento para compreensão do passado, deve-se tomar cuidado de não cair na armadilha de apenas considerar todas as informações textuais das narrativas como sendo a única versão da dos acontecimentos do passado, a única realidade concreta, e, portanto, percebida de forma homogênea por todos os sujeitos de determinada época. O texto se constitui, portanto, numa representação que nada mais é que reinvenções de realidades a partir de uma visão específica dos acontecimentos, a partir das experiências individuais.

Esta preocupação com a singularidade na investigação de uma obra é indicada pelo historiador Roger Chartier, segundo o qual não devemos considerar apenas o conteúdo e a mensagem de uma obra, mas devemos considerar também aspectos relacionados à própria produção e circulação, bem como a edição e as formas de impressão da obra. Estas idéias estão relacionadas a crise paradigmática das ciências humanas na qual a história tenta escapar. Chartier faz uma crítica aos princípios de inteligibilidade da história que queriam apoiá-la em modelos metodológicos quantificáveis ao mesmo tempo em que se reduzia a análise histórica às estruturas

109 Miriam Moreira Leite observa que até 1970, apesar da utilização destes relatos de viagem pela economia, pela sociologia, pela história e pela antropologia, estas disciplinas inquiriam as narrativas fora de uma dimensão crítica e/ou fora de uma perspectiva histórica. Muitos trabalhos apreciavam usar estas narrativas para rotular a imagem dos cientistas do século XIX como homens excêntricos ou dedicados. Outros ainda as usavam como mero documentário dos povos e de lugares estranhos. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

110 Ver Heloisa Jochims Reichel. *Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história*. Texto de Comunicação. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS – RS- BRASIL.

sócio-econômicas. Propõe mesmo uma renúncia a alguns cânones da história que pretendiam elevá-la ao estatuto de ciência, entre os quais podemos citar: o modelo braudeliano de história total; o “*primado tirânicos da história social*”; “*renúncia às diferenciações territoriais como âmbitos obrigatórios de sua pesquisa*”.¹¹¹

Para Chartier é um ponto particular, e não homogêneo, que dará a chave para um entendimento amplo das relações e tensões de uma determinada sociedade. Entende que “*não há práticas e estruturas que não sejam produzidas pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelos quais os indivíduos dão sentido ao mundo*”¹¹². Portanto, Chartier encontra a porta de entrada para o entendimento das sociedades, afastando-se do “*primado tirânico do recorte social*” e se voltando para a “*multiplicidade de clivagens que atravessam as sociedades*”¹¹³; pretende com isso dar conta das variações culturais que configuram as feições de uma determinada época e/ou sociedade.

Esta mudança de foco da história legitima a história cultural no sentido de uma história das apropriações. Segundo Chartier a história das apropriações pretende “*uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais inscritos nas práticas específicas que os produzem*”.¹¹⁴ Serão as práticas que darão sentido aos discursos, pois, as idéias não são descarnadas: “*não há pensamento único, universal, imutável*”; logo serão as práticas e os contextos no qual elas se inserem que irão determinar formas diferenciadas de culturas ou categorias sociais. Enquanto a história cultural visa ver nos objetos e nos códigos produzidos pelas praticas sociais as configurações, que compõem a cultura e a sociedade de uma época, a história social centra-se na análise reducionista de classes e dos grupos na perspectiva do embate econômico, deixando escapar outros elementos que explicam as diferenças culturais.¹¹⁵ Em resumo, a história cultural, na ótica de Chartier, deve preocupar-se, sobretudo, com os usos dos objetos, dos textos, dos discursos, as formas como os materiais são apreendidos, manipulados e compartilhados.

Chartier define que são as *redes de práticas* que darão significado (ou ressignificado) aos discursos hegemônicos. Nasce dessa interpretação o processo que

111 CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990. p. 66.

112 Ibidem, p. 66.

113 Ibidem, p. 67.

114 Ibidem, p. 68.

115 Ibidem, p. 69.

diferencia as camadas sociais que compõem o panorama específico de uma época. Devemos considerar também todas “*as estratégias de escrita*”, cuja noção abarca a criação autoral da obra, o público ao qual ela se dirige e as formas de produção e recepção da obra. Estas premissas afastam-se de modo determinante da “*representação elaborada pela literatura segundo a qual o texto existe por si mesmo...*”.¹¹⁶

É na dinâmica de criação e recepção de textos, que vemos delinear a noção de representação coletiva, esta considerada a “*matriz das práticas sociais*”, já que a ela deve-se a forma como os indivíduos constroem e dão significado à sua realidade. O conceito de representações proposto por Chartier teve influência de estudiosos da antropologia, dentre eles podemos citar Bordieu. Nesta perspectiva a noção de representação é entendida como classificação e divisão que organizam a apreensão do mundo social, como categorias de percepção do real. As representações variam conforme a disposição dos grupos sociais; almejam uma identidade unívoca para o todo social, entretanto são continuamente produzidas pelos interesses dos grupos sociais que as forjam. Neste processo podemos perceber as formas institucionalizadas e objetivadas de poder graças à figura de um representante, o qual comanda os atos de modo visível a fim de perpetuar sua hegemonia na forma universal de identidade. Com isso, vemos que esta noção está sempre entrelaçada como modos de poder e dominação. Neste sentido, compreendemos que a “*representação produz estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência e mesmo legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas*”.¹¹⁷

Vale ressaltar que a construção de identidades coletivas resulta de um embate “*entre as representações impostas por aqueles que detêm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz a si mesma*”.¹¹⁸ Em outras palavras, ao mesmo tempo em que há a produção de um discurso que visa coagir o indivíduo, por outro lado, há variações possíveis diante de mecanismos persuasivos que conduz naturalmente a contra-sensos, a movimentos de rebeldia. Portanto, a imposição de uma representação não significa a aceitação dessa representação, pois existem pluralidades de leituras, de apropriações, cujas “*estratégias*

116 Ibidem, p. 71.

117 Ibidem, p. 17.

118 Ibidem, p. 73.

simbólicas constroem para cada classe ou grupo um ser percebido constitutivo de sua identidade".¹¹⁹ Enfim, podemos entender também o discurso, partindo da idéia de descontinuidade, compreendendo que cada texto deve ser tratado em sua especificidade, pois o texto vai além do enunciado pela mensagem do interior de sua narrativa.

Outra ressalva diz respeito à freqüente confusão que há entre os conceitos de representação, de imaginário e de simbólico. Embora estas duas últimas noções possam ser articuladas ao conceito de representação, elas devem ser diferenciadas. Em primeiro lugar, o campo das representações, segundo o medievalista Jacques Le Goff, "*engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida. A representação está ligada ao processo de abstração...*"¹²⁰ do intelecto. A noção de imaginário vai além desta noção. Ela faz parte do mundo imaterial da fantasia, dos desejos, dos sonhos, do inconsciente coletivo dos homens. É a pulsão criativa do poeta e do escultor; é a imagem mental compartilhada por todos os homens em determinada época. Ela encontra seus objetos de investigação privilegiados na poesia, na arte e na literatura. Para o medievalista quando pensamos em simbólico devemos logo nos remeter "*a um sistema de valores subjacente - histórico ou ideal*".¹²¹ Le Goff exemplifica esta noção através dos seguintes monumentos presentes na cultura francesa:

"Os reis da França representados nos portais das catedrais francesas são a atualização dos reis de Judá...A mulher de olhos vendados da escultura gótica é o emblema da Sinagoga. Essas estátuas são simbólicas, exprimem uma correspondência entre o Novo e o Velho Testamento, entre o mundo realengo da Idade Média e o mundo bíblico, entre as figuras da arte e da religião".¹²²

Estas noções se entrelaçam a algumas de nossas indagações que direcionamos a essas fontes narrativas, a saber: Qual o significado da experiência de viagem para os homens que a realizaram? Qual a imagem mental que estes homens possuíam do espaço amazônico? A floresta amazônica poderia representar um sentido simbólico para estes homens da ciência, isto é, tal qual o homem medieval que conferia à floresta o mesmo significado do deserto – o lugar solidão? Seria possível perceber permanências e rupturas entre estes viajantes e o pensamento dos homens do primeiro período de circunavegação? Acredito que estes viajantes responderão em parte algumas dessas indagações. Há alguns indícios no discurso desses viajantes que apontam para o fato de

119 Ibidem, p. 73.

120 LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa, Editorial Estampa, trad., 1995. p. 11.

121 Ibidem, p. 12.

122 Ibidem, p. 12.

que existem algumas dessas permanências nos modos de percepção que estes homens apreenderam a natureza e a dos europeus do primeiro período das viagens de circunavegação. Referimo-nos precisamente à floresta. Percebida como fonte de temores mais íntimos do homem europeu, é a floresta, e, sobretudo, os incultos caminhos da floresta amazônica, que se configura na memória e na imaginação dos ocidentais como cenário onde se encontram lendárias civilizações, *formas bizarras e fantásticas*. Alguns indícios da sobrevivência desse legado encontram-se nos seguintes trechos das narrativas de Wallace e Elizabeth Cary:

“O elevado número e a variedade de árvores de alto porte, com seus troncos elevando-se freqüentemente de 60 a 80 pés de altura, sem um galho e perfeitamente retílineos, as enormes lianas, que por eles se estendem obliquamente, como fantásticas serpentes de bote pronto para apanhar a presa, eram os seus principais característicos”.¹²³

“Deixando pois Agassiz com suas preparações e o Sr. Burkhardt com suas tintas, subo as margens da lagoa através de uma região estranha, meio sólida meio líquida, onde as terras e as águas se misturam e se confundem...Do seio da lagoa, onde se escondem e afundam as suas raízes, emergem grupos de grandes árvores; ou, então, são troncos mortos e enegrecidos que se erguem no meio das águas com suas formas bizarras e fantásticas”.¹²⁴ [grifos nossos]

Como podemos observar nas passagens anteriores, a descrição da natureza beirou a esfera da natureza fantástica. Wallace viu não apenas simples trepadeiras que se erguiam sobre os troncos de árvores, mas fantásticas serpentes. Para Elizabeth não apenas fauna e a flora são vistas por meio de associações míticas. Os próprios habitantes da floresta foram solicitados a emprestar aspecto misterioso corroborando com aquele imaginário antigo:

“Os índios passavam e repassavam pelo chão da fogueira; para cuidar dela havia, especialmente encarregada, uma mulher alta e magra com ar de feiticeira, verdadeira Meg Merrilies, tendo, por única vestimenta um comprido pano pardo-escuro apertado em volta da cintura. Quando ela se inclinava sobre o fogo, para botar galhos secos ou soprar os tições em brasa, a chama iluminava com estranhos reflexos o seu rosto enrugado, sua pele curtida e sua comprida cabeleira emaranhada: um clarão fugitivo passava pelas mulheres e crianças que a rodeavam, e abrasava com vivos reflexos

123 WALLACE, Alfred. *Viagens Pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 59.

124 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 255-256.

*vermelhos a floresta que emoldurava esse quadro. Foi a única mulher aborígene que vi de alta estatura, pois em geral as índias são pequenas”.*¹²⁵

De acordo com Le Goff, a floresta no imaginário cristão tinha o mesmo sentido que o deserto encarnava – o lugar da solidão. A floresta no pensamento medieval, abrigava todos aqueles que desafiam o mundo ordinário, civilizado, por isso era ela que abrigava os marginais, feiticeiros, ladrões, eremitas etc. Acredito que há mesmo uma correspondência entre esse pensamento medieval dos navegadores dos primeiros tempos modernos e os viajantes que posteriormente conferiam um caráter científico, de acordo com os parâmetros iluministas. A narrativa de La Condamine exemplifica algumas dessas permanências. Como se sabe o geógrafo francês Charles La Condamine seguiu um itinerário de viagem no ano de 1735, para confirmar a questão do formato da Terra, (se redonda ou achatada) através do Peru e Amazonas. No entanto, ainda que seu olhar científico fosse à motivação oficial de sua jornada, o cronista esbarrou nas Amazonas, noticiadas pelos ex-comandados de Francisco Orellana. Podemos também achar subsídios dessas imagens da literatura medieval na documentação apresentada por Karen Macknow Lisboa: encontramos, por exemplo, uma caricatura feita por um membro da Zwangslose Gesellschaft (Sociedade sem Obrigações) que mostra Martius no encontro com uma enorme serpente pendurada numa árvore. A legenda, apesar de ter um objetivo humorístico, revela muito bem os resquícios de um legado medieval no pensamento do início do século XIX: *“Martius viajou pelo Brasil à procura de ervas e salsa. Graças a Deus ele não foi engolido por uma enorme serpente”.*¹²⁶

Por outro lado, estas preocupações fazem parte do aporte conceitual sobre paisagem levantado pela geógrafa Edvânia Gomes. Sobre este assunto, a geógrafa observa que as relações dos indivíduos entre e si e destes com a natureza é uma preocupação basilar da geografia contemporânea e nasce desta premissa a idéia de que a percepção da natureza é mutável, isto é, histórica e culturalmente vão se atribuindo e se agregando novos valores aos seus elementos:

“...novos valores vão sendo agregados a noção de natureza a cada novo empreendimento, novos objetos sobrepõem os remanescentes, elaborando raridades, subestimando elementos onipresentes e, numa teia de simulacro, novas inventividades artificiais tomaram lugar dos “naturalmente” dados, atingindo-se o ponto de não

125 Ibidem, pp. 206-207.

126 LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius...* p. 127.

*identificarmos “desvios éticos e morais” nessas condutas, ou sequer nos induzirmos “a reflexão sobre a possibilidade de se fazer diferente””.*¹²⁷

A paisagem denota o processo de captura e representação do meio ambiente. Neste sentido, a paisagem depende da *“apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente”*.¹²⁸ Seguindo este raciocínio, podemos dizer que a paisagem é dependente do indivíduo, pois é ele que organiza, seleciona, apreende, e dá significado aos elementos que compõem o espaço. Para Edvânia Gomes, a composição dos espaços funciona como um verdadeiro jogo de mosaicos. Sendo esses mosaicos, segundo a autora, as *“representações do existente ou do ansiado para determinado espaço, apreendidos segundo determinada perspectiva. É sabido que o espaço comporta coexistências que nem sempre são capturadas ou valorizadas no recorte da paisagem efetuado, dependente desses filtros bem como interesses que regem as representações”*.¹²⁹

Mas se por um lado deve-se aos indivíduos a atribuição de significado e/ou valores à paisagem, por outro, observa-se a construção de uma paisagem coletiva, esta mais ligada aos *“níveis de convencimento e sensibilização cultural e evocativa do agente impulsionador que cria e reproduz sua representação em larga escala, bem como, entre outros fatores, da reelaboração da imagem como memória”*.¹³⁰

Enfim, podemos encontrar diferentes formas de representar a paisagem, já que encontramos registros desde testemunhos pictóricos a narrativos. Mas é nos relatos e nas crônicas dos viajantes que ela encontra sua expressão mais privilegiada, já que a estes últimos deve-se a primazia das representações do Novo Mundo.

1.5 – VIAGEM E OBSERVAÇÃO

Assim, temos como ponto de partida o olhar dos viajantes-naturalistas sobre a Amazônia. Mas o que significa este olhar? Em seu artigo, Sergio Cardoso nos oferece algumas explicações sobre o significado do *Olhar Viajante*.¹³¹ Segundo este autor, em

127 GOMES, Edvânia Torres Aguiar. *Natureza e Cultura: Representações na Paisagem*. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 51.

128 Ibidem, p. 56.

129 Ibidem, pp. 56-57.

130 Ibidem, p.57.

131 Cardoso, Sergio. *O Olhar dos Viajantes*. In: Aduino Novaes (org) ...et al. *O Olhar*. São Paulo, Cia das

primeiro lugar existe uma diferença que é fundamental entre o *ver* e o *olhar*. O *ver* significa a descrição, a passividade diante das coisas, pois, apenas registra e espelha, reflete e grava. Já o *olhar* faz outra coisa: ele investiga, indaga para além do visto. Diríamos que é o *olhar* que julga, ordena e classifica as ações e as virtudes do meio que o rodeia. Neste sentido, lança-se sempre com intuito de indagar e iluminar a paisagem, a realidade. E este “*impulso inquiridor do olho nasce*”¹³² da percepção de um mundo inacabado cheio de imperfeições e lacunas. É dentro desta ótica que compreendemos o *olhar* do viajante naturalista no período oitocentista. Ora, os naturalistas que vieram ao Brasil não teriam feito a opção de *olhar com seus próprios olhos*? O naturalista que se lança sobre outras paisagens é, antes de tudo, um ser inquieto, curioso e insatisfeito. Em suas expedições científicas, os viajantes buscam dar conta das sensações e impressões vivenciadas em sua trajetória, não só utilizando o desenho e a pintura, mas também e principalmente, a narrativa escrita que dá corpo aos seus diários de viagem. Podemos perceber este encanto pela narrativa neste exemplo dado por Alfred Russel Wallace:

*O ardente desejo de visitar uma região tropical, para contemplar a exuberância de vida, tanto animal como vegetal, que dizem existir ali, e ver, com meus próprios olhos, todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram, foram os motivos que me induziram a romper a trama de meus negócios, os vínculos que me prendiam ao lar, e partir para “alguma terra bem distante onde reina um sertão constante”.*¹³³ [grifos nossos]

Além disso, podemos fazer um paralelo entre o *ver* e o *olhar* e as duas concepções que coexistiam no modo de se fazer “ciência” deste período: o trabalho de campo e o de gabinete. A historiadora Lorelai Kury, afirma que para os naturalistas era difícil a decisão de partir, não apenas devido aos perigos que o meio natural pudesse lhes apresentar, mas, sobretudo, por que uma grande parte da comunidade científica não dava crédito ao conhecimento produzido pelo viajante. Neste período muitos renomados naturalistas europeus jamais viajaram. Este trabalho estava destinado a “*naturalistas mais jovens, oficiais da marinha, nobres em busca de entretenimento, filantrópico ou aventureiro em geral*”.¹³⁴

Letras, 1988.

132 Ibidem, p. 348.

133 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 31.

134 Kury, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. In Revista História Ciências e Saúde vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08/04/2006.

Na passagem do Setecentos para o Oitocentos, o estudo de gabinete tem como principal expoente o renomado naturalista Georges Cuvier (1769-1832). Apesar de seus estudos darem principal atenção aos elementos naturais de outras zonas européias, os termos gerais de ligação entre os continentes sul-americanos, o mesmo jamais ousou deixar sua pátria.¹³⁵ Justificava sua preferência em permanecer em seu continente ao afirmar que era em Paris que podia encontrar as mais completas obras e coleções sobre história natural. Viajar teria efeito prejudicial em sua pesquisa já que o afastaria do caráter coerente e sistemático de seus trabalhos. Conforme Kury, esta escolha tinha a ver com a “*gestão de sua carreira e de seu prestígio, tendo em vista seu posicionamento nas instituições científicas do consulado*”.¹³⁶ Cuvier, ao analisar a obra de Alexander von Humboldt, *Quadros da Natureza*, argumenta que se por um lado o viajante tem a vantagem de observar seres e objetos no lugar em que a própria natureza os criou, por outro lado não pode consultar “*livros ou comparar os exemplares vistos a outros semelhantes*”.¹³⁷

Humboldt, por sua vez, defende que a experiência de *ver com os próprios olhos* faz parte da trajetória da atividade científica, pois não seria possível descrever minúcias de aspectos estéticos dos fenômenos e seres encontrados em paisagens singulares sem que os mesmos não sejam encontrados em seu estado natural. Não dá créditos aos trabalhos pautados em descrições e amostras deslocadas dos lugares onde foram coletadas. Nesta perspectiva, Humboldt é a grande referência para os naturalistas que vieram ao Brasil, como por exemplo: os bávaros Spix e Martius, o suíço naturalizado norte-americano Louis Agassiz e os ingleses Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates. Movidos pelo ideal iluminista, que concebia a viagem como ocasião privilegiada para aprendizado¹³⁸, estes viajantes exaltaram o valor do contato direto com as coisas do mundo, o valor da visão dos seres em sua conexão de relações, enfim, o valor da experiência de viagem para sua formação, tal qual observa Agassiz:

“Aprendi também quanto é rico em impressões um só dia neste mundo maravilhoso dos trópicos, por menos que se abram os olhos para os tesouros da vida vegetal e animal. Algumas horas assim passadas no campo, simplesmente a olhar os animais e as plantas, ensinam mais sobre a distribuição da vida de que um mês de estudo de

135 Ibidem. Em 1798 foi convidado por Bonaparte a acompanhá-lo pelo Egito. Cuvier preferiu ficar em Paris. Seu amigo e futuro adversário Saint-Hilaire preferiu, ao contrário, tomar o caminho da África.

136 Ibidem.

137 Ibidem.

138 Cf. SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 110.

gabinete, pois, em tais condições, as coisas se mostram na completa harmonia de suas relações".¹³⁹

Foi, portanto, com Alexander von Humboldt, o célebre viajante naturalista que percorreu a América do Sul no final do Setecentos (1799) e início do Oitocentos, que se inaugura essa nova perspectiva literária, cujo relato entrelaça a experiência de viagem, observações e descrições de cunho científico e um tipo de relato que enaltece a natureza americana, contrapondo-se a idéia designada por vários estudiosos, especialmente Buffon, de terra inacabada e "*em todos os sentidos um continente novo...e mal enxuta, ...mais próxima do estado caótico primordial*".¹⁴⁰ O naturalista se contrapunha à tese da debilidade ou imaturidade das Américas defendida por Buffon, ainda no século XVIII. O argumento utilizado por este último apontava para a inferioridade da América, ou Novo Mundo, em contraposição a superioridade do Velho Mundo.

Buffon, que nunca viajou para o Novo Continente, traça uma oposição entre os animais encontrados no Novo e no Velho mundo, atestando a superioridade deste último sobre o primeiro devido à existência de animais de maior tamanho e de maior envergadura, já que as alimárias encontradas no Novo Mundo "*são em geral mirradas*" e "*as maiores alimárias encontradas na América não passam de quatro, seis, oito ou dez vezes menores que a do Velho Continente*".¹⁴¹ Em resumo, para Buffon a natureza viva americana era inferior por apresentar-se "*bem menos ativa, bem menos variada, e podemos até dizer menos forte*".¹⁴² Outro dado observado por Buffon, reforçando a tese de inferioridade da América, é quanto à situação dos animais domésticos introduzidos pelos europeus naquele continente. Conforme o naturalista, todos eles "*tornaram-se menores*", "*todos se atrofiaram, se apequenaram*".¹⁴³ Segundo Buffon, qual seria a causa da degeneração destes animais? A resposta é a natureza americana que é hostil ao desenvolvimento animal, devido ao seu "*clima quente e lânguido... que estimulam o espessamento de uma floresta sufocante*".¹⁴⁴ O clima, a vegetação, a umidade do ar, a preponderância da água em lugar de terra firme, tudo isso se coloca como obstáculo para o desenvolvimento de formas vida superiores. Nesta mesma linha argumentativa

139 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 351.

140 Cf. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900*; trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 307.

141 Ibidem, pp. 20-21.

142 Ibidem, p. 21.

143 Ibidem, p. 20.

144 Ibidem, p. 22.

Buffon situa o homem americano. Diante de uma natureza hostil, o homem americano permaneceu impotente, submisso. Nas palavras de Buffon:

“...onde o homem, em pequeno número, era esparso, errante; onde, longe de usar este território como um mestre a seu domínio, ele não possuía qualquer império; onde, não tendo jamais submetido nem os animais nem os elementos...ele era, em si, somente um animal de primeira classe e existia para a natureza apenas como um ser sem consequência, uma espécie de autômato impotente, incapaz de reformá-la...”.¹⁴⁵

Além de se opor à tese da inferioridade da América, a narrativa de viagem de Humboldt também se afastava de uma premissa mecanicista e matemática de observação e de descrição da natureza, tal qual promulgada por Carl Linneo e seus discípulos¹⁴⁶. A natureza apresentada por Humboldt não era a mesma “coletável” e “categorizável dos lineanos”. A natureza era para ele “dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e a inteligência humanos”.¹⁴⁷ Era um espetáculo em movimento, de encontro forças vitais que apequenava os homens.¹⁴⁸ Estas preocupações consolidaram um estilo narrativo que tem clara função de “*corrigir as falhas dos relatos de viagem de seu tempo: por um lado, uma preocupação irrelevante com o que chamava de o meramente pessoal, e, por outro, um acúmulo de detalhes científicos que eram espiritual e esteticamente enfraquecidos*”.¹⁴⁹ E o que ele propôs para solução destas falhas no seu método de trabalho, nos seus quadros da natureza, foi à combinação da estética do sublime com a especificidade da ciência. Assim como a obra de Humboldt, o estilo narrativo de nossos viajantes tentou unir ciência e poesia, estilo esse definido como estético científico. Observe a seguinte passagem do texto de Wallace:

*“Lá, onde as águas se separam e vão formar os afluentes
De dois dos mais poderosos rios do nosso globo;
Lá, onde, ocultos e encobertos pelas sombrias e eternas selvas,
Apertados e em estreitos leitos, nascem e correm os córregos,
Que vão, a pouco e pouco, aumentando de volume,
- Uns, para escrever as ondas do túrbito Orenoco,
Outros, de maior curso, para formar o rio Negro,
O rio, todo semeado de ilhotas, que vai desaguar*

145 Ibidem, p. 21.

146 PRATT, Mary. *Os olhos do império...* pp. 41-42.

147 Ibidem, p. 212.

148 Ibidem, p. 212.

149 Ibidem, p. 213.

*No majestoso Amazonas, rio-mar, rio-rei,
E, misturados a todos os seus engolfantes afluentes,
Orgulhosamente vai ele, então dar batalha ao próprio oceano,
Repelindo-o mesmo para fora dos seus domínios:
Lá, em tão remotas paragens, há uma aldeia indígena.
Em torno, estira-se a sombria floresta, perpétua e ilumina.
Ostentando a sua variadíssima e linda folhagem.
Erguem-se por toda parte esbeltas e majestosas...”.¹⁵⁰ [grifos nossos]*

Como podemos observar, há duas perspectivas de trabalho científico: a de campo e a de gabinete. No entanto, apesar desta última abordagem primar pelo conhecimento produzido através da imersão do pesquisador em bibliotecas, laboratórios, coleções, jardim botânico e etc, não despreza o resultado das viagens, e sim propõe uma divisão do trabalho científico em que o viajante é tido como coletor de informações essenciais para a história natural. A viagem deveria ser considerada como ponto essencial na transformação da natureza em ciência.¹⁵¹ Neste processo, o coletor e o sistematizador do conhecimento nem sempre são um só. Em outras palavras, para a História Natural realizada em instituições europeias, do final do século XVIII e início do XIX *ver com os próprios olhos* não era o aspecto mais importante na sistematização do conhecimento. Daí a importância de profissionais de diversos tipos que acompanham a expedição (jardineiros, desenhistas e pintores especializados em história natural, preparadores de animais que conheciam a técnica de empalhar) ou chegam muitas vezes a substituir o naturalista.

Assim, o ato de viajar tem uma evidente ligação com a atividade do olhar. O ato de viajar, não significa apenas o deslocamento espacial, mas, sobretudo, uma relação temporal, *um exercício do olhar*. Como nos esclarece Sergio Cardoso:

“Como em ocasiões privilegiadas, os olhos arrebatam o corpo na sua empresa de explorar a alteridade, no seu intuito de investigar e compreender, no seu desejo de olhar bem. O viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar atenção mais além ... é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele

150 WALLACE, Alfred R. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* pp. 326-327.

151 Kury, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. In Revista História Ciências e Saúde vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08/04/2006.

*penetra...A viagem, então, como olhar, vazando por esses poros, temporaliza a realidade rempreendendo a busca de seu sentido”.*¹⁵²

Nestes termos, compreendemos a viagem (assim como o olhar) como uma experiência de estranhamento. Mas essa idéia carrega um significado mais profundo para o viajante, tendo em vista que não se trata apenas da percepção de uma realidade diferente do seu mundo exterior. O sentimento de desterro, de estar fora do lugar carrega em si a oportuna visão sobre aspectos incompletos de sua identidade, isto é: “*O que ela nos faz mais profundamente compreender é que o outro, só o alcançamos em nós mesmos, que o estranho...está prefigurado no sentido aberto do nosso próprio mundo...Compreendemos por ela que o estrangeiro está sempre delineado...nas brechas de nossa identidade*”.¹⁵³ Em outras palavras, podemos compreender que o aprofundamento do olhar leva ao viajante a pensar não somente aspectos da sua cultura e do seu mundo exterior, mas o Eu-individual¹⁵⁴ é também concebido através do contato com o Outro.

Ao lermos os relatos destes viajantes-naturalistas, duas palavras são recorrentes em seus relatos: ordenar e classificar. Estas palavras, a nosso ver, podem apontar para uma transformação em relação a atitude dos homens frente à natureza, frente à floresta, frente ao outro. Acreditamos que a observação da natureza os levou a refletirem-se como seres separados do meio natural, e, através do olhar da diferença, definir aspectos da cultura e da civilização de seu tempo. Neste sentido, tentaremos responder algumas questões que permeiam toda a feitura deste trabalho: De que forma esta observação ajudou a definir a consciência que estes indivíduos tinham de si mesmos? Os relatos podem evidenciar “*que o conceito de civilização nada mais é que a consciência que o Ocidente tem de si mesmo*”?¹⁵⁵ Quais os impactos sofridos pela experiência da viagem através do contato com o outro? Tal experiência teria modificado aspectos de sua própria consciência e sua percepção de mundo?

152CARDOSO, Sérgio. *O OlharViajante...* p. 358.

153Ibidem, p. 360.

154 A temática do Indivíduo está contemplada em alguns estudos de antropologia, sociologia, filosófica e história. Tais questões nos remetem a discussão do sociólogo Dumont, o qual, debate questões em torno da gênese do individualismo moderno, no capítulo *Do indivíduo-fora-do-Mundo ao Indivíduo-no-Mundo*. DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000, (ed. orig. 1983).

155 Questão extraída do texto de Nobert Elias no cap. 1 intitulado *Sociogênese da diferença entre Kultur e Zivilisation* da obra *O Processo Civilizador*, p. 25. Cf. ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Trad. Ruy Jungmann – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

Acreditamos ser importante salientar que esses olhares não estavam livres de condicionamentos sociais e discursivos. Estes sujeitos que viajam e encontram um novo sentido/significado através do outro para seu mundo (seja ele externo ou interno), também estão presos a um emaranho de discurso e práticas sociais relacionados de seu tempo. Assim, toda descrição depende do ângulo perceptual a que pertence o sujeito do discurso ele apenas traduz, reinterpreta e inventa aspectos do vivido, por isso a tendência de enfatizar determinados elementos em detrimentos de outros. É sobre alguns aspectos do imaginário científico no contexto das viagens naturalistas que iremos tratar a seguir.

CAPÍTULO II – VIAGENS E IMAGINÁRIO CIENTÍFICO NO SÉCULO XIX

Quem viaja para longe, disse ele, conhece muitas coisas. Algumas delas sobre si mesmo.

Daniel Kelman

2.1 – Ponto de Partida: o gosto pelos estudos naturalistas

Como vimos no capítulo anterior, em 26 de abril de 1848, “*a bordo de um pequeno navio mercante*”¹⁵⁶, dois jovens naturalistas ingleses, chamados Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates partiram do porto de Liverpool, na Inglaterra. Ambos encontravam-se ansiosos pelo primeiro vislumbre de terras tropicais, “*e após rápida travessia do Canal da Mancha ao Equador*”¹⁵⁷ chegaram a “*uma pequena aldeia, antiga sede de missão dos jesuítas*”¹⁵⁸, denominada Salinas, em 26 de maio, “*único porto de entrada para a vasta região banhada pelo rio Amazonas*”.¹⁵⁹ Quase duas décadas mais tarde, em 1º de abril de 1865, nos deparamos com outra cena, em que encontramos reunidos do lado norte-ocidental do Atlântico, no porto de Nova Iorque, EUA, a bordo da recém-inaugurada linha a vapor, o “*magnífico paquete Colorado*”, alguns jovens e experientes naturalistas e duas senhoras, acompanhando seus maridos,

156 BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas*. Tradução Candido de Mello-Leitão. Vol. 1; São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. p. 6.

157 Ibidem, p. 6.

158 Ibidem, p. 6.

159 Ibidem, p. 6.

uma das quais se dignaria a ser a redatora oficial dessa expedição. Tratava-se da Expedição Tayer, liderada pelo experiente naturalista e diretor do Museu de Cambridge, Louis Agassiz, e assim batizada em homenagem ao mecenas Nathaniel Tayer, patrono da maior parte das despesas da viagem. Assim, nas primeiras horas daquele sábado, o paquete Colorado partiu em direção à costa do Pacífico, dirigindo-se primeiramente à Califórnia pelo cabo Horn, chegando ao seu destino no dia 23 de abril, porto da Baía do Rio de Janeiro. Mas as cenas de partida e de chegada não dão conta de explicar quais as motivações, os interesses, os anseios desses personagens que seguiram em direção ao Brasil. Deste modo, achamos necessário fazer um breve recuo no tempo e perscrutar o imaginário social da época que foram decisivos para se conceber e planejar uma viagem dessa natureza, que tinha como porto final o espaço amazônico brasileiro. Sobre a importância desses cuidados, nos ensina Keith Thomas que *“toda observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira. O sistema de classificação dominante toma posse de nós, moldando nossa percepção e, desse modo, nosso comportamento”*.¹⁶⁰

Diante do exposto, começemos pelo imaginário intelectual da época. Antes de ser considerada uma atividade profissional, o interesse pela botânica e pela história natural fazia parte de um diletantismo intelectual que estava bastante em voga entre os jovens europeus e norte-americanos, principalmente os da classe média, desde o século XVIII. Na verdade, esta ampliação do interesse pelo estudo do mundo natural, de acordo com o historiador Keith Thomas, remonta ainda ao século XVII em que *“o estudo de aves, moluscos, fungos, borboletas, algas marinhas, fósseis, flores e animais selvagens se firmara como uma recreação de classe média”*.¹⁶¹ Desde então era cada vez maior o número de pessoas, *“fidalgos, clérigos e gente da cidade (incluindo suas esposas)”*¹⁶², que dirigem sua atenção (seu tempo ocioso) ao mundo da natureza, seja *“por curiosidade, prazer” ou satisfação emocional*.¹⁶³ No entanto, nesse período, embora parte dessa atividade tivesse fim utilitário (médicos estudavam plantas para uso

160 THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. Trad. João Roberto Martins Filho; São Paulo: Cia das Letras, 1988. p. 62.

161 Ibidem, p. 332.

162 Ibidem, p. 332.

163 Ibidem, p. 332.

medicinal; entomologistas estudavam insetos para exterminar pragas agrícolas) muitas práticas de história natural excederam em muito tais fins utilitaristas. Na verdade, o estudo de história natural deriva de uma combinação de elementos: “...*impulso religioso, curiosidade intelectual e prazer estético. Foi a religião que ensinou que o mundo natural era o livro de Deus, e seu estudo um atalho para a compreensão da sabedoria divina*”.¹⁶⁴ Neste sentido, a contemplação da natureza era pensada como um dever moral, um tributo prestado ao Criador.

Mas foi o século XVIII que definiu novos contornos à atividade naturalista, quando esse impulso moral é acrescido “*da pressão mais persistente da moda e do prazer*”.¹⁶⁵ O período do Setecentos, juntamente com a revolução industrial e explosão demográfica, testemunhou a crescente popularização de autores que escreveram sobre temas de história natural tanto para instruir como para divertir seus leitores.¹⁶⁶ Além disso, a Inglaterra setecentista vai dar vazão a diversos artistas especializados em temas de história natural, entre os quais podemos citar: Eleazer Albin, Moses Harris, William Lewin e Thomas Bewick. “*Suas meticulosas pinturas sobre borboletas e aranhas*” em estampas coloridas eram comercializadas “*em mercado de luxo, bem como gravuras em preto-e-branco para um mercado mais amplo*”.¹⁶⁷ Essa demanda por coleções, livros, gravuras indicava que a história natural tinha se tornado um tema altamente prestigiado e compartilhado por diversos setores da sociedade. Ao mesmo tempo, o século XVIII assistiu a multidões de pessoas que seguiam para o litoral e/ou excursionistas e se aventuraram por penhascos, montanhas a fim de coletar seixos, conchas e algas marinhas ou observar aves exóticas, as quais construíam seus ninhos naqueles lugares. Também viu nascer sociedades e clubes de história natural e botânica de campo. De acordo com Thomas:

“Boa parte dessa atividade obedecia a um desejo de posse. Damas competiam entre si para superar as grandes coleções de conchas, plantas e insetos... Algumas compravam lagartas de gente pobre e as criavam para aumentar sua coleção de borboletas. Nas décadas de 1730-1740, a moda das conchas gerou inúmeras coleções privadas... Esses conjuntos privados muitas vezes não tinham o rigor classificatório das coleções

164 Ibidem, p. 334.

165 Ibidem, p. 335.

166 Isto graças à produção e circulação de textos em vernáculo e não em latim. Cf. THOMAS, Ibidem, p. 335.

167 Ibidem, p. 335.

*didáticas formadas por autênticos cientistas, mas mostravam como entrara em voga o interesse pela história natural”.*¹⁶⁸

Para Thomas, se por um lado, tal movimento não se restringiu às classes médias britânicas, pois também é possível observá-lo em simultâneo acontecendo em outros países europeus, sobretudo França e Alemanha, por outro, não se pode negar que “*em nenhuma outra parte a história natural se tornou mais popular que na Inglaterra... A flora e a fauna das Ilhas Britânicas foram talvez mais intensamente estudadas que as de qualquer outra região comparável*”.¹⁶⁹ Portanto, nas ilhas britânicas era grande o número de pessoas que partiam de áreas inteiramente urbanizadas em direção aos campos, bosques e outras paisagens naturais em busca de coletar espécimes novos para suas coleções particulares. E serão estes amadores naturalistas que garantirão aos cientistas a maior parte de suas informações sobre o mundo natural. Entre aqueles, os clérigos eram a categoria social que melhor possuía condições para estudo, conforme Thomas, pois muitos deles, vivendo em espaço rural, ocupavam “... *o tempo registrando os eventos da natureza e a passagem das estações*”.¹⁷⁰ Do mesmo modo, encontramos exemplos de mulheres que, dispendo de tempo considerável para lazer, dirigem suas atenções aos mesmos interesses:

*“...O dr. Robert Plot citava Madame Offley, “uma dama que tem excelente habilidade na conservação de pássaros”; e John Ray foi auxiliado em assuntos botânicos pela sra. Ward, “uma nobre dama” de Guisborough, em Cleveland. Em 1750, um quarto dos assinantes do English Moths and Butterflies..., de Benjamin Wilke, era mulher. As Botanical Tables...de Bute, foram compostas “somente para a diversão do belo sexo”. Em fins do século XVIII, muitas mulheres já tinham publicado obras sobre botânica”.*¹⁷¹

Foi nesse século, quando a história natural não tinha se profissionalizado, considerada apenas um passatempo para naturalistas amadores, que vemos se engendrarem novas sensibilidades que culminariam “*nas legislações dos fins dos séculos XIX e todo o século XX para preservação da natureza e a proteção de seres selvagens*”.¹⁷² A perda do prazer de caçar e a descoberta do prazer de raciocinar em vez

168 Ibidem, p. 336.

169 Ibidem, p. 333.

170 Ibidem, p. 334.

171 Ibidem, p. 334.

172 Ibidem, p. 337.

de matar por entretenimento os animais tornaram-se sentimentos recorrentes no imaginário da época.

Além disso, espalharam-se por todos os cantos da Europa clubes para homens interessados em história natural, como a Sociedade Pliniana, cujos integrantes debatiam concepções bastante ousadas para a época, em contraposição às idéias consagradas na política, filosofia e religião. Os debatedores colocavam na berlinda o pensamento ortodoxo, ou tradicional, e o pensamento herético, ou radical. De um lado estavam os pensadores ortodoxos, cujas idéias eram compartilhadas não apenas pela maioria dos intelectuais, mas por quase todos os setores sociais, os quais reafirmavam as concepções bíblicas da criação do mundo e de todas as coisas. Do outro, os pensadores hereges passaram a negar a explicação da criação do mundo pela via divina. Por sua vez, seria a ciência a única via possível para dar uma explicação com base nos fenômenos das forças físicas, forças naturais, reações químicas, sendo o homem parte do mundo natural e não uma criação especial, separada.¹⁷³ Na ciência, a primeira grande contestação das concepções bíblicas, veio da parte da geologia. O questionamento veio à tona com base em achados fósseis. Alguns cientistas perceberam que os fósseis eram relíquias reais de seres que haviam existido, desta forma:

*“como poderiam ter se transformado em pedra em apenas alguns milhares de anos? O mistério aumentou quando começaram a ser escavados fósseis que claramente não tinham relação com nenhuma criatura viva na época. Os mais espetaculares foram os fósseis de dinossauros, primeiro deles descoberto em 1822 por um casal inglês, Gideon e Mary Ann Mantell... Mas como isso poderia ter ocorrido se, como afirmavam os ortodoxos, Deus criara cada espécie na sua forma definitiva para toda eternidade”.*¹⁷⁴

A resposta dos ortodoxos cristãos a essas questões veio com a teoria chamada catastrofismo, segundo a qual a Terra passou por inúmeros eventos súbitos e devastadores como inundações, terremotos erupções vulcânicas, acontecimentos tão catastróficos quanto o que ocorreu na passagem bíblica da arca de Noé. Deus então teria criado e destruído o mundo diversas vezes, pois *“a Criação descrita na Bíblia é apenas a mais recente. Os dinossauros e outros animais extintos provinham de criações anteriores e haviam perecido na destruição que precedera a cada nova criação”.*¹⁷⁵

173 Cf. STEFOFF, Rebeca. *Charles Darwin: a revolução da evolução*. Tradução Laura Teixeira Mota.

São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p. 25.

174 Ibidem, pp. 27-28.

175 Ibidem, p. 28.

Em fins do século XVIII surgiu uma nova teoria sobre a história da terra que contradizia as premissas bíblicas do catastrofismo. Em 1788, o pensador escocês James Hutton publicou um artigo sobre o tema intitulado *Theory of the Earth* (Teoria da Terra), o qual foi lançado como livro em 1795. No artigo, Hutton negava que o estado atual da Terra fosse resultado de convulsões e catástrofes de proporções colossais, mas de “*uma ação lenta e constante de forças conhecidas, no decorrer de um período muito longo... a Terra fora moldada por esses processo graduais*”.¹⁷⁶ A esta teoria deu-se o nome de uniformitarismo, segundo a qual:

“Rios depositaram lodo, criando novas camadas de solo, mares secaram lentamente e, ao longo de milhares de anos, seus leitos elevaram-se formando cadeias montanhosas que continham conchas fossilizadas... a Terra [resumindo] era muito mais antiga do que jamais se acreditara. Os processos formadores da crosta terrestre aventados por Hutton precisariam de milhares de ano para produzir resultados”.¹⁷⁷

Ao mesmo tempo em que os geólogos consolidavam a hipótese de que a história da Terra pertencia a um passado inimaginável, o campo da biologia também passara a questionar o pensamento ortodoxo sobre os seres vivos. Tanto a religião como a ciência natural tradicionais situavam hierarquicamente os seres vivos de acordo com uma escala de classificação dos animais e vegetais, baseada em premissas simbólicas ou morais. Isto resultava de uma visão antropocêntrica, na qual o meio natural devia ser útil e dominado pelo homem. Assim, esta escala ditava o grau de importância e utilização para o homem – “*valor alimentício, medicinal e símbolos morais*”¹⁷⁸ – de todos os espécimes: a base da pirâmide era ocupada pelas “*criaturas inferiores*” como os vermes e os insetos; os répteis, aves e mamíferos estariam, respectivamente, em posições ascendentes; o homem encontrava-se no topo da pirâmide.¹⁷⁹ De acordo com Thomas, a oposição a esta tendência “*tão antiga*” de observar plantas e animais como “*meros símbolos do homem*”, veio com a “*busca por princípios novos e mais objetivos de classificação*”.¹⁸⁰ Não obstante, estes novos modelos de classificação, os mesmos devem ser compreendidos como parte de um processo iniciado no período moderno que tendeu a romper com o esquema antropocêntrico de relação com o mundo natural. Logo os estudiosos passaram a ter objetivos intelectuais mais ambiciosos que visaram reduzir

176 Ibidem, p. 28.

177 Ibidem, pp. 28-29.

178 Ver THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural...* p. 63.

179 STEFOFF, op. cit. p.32.

180 THOMAS, op. cit... p. 78.

“*todos os tipos de animais e vegetais a um método*”¹⁸¹, impondo, dessa maneira, uma nova organização intelectual para o mundo da natureza, substituindo gradativamente os métodos de classificação antropocêntricos por meio de métodos mais objetivos. A partir desse instante, cientistas passaram a descartar significados religioso, simbólico e supersticioso aos seres que compunham o mundo natural e a enfatizar a existência própria e independente de cada ser. Em conformidade com esse imaginário, vemos se engendrarem, a partir do século XVIII, novas idéias explicativas sobre a origem dos seres vivos que iriam romper definitivamente com os antigos princípios cujas idéias determinavam que as formas de vida fossem imutáveis e fixas. Conforme Rebeca Steffoff:

“Alguns estudiosos, vendo a facilidade com que os agricultores e criadores produziam novas variações de frutas, flores e aves domésticas, perceberam que as espécies sofriam variações, eram mutáveis, e não fixas e imutáveis. O avô de Darwin, Erasmus Darwin, também se dera conta desse fato. E o mesmo aconteceu com o zoólogo e filósofo francês Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), que escreveu que as espécies se adaptam, ou mudam, para adequar-se ao meio. Mas Lamarck não conseguiu explicar de modo convincente como ocorriam essas mudanças”.¹⁸²

Assim como Charles Dawin, Alfred Russel Wallace, cuja descoberta sublinhou-se no capítulo anterior, tomou conhecimento dessas concepções pioneiras. Entretanto, ele colocava como maior destaque no seu engajamento nessas idéias a obra de um livreiro chamado Robert Chambers:

*“Bem me lembro da sensação causada pelo aparecimento dos Vestiges e do ardoroso prazer com que li essa obra. Embora verificasse que Chambers realmente não oferecia nenhuma explanação do processo de transformação das espécies, não obstante a perspectiva de que a mudança se efetuava, não através de qualquer meio inimaginável, mas de acordo com leis conhecidas e métodos normais de reprodução, considerei o mencionado livro como perfeitamente satisfatório e como marcando o primeiro passo em direção a uma teoria mais completa e explicativa. Causa-nos hoje maior espanto o ter sido esse primeiro passo, como sabemos, **considerado uma heresia**, a qual era quase universalmente condenada, por **oposta aos ensinamentos, quer da ciência, quer da religião**”*.¹⁸³[grifos nossos]

181 Ibidem, p. 78.

182 Cf. STERFOFF, op. cit., p. 32.

183 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 20.

A empreitada de Alfred Russel Wallace, ao estabelecer sua teoria e imediatamente pôr no papel sua redação definitiva, consolidada na forma de um artigo científico, ao contrário de seu contemporâneo Darwin que a adiou por 20 anos, nos parece uma demonstração importante de como sua condição de viajante o privilegiou de um modo ou de outro, haja vista que a articulação dos termos gerais de seus princípios de seleção natural não foi composta em seu gabinete de estudo, mas enquanto permanecia como estrangeiro em Ternate:

*“e estava sofrendo de um ataque de febre intermitente, a qual me prostrava... durante os acessos, quando eu meditava novamente no problema das origens das espécies, alguma coisa levou-me a pensar no Essay on population... de Malthus, e nos reveses positivos, guerra, epidemias, fome... aos quais atribuía ele se conservarem mais ou menos estacionárias todas as populações selvagens. Ocorreu-me, então, que tais reveses deviam também influir nos animais e diminuir-lhes o número... Enquanto vagamente eu pensava como era que isso atingiria a qualquer espécie, eis que me iluminou subitamente a idéia a sobrevivência dos mais capazes, isto é, de que os indivíduos, removidos pelos revezes, deviam ser, na totalidade, inferiores àqueles que sobreviviam... o método integral de modificação específica tornou-se nítido pra mim...”*¹⁸⁴

Jamais lhe ocorrera que poderia ser tomado como herege, nem que poderia ter sua imagem maculada, ou sentiu algum escrúpulo religioso de qualquer natureza que o fizesse deixar de lado a idéia, ou engavetar o projeto. Exemplos para isso não lhe faltavam: sabia de cor a história do autor de *Vestiges* e como a maior parte da sociedade científica da época deu cabo de seu livro, cobrindo-o de escárnio e insultos por contradizer a versão bíblica da origem dos seres vivos. Conforme a biógrafa de Charles Darwin, Rebeca Steffoff, ao negar a Criação relatada na Bíblia, Chambers evocava o “*espectro do materialismo*”, idéia bastante perturbadora para a sociedade vitoriana.¹⁸⁵ Diante disso, sabia-se das controvérsias sociais para estabelecer os termos gerais da seleção natural. Darwin tinha consciência do abalo e comoção social que sua teoria poderia desencadear, sabia tudo que havia causado *Vestiges*, temia, sobretudo, pela sua carreira, pela sua imagem e reputação social; talvez não quisesse desafiar os costumes, a tradição, romper a ordem social estabelecida, enfim, temia ser proscrito pela sociedade, já que sua condição social não permitia tal ousadia. No caso de Wallace, talvez tal atitude tenha sido facilitada, em termos, por sua própria condição de viajante;

¹⁸⁴ Ibidem, p. 22.

¹⁸⁵ STEFOFF, Rebeca. *Charles Darwin: a revolução da evolução...* p. 74.

outrossim, em parte porque sua frustrante viagem à Amazônia acendeu nele a necessidade de procurar outros remotos confins não só para comprovar empiricamente a teoria da seleção natural, mas porque lá se lhe ofereceriam objetos de história natural, os quais poderiam ser vendidos no mercado de colecionadores naturalistas; ambas as ações lhe trariam benefícios em escala social, isto é, reconhecimento público, sucesso profissional, dinheiro; enfim, a atitude de Wallace nos coloca a seguinte indagação: o viajante, ao ter passado tanto tempo distante (foram doze anos de viagens exteriores quase ininterruptas) de seus credos, de seus costumes, adaptando-se e diante de outra cultura, diante de outras paisagens, sentiu-se distanciado o suficiente de seus condicionamentos sociais, encontrando naqueles territórios ambiente fértil e propício para dar vazão aos seus desejos e idéias mais íntimos? Em princípio a vantagem que se abre no horizonte do viajante indica a falta de amarras sociais e intelectuais que pudessem tolher os seus passos. Neste sentido, a ânsia de viajar para conhecer inexplorados rincões mostra uma postura que anseia pela liberdade e pela ruptura com a tradição. Outrossim, pode-se compartilhar a visão do historiador inglês, Eric Hobsbawn, que situa a atitude de Wallace como parte da conjuntura política e ideológica do país, ou seja:

*“Ele [o evolucionismo] foi, evidentemente, adotado de imediato pela extrema esquerda, que já havia muito tempo atrás fornecido um poderoso representante. Alfred Russel Wallace (1823-1913), que de fato descobrira a **teoria da seleção natural independente de Darwin** e partilhou essa glória com ele, **vinha da tradição de ciência artesã e radicalismo** que teve papel tão importante no começo do século XIX e que **achava a “história natural” muito normal**. Formado em Salões de Ciência cartistas e owenistas, permaneceu **homem de extrema esquerda** e voltou à política mais tarde na vida, dando apoio à **nacionalização da terra** e mesmo ao **socialismo**, enquanto mantinha sua crença em outras características da ideologia plebéia e heterodoxa, como a frenologia e o espiritualismo. Marx imediatamente colocou a Origem de Darwin como a base das ciências naturais...e a social democracia tornou-se fortemente...Darwnista”*.¹⁸⁶[grifos nossos]

De qualquer forma, ao tomarmos por imagem a figura de Charles Darwin na famosa expedição de volta ao mundo a bordo do navio *Beagle*, iniciada em dezembro de 1831, observa-se claramente que a prática de estudar história natural por diletantismo irá para além de suas pretensões iniciais. A trajetória de Darwin ilustra exemplarmente

186 HOBBSAWN, Eric. *A Era do Capital...* p. 361.

os perfis de alguns viajantes naturalistas ingleses e/ou de origem anglo-americana que se aventuraram para além-mar. Nesse contexto, o prazer de viajar, para muitos jovens europeus, advinha da necessidade de escapar¹⁸⁷ das ordenações sociais que compunham a sociedade burguesa. Neste sentido, lembremos que até o momento de sua partida, Darwin sentia-se pressionado pelo pai a escolher uma carreira profissional: tentou estudar medicina, mas logo abandonou o curso; após sua decepcionante trajetória na faculdade de medicina foi coagido por seu pai a servir à Igreja Anglicana. Curiosamente, invertendo a lógica atual, foi no seminário que Darwin ampliou seus conhecimentos e seu entusiasmo por história natural, principalmente porque conseguiu estabelecer boas relações com influentes clérigos-cientistas, entre os quais merece destaque John Stevens Henslow, seu professor e amigo, por tê-lo recomendado a participar da excursão do *Beagle*.

Portanto, a presença do precursor da teoria do evolucionismo, na excursão do comandante Robert FitzRoy, não se deveu a uma missão de caráter oficial. Na realidade o comandante do *Beagle* “...queria encontrar um passageiro particular para a viagem porque as regras da etiqueta naval impediam qualquer contato social do capitão com os oficiais e a tripulação”.¹⁸⁸ Robert Fitzroy entendia que somente um *gentleman* com origem familiar e educação apropriada poderia servir-lhe de companhia na viagem, já que, como descendente do rei Carlos II, acreditava que ninguém da tripulação pertencia à sua classe social. Darwin, como um estudante diletante¹⁸⁹ e muito rico, ofereceu-se como possível candidato à viagem, entusiasmado com a idéia de viajar pelo mundo e “...ver pessoalmente algumas daquelas maravilhas tão distantes”.¹⁹⁰ Tanto assim, que para fazer parte da excursão, ele teve de arcar com seus próprios recursos todas as suas despesas de viagem. Como nos esclarece a historiadora Maria Helena Machado, mediante a possibilidade de viajar, muitos jovens da alta estirpe europeia e também estadunidense compartilharam dos mesmos desejos e expectativas em relação a regiões de fronteira. E esse furor talvez indicasse a dupla função exercida por essas viagens no imaginário da época: além da mais aparente delas que é a função

187 Neste sentido, Alexander von Humboldt serve também como modelo para outros viajantes, pois segundo Pratt, sua viagem, em parte, advinha da necessidade de escapar das estruturas *sexistas e matrimonialistas* burguesas: “A história da viagem e da ciência é significativamente erigida sobre o fato de que era estes contextos para a intimidade entre indivíduos do mesmo sexo e para uma sociedade exclusivamente masculina.” Cf. PRATT, Mary. *Os olhos do império...* p. 205.

188 Cf. STEFOFF, Rebeca. *Charles Darwin: a revolução da evolução*. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 40-41.

189 Ibidem, pp. 33-37.

190 Ibidem, p. 37.

pedagógica de educar homens de alta estirpe, as viagens também revelavam sua função formadora da personalidade masculina. Assim, as crescentes popularizações de narrativas que contam a história de jovens que se expunham aos desafios da natureza são uma demonstração clara da expectativa social de fortalecer valores masculinos como a decisão, a coragem e a bravura, dotes necessários para ascender socialmente na vida, e, portanto, uma etapa de preparação para o ‘mundo dos adultos’ das “*pressões do mundo dos negócios e de um mercado de trabalho, ambos cada vez mais competitivos*”.¹⁹¹

Contudo, vejamos outros indícios desse imaginário: do outro lado do Atlântico, na Nova Inglaterra, no inverno de 1864 e 1865, um ciclo de palestras promovidas pelo professor Louis Agassiz no *Lowell Institute*, cujos temas enfatizavam a importância do estudo da glaciação no hemisfério sul, como forma de comprovar as teorias do criacionismo-catastrofista, mobilizou a atenção da comunidade intelectual daquele período na Universidade de Harvard. Tanto assim que entusiasmou um de seus expectadores mais assíduos, Nathaniel Thayer, a financiar a viagem de uma equipe de naturalistas liderada pelo carismático professor à América do Sul. Para esta missão, Louis Agassiz recrutará desde assistentes profissionais, pertencentes ao quadro do Museu de Zoologia Comparada, a coletores voluntários, estudantes de Harvard, sendo que os últimos deveriam arcar às suas próprias custas com todas as despesas da viagem. A chance de participar na expedição de Agassiz promoveu a “*comoção entre os estudantes de Harvard que passaram a disputar as vagas, emprestando à expedição caráter de um empreendimento social e educativo*”.¹⁹² Todos os estudantes que se engajaram nessa missão eram oriundos de “*famílias de prestígio e fortuna de Boston, a começar por Stephen V. R. Tayer, filho do mecenas da expedição. Thomas Ward...filho de Samuel Gray Ward, agente dos Baring Brothers e representante dos interesses financeiro da Pacific Mail Steamship Company...*”.¹⁹³ Walter Hunnewell, Edward Copeland, Newton Dexter e William James completaram a lista de jovens estudantes interessados em aprofundar seus conhecimentos em história natural por meio da viagem. Portanto, esse ‘furor’ entre os jovens estudantes estava a par das tendências da época, que via nas viagens para terras distantes, selvagens, exóticas como uma

191MACHADO, M^a Helena P.T. *Brazil through the eyes of William James: Letters, diaries and drawings, 1865-1866*; translated by John Monteiro – Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 2006. p. 126.

192Ibidem, pp. 123-124.

193 Ibidem, p.124.

oportunidade de aprendizado dos filhos da elite norte-americana. Conforme Maria Helena Machado esclarece:

*“Nos EUA do Destino Manifesto, o roteiro de aprendizagem era, principalmente, o Oeste. A expansão para o Oeste não apenas atraiu a energia física e econômica do país como justificou a produção de um vasto campo de registros textuais e visuais cujos motivos reatualizavam os antigos temas da conquista e colonização da América do Norte, ligando a incorporação destes territórios à reatualização da utopia da terra prometida e a recuperação do Éden perdido. Ir para o Oeste parecia então ser o desejo de todos e o destino de muitos: viajar para os territórios inexplorados, conhecer o mundo sem restrições da fronteira, experimentar a vida rústica, porém livre, dos territórios selvagens e desertos, usufruindo de seus encantos sedutores para, ao fim e ao cabo, domá-lo e incorporá-lo à civilização, tornou-se uma missão tanto coletiva quanto individual”.*¹⁹⁴

Significa dizer que se, por um lado, em termos coletivos a expansão para o Oeste representou a resposta às expectativas da lógica do capital, dos investimentos e dos deslocamentos populacionais, em termos individuais a experiência de viajar às fronteiras da civilização era concebida como etapa necessária para a construção da masculinidade do jovem norte-americano.¹⁹⁵

Não queremos dizer, entretanto, que todos os jovens que empreenderam uma viagem como essa só a fizeram por divertimento ou para refletir sobre suas ambivalências pessoais ou profissionais¹⁹⁶, mas consideramos importante matizar o caráter de algumas viagens e os perfis de seus viajantes no Oitocentos. Outras questões observadas nesse sentido revelam as seguintes características: na Inglaterra e EUA a preocupação com a natureza atingiu amplamente diversas camadas sociais; essa popularização faz parte de um imaginário engendrado no período moderno que ultrapassa interesses pragmáticos, institucionais e/ou puramente econômicos. De acordo com Miriam L. Moreira Leite:

“A partir da segunda metade do século XVIII, a história natural fora incluída nos programas de viagem científicas ou não, e uma epidemia de colecionismo alastrou-se pelas sociedades européias e americanas. A observação e catalogação, reduzindo as

194 Ibidem, p. 125.

195 Ibidem, p. 125.

196 Sabemos que a expedição liderada por FitzRoy revelava a característica mais marcante das viagens realizadas entre os séculos XVIII e XIX: mapear o mundo para a principal potência industrial do mundo. Com este propósito, o governo britânico enviou o *Beagle* para dar a volta ao mundo com a finalidade de aperfeiçoar as cartas de navegação utilizadas pela Marinha. STEFFOF, 2007, passim.

*distancias entre as coisas e a linguagem, “aproximou a linguagem do olhar observador e as coisas observadas das palavras” e se constituíram em tarefas incorporadas antes pela nobreza, mas aos poucos pelas demais camadas sociais”.*¹⁹⁷

Além disso, é preciso que compreendamos que, no período do Oitocentos, a natureza inglesa tinha sido tão exaustivamente estudada e explorada, e que quase nada restava de novidade para se apreender sobre seu conjunto de seres.¹⁹⁸ Não por acaso o gosto por lugares agrestes, pela natureza selvagem, tivesse aparecido no mesmo instante que se operaram melhoramentos nas vias de comunicação (telégrafos, ferrovias, vapores), na produção agrícola, na indústria de matérias-primas, no crescimento populacional e na imigração em massa de gente oriunda de várias partes do mundo – sendo o fenômeno da imigração mais presente nos EUA a partir de meados do XIX do que em outros cantos do mundo. Foram esses aspectos conjugados que provavelmente promoveram outra consciência em relação à natureza, que tanto pode ser entendida como um movimento de reatualização dos mitos da natureza intocada, a busca do Éden perdido, como uma contestação radical contra as tendências dominantes da época. Logo é possível pensar que uma das razões que levaram esses naturalistas, no caso de Bates, Wallace e outros ingleses, a definirem como espaço para suas pretensões um ponto específico situado na América do Sul (os limites territoriais brasileiros banhados pela bacia do Amazonas), tenha por motivação este movimento interno, ou melhor, o desencantamento da natureza, a consciência do esgotamento dos recursos naturais de suas nações.

Nesse contexto, era preciso redescobrir um Novo Mundo, seguir para um Novo Continente. Mas este Novo Continente, até meados do século XIX, ainda possuía vastas áreas marcadas em branco, *“inclusive nos melhores mapas europeus – principalmente no que se diz respeito à África, Ásia Central e ao interior da América do sul...na verdade não havia mesmo em termos de conhecimento geográfico um mundo”.*¹⁹⁹ Deste modo, também é no contexto das viagens que os mapas são corrigidos e refeitos, pois em cada itinerário percorrido pelo viajante a paisagem mostrava detalhes que não tinham sido representados por outrem, daí a necessidade de se operar uma nova

197LEITE, Miriam L. Moreira. *Natureza e Naturalistas*. Disponível em: www.imaginário.com.br/artigo/a0031_a0060/a0042-01.shtml. Acesso em: 05.05.08.

198Em 1862 completou-se a publicação dos mapas *Ordance Survey* da Inglaterra que foi uma investigação oficial que visava preparar mapas em larga escala de todo o território inglês. A confecção dos mapas teve início no final do século XVII para uso do exército inglês em caso de guerra. Cf. HOBBSAWN, Eric. *A era do Capital: 1848-1878*; trad. Luciano de Costa e Neto – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 84.

199 Ibidem, pp. 80-81.

representação dos cenários percorridos, como podemos observar na seguinte passagem de Wallace:

*“A torrente principal está toleravelmente representada nos mapas, tanto no que diz respeito à direção-geral do seu curso, como também às suas curvas mais importantes. Os seus detalhes, contudo, são incorretos. As suas numerosas ilhas e canais paralelos, os seus grandes lagos e enseadas, as suas profundas baías, a sua largura variável, são quase que inteiramente desconhecidos. Mesmo o serviço de levantamento topográfico francês, do Pará até Óbidos, o único somente que merece fé e que tem mais pretensões de precisão de detalhes, deixa muito a desejar, pois não dá idéia alguma do rio, que é ali representado apenas por um canal. Obtive em Santarém um manuscrito de um mapa do curso inferior do rio, que é mais correto do que qualquer outro que eu então tenha visto...O rio Madeiro e o rio Negro são os dos únicos outros afluentes do Amazonas, cujos cursos são em parte mais conhecidos, porém os seus mapas são deficientíssimos, em tudo que diz respeito a detalhes”.*²⁰⁰

Ao mesmo tempo, a viagem naturalista está de acordo com os interesses vigentes dos negócios capitalistas que visavam mapear os conteúdos internos do planeta, buscando os recursos comercialmente exploráveis, mercados e terras para explorar.²⁰¹ Deste modo, a configuração histórica daquele momento também inspirava e propiciava melhores condições materiais e geopolíticas de viagem do que em tempos anteriores. Para se ter uma base comparativa desse processo, podemos verificar que a jornada do alemão Alexander von Humboldt e de seu companheiro de viagem, o francês Aimé Bonpland, iniciada em 1799 pela América do Sul, só se tornou realidade após alguns meses de negociações junto às autoridades espanholas, sendo considerada um triunfo diplomático sem precedentes. Como se sabe, no governo do rei Carlos IV, além do protecionismo exercido pela Coroa, suas colônias espanholas sofriam com as convulsões internas geradas pelos embates travados entre os planos de independência da elite crioula e os interesses da Coroa espanhola de retomar “o controle de suas indóceas colônias”.²⁰² No Brasil, o protecionismo lusitano, até o final do século XVIII, beirava mesmo a paranóia geopolítica. Por conta disso, a metrópole se mostrava inflexível, atuando com um rigoroso controle principalmente em relação aos viajantes estrangeiros, vistos com desconfiança.²⁰³ E mesmo a famosa viagem do naturalista brasileiro

200 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 513.

201 PRATT, Mary. *Os Olhos do império...* p. 65.

202 Ibidem, p. 206.

203 WOOD-RUSSEL, A. J. R. *Centros e Periférias no Mundo Luso-Brasileiro, 1500-1800*. Revista Brasileira de História. Vol. 18 n. 36. São Paulo, 1998. Print ISSN 0102-0188 – The Hopkins

Alexandre Rodrigues Ferreira, alto funcionário da Coroa portuguesa, não fora levada adiante sem que o mesmo recebesse ordens expressas sobre sua missão político-científica.²⁰⁴ No século XIX, esta configuração histórica já não era mais a mesma. No *Brasil do Oitocentos*, naturalistas estrangeiros ou brasileiros irão gozar de relativa autonomia, e serão prestigiados pelas autoridades.²⁰⁵

2.2 – Incursões intelectuais de Alfred Russel Wallace e Louis Agassiz

Ao compararmos a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira com as trajetórias dos ingleses Bates, Wallace e do casal norte-americano Agassiz no Brasil, observamos que os anseios dos últimos conciliavam tanto o desejo de realização pessoal quanto o reconhecimento público por sua jornada de descobertas científicas. Destarte, é deixando as cidades e circulando pelo o interior da Grã-bretanha que podemos visualizar a imagem de Bates e Wallace anos antes da incursão para o Brasil. É aí que deparamos, por exemplo, com o jovem Bates, quando ainda não conhecia seu companheiro de viagem Wallace e auxiliava seu pai (mestre-artesão de móveis de vime), escapando para “*os campos circunvizinhos, herborizando e colecionando insetos*”.²⁰⁶ Já o fecundo interesse de Wallace por história natural fora despertado por outras vias. Trabalhando como aprendiz de topógrafo, ele andou por vários pontos da Inglaterra, adquirindo parte de sua habilidade em descrever as minúcias da geografia britânica; aprendendo também certos conhecimentos de agricultura, e se inteirando das condições sócio-econômicas dos homens do campo. Em 1840, vemos o jovem Wallace dividindo o seu tempo de

University – Trad. Maria de Fátima Gouvês (UFF). p. 4.

204 Para Domingues há um alinhamento dos conhecimentos científicos aos interesses políticos e econômicos no contexto da expansão marítimo comercial do século XVIII, na qual Portugal tentará integrar-se. Uma vez que os franceses, os holandeses e os ingleses tomaram a dianteira das Coroas Ibéricas no terreno da expansão territorial e da concorrência comercial do mercado europeu, Portugal procura recuperar seu status, valendo-se dos mesmos instrumentos técnicos utilizados pelas novas potências para se desenvolverem. Neste sentido, A Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues na Amazônia exemplifica a utilização pragmática do conhecimento da fauna e da flora da região pelos europeus. O naturalista escreve suas ‘Memórias sobre as palmeiras da província do Grão-Pará’ identificando os modos como a utilizavam para cobrir casas ou outros usos. Ao mesmo tempo, do outro lado do Atlântico, na fábrica de Cordoaria da Corte, testavam-se a resistência e a eficiência destes novos produtos e de outros oriundos de vários lugares do Brasil. Ver DOMINGUES, Ângela. *Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos*. História, Ciência, Saúde – vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702001000500002&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 03/03/06.

205 LEITE, Miriam L. Moreira. *Natureza Naturalistas...* passim.

206 BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas*. Vol. 1º Trad. Candido de Mello-Leitão – São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 6.

lazer (talvez sentado em baixo de uma árvore com um livro ou uma caderneta de bolso à mão, fazendo anotações ao ar livre e não em um gabinete) entre estudos de história natural e leituras de relatos de viagens. Mas o papel social de Wallace só será definido ao se transferir para Leicester em 1844, quando foi contratado para lecionar no *Collegiate School*, um colégio público da região, conhecendo Bates que, por sua vez, já era considerado um naturalista especializado no estudo dos insetos, a entomologia. Wallace, então com 23 anos de idade, aprofundou seu interesse por história natural com o filho do vimeiro, Bates, dois anos mais novo que ele. Foi durante um ano de permanência nessa região, ao sul do País de Gales, que podemos visualizar a imagem dos dois amigos, em passeios pela campina inglesa, excursionando pelos condados vizinhos, estudando a fauna e a flora da região. Assim como a multidão que corria para os campos, bosques, subindo em montanhas ou em penhascos pelo interior da Grã-bretanha, esta é a imagem e a atitude recorrente na trajetória de vida de Bates e Wallace em sua relação com o mundo natural.

Para além do papel de coletador e explorador, a vinda de Wallace à Amazônia tinha um motivo superior, que era investigar as causas da evolução orgânica. Seu contato precoce com as idéias owenistas o aproximou dos estudos científicos mais polêmicos e inovadores em história natural, leituras que serão cruciais para sua formação as quais foram realizadas na década de 1840: *Princípios da Geologia*, de Charles Lyells, e *Vertiges*, de Roberts Chambers. Em consonância com os escritos de Robert Chambers, Wallace esforçou-se por defender a tese de que o processo de desenvolvimento dos seres vivos se dá por meio de processos ordinários de reprodução em 1855, na *Annals of Natural History*. Para isso, ele confia em evidências da:

*“distribuição geográfica e da sucessão geológica... deduzi deles a lei de que cada espécie veio a luz em coincidência, tanto espacial, quanto temporal, com espécies pré-existentes, estreitamente são aliadas; e mostrei como muitas peculiaridades nas afinidades, a sucessão e a distribuição das formas de vida, eram explicadas por essa hipótese, à qual não se opunha nenhum fato importante”.*²⁰⁷

Por outro lado, o trabalho de Lyell tinha se tornado a bíblia dos uniformitaristas e incutiu em Wallace uma apreciação de como os processos de mudança se realizavam a longo prazo. Foi com base nessas idéias que Wallace veio a observar em sua passagem pelo Brasil indícios de adaptação dos animais, observe o seguinte trecho de sua

207 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 23.

narrativa: “*Em todos os trabalhos de história natural, encontramos constantemente referências à maravilhosa adaptação dos animais, quanto aos seus alimentos, aos seus hábitos e às localidades onde são encontrados*”.²⁰⁸ Este trecho evidencia a real preocupação que norteavam as viagens e as observações científicas de Wallace – a capacidade adaptativa dos seres vivos ao meio ambiente. Este era um ponto de discussão entre alguns naturalistas. Em outra passagem observou ainda que:

“*Só agora é que os naturalistas estão começando a ir além disso, compreendendo que deve haver outro princípio que regule as formas infinitamente variadas da vida animal. Este reparo deve causar, de certo, alguma impressão, pois os numerosos pássaros e insetos de diferentes grupos, que rara ou dificilmente têm uma semelhança qualquer um com o outro, porém que, todavia, se alimentam pela mesma maneira e habitam as mesmas localidades, não poderiam ter sido tão diferentemente constituídos e adornados para aquele propósito*”.²⁰⁹ [grifo nosso]

Mediante estas preocupações, ao observar os hábitos da arara azul do rio Tocantins, ele indaga: “*Quais poderão ser as causas que lhe delimitam tão exatamente o campo de vôo, quando tal ave é tão fortemente adaptada para vôos longos?*”.²¹⁰ Vejamos que nestas passagens Wallace reflete, levanta e conjuga hipóteses sobre a origem dos animais. Conhecer os espécimes com vistas a estas preocupações o guiará mais tarde ao continente malaio, onde escreverá sua síntese *Sobre as formas com que as espécies se transformam infinitamente*; idéia cujos desdobramentos não iremos repetir novamente, mas que evidenciava a importância de sua estada no Brasil para amadurecimento e consolidação de suas idéias; outra questão a ser salientada sobre este fato revela que o caminho investigativo por ele tomado o diferenciava da maioria dos cientistas da época, já que a tese de Darwin, divulgada pela primeira vez em 1858 e publicada no formato de um livro em 1859, só terá adesão da grande parte de cientistas a partir da década de 1860. É que ao contrário dos demais naturalistas, a seleção natural era para ele coisa *muito natural*. Assim, suas preocupações não estavam apenas centradas em coletar e descrever os espécimes, mas entender a relação que há entre todos os seres vivos; diríamos que se trata de um olhar mais holístico sobre o mundo natural, o qual via todos os seres em uma perfeita conexão em comum.

208 Ibidem, p. 121.

209 Ibidem, pp.121-122.

210 Ibidem, p. 115.

Com efeito, sabemos que como a maioria dos viajantes, Wallace também queria igualar o feito de Humboldt e ver, através de seus próprios olhos, todas aquelas imagens vibrantes traduzidas pela leitura do naturalista alemão, adquirir o verdadeiro conhecimento através da vivência absoluta com a natureza como ensinava Goethe, ver e reproduzir através de seus relatos uma experiência sensorial de contemplação da natureza que o elevaria a uma conexão com as forças ocultas que regem a natureza; premissas que estão na base de idéias da estética espiritualista do romantismo. Haja vista estas heranças mentais, trabalhamos com a hipótese de que a forma ambígua com que relatou a natureza amazônica – ora de acordo com a estética do belo e do sublime ora de maneira desencantada – seja indício de uma nova postura de observação do mundo natural mais realista e objetivista e menos idealista e abstrata. Deste modo, seu posicionamento nos parece opor-se à visão de outros cronistas viajantes que viram nas paisagens tropicais indícios de uma natureza primal, ao mesmo tempo, seu confesso desapontamento em relação à Amazônia não significa avaliar que seu relato tomasse a natureza do Novo Mundo nos mesmos moldes depreciativos, como o fez Buffon e outros pensadores do Setecentos.²¹¹ É o que podemos comprovar no seguinte trecho:

*“Nós não estávamos de acordo com a crença generalizada de que os pássaros dos trópicos têm uma deficiência de canto, proporcional ao brilho de sua plumagem, crença essa que deverá ser modificada... Ouvimos cantos parecidos com os do nosso melro e com o do pintaxoro, e um pássaro soltou três ou quatro doces queixosas notas, que atraíam muito a nossa atenção. Os interessantes gorjeios de muitos deles prestam-se facilmente, graças a nossa fantasia, para formar verdadeiras frases e, no silêncio da floresta, produzem efeito encantador”.*²¹²

Vejamos que nesta passagem ele diz claramente qual a sua posição dentro da polêmica do Novo Mundo. Assim, consideramos que esta ambigüidade de seu relato é reveladora, pois evidencia como a experiência de viagem à Amazônia o impactou em sua trajetória individual. Neste sentido, vale a pena citarmos mais demoradamente uma de suas reflexões sobre a natureza da região, que demonstra como o impacto visual da realidade atuou sobre suas impressões:

“Uma paisagem, quando observada de um determinado ponto, poderá, ao passo que, de outros muitos, não causará impressão alguma, mesmo ao mais esperto observador. É o efeito geral que faz logo grande impressão e prende toda a atenção: as belezas

211 Lembremos que os principais pensadores neste sentido nunca viajaram para o Novo Mundo, baseavam suas impressões através da leitura de crônicas de viajantes.

212 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* pp. 61-62.

*estão diante de vós, não carecem de ser procuradas. Com um distrito ou um país, o caso é muito diferente. Há objetos de particular interesse, que devem ser procurados, observados e apreciados em seguida. Os encantos de um distrito aumentam à proporção que várias partes vem surgindo, sucessivamente, em proporção também com a nossa educação, com os nossos hábitos, para podermos compreendê-los e admirá-los. Este é, particularmente, o caso dos países tropicais. Sem dúvida que algumas destas regiões poderão de pronto impressionar, como inteiramente inigualadas; **mas, na maioria dos casos, somente depois que umas tantas particularidades, tais como os costumes do povo, as curiosas formas de vegetação e a novidade do mundo animal, apresentando-se por si mesmas, num determinado encadeamento, permitem que fixemos em nosso espírito uma impressão definitiva.** E assim, por vezes, acontece, quando certos viajantes, que amontoam em uma descrição todas as maravilhas, que eles levaram semanas e meses a observar, causam uma falsa impressão ao leitor, fazendo este experimentar muito desapontamento do que isso possa significar”.*²¹³[grifo nosso]

Na passagem acima grifada, Wallace alertava para a necessidade de se observar os objetos por si mesmos, *num determinado encadeamento*, pois só assim o naturalista-viajante poderia fixar verdadeiramente suas impressões; qualquer outra forma de observação resultaria em um jogo de imaginação. Embora questione a versão dada por *certos viajantes*, que para ele não passaram de *falsas impressões* sobre a natureza, o tom não era o mesmo utilizado pela tese buffoniana; outrossim, o *desapontamento experimentado* era resultado dos termos de comparação de tudo o que havia imaginado e a realidade do contato; concluiu por essa via que a América meridional fora divulgada por outros viajantes a partir de projeções idealistas, portanto passou a questionar certos pontos de vistas que exaltavam as paisagens com uma perfeição ingênua. A isto, levando-se em consideração que Wallace foi um autodidata, supomos que tal visão seja indício de uma crítica à filosofia romântica da natureza impressa por Shelling e adotada por Humboldt e seus discípulos.

Enquanto o suíço-americano Louis Agassiz, cuja formação nas universidades alemãs fora fortemente influenciada pela filosofia da natureza de Shelling, ele, ao contrário do naturalista inglês, enfatizou o caráter prenhe da natureza sul-americana para o estudo naturalista, e, sobretudo, para a elevação do espírito do observador. Assim, quando explicava aos seus interlocutores sobre as motivações que o levaram

213 Ibidem, pp. 38-39.

a desejar visitar o Brasil, Agassiz logo se remetia à primeira experiência que lhe rendeu tornar-se um célebre naturalista à custa de ter sido ajudante de von Martius, por meio do qual foi autorizado a estudar e descrever os peixes colecionados “*por esses dois célebres viajantes. Desde então me veio a idéia de estudar aquela fauna no seu próprio país*”.²¹⁴ Foram estes mesmos peixes encontrados nas águas do rio Amazonas e seus afluentes que foram utilizados por Agassiz na visita ao Brasil para tentar solidificar os argumentos criacionistas em confronto com a teoria evolucionista cunhada por Darwin. Para Agassiz, cada ser foi criado para habitar uma região específica do planeta. Colaborador de Martius, Agassiz logo herdaria as influências das idéias de seu mentor da *Naturphilosophie* e das obras científicas de Goethe. Mas seus maiores mestres em história natural foram Alexander von Humboldt e George Cuvier. Segundo Lorelai B. Kury:

“...de Humboldt herdou a preocupação com a distribuição geográfica dos animais e o amor pelas viagens; de Cuvier, os métodos de trabalho da anatomia comparada e as crenças na fixidez das espécies e na teoria dos grandes cataclismos que revolucionaram o planeta”.²¹⁵

Mas, segundo Maria Helena Machado, é preciso compreender como Agassiz conectava aspectos díspares em sua grandiosa concepção de ordenação do mundo natural.²¹⁶ Apesar de sua formação em universidades como Zurique, na Suíça, Heldeberg e Munique, na Alemanha, onde circulavam idéias recorrentes da concepção da *Naturphilosophie*:

“Agassiz se insurgiu contra o idealismo dos mestres, buscando na orientação de George Cuvier... os métodos que lhe permitisse enfocar o estudo do mundo natural a partir de instrumentos analíticos e empíricos, superando visões abstratas e generalizadoras derivadas do idealismo”.²¹⁷

O naturalista francês George Cuvier, por sua vez, negava que houvesse uma conexão entre diferentes seres, os quais deveriam ser ordenados distintamente em quatro ramos estáticos e não inter-relacionados. De acordo com esta visão, o mundo

214 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil...* p. 13.

215Cf. KURY, Lorelai B. *A sereia Amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na viagem ao Brasil*. Revista Brasileira de História. Vol.21 nº41 São Paulo 2001. p. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 Sep 2008. doi: 10.1590/S0102-01882001000200009.

216 MACHADO, M. Helena P. T. *Brazil through the Eyes of: Willian James...* p.139.

217 Ibidem, p. 139.

natural era interpretado de modo não-dinâmico, cujos seres deveriam ser descritos minuciosamente, já que a tônica deste olhar veria cada criatura como:

“única em si mesma e o conhecimento de uma não autorizava qualquer injunção sobre a estrutura de outra. Além disso, rezava Cuvier, o mundo havia sofrido inúmeras castastrófes nas quais as espécies que o povoavam haviam perecido completamente, sendo outras criadas em seguida pela mão divina”.²¹⁸

Desde o início de sua carreira ele se preocupou em buscar uma explicação para a criação dos seres vivos utilizando como base empírica de suas observações a distribuição geográfica dos peixes dos mares, dos rios e peixes fossilizados. Como já expressamos acima, na época de Agassiz o grande problema para os não-evolucionistas era explicar o porquê de animais fósseis apresentarem características físicas inexistentes do mundo atual. Agassiz, como herdeiro das teorias criacionistas-catastrofistas, baseava suas hipóteses nas premissas bíblico-científicas, as quais diziam que Deus havia criado e destruído o mundo em vários momentos. Os animais que conhecemos hoje seriam originários de uma criação recente. Acreditava também que todos os seres fossem organizados de acordo com determinações geográficas, já que *“existiria um ligação essencial entre os seres e os lugares que habitavam. As diferenças de clima não seriam suficientes para explicar a distribuição das espécies, pois em climas similares existem formas de vida diferentes”*.²¹⁹

Para ele, seres foram criados separadamente e habitavam pátrias diferentes. Assim, o primeiro ponto colocado por Agassiz como foco da expedição ao Brasil fora o seguinte: *“que extensão abrangem no mundo as espécies distintas e qual o seu limite?”*.²²⁰ Foi com este fim que o estudo da embriologia de animais viventes serviria como *“uma espécie de recapitulação de todos os animais que foram extintos por Deus”*.²²¹ Agassiz partia da seguinte premissa: já que os seres foram agrupados conforme as determinações de Deus, o cientista, se conseguisse agrupar os seres extintos e os presentes, poderia encontrar qual o sentido do plano divino. Para ele, o agrupamento de espécies mostraria o grau de complexidade ao longo do tempo, sendo o estudo da embriologia o principal meio de recapitulação sistemática do tempo da

218 KURY, op. cit.

219 Ibidem, p.4.

220 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 31.

221 KURY, op. cit., p. 5.

Criação. Deste modo, a ordem do mundo era para ele ao mesmo tempo universal e particular, como esclarece Lorelai Kury:

*“A classificação baseada nos critérios da anatomia comparada dá conta do plano universal, abstrato. O estudo da distribuição geográfica das espécies explica, por sua vez, o pertencimento de cada ser à sua pátria de origem — onde Deus as fixou — e estabelece a época em que estas espécies viveram”.*²²²

Em suma: se por um lado Agassiz agiu de acordo com métodos empiristas e racionais de trabalho, por outro seu pensamento se alinha às visões metafísicas e religiosas de interpretação do mundo natural. Buscava assim *“interpretar no livro da natureza os designios divinos”*.²²³ De acordo com Maria Helena Machado, Agassiz, ao se reportar ao plano divino de Criação, sua visão da natureza vincula-se à perspectiva pré-moderna platônica, concepção pela qual se buscava a certeza da existência de tipos ideais, *“na reafirmação da idéia ou, em outras palavras, do plano divino sobre a realidade do mundo natural”*.²²⁴ Agassiz compartilhava, dessa forma, da mesma visão do comandante do *Beagle*, Robert Fitzroy, que explicava o fato do desaparecimento do mastodonte da face da Terra por que se tratava de animal grande demais para entrar na arca.²²⁵ Ao tentar esmiuçar o pensamento de Agassiz, Maria Helena Machado assim o resume:

*“ao abraçar a teoria da recapitulação, isto é, de que a ontogênese recapitula a fotogênese, o pensamento de Agassiz também assumia bases profundamente hierárquicas, uma vez que ele acreditava que os seres mais evoluídos, em seu evoluir, haviam transitado temporariamente por estágios mais rudimentares, nos quais os seres destinados à inferioridade permaneceriam por toda existência. Nesse sentido, a cadeia dos seres estava organizada segundo uma linha hierárquica de complexidade crescente. Igualmente, ao buscar confirmar a proeminência do tipo ideal ou das categorias fixas sobre as mudanças, o pensamento de Agassiz mantinha-se estático. E, finalmente, ao negar a existência de conexões entre diferentes espécies em termos sincrônicos e diacrônicos, seu pensamento era essencialmente não relacional”.*²²⁶

222 Ibidem. p. 5.

223 MACHADO, M. Helena. P. T. *Brazil Through the Eyes of William James...* p.140.

224 Ibidem, p. 140.

225 GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1759-1900)*. Trad. Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 347.

226 MACHADO, M. Helena P. T. *Brasil through the eyes of William James...* p. 141.

Contudo, antes de seguir para os EUA, Agassiz não vinculava o homem a esta teoria, pois segundo o que acreditava, o homem foi o único ser criado para habitar em todos os lugares.²²⁷ No entanto, com o passar dos anos uma série de acontecimentos de ordem sócio-política o tornaram um intelectual cada vez mais dogmático. Suas explicações passaram a levantar a hipótese da criação separada das raças humanas, ou melhor, foram criadas raças diferentes em lugares diferentes. Assim, Agassiz passou a defender que os homens, assim como animais e plantas, poderiam ser classificados por sua raça. Esta preocupação tem relação direta com a visão que o naturalista possuía em relação aos movimentos de abolição da escravidão que se espalhavam por toda a América. Agassiz era crítico da mistura de raças, vendo a Amazônia como um verdadeiro laboratório sobre a mestiçagem, e no Brasil, pretendeu fortalecer o discurso sócio-político de segregação racial nos E.U.A.²²⁸ E este aspecto liga-se a um momento importante para a constituição da sociedade americana vigente, cujos expedicionários são testemunhas oculares, a saber: guerra civil entre os Estados do norte e do sul. Este caráter testemunhal pode ser observado logo no início da narrativa de viagem:

“De repente, atrai-nos atenção uma nuvem fora do comum: o capitão acha que é uma imensa quantidade de fumaça na direção de Petersburgo. Será o fumo duma formidável batalha? – pensamos – onde talvez se decida a sorte da guerra, enquanto o nosso navio passa ao largo, pacificamente...Que haverá de verdade nessa conjectura? Qual terá sido o resultado combate?...É o que só saberemos daqui a dois meses, talvez!... (A 17 de maio, um mês depois de nossa chegada ao Rio, soubemos o que significava essa nuvem singular. Era com efeito a vida e a morte que levava no seu seio. Naquele dia mesmo (2 de abril), foi realizado o último assalto às muralhas de Petersburg, e a sombria nuvem que, quando nos afastávamos das costas da Virgínia, veio escurecer o céu tão puro, provinha sem dúvida da grande quantidade de fumaça que se elevava das duas linhas inimigas)”.²²⁹

Como podemos perceber, o acontecimento que marca o início da viagem trata-se da Guerra de Secessão americana. A saída da expedição de Agassiz coincide com o golpe final dos ianques contra o último foco de resistência do lado sul dos Estados Unidos. Ao final da contenda, uma questão comum unia os *Branco*s do norte e do sul dos Estados Unidos: O que fazer com os *Pretos*? Após o conflito, os negros livres partem em elevado número para região norte do país. *“Deixar o sul é a principal*

227 KURY, Lorelai. *A sereia amazônica dos Agassiz...* p. 4.

228 Ibidem, p.1.

229AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 21.

consequência de sua liberdade".²³⁰ Estes eram principalmente motivados pela maior prosperidade econômica que lá se concentrava, em relação ao sul, endividado e arruinado. Milhares de negros livres se colocaram em marcha para a parte mais próspera da América. Isto logo gerou entre os *Branco*s do norte (que outrora diziam considerar uma de suas bandeiras de guerra a causa negra) uma forte reticência em relação aos novos migrantes. Logo os nortistas serão mais duros que os sulistas no tratamento reservado a essa gente. Nesse período os *Pretos* constituíam um problema para a sociedade *Branca*, principalmente por que eram numerosos: os dados do último recenseamento realizado em 1860 contavam 4.441.830 negros.²³¹ Na verdade, com o fim da guerra os 4 milhões de negros ficaram não apenas dispersos, mas, sobretudo, decepcionados. A bandeira ianque da união não tinha cumprido tudo o que havia prometido a eles:

*"40 acres e uma mula por família, magra generosidade em agricultura extensiva, quando o Homestead Act de 1862 promete para qualquer branco, mesmo estrangeiro, quatro vezes mais, ou seja, 160 acres, e de terras boas. Esta grande esperança é explorada por especuladores sem escrúpulo...que vendiam estacas multicolores ao Preto, para cercar os 40 acres..., a mula viria depois. A transferência de terras faz-se, portanto, não em benefício de uma pequena propriedade negra mas dos créditos do Norte"*²³²

Nesse contexto, Agassiz combinará o discurso científico vigente, que classifica e ordena através da diferença, e a problemática da inclusão negra da sociedade americana para traçar uma justificativa ideológica para segregação racial, usando como suporte empírico a observação da mistura de raças no Brasil. Isto vai ser fundamental, já que estamos tratando de um momento definitivo na (re)construção da sociedade norte-americana. Assim, estas narrativas podem ter sido utilizadas como um verdadeiro jogo de espelho cuja imagem invertida refletia alternadamente uma auto-imagem que aquelas sociedades construíram sobre si mesmas. E a imagem invertida era "o outro", o Brasil, os mestiços, os selvagens índios da Amazônia, a paisagem natural, a floresta exuberante, caótica...as remotas e desconhecidas zonas tropicais do Equador, por onde a dominação do meio ambiente através da técnica não chegou para alterar a paisagem. De acordo com Lorelai Kury:

230 Para saber sobre as consequências geradas pelo fim da guerra e pelo movimento migratório negro confira: CHAUNU, Pierre. *A América e as Américas*. Lisboa – Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1969. p. 268.

231 Ibidem, pp. 267-269.

232 Ibidem, p. 268.

*“O cenário norte-americano, em plena Guerra de Secessão, permitiu que a questão científica da distribuição geográfica dos peixes da Bacia Amazônica dissesse alguma coisa a respeito do futuro da humanidade e do lugar a ser ocupado pelos diferentes grupos humanos na Terra”.*²³³

Evidencia-se, assim, o segundo plano de viagem da campanha de Agassiz ao Brasil. Seguindo orientações político-diplomáticas das autoridades da Nova Inglaterra, ele foi lançado ao desafio de uma missão confidencial. Os norte-americanos sabiam da amizade epistolar entre Agassiz e D. Pedro II e queriam utilizar desse subterfúgio para *“contrabalançar a influência européia na diplomacia brasileira”*²³⁴ que até este momento conduzira a posição do país frente à Guerra de Secessão. O Brasil reconhecia como parte beligerante os estados confederados sulistas, o que redundava numa posição de neutralidade frente à guerra. Esta posição diplomática do Brasil garantia a legitimidade dos confederados, o que *“justificava a tolerância das autoridades em relação à entrada de navios sulistas, que procuravam os portos brasileiros para abastecimento”*.²³⁵ Segundo Maria Helena Machado, foi entregue aos cuidados de Agassiz, pelo Secretário de Estado dos EUA, *“cartas confidenciais dirigidas a James Watson Webb, representante norte-americano no Brasil, amigo pessoal de Seward e organizador de um malogrado empreendimento de assentamento de negros norte-americanos na Amazônia”*.²³⁶ Com a chegada da expedição no Brasil ao final da contenda, essa missão diplomática caía em desuso, não obstante Agassiz levou a cabo outra faceta de sua missão diplomática. Valendo-se de sua notoriedade intelectual, ele havia de pressionar amigavelmente as autoridades brasileiras para abrir os portos da Amazônia para navegação de estrangeiros, especialmente norte-americanos. Nesta última, obteve total sucesso, obtendo do Imperador *“a promessa de abertura da navegação, que foi realizada pelo decreto de 7 de dezembro de 1886”*.²³⁷

Pode-se, enfim, fazer um esboço do pensamento de Agassiz conferindo-se o rol temático de palestras por ele proferido a bordo do *Colorado*. Durante a travessia, dia após dia, os jovens componentes da expedição ouviram, após a preleção do reverendo Potter, palestras proferidas por Agassiz, que tiveram por finalidade *“prepará-los para a tarefa que vão executar”*.²³⁸ Diante da platéia, Agassiz discorria sobre os principais

233 KURY, Lorelai. *A sereia amazônica dos Agassiz...* p. 4.

234 MACHADO, M. Helena P. T. *Brazil through the eyes of William James...* p. 127.

235 Ibidem, p. 127.

236 Ibidem, p. 127.

237 Ibidem, p. 127.

238 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* op. cit., p. 25.

temas de suas preocupações: “o objeto das explorações científicas nos tempos modernos”; “distribuição dos peixes nos rios brasileiros”; “a origem das espécies”; “importância dos estudos embriológicos”; “fenômenos glaciários na América do Sul”; “a origem local dos espécimes”; “os peixes de água doce no Brasil”; “classificação dos peixes à luz da embriologia”; “a teoria das transformações das espécies e independência intelectual e política”.²³⁹ E foi o último tema de suas conferências a sublinhar sua derradeira ambição intelectual:

*“Lembrar-lhes, contudo, que, se conquistamos a independência política, se todos temos nas instituições nacionais a confiança de suas garantias, se é exato que nós sabemos do bom caminho na medida em que nos conformamos com essa confiança e agimos de acordo com a nossa consciência e inteiro sentimento de nossa responsabilidade, digo eu, tudo isso é verdade, não o é menos que alguma coisa **falta à nossa libertação intelectual**. Há entre os nossos compatriotas uma **tendência a submeter tudo o que é obra científica ou literária ao julgamento da Europa**, e só aceitar um homem quando ele quando ele obteve o sufrágio das sociedades sábias de além mar. Um autor americano acha mais satisfação, muitas vezes, em publicar os seus trabalhos na Inglaterra do que na América. Na minha opinião, **quem dirige a sua obra a um público estrangeiro rouba à sua pátria um capital intelectual a que ela tem direito**. Publiquem-os os nossos resultados nos EUA, e deixe à Europa a incumbência de descobrir se merecem se conhecidos”.²⁴⁰[grifos nossos]*

Uma viva demonstração da missão do sábio americano, que não deve se submeter ao julgamento europeu; uma declaração explícita de sua independência intelectual. Diante dessas questões, pode-se observar a clara intenção americana de rivalizar com a Europa no plano de dominação global das mentes, isto é, América antes pensada como continente imaturo, medíocre, sem tradições, nem aristocracia, se insurge contra a “*tênia da Europa nas mentes de seus compatriotas*”.²⁴¹ De acordo com Gerbi, um discurso que se caracterizava por meio do contraste entre

“...jovem americano e velhos europeus, de ferrovias democráticas opostas a cultura medieval do Mundo Antigo, do solo virgem americano, ofertado como remédio para os erros de uma educação escolástica e tradicional, do Comércio (com maiúscula) que destrói as forças do Despotismo, do Feudalismo e da Autocracia”.²⁴²

239 Ibidem, pp. 25-44.

240 Ibidem, p. 59.

241 GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*...p. 385.

242 Ibidem, p. 385.

Podemos entender as viagens de Wallace e Agassiz a partir dessas concepções polarizadas de mundo: de um lado o criacionismo, do outro o evolucionismo; de um lado as concepções religiosas, do outro a racionalidade científica; de um lado o Velho Mundo com suas tradições aristocráticas, do outro o Novo Mundo com seus movimentos revolucionários de independência; de um lado o mundo rural, arcaico da monocultura e do trabalho escravo, do outro a moderna indústria de bens de consumo coordenando milhares de braços assalariados, enfim, um estágio de transição para o que hoje concebemos como modernidade. De acordo com Landes *“A complementação do espírito de racionalidade era o que podemos chamar de ética faustiana, o senso de dominação da natureza e das coisas”*.²⁴³ Conhecer é dominar! E esta idéia remonta aos mitos da antiguidade: Prometeu e Dédalo, Torre de Babel, Eva...que contam a história de sujeitos *“punidos por sua arrogância”*. Do mesmo modo, a cristandade, cujo legado cultural advém da tradição grega e judaica, sentenciou como heréticas todas as práticas do conhecimento que *“ampliavam a capacidade natural do homem”* e *“negavam sua dependência em relação a Deus e a salvação dentro da Igreja”*.²⁴⁴ Mas isto não freou a ânsia do homem de dominar a natureza *“pois cada realização era uma justificativa dessa pretensão, enquanto a força de oposição da Igreja, debilitava-se...”*.²⁴⁵ A revolução científica, iniciada no período moderno, não apenas subjugou o poderio religioso, mas também desqualificou a sabedoria e a autoridade tradicionais.

Situados entre uma visão científico-inovadora e outra tradicional-ortodoxa é que podemos entender o caráter ambíguo das observações de Wallace e de Agassiz em relação ao mundo natural amazônico. Muito embora buscassem a chave para o entendimento sistemático das origens dos seres e da organização do mundo natural amazônico, a empreitada de ambos pôde revelar mais que a superfície dos objetos que seus olhos enxergavam. Acreditamos que a viagem tenha levado ambos a um nível de compreensão mais profunda, abrindo-lhes para um novo grau consciência de si mesmos, de seu legado cultural. E neste ponto, passamos para outro ponto importante deste trabalho: tentar vislumbrar que marcas incidiram sobre eles na longa estada no interior da Amazônia.

2.3 – Ponto de Chegada: viagens e modernidade

243 LANDES, David. *Prometeu Desacorrentado...* p. 30.

244 Ibidem, p. 30.

245 Ibidem, p. 31.

Retomemos neste instante os portos de desembarque de nossos viajantes: Wallace e Bates fizeram escala obrigatória em Salinas e seguindo rio acima viajaram ainda por mais um dia chegando à sede da Província do Grão-Pará²⁴⁶, a cidade de Belém, numa manhã do dia 28 de maio²⁴⁷; enquanto Agassiz e seus comandados, após três meses de viagem pelo litoral brasileiro, chegaram à Província do Pará no dia 11 de agosto às três da tarde. Embora as duas expedições tivessem por monta assuntos da História Natural, as cenas de chegada e de partida revelam, primeiramente, que as diferenças entre estes personagens iriam para além das oposições de idéias. Elas começam a se revelar na própria escolha dos roteiros de viagem por sobre a bacia do Amazonas: enquanto Wallace atravessou o Amazonas até o alto rio Negro e o rio Orinoco, Agassiz seguiu para o Solimões, no médio e alto Amazonas. A província do Pará se constituía no ponto de entrada de todos os viajantes que tivessem por destino penetrar para interior da região Amazônica. Para adentrar no rio Amazonas e seus tributários, o viajante deveria tomar uma embarcação desde Belém, contornar o litoral da ilha de Marajó, atravessar um estreito canal que forma comunicação entre os rios Pará e Amazonas, penetrando-se até a bacia principal do rio-mar, sendo o primeiro porto de ancoragem a cidade de Santarém, na barra do Tapajós *“cujas águas, muito azuis e muito transparentes, formam um nítido e agradável contraste com as túrbitas águas do Amazonas”*.²⁴⁸ Daí o próximo destino era seguir até Manaus, onde as águas dos rios Negro e Solimões se encontram. Sobre este último rio, Elizabeth Agassiz explica às várias denominações que recebe aos seus leitores:

“Não se pense, pela mudança do nome, que o Solimões seja outra coisa que o Amazonas: é o mesmo rio, porém acima de Manaus; do mesmo modo, o que se chama Marañon é ainda o mesmo rio de Nauta, além das fronteiras brasileiras. É sempre o mesmo curso d’água gigantesco, atravessando o continente em toda a sua largura; mas conforme se acha no alto, no meio e embaixo do seu curso, recebe os três nomes desiguais Marañon, Solimões e Amazonas. No ponto em que os brasileiros o designam pelo nome de Solimões, ele inflete subitamente para o sul, justamente no seu encontro

246 Lembremos que nesse interim parte do território do norte foi desmembrado da província do Pará em 5 de setembro de 1850, determinando pelo decreto lei de n. 582 a criação da província do Amazonas.

247 BATES, Henry. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. p. 12.

248 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 184.

com o rio Negro que vem do norte, de sorte que os dois rios formam um ângulo agudo".²⁴⁹ [grifos nossos]

Por sua localização estratégica, para lá aonde o “*Solimões vem encontrar a corrente escura e lenta do rio Negro com uma força tão irresistível*”²⁵⁰ corriam muitos expedicionários que desejassem avançar por um ou por outro rio. Agassiz e Wallace não fugiram à regra, determinando Manaus como o ponto sede para o avanço de suas incursões.

Além de diferentes destinos tomados, houve, sobretudo, diferenças estruturais entre as duas expedições. A primeira delas logo evidenciada quando observamos o tipo de embarcação utilizada por cada tripulação desde a travessia até o Brasil: Wallace e Bates partiram em um navio à vela; Agassiz e sua equipe em barco a vapor. Inserimos estas cenas à passagem para um período no qual o mundo estava começando a ser interligado por vias de comunicação mais regulares e rápidas com maior capacidade para transportar maior quantidade de mercadorias e pessoas. No entanto, no caso das embarcações marítimas, o processo de substituição de uma tecnologia por outra foi mais gradual que a instauração das ferrovias. Isto se deve ao fato de que o transporte marítimo não se tornou rápido nesse período. De acordo com o historiador Eric Hobsbawn,

“sua lentidão técnica é indicada pelo fato, hoje bem conhecido, de que o transporte marítimo a vela havia continuado a manter-se frente ao navio a vapor de forma surpreendente, graças aos progressos tecnológicos menos drásticos, mas substanciais na sua própria eficiência. O vapor tinha-se expandido extraordinariamente, cerca de 14% do transporte mundial em 1840 para 49% em 1870, mas a vela continuava ligeiramente na frente. Somente na década de 1870, e, sobretudo na de 1880, é que ela saiu do páreo”.²⁵¹

Vemos com isso que a linha de tempo que separou uma viagem da outra (1848-1852/1865-1866) foi marcada pelo predomínio de viagens feitas à vela, as quais estiveram à frente dos navios a vapor até 1870. Assim se explica o porquê da pouca diferença de tempo gasto entre uma expedição e outra: o navio à vela de Wallace chegou aos 29 dias de viagem; enquanto o vapor recém-inaugurado que levava a expedição de Agassiz, aos 21 dias de viagem. Todavia, ao acompanharmos as rotas de

249 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil...* p. 193-194.

250 Ibidem, p. 193.

251 Cf. Hobsbawn, Eric. *A Era do capital: 1848-1878*. trad. Luciana C. Neto; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. pp. 91-92.

viagens de nossos expedicionários pelos rios da Amazônia, outros aspectos representativos desse processo surgem à nossa frente. No período em que estive na região Amazônica (1848-1852) Alfred Russel Wallace podia contar apenas com 2 modalidades de transporte fluvial: a vela e a canoa.²⁵² De acordo com o historiador Antônio Loureiro, a primeira tinha por principal função fazer o escoamento da produção que abastecia a população ribeirinha, seja nas cidades, nos sítios ou nas vilas no curso principal do Amazonas. De mobilidade bastante lenta – de Belém a Manaus levava em média de sessenta a noventa dias para concluir o percurso – a vela era usada somente por algumas horas já que o:

*“...vento geral, o alísio do nordeste soprava, com pouca velocidade, das dez da manhã até as duas da tarde; daí a demora das viagens..Na dos afluentes, todos perpendiculares ao grande rio, esses ventos alísios só auxiliavam na travessia de uma margem para outra, sendo os percursos feitos a remo ou a sirga”.*²⁵³

Enquanto a última, mais numerosa e com diferentes tamanhos e funções, foi o principal meio de transporte utilizado pelas populações da região durante o século XIX, e parte do XX. Mas é o viajante Bates a traduzir-nos a importância deste último transporte naquela época: *“A montaria toma ali o lugar do cavalo, do burro ou do camelo de outras regiões. Além de possuir uma ou mais montarias, quase toda família tem uma canoa maior, a que dão o nome de igarité”.*²⁵⁴ Outra característica da montaria indígena é quanto à sua fabricação, segundo Wallace: *“cavando-se o tronco de uma árvore, tendo a parte do fundo bem espessa, de sorte que não há perigo de se danificar com qualquer choque”.*²⁵⁵ Sendo assim, a canoa constituía-se no meio mais eficaz de penetrar nos estreitos igarapés, ultrapassar obstáculos naturais, alcançar povoações escondidas no interior da floresta, distribuir mercadoria e, sobretudo, locomover pessoas para o interior das Províncias. Sobre este aspecto, na época de viagem de Wallace para o alto rio Negro, o viajante britânico faz a seguinte descrição sobre a estrutura física da embarcação em que tomou passagem com o negociante português João Antônio de Lima:

252 Em matéria de impulsão usavam-se, além da vela e do remo, a sirga, o qual se constitui em um cabo ou corda usada para puxar barco ao longo da margem. Esse cabo é feito de sisal ou nylon sendo utilizado na passagem dos canais mais estreitos ou junto às margens, sempre que o barco navega contra a corrente ou contra o vento. Conteúdo disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra=sirga&id=1654>. Acesso em: 28/05/08.

253 LOUREIRO, Antônio José Souto. *História da Navegação no Amazonas*. Manaus: Lorena Ltda, 2007. p. 20.

254 BATES, Henry. *Um Naturalista no Rio Amazonas...* p. 38.

255 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 110.

*“A nossa canoa era de cerca de 35 pés de comprimento por 7 de largura, tendo eu arranjado uma regular acomodação. Na sua parte de ré, havia um tosco convés, feito de troncos de paineiras, partido ao meio, e que era coberto por uma tolda, de teto semicircular, de folhas de palmeiras e altura mediana, sob o qual podíamos permanecer sentados ou deitar-nos confortavelmente. A parte que abria para avante era tapada também com folhas da palmeira, tendo, porém, uma saída, à maneira de porta, de cerca de três pés de largura. Na parte dianteira, ou de avante, da canoa, havia uma tolda semelhante àquela, porém mais baixa, e tendo por cima da mesma outro convés, formado igualmente como o de ré, e sustentando por paus roliços, colocados lateralmente, a prumo, como guardas. Isto se chama jangada, ou balsa, e ali ficam os índios, quando estão remando as vogas, que são feitas de enormes pás de remos colocadas nas extremidades de compridas peças de madeira roliça. A canoa estava bastante carregada, pois transportava em seu bojo uma variado sortimento dos artigos mais procurados pelos habitantes semicivilizados ou selvagens do alto rio Negro. Viam-se ali diversos fardos de fazendas de algodão ordinário, de tecidos de algodão estampado, de cores muito vivas, com padrões em listras ou em xadrez, de lenços azuis e vermelho, grande quantidade de machados, facões, facas, canivetes, milhares de anzóis, isqueiros e fuzis, pólvora e chumbo, colares em grande quantidade, contas azuis, pretas e brancas, e espelhos pequenos, também em grande número. Algumas linhas e carretéis e emovelos, botões, fitas, etc., não foram esquecidos”.*²⁵⁶

Conforme as observações efetuadas por Wallace, a embarcação por ele tomada para subir o rio Negro não se tratava de uma simples canoa com propulsão a remos, mas constituía-se em uma “tosca” embarcação, certamente de propulsão a vela, e de dimensões maiores que a montaria indígena. Por meio deste tipo de embarcação, de maior envergadura para transportar mercadorias, é que o viajante seguia pelo curso principal do rio até o ponto onde a correnteza das águas *“torna-se tão forte e tão rápida, que uma canoa maior não poderia vencê-la. Demais disso, as cachoeiras, que se encontram mais para cima, são quase intransponíveis”*.²⁵⁷ Daí o viajante fazia a troca por canoas menores e mais apropriadas para transpor os inúmeros obstáculos naturais impetrados pelas águas que descem violentamente pelas cachoeiras e corredeiras. E para onde os rápidos são mais numerosos, o adventício, conjuntamente com os guias índios, quase sempre tinha que sair *“zigzagueando pelo leito do rio, rodeando-lhe as ilhas e passando de rochedo. E tudo isso de maneira mais complicada possível”*.²⁵⁸ Tudo isso

256 Ibidem, pp. 249-250.

257 Ibidem, p. 260.

258 Ibidem, pp. 266-267.

após conseguirem arrastar a canoa por sobre rochedos até alguma margem: *“Os índios, uns dentro da água e outros em terra firme, segurando todos um grosso cabo, arrastam e alçaram por cima a canoa. Isso feito, prosseguimos, de novo, a nossa rota”*.²⁵⁹

Além disso, para conseguir passagem em qualquer “tosca” embarcação que seguisse em direção à localidade desejada, o viajante era forçado *“a esperar muito tempo, para contratar uma passagem”*²⁶⁰ pois não havia até meados do século um serviço regular de navegação pelo Amazonas e seus tributários. Era preciso esperar pela chegada de algum barco, o qual se dirigia às povoações ribeirinhas em geral com a finalidade de desembarcar e fazer abastecimento de mercadorias, para seguir para o ponto desejado do rio Amazonas. Ocorrendo por estas vias uma negligente capacidade para transportar pessoas: *“Tivemos de acomodar-nos em um cômodo apertado no porão, que estava com forte cheiro de peixe salgado; e embora ainda permanecessem ali alguns couros, nem por isso estes atenuam aquele fortíssimo odor”*.²⁶¹ Sobre essas condições Wallace ressalta:

“No Amazonas, quem viaja, não pode ser exigente e não tem mesmo de incomodar-se com essas coisas. Desta sorte, tratamos logo de arranjar, do melhor modo possível, tudo quanto nos era preciso, preparando-nos por essa maneira para seguir a nossa traça. A tolda da canoa estava mal amanhada, e logo verificamos que deixava gotejar muita água, o que nos incomodou bastante, pois que molhava todas as nossas roupas e redes”.²⁶²

E para impulsionar a canoa quando a maré ou o vento não lhe era favorável, o viajante explica a técnica indígena para adiantar a viagem:

“Diariamente, tínhamos que esperar pela maré; e, para não ficar parados e adiantar um pouco a viagem, quando não havia vento, íamos subindo varejando, ao longo da praia. Os índios iam adiante, de montaria, com uma corda comprida, que prendiam a uma árvore ou arbusto da margem do rio, e em seguida, voltando para a outra extremidade, puxavam a canoa, e esta se arrastava rio acima. Depois a canoa era levada para diante outra vez, repetindo-se o mesmo processo, continuamente, até a volta da maré. E por assim se fazia, quando não podíamos abrir caminho, por outra maneira, contra a correnteza das águas”.²⁶³

259 Ibidem, p. 263.

260 Ibidem, p. 180.

261 Ibidem, p. 180.

262 Ibidem, p. 180.

263 Ibidem, p. 181.

Mas era a montaria ou a ubá indígena quase sempre a servir ao naturalista em suas explorações no interior da Amazônia, haja vista que somente por este meio podia entrar “*nos estreitos canais que forma uma intrincada rede de águas, um ignoto labirinto, exceto para os habitantes da região*”.²⁶⁴ Não só a falta de vento impelia a substituição da vela por outros mecanismos de propulsão do barco, como o remo: “*Não tínhamos nenhum vento, e, por isso, foi-nos preciso recorrer aos remos*”.²⁶⁵ Mas o mesmo ocorre em trechos onde se vêem completamente obstruídos por plantas aquáticas ou pelas fechadas matas do igapó:

“Os índios, então saltando em terra, cortaram duas compridas varas, com forquilhas nas extremidades, e, com o auxílio delas, puxávamos a canoa, que assim se ia deslocando lentamente, deslizando sobre aqueles grandes leitos de ervas flutuantes, as quais tão grossas e resistentes, que servem de seguro apoio para esse propósito”.²⁶⁶

Conforme Loureiro, mesmo com a introdução do vapor estas modalidades de transporte fluvial, de feições “arcaicas”, permaneceram como principal veículo para locomover mercadorias e pessoas pelos rios amazônicos.²⁶⁷ Uma explicação apontada pelo historiador amazonense para a utilização prolongada dessas formas antigas de navegação considera os “*altos preços das máquinas, pelas dificuldades de manutenção, pela inexistência de pontos de abastecimento de carvão de pedra ou lenha, e pela falta de pessoal habilitado*”.²⁶⁸ Sobre esta última dificuldade, Elizabeth Agassiz descreve o processo de abastecimento das máquinas ocorridas no porto de *Cuari*, enfatizando o seu caráter ineficaz:

“O navio fundeou esta manhã junto da pequena vila de Cuari, no rio Cuari, um dos afluentes de águas negras. Demoramos aí algumas horas tomando lenha para a máquina. Essa operação se executa com tanta lentidão que um norte-americano, habituado em seu país com os processos expeditos, não acredita no que vê. Uma pequenina canoa, em mau estado, trazendo um carregamento de lenha, se afasta da margem, arrastando-se no rio com lentidão ainda acentuada pelo fato de que, dos dois canoeiros, um se serve de uma pá quebrada e o outro de uma vara comprida. Nunca assisti a tamanha apologia dos remos! Quando a frágil embarcação acaba enfim de encostar ao navio oito ou dez homens formam fila, e a lenha passa de mão em mão,

264 Ibidem, p. 181.

265 Ibidem, p. 181.

266 Ibidem, p. 181.

267 Sendo que a vela, acompanhando os movimentos internacionais, foi gradualmente sendo substituída quando por fim desapareceu completamente em 1881 dos rios Amazônicos. Cf. LOUREIRO, Antonio. *História da Navegação no Amazonas...* p. 43.

268 Ibidem, p. 21.

*acha por acha, contada na ocasião. Agassiz tirou o seu relógio do bolso e verificou que, em média, entram a bordo sete achas por minuto. Com semelhante processo, compreender-se que tomar lenha não é negócio para cinco minutos”.*²⁶⁹

Em virtude da criação, em 1852, da Companhia de Navegação a Vapor e Comércio do Amazonas, sob a presidência do visionário Barão de Mauá, o vapor passara a coexistir com os dois primeiros tipos de transporte, as toscas embarcações relatadas por Wallace. Assim, em 1º de janeiro de 1853, a primeira viagem inaugural no trajeto Belém-Manaus, levou “10 dias, 16 horas e 10 minutos até Manaus, aonde chegou às 22 horas e 10 minutos do dia 11 de janeiro, recebida com grandes festejos comemorativos”.²⁷⁰ Além dessa linha – como ficou acordado entre a companhia e o governo imperial, que a favorecera com subvenções no valor de 200 contos anuais – criou-se o serviço de viagem que iria de Manaus à cidade peruana de Nauta. Em 1854, inauguraram-se mais dois trajetos: Belém/Cametá e Manaus/Santa Isabel. Mas, ao longo dos anos o serviço que fazia os dois trajetos foi motivo de reclamações, principalmente do lado peruano, que acusara a falta de regularidade de chegada dos vapores.

Por não ser objetivo deste trabalho, não iremos aqui acrescentar os interesses em jogo nesse processo, mas apenas pretendemos apontar qual o quadro geral que definiu as características díspares das duas expedições. Outrossim, porque a própria cronista da expedição *Tayer* relatou em sua narrativa esse movimento de transformação marcante de meados do século XIX que os diferenciaram dos primeiros viajantes:

*“Os perigos que assinalaram as viagens de Spix e Martius ou mesmo as de exploradores mais recentes, como Castelnau, Bates e Wallace, são doravante impossíveis ao longo do rio Amazonas, se bem que se apresentem quase a cada passo ao viajante nos grandes afluentes. No Tocantins, no Madeira, no Purus, no rio Negro, no Trombetas ou qualquer outro tributário do Amazonas, o viajante ainda tem que navegar a canoa, lentamente; queimado de sol ou encharcado de chuva, vê-se na obrigação de deitar a noite nas praias, ter o sono interrompido pelos gritos dos animais selvagens errantes...Ao longo, porém, do curso principal do Amazonas, já se passou o tempo das aventuras romanescas. Os animais ferozes da floresta fugiram diante dos vapores; a canoa e o acampamento nas margens dos rios cederam lugar às prosaicas acomodações dos paquetes”.*²⁷¹[grifos nossos]

269 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 201.

270 LOUREIRO, Antonio. *História da Navegação no Amazonas...* p. 37.

271 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil...* p. 406.

Deste modo, da passagem da vela ao vapor vislumbra-se o soprar de novos tempos, a insurgência de novas mentalidades, a ruptura com antigas percepções de tempo e de lugar. Muito mais que um meio de transporte, a vela e o vapor são frutos e símbolos de tempos e mentalidades que se chocam e se sobrepõem em um mesmo período de tempo e de espaço: o mundo antigo/rural e o moderno/industrial.²⁷² Assim, a ciência e as inovações técnicas abriram um canal de passagem para a racionalidade e a dominação do meio ambiente e da sociedade: a razão considerada como meio para se entender os fenômenos naturais e humanos, sua aplicação tornou-se uma resposta eficiente ao ambiente natural e humano, ou uma manipulação mais eficiente dele.²⁷³ Importa-nos perceber como esse processo de modernização incidiu sobre o olhar de nossos viajantes, pois nos parece evidente que no discurso de Elizabeth Agassiz a vela, a canoa e outros meios tradicional de viajar por entre os rios, carregavam uma áurea arcaica, romanesca, aventureira, por conta dos perigos que se afiguravam durante o percurso; enquanto com o advento do vapor, símbolo também do progresso e da civilização industrial, as viagens tornar-se-iam mais seguras e pontuais. E neste aspecto, não podemos esquecer que muitas das observações efetuadas pela cronista sobre as alteridades ambiental e humana, foram realizadas do tombadilho de um confortável navio a vapor, concedido pelas elites comercial e imperial do país:

“Até hoje as fadigas e privações inerentes às viagens na América do Sul parecem não querer nos atingir; é impossível gozar de maior conforto que o que nos cerca. O meu apartamento se compõe de um vasto camarote de dormir, a que são anexos uma cabine de vestir e um banheiro; se todos não estão assim bem alojados, espaço não falta a ninguém. O camarote de dormir não serve para a noite, porque neste clima, uma rede no tombadilho é bem mais agradável. O tombadilho, coberto em todo o seu comprimento e munido de anteparos que podem ser abertos para os lados quando se deseje, faz a vezes de um grande salão em que tudo estivesse disposto para o bem-estar, porém nada para o luxo ou para cerimônia. Uma mesa comprida, ao meio, serve para as nossas refeições, mas, neste momento, está ela coberta de mapas, jornais, livros e papéis de toda sorte. Duas ou três cadeiras de viagem, alguns bancos de dobrar, meia dúzia de redes, duas ou três das quais já ocupadas por outros tantos companheiros

272 O primeiro deve ser pensado como representação do tempo e do espaço cíclico, é o tempo das tradições e dos valores morais antigos que sustentam uma sociedade, valores pautados na noção de coletividade, o outro representa a organização de tempo e espaço que se constitui como racional e fragmentária devido à praticas materialistas, que dão base a uma moralidade mais centrada na individualidade. Sobre a discussão da representação moderna de tempo espaço na modernidade confira: HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

273 LANDES, David. *Prometeu Desacorrentado...* p. 31.

*ciosos das suas comodidades, completam o mobiliário do nosso salão e suprem o que é necessário ao trabalho e ao repouso. Num dos extremos está a mesa desenho para o Sr. Burkhardt, e, ao lado, um certo número de pequenas tintas e vasos de vidro aguardam os espécimens”.*²⁷⁴

Como podemos observar a descrição do vapor *Icamiaba*, concedido por Pimenta Bueno, em nada se assemelha às das tocas embarcações relatadas por Wallace, emprestando à viagem um caráter mais dinâmico e moderno e, por conseguinte, menos épica e arcaica. Entendemos que o mundo para ela começava a ser decifrado de maneira desencantada e racional. Todavia, se para ela esta afirmação era uma certeza nos benefícios do progresso com o advento da navegação a vapor, por outro lado, ela não foge ao testemunho de uma viagem com características épicas dos membros de uma comissão científica espanhola²⁷⁵ que encontrou em Tabatinga:

*“Na pequena vila, encontramos os quatro membros duma comissão científica espanhola, que acabava de realizar na América central e meridional uma viagem de alguns anos...Os membros da expedição são os Srs. Drs. Almagro, Spada, Martinez e Isern. Acabavam de realizar uma viagem cheia de aventuras e de descer o rio Napo numa espécie de jangada que a sua rica coleção de animais vivos transformava numa arca de Noé. Depois de muitos perigos e contratempos, chegaram afinal a Tabatinga, tendo perdido num naufrágio todas as suas roupas, a não ser as que traziam no corpo. Com rara felicidade salvaram-se os seus papéis e coleções”.*²⁷⁶[grifo nosso]

De igual modo, a saga épica da comitiva espanhola nos oferece indícios claros de que a Amazônia do Oitocentos ainda abrigava experiências de viagem que demonstravam correspondência entre aqueles últimos e os navegadores dos primeiros tempos modernos, ao mesmo tempo em que a instauração de linhas de comunicação a

274 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* pp. 163-165.

275 William James, membro da comissão principal que se dirigiu até Tabatinga, relatou também este fato nos seguintes termos: “Devido a um incidente, embarcou no vapor; em Tabatinga, um outro grupo de 4 naturalistas espanhóis que desceram das montanhas e do rio Napo após três anos de errancias, e estão, finalmente, indo para casa. Eles são parte de uma comissão enviada pelo governo da Espanha, para fazer coleções para o Museu de Madri. Um dos participantes do grupo morreu, outros dois debandaram para a Califórnia. Eles têm enfrentado sol, chuva, neve e charcos em suas errancias, naufragaram e perderam todos os seus barcos pessoais, estavam sem dinheiro e vestidos da forma mais grotesca com aquilo que foi salvo do desastre. Eles desceram o rio Napo em duas jangadas da mais pitoresca aparência, com uma cobertura baixa de folhas de palmeira construída em cada uma e com um “fumeiro” queimando nas pontas para espantar os pernilongos, e cobertas de macacos, papagaios e outros animais de estimação. Eu nunca tinha visto um grupo de homens mais amarfanhado, manchado, batido pelo vento e amarelado. E raramente eu me senti tão disposto a honrar algum homem mais do que estes. Ao lado desta viagem a nossa expedição parece um piquenique de feriado.” Cf. MACHADO, M^a Helena P.T. *Brazil through the Eyes of William James...* p. 215.

276 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 209.

vapor e a construção de ferrovias no Brasil indicavam os primeiros passos do país em direção à modernidade. Entretanto, Elizabeth Cary, embora tenha enfatizado o plano de melhoramento das vias de comunicações internas com a introdução do vapor, no caso da navegação do Amazonas, ressaltou que era navegável por milhares de quilômetros – por serem livres de obstáculos – apenas o curso principal do rio-mar, sendo seus afluentes transpostos *lentamente* por meio de *canoas*, expondo o viajante a toda sorte de perigos e desconfortos, como evidenciou acima. Na verdade, o Brasil, mesmo sendo governado por um sábio homem, o Imperador D. Pedro II, ainda estava longe de completar o progresso civilizacional.

*“Mas quando se pensa na imensa vastidão dessas terras cobertas ainda por florestas impenetráveis, nas consideráveis dificuldades que impedem a criação de povoações nesta região – insetos, clima, comunicações difíceis – parece bem longe o dia em que uma população numerosa venha se fixar nas margens do Amazonas, em que embarcações a vapor venham circular dos seus portos aos do Mississipi e em que todas as nações do globo venham buscar a sua parcela nos ricos produtos desta bacia”.*²⁷⁷

A floresta impenetrável e o vazio demográfico são os temas clássicos e recorrentes apontados pela autora-viajante como sendo os maiores obstáculos para se promover o progresso e a civilização do norte brasileiro, isto é, conforme os moldes da política econômica liberal em que a política nortista do EUA estava baseada – na indústria e no trabalho livre, demonstrando que o seu ideal de progresso derivava do processo de instauração de veículos de comunicação mais rápidos e eficientes, que, a um só golpe, promoveria o povoamento das regiões desabitadas por gente mais *vibrante e laboriosa* e o efetivo controle das regiões incultas, a dominação da natureza primitiva pela via da agricultura e pela exploração de matérias-primas – cuja produção em larga escala deveria buscar suprir as demandas dos mercados consumidores mundiais. Por outro lado, suas impressões evidenciam também que os viajantes navegam “*numa certa zona de transição entre o mundo novo que se iniciava e outro antigo que acabava*”.²⁷⁸ E como vimos, os Agassiz viajaram num momento em que seu país estava dividido entre duas forças antagônicas, conforme Freitas: “*Aquela guerra explicitava a crise entre o modelo econômico do sul do Estados Unidos, baseado na escravidão, e outro modelo baseado na industrialização e no trabalho livre, em voga no norte, especialmente na*

277 Ibidem, pp. 196-197.

278 FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de D. Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 69.

Nova Inglaterra”.²⁷⁹ Uma visão localizada numa zona de transitoriedade de um estado de coisas (arcaico) para outro estado de coisas (moderno) que encontra paralelo em suas observações sobre a natureza e as gentes brasileiras. Para falar mais uma vez com Freitas: *“Da mesma forma que o modo de produção das sociedades americana e brasileira estava mudando (mais lentamente no Brasil) as concepções sobre a natureza também estavam em processo de mudança”*.²⁸⁰

Deste modo, no período em que Agassiz ingressou na região, viu por entre os rios amazônicos barcos a vela, canoas e linhas a vapor a coexistirem. Mas, além de ter contado com o recurso do vapor, a expedição *Tayer* foi favorecida por outros meios. Ela contou com a colaboração de diversos agentes de diferentes formações e origens, sejam eles agentes do governo estadunidense, seja a própria elite imperial brasileira que apoiou ativamente a viagem de cunho científico, facilitando-lhe os meios burocráticos e materiais disponíveis do Império – desde embarcações e hospedagem ao livre trânsito pelas províncias do império, com a concessão de cartas de apresentação aos senhores da província e a dispensa alfandegária – a expedição. No caso de Bates e Wallace não havia o comprometimento oficial, político-diplomático, observado na expedição *Tayer*. Suas trajetórias foram marcadas por enormes e às vezes intransponíveis dificuldades de trânsito, tanto no que se refere ao processo de arregimentar homens – caçadores, remeiros, guias – embarcações, suprimentos e informações, quanto a transtornos burocráticos, alfandegários, juntando-se a estes empecilhos, a desconfiança freqüente das autoridades e brasileiros. Quanto a isto, vejamos a seguinte passagem:

“Outro índio desertou na hora em que devíamos partir, e, como estávamos confiantes em que mais adiante, durante a viagem, poderíamos arranjar uns dois ou três, iniciamos logo nossa jornada. Em tão pequena embarcação, indo rio acima na mesma província, não nos foi permitido deixar Belém sem os necessários passaportes e pagamentos de direitos alfandegários. Isso foi tão demorado, quanto dificultoso de realizar, como se fôssemos embarcar em um navio de 200 toneladas, que estivesse de partida para o estrangeiro. As fórmulas a preencher, as rubricas e contra-rubricas em diferentes repartições, os selos, e outras providencias, que devem ser observadas, para um estrangeiro levar a cabo, é muito complicado e difícil, se não quase impossível, tão numerosas e tão demoradas são as formalidades...Se o Sr. Leavens não se houvesse

279 Ibidem, p. 69.

280 Ibidem, p. 70.

encarregado desses arranjos, provavelmente havíamos de desistir, em vista de tantos obstáculos, de nossa projetada viagem”.²⁸¹

Com efeito, a *Tayer Expedition*, cuja trajetória mobilizou homens de meios sociais díspares e recursos de diferentes naturezas, conciliou interesses institucionais e de carreira; enquanto a viagem de Wallace, de proporções mais modestas, revela uma experiência individual, solitária e aventureira. Assim sendo, observar diferenças tais como: rotas de viagem, os tipos de embarcações, agentes facilitadores ou não da viagem, o instrumental científico que os acompanhava, tudo isso merece ser destacado para que possamos compreender os cotidianos das viagens e os parâmetros que guiavam seus olhares para arquitetar apreciações sobre o mundo natural amazônico.

2.4 – Viagens Interiores pela Amazônia

Ainda que a expedição de Agassiz tivesse como foco principal o vale do Amazonas, ela aportou primeiramente no Rio de Janeiro, onde fora recebida pelo Imperador D. Pedro II, e aí permaneceu durante três meses. O tempo de espera dos Agassiz e dos demais membros do grupo fora empregado em passeios públicos de reconhecimento da natureza e em preparativos para a principal fase da expedição à região Amazônica. Neste tempo de preparação, sempre contando com a hospitaleira deferência da elite imperial, vemos o casal Agassiz em passeios pelas grandes fazendas de café, pelo Jardim Botânico e Corcovado ou em companhia do Imperador D. Pedro II, inspecionando as obras da Estrada de Ferro, cuja auspiciosa instalação prometia elevar o país ao mesmo nível de progresso ocorrido nos EUA; entre outras atividades de visitação públicas a instituições como o Hospital para loucos e o Colégio Pedro II.

Neste ínterim, pode-se ainda observar o papel da cronista Elizabeth Agassiz, em cuja narrativa resguarda a posição de Louis Agassiz na expedição mediante os seus comandados; ao mesmo tempo relaciona uma série de dificuldades da viagem que aqueles “*moços e vigorosos homens*” iriam realizar sozinhos. Segundo a autora, sabendo-se que a excursão seria difícil e perigosa, Agassiz (sempre referindo a Agassiz como o dirigente da expedição, demonstrando um tom de distanciamento, impessoalidade a sua narrativa) trabalhou exaustivamente tentando “*prevenir tudo o*

281 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro...* pp. 88-89.

que possa suceder”²⁸² empenhando-se em recolher informações seguras sobre a natureza do percurso “*solicita cartas de recomendação para as pessoas mais influentes de cada etapa*”.²⁸³ Segundo a autora, qualquer viajante que pretenda adentrar para o interior do Brasil precisa precaver-se antecipadamente, pois a ausência de vias ordinárias de comunicação internas exigem uma temporada de preparação para o viajante que precisa estar munido “*previamente de animais de condução, guias, camaradas e escoltas (pois uma escola armada pode-se fazer necessária), os preparativos de uma viagem ao interior exigem grande precaução*”.²⁸⁴ Outra ressalva de Elizabeth Agassiz é quanto ao volume de informações sobre as regiões interiores do país que se encontravam bastante esparsas, o que julga ser uma evidência clara do pouco conhecimento dos brasileiros em relação ao seu próprio país. Segundo ela, embora os brasileiros se esforcem bastante para facilitar o plano de exploração, era “*preciso reunir todas as noções esparsas e colher informes numa infinidade de fontes, para depois combiná-los todos e organizar em seguida um plano*”.²⁸⁵ Para a autora-viajante, embora os assistentes seguissem um plano bem delineado de cada etapa de seu itinerário, era impossível prever de antemão dificuldades ou remediá-las. Em consequência disso “*muitas coisas deverão ser deixadas ao arbítrio pessoal e dependeram das circunstâncias de cada um*”.²⁸⁶

Das disposições tomadas para a viagem pelo interior do Brasil, a primeira foi dividir a expedição em duas partes separadas. Uma deveria explorar o curso superior do rio São Francisco e, ao atingir esse rio, um ou dois assistentes deveriam atravessar a região até o Tocantins, daí descer o seu curso chegando ao Amazonas; a outra equipe deveria sair da mesma bacia em direção ao vale do Piauí até alcançar o litoral. Assim, Agassiz traçou o seguinte plano de exploração do interior do Brasil até o Amazonas:

*“Uma primeira turma explorará os cursos superiores dos rios Doce, das Velhas e **São Francisco**, assim como a parte inferior do **Tocantins** e seus tributários, numa segunda área tão extensa quanto possível. Fará coleções de fósseis em determinados locais compreendidos o seu itinerário. Uma segunda turma, que partirá quase ao mesmo tempo, percorrerá o curso inferior dos rios Doce e São Francisco. Agassiz espera com isso conseguir um estudo pelo menos parcial desses grandes sistemas hidrográficos, enquanto ele próprio visitará o **Amazonas** e seus tributários”*.²⁸⁷ [grifos nossos]

282 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil...* p. 110.

283 Ibidem, pp. 110-111.

284 Ibidem, p. 111.

285 Ibidem, p. 111.

286 Ibidem, p. 111.

287 Ibidem, p. 112.

São Francisco, Tocantins e Amazonas são os pontos de convergência de Agassiz e de sua equipe por 19 meses de visita ao Brasil. Sobre as personagens que foram nomeados por Agassiz para seguir diferentes rumos, podemos resgatar as seguintes trajetórias: o geólogo Charles Frederick Hartt seguiu do “*Rio à Bahia, procurando estudar a geologia de toda essa extensão do litoral. Nesse percurso ele segue até o Arquipélago de Abrolhos, e entra também pelo continente para seguir o curso inferior do Rio Doce e para investigar o Rio Jequitinhonha. Chega até Minas Novas, na província de Minas Gerais, entrando na Bahia pelo Salto da Divisa*”.²⁸⁸ O taxidermista George Sceva seguiu até as grutas de Lagoa Santa e Ribeirão da Mata. O voluntário assistente Thomas Ward adotou uma trajetória mais longa e aventureira: em Minas separou-se do grupo formado por Saint Jonh e Sceva em Barbacena; atravessou Ouro Preto e Santa Bárbara até chegar ao Rio Doce; daí partiu para a bacia do rio Jequitinhonha. Ao chegar em Diamantina, “*tomou rumo noroeste, atravessou o Rio São Francisco em Januária; daí atravessou todo o Planalto Central e alcançou o Rio Tocantins, por onde desceu até Belém do Pará, de onde embarcou direto para os Estados Unidos*”.²⁸⁹

O grupo principal liderado por Agassiz saiu do Rio de Janeiro em 25 de julho, atravessando o nordeste brasileiro até chegar a Belém do Pará. Antes de partir em direção à Amazônia, a comitiva fora ainda acrescida de dois novos personagens: D. Bourget – naturalista francês que vivia no Rio de Janeiro - e Major João Martins da Silva Coutinho – engenheiro do exército, geólogo e naturalista com experiência de exploração do Purus, fora convocado pelo imperador para servir de guia da expedição.²⁹⁰ Os demais componentes do grupo especializado eram: o desenhista Burkhardt, e os estudantes Hunnewell e William James.

No dia 25 de julho despediram-se da capital do Império a bordo do navio a vapor *Cruzeiro do Sul*, que pertencia à esquadra militar brasileira. Seguindo o plano de viagem, quando a comitiva chegasse à Bahia reunir-se-ia com os assistentes “*Dexter e Thayer, dois membros do nosso primitivo grupo, que subiram a costa antes de nós e se ocuparam, durante duas ou três semanas, em formar coleções na Bahia e suas*

288 FREITAS, Marcus Vinícius. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no império de D. Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 75.

289 Ibidem, p. 75.

290 Sobre a importante contribuição do Major Coutinho à expedição ver também os trabalhos de Marcus Vinícius de Freitas Ibidem, p. 73 e Maria Helena P. T. Machado, op. cit, p. 135.

vizinhanças”.²⁹¹ O navio *Cruzeiro do Sul* tinha sido concedido pelo Imperador e foi usado como transporte de tropas para o Sul na Guerra do Paraguai. A bordo dele, Elizabeth relata as condições precárias de suas instalações, estando “*abarrotado de passageiros que se destina[va]m às províncias do Norte*”²⁹², mas, segundo ela, as autoridades tinham lhes prometido melhores instalações “*dentro de alguns dia, pois grande número de passageiros deve desembarcar em Bahia e Pernambuco*”.²⁹³ Mesmo nestas precárias condições, a expedição seguiu a rota planejada no *Cruzeiro do Sul* durante 14 dias de viagem. Chegaram à Bahia no dia 28 de julho, daí passaram rapidamente pelas Províncias de Alagoas, Pernambuco, Paraíba do Norte, Ceará e Maranhão, alcançando-se a Província do Pará no dia 11 de agosto. Foi aí que o último membro da equipe, o brasileiro Talismã Figueiredo de Vasconcelos – oficial da Companhia de Navegação a Vapor da Amazônia – se agrupou à expedição. No Pará, embora contassem com a solícita ajuda do Presidente Couto de Magalhães, Pimenta Bueno, diretor da companhia brasileira dos navios a vapor que iam do Pará a Tabatinga, foi destacado como uma das personalidades que mais ajudou a expedição durante o percurso à região amazônica. Desde o primeiro contato com Agassiz, Pimenta Bueno colocou-lhe à disposição, além de sua residência, “*grandes salas de maneira a constituir um admirável laboratório*”²⁹⁴ e exemplares que se viram aflorar de “*todos os cantos*”; mas nenhum desses expedientes fora tão importante para expedição quanto a generosa oferta de prover a equipe com novas instalações no trajeto até Manaus em “*um navio, por um mês, entre Pará e Manaus. Só levará a nós como passageiros, e vai provido de tudo o que possa ser necessário durante esse período de tempo: alimentos, criadagem, etc*”.²⁹⁵

Tanta liberalidade externada por Pimenta Bueno não representava apenas um amor pessoal às causas da ciência. Por ser o principal assessor na região amazônica do presidente da Companhia de Navegação a Vapor da Amazônia, o Barão de Mauá, sua atitude estava de acordo com as determinações de interesses políticos superiores. De acordo com o historiador Almir Chaiban El-Kareh, a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, sob a presidência de Mauá, fora criada na década em 1852²⁹⁶,

291 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth . *Viagem ao Brasil...* p. 141.

292 Ibidem, p. 141.

293 Ibidem, p. 141.

294 Ibidem, p. 157.

295 Ibidem, p. 158.

296 Conforme El-Kareh, em 1853, ela começaria a operar com duas rotas de viagem: uma saindo de Belém chegaria até a capital da Província do Amazonas, Barra do Rio Negro; a outra viajaria de Manaus

para coibir a cobiça estrangeira, sobretudo a norte-americana, em relação à região amazônica. Mas na década de 1860, o temor em relação às fronteiras fora apaziguado, sobretudo, em razão das pressões internacionais e do fortalecimento da corrente liberal favorável à abertura do Amazonas às nações amigas, e, ao fim da subvenção do Estado ou limitações dos lucros da companhia.

Como prova a viagem de Agassiz, o clima de desconfiança em relação aos norte-americanos estava chegando ao fim. Neste sentido, devemos pensar o papel de Bueno, neste contexto, como mediador de interesses entre Mauá e a elite local (a qual vira na companhia o fim de seu isolamento espacial e produtivo) e destes com a nova ordem insurgida liberal burguesa. Do mesmo modo, o Presidente da Província, Couto de Magalhães, “*não cansou de prodigalizar Agassiz durante a estada no Amazonas, atenções de toda a sorte*”.²⁹⁷ Por sua vez, o Presidente da Província, José Vieira Couto de Magalhães, além de facilitar os meios da expedição, determinando o itinerário de viagem por onde as primeiras excursões às imediações do Pará deveriam passar, arregimentou homens para guiá-los através dos rios e matas, favoreceu, por último, a Agassiz com uma “*considerável coleção feita sob sua direção*”.²⁹⁸

Em 20 de agosto, já a bordo do confortabilíssimo vapor *Icamiaba*, seguem viagem percorrendo as costas da ilha de Marajó “*no que se chama rio Pará*”, daí percorrendo vários vilarejos no curso do rio Amazonas e seus afluentes Xingu e Tapajós. Em Santarém, na embocadura do Rio Tapajós, os voluntários James e Dexter “*juntamente com um moço brasileiro, Sr. Talisman*”²⁹⁹ foram aí destacados a subir sozinhos o rio e efetuar coleções. Do mesmo modo, se separaram da expedição em Santarém, Bourget e Hunnewel. De Santarém, o restante da equipe continuou subindo o Amazonas em direção a Óbidos e daí a Vila Bela (atual Parintins) onde explorou suas vizinhanças, nos lagos José Açu e Máximo. Neste último vilarejo, os viajantes foram recebidos pelo Dr. Marcos, amigo epistolar de Agassiz, o qual mandara exemplares da fauna amazônica em diversas ocasiões ao Museu de Cambridge. Neste lugar, como em

até Nauta, no Peru. Em 1854, a falta de regularidade das linhas e a alegação da empresa de lucros ínfimos, levou a celebração de um novo contrato de subvenção governamental, criando-se mais duas linhas: de Belém seguindo pelo Tocantins chegaria a vila Baião até Cametá; e de Barra do Rio Negro a Santa Isabel. EL-Kereh, Almir Chaiban. *A Companhia de Navegação do Amazonas e a Defesa da Amazônia Brasileira: “O Imaginado Grande Banquete Comercial”*. Disponível em: http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_74.pdf. Acesso em: 26/05/2008.

297 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ Elizabeth. *Viagem ao Brasil...* p. 155.

298 Ibidem, p. 155.

299 Ibidem, p. 179.

outras paradas obrigatórias para efetivar coleções, pode-se visualizar o cotidiano das excursões. Uma vez mais eles deixaram o conforto de suas instalações do navio a vapor, para seguir por entre lagos da região em pequenas canoas:

*“Eram duas canoas; numa estavam o Sr. Burkhardt, Agassiz e eu; outra era ocupada pelo Major Coutinho, o Dr. Marcos e o Sr. Thayer. A primeira talvez um pouco maior, tinha na popa uma pequenina câmara de seis pés de comprimento por três de altura, coberta de madeira; a segunda tinha apenas um abrigo de folhas de palmeira. A maior recebeu nossa bagagem, a mais reduzida possível e as provisões vivas: um caneiro, um peru, algumas galinhas; colocaram-se nela também um certo número de barris e bocais cheios de álcool para as coleções. O capitão nos proveu não somente do necessário como de todo o luxo possível para uma viagem de uma semana”.*³⁰⁰

Mas além dos expedicionários e de seus suprimentos, fazia parte da cena, mesmo que implicitamente revelados – já que Elizabeth Agassiz os omitiu aqui –, os remadores índios, cuja mão-de-obra era empregada em todos os trabalhos braçais da expedição como caçar, pescar, carregar suprimentos, e, sobretudo, serviam como guias. Deste modo, podemos visualizar o casal Agassiz em canoas abarrotadas de gente, suprimentos e exemplares da fauna, percorrendo igarapés, conduzidos por índios. Mas falta ainda completar a cena com um elemento de dificuldade sentido pela autora nestas viagens interiores: os desconfortos da jornada, entre os quais Elizabeth evidenciou o calor intenso *“que nos acabrunhava e com ele o cansaço”*³⁰¹; e as legiões de mosquitos, que os atacavam, como o evento ocorrido ao *“infatigável senhor Burkhardt”* quando fazia suas aquarelas e *“os mosquitos rondavam em volta dele fazendo ouvir seu estridente zumbindo sem fim e tornando por vezes a sua situação intolerável”*.³⁰²

Chegaram a Manaus em 5 de setembro, e logo contaram com a *“previdência habitual”* do Major Coutinho, que havia mandado *“preparar para nós”* uma residência. Aí permanecendo por *“uma semana de repouso, aguardando o vapor que se destina a Tabatinga”*³⁰³, uma vez que Agassiz *“não se preocupou em colecionar animais na localidade...deixou para a volta do rio Negro.”*³⁰⁴ Aí juntando-se a eles James, Dexter, Talisman, Bourget e Hunnewel que haviam voltado do Tapajós com novas coleções.

300 Ibidem, p. 181.

301 Ibidem, p. 189.

302 Ibidem, p. 191.

303 Ibidem, p. 194.

304 Ibidem, p. 194.

Seguindo o plano da expedição, o novo vapor seguiria em direção aos rios Negro e Madeira, até Tabatinga, e daí faria:

“...um esforço para atingir a parte inferior do Peru, enquanto nossos companheiros explorarão os rios intermediários entre essa cidade e Tefé; sendo assim provavelmente não estaremos de volta a Manaus antes dos fins de outubro, prevendo-se retornar a Manaus por volta do mês de outubro”.³⁰⁵

Em 12 de outubro, a expedição de Agassiz saía de Manaus com destino certo a Tabatinga, sendo o primeiro porto de parada o povoado de *Barreira de Cudajás*; seguindo-se para *Cuari* e depois para Tefé (ou Ega). Nesta etapa da viagem, Agassiz, devido ao curto tempo de que dispunha para estudar tantas coleções, resolveu renunciar ao seu ambicioso plano de subir até o Peru, onde pretendia encontrar vestígios de geleiras. Mas contou com um achado decisivo que deu novos rumos à expedição. Em carta ao Imperador D. Pedro II relatou qual seria ele:

*“Ao chegar esta manhã aqui, tive a mais agradável e inesperada das surpresas. O primeiro peixe que me trouxeram foi o **Acará**, que Vossa Majestade houve por bem permitir que lhe dedicasse, e, por sua sorte inaudita, era época da postura e **tinha ele a boca cheia de filhotes vivos, em via de desenvolvimento. Eis, pois, plenamente confirmado, o fato mais incrível da embriologia, e só me resta estudar com vagar e minúcia todas as mudanças que sofrem esses filhotes...**As minhas previsões sobre a distribuição dos peixes se confirmam: o rio é habitado por várias faunas ictiológicas muito bem distintas que tem apenas como laço comum um pequeníssimo número de espécies, que se encontram em toda parte. Resta agora precisar os limites de tais regiões ictiológicas e talvez seja levado a consagrar algum tempo a esse estudo, se encontrar meios para tanto. Há presentemente uma questão que se torna muito interessante, é a de saber até que ponto o mesmo fenômeno se reproduz em cada um dos afluentes do rio Amazonas, ou, em outras palavras, se os peixes das regiões superiores dos rios Madeira, Negro, etc., são os mesmos do curso inferior desses rios. Quanto à diversidade mesma dos peixes de toda a bacia as minhas previsões foram totalmente ultrapassadas. Antes de chegar a Manaus, há havia eu recolhido para mais de trezentas espécies conhecidas, pelo menos até agora. Perto da metade pôde ser aquarelada do natural pelo Sr. Burkhardt; de sorte que, se consigo publicar todos esses documentos, as informações que poderei proporcionar sobre o assunto excederão de muito tudo o que se tem até agora publicado”*.³⁰⁶ [grifos nossos]

305 Ibidem, p. 196.

306 Ibidem, p. 205.

Sendo assim, Agassiz, visando encontrar novas e definitivas provas da fixidez e limitações geográficas da espécie, propõe um novo esquema de exploração para sua equipe: *“Agassiz, o Sr. Burkhardt e dois ou três auxiliares voltará a Tefé; o Sr. Bourguet ficará em Tabatinga com o nosso pescador índio para colher exemplares; finalmente, os Srs. James e Talisman se dirigirão para o rio Iça ou Putamaio e em seguida ao Jutai, com o mesmo objetivo”*.³⁰⁷ A mudança de planos evidencia mais uma vez que o principal objetivo da viagem de Agassiz era encontrar provas definitivas que desbancassem o evolucionismo, renovando, por estes meios, o seu prestígio diante da comunidade científica cujas expectativas aguardavam uma resposta do mais famoso naturalista da época em relação aos escritos de Darwin.

De volta a Manaus, em 24 de outubro, Agassiz dá continuidade ao plano que organizou para determinar os limites da distribuição das espécies. Assim, enquanto ele e alguns de seus auxiliares colecionam nas vizinhanças de Manaus, ele manda parte da equipe em excursões parciais para três lugares diferentes no prazo de seis semanas: Tayer e Bourget para o lago de Codajás; James com um guia índio para Manacapuru; Talisman e Dexter para os rios Negro e Branco. Mas os dois meses de permanência em Manaus renderam-lhe ainda novas descobertas, não apenas no campo da fauna e da geologia, mas, sobretudo, em relação aos seus estudos comparativos sobre as raças humanas e o espetáculo da mestiçagem que aí se oferece. Elizabeth ressalta este acontecimento na seguinte passagem: *“É uma demora que Agassiz não lastima; ela lhe permitirá prosseguir os seus estudos comparativos sobre raças, que as circunstâncias favorecem de maneira inesperada”*.³⁰⁸ Agassiz expõe suas conclusões usando os seguintes termos:

“Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que qualquer um outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu. Numa época em que o novo estatuto social do negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados

307 Ibidem, p. 204.

308 Ibidem, p. 272

*Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida! Concedamos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhe todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossas relações com os negros, mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo original e a pureza do nosso”.*³⁰⁹

Como podemos evidenciar, Agassiz classificava as diferentes fisionomias que encontrava do mesmo modo com que descrevia novas espécies da fauna e da flora. Portanto, o olhar classificatório do naturalista é lançado para o campo humano onde através de seus estudos comparativos, ele segregava a humanidade. Diferenciando a cor de cada tez, das formas cranianas e das dimensões corporais, justificava a escala de superioridade e inferioridade biológica de cada raça. E neste volume de estudos comparativos, considerou a mistura de raças, as formas *híbridas*, o fenômeno da mestiçagem, um processo de degeneração biológica, por apagar os caracteres inatos, aspectos que eram tão preciosos aos criacionistas que pensavam por meio da imutabilidade das formas.

Com a volta dos auxiliares a Manaus, Agassiz prepara um novo plano de viagem, segundo o qual: “*descendo o rio, deixar uma turma em Serpa, outra em Óbidos, uma terceira em Santarém, enquanto ele seguirá para o rio Maués que une o Amazonas ao Madeira*”.³¹⁰ Pretendia com isso refazer coleções nos mesmos lugares em que outrora estivera para provar que as faunas distintas das localidades não resultavam de migrações. Destarte, a bordo do vapor *Ibicuí*, concedido pelo governo imperial especialmente para que a excursão cumprisse todo o trajeto do rio Amazonas, no dia 12 de dezembro, partiu de Manaus com destino a Maués. A tripulação contava ainda com o ilustre Presidente da Província do Amazonas, Epaminondas – que visitava pela primeira vez a região – o tenente coronel da guarda nacional, o Sr. Michelis, Major Coutinho e o Sr. Burkhardt. De acordo com Elizabeth, o povoado de Maués foi escolhido em razão de estar localizado na margem meridional do Amazonas, já que sua sede está tanto próxima a Manaus quanto a Serpa (atual Itacoatiara), constituindo-se em importante ponto de observação da distribuição geográfica de espécies na rede fluvial que liga o rio Madeira ao Amazonas. Após excursionarem pela região do Madeira, retornaram pela última vez a Manaus, onde, mais uma vez, foram homenageados pelas autoridades locais, passearam pelos arredores da cidade e completaram suas coleções. Suas últimas

309 Ibidem, p. 282.

310 Ibidem, p. 284.

incursões ao Negro renderam-lhes ainda uma última descoberta em Vila de Pedreira, onde encontraram mais indícios de *drift*³¹¹ (espécie de argila vermelha), segundo o que acreditava ser fonte de comprovação de um período de glaciação na Amazônia. Mas faltava cumprir a última etapa do plano e retornar ao baixo Amazonas para refazer coleções em Óbidos, Santarém, Monte Alegre, Porto-Moz, Gurupá e Belém. Com este objetivo, despediram-se da paisagem da capital da Província do Amazonas, após 3 meses de permanência, e, tomaram novamente passagem no *Ibicuí*, para descer o rio Amazonas com destino ao Pará, com o firme propósito de encontrar a confirmação da limitação das espécies em áreas específicas, já que sua hipótese considerava:

“Se a experiência se confirma que no Pará e nas localidades intermediárias após um intervalo de seis meses, as espécies são absolutamente as mesmas que as encontradas quando subimos o rio, teremos um fortíssimo argumento contra o preconceito das migrações longínquas dos peixes amazônicos. A notável limitação das espécies em áreas definidas não exclui, entretanto, a presença simultânea de certas espécies em toda a bacia do Amazonas; desde o Peru até o Pará, por exemplo, encontra-se o pirarucu espalhados por todos os pontos”.³¹²

O *Ibicuí* aportou na cidade de Belém no dia 14 de fevereiro de 1866. Em todo o trajeto Agassiz e seus comandados efetuaram coleções as quais iam sendo comparadas com as antigas. Foi através dessa dupla coleção que Agassiz finalmente encontrou a confirmação de sua hipótese da fixidez das espécies: as faunas existentes no curso superior e inferior do rio Amazonas se distinguiam inteiramente uma da outra. Do mesmo modo, ficou convencido de que havia resquícios na Amazônia de antigas geleiras, cujos vestígios foram encontrados desde o Rio de Janeiro. Convencido da grandeza de seu trabalho, já que seus olhos selecionaram somente aquilo que não contrariasse suas expectativas, Agassiz acreditava firmemente ter reunido elementos importantes para desbancar a tese evolucionista. Mas, como se sabe, seu cálculo não pudera ser mais errôneo. A única evidencia daí resultante é o fato que suas certezas advinham de suas motivações ideológicas e de carreira.³¹³ Para usarmos as palavras de Karen Lisboa sobre a trajetória de Martius no Brasil, ele não “*conseguiu desfazer-se*

311 De acordo com Marcus Freitas “a palavra *drift* define as camadas geológicas encontradas na superfície de uma determinada região, mas não apresentam relação com a rocha subjacente. Essa ausência de relação entre a superfície e as rochas subjacentes significa que o material exposto não se originaria de decomposição das rochas próprias do local. Ou seja, trata-se de um material transportado daí a palavra *drift*” Cf. FREITAS, Marcus V. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de D. Pedro II...* p. 74.

312 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil...* p. 330.

313 Idéia também salientada por FREITAS, op. cit., p. 75.

de si mesmo para observar o outro".³¹⁴ Mais que isso, ele não estava preparado para abdicar de seu *status* superior, cuja imagem o homem criou para si mesmo. Ele representava, sobretudo, as forças da tradição que impunha todas as energias para contradizer forças revolucionárias³¹⁵ de pensamento e ação. Como anteriormente expressamos, seu olhar ambíguo representava também um período de transição iniciado pela revolução científica. O que Agassiz buscava, na realidade, era a convenção dos fatos e não a verdade. Sendo assim, a convenção o afastou da realidade de tal modo que o tornara cego. Para ele o mundo era pensado a partir de uma linguagem dissociativa, ou seja, ao classificar por meios de estudos comparativos ele identificava o mundo natural através das diferenças. Portanto, em vez de unir, de observar a totalidade, ele segregava as coisas.³¹⁶ Todavia, é possível encontrar-se outra atitude em relação ao mundo natural em Wallace? Para responder a esta indagação é preciso que o acompanhem em seu itinerário de viagem.

Alfred Russel Wallace e seu companheiro de viagem Henry Walter Bates eram dois jovens desconhecidos colecionadores de insetos e pássaros quando chegaram à Amazônia. Por essa razão, ao desembarcarem no Pará, não foram recebidos com a mesma pompa e circunstância da expedição *Tayer*. Também não possuíam um plano de viagem tão bem definido como observamos nas incursões de Agassiz. Com propósitos mais simples, mas não menos ambiciosos, eles desejavam conhecer a natureza da América do sul e escolheram a Amazônia para tal fim. Os princípios que guiavam seus olhares advinham da crença na variação das espécies, mas este não foi o único fator que conduziu sua expedição, uma vez que, acompanhando as atitudes de outros jovens de seu tempo, eram fascinados por viagens pelas paragens americanas e pelos detalhes microscópicos do funcionamento dos organismos vivos. Por outro lado, suas atenções eram voltadas para espécies raras e desconhecidas do mercado de colecionadores europeus, pois dependiam do lucro dessas vendas para sobreviver.

Deste modo, em abril de 1848 o pacote a vela, que levava Wallace e seu companheiro de viagem Bates, chegou primeiramente ao Pará, único porto de entrada para Amazônia. Os dois viajantes, ao desembarcarem no porto de Belém, seguiram em direção à casa do consignatário do navio, um inglês de nome Müller *“por quem fomos*

314 LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius...* p. 208.

315 Cf. Hobsbawn. Eric. *A Era do Capital...*loc. cit.

316 Questão apresentada também por Janice Theodoro em artigo sobre Hercules Florence. Cf. THEODORO, Janice. *Visões e Descrições da América: Alvar Nunes Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX)*. Revista USP. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago. 1996. p. 83.

bondosamente recebidos e que imediatamente nos convidou para hóspedes de sua casa, até que pudéssemos instalar-nos em casa própria, como julgávamos mesmo mais conveniente".³¹⁷ Os primeiros dias de permanência foram empregados em pequenos passeios de reconhecimento pelos arredores da cidade, onde obtiveram os primeiros contatos com a vegetação e os costumes do povo. À medida que se moviam pelos arredores da cidade, seus olhares viam gente de toda a tonalidade de pele a se misturar harmoniosamente ao cenário tropical, o que aumentava seus anseios em estudar as riquezas da região. Contando mais uma vez com a ajudada do Sr. Müller, estabeleceram residência própria em arraial de Nazaré, de onde saíram para efetuar suas primeiras incursões naturalistas, após tomarem posse das informações necessárias sobre o caminho que deveriam seguir.

No tempo de permanência de ambos no Pará, de 15 de junho à 26 de agosto, podemos observar esse cotidiano das excursões pelas matas por meio das seguintes passagens do relato de Bates:

"Nossas pesquisas eram feitas em várias direções ao longo desses caminhos, e diariamente nos forneciam uma série de espécies novas e interessantes. A coleta e o preparo dos espécies, bem como as anotações que fazíamos, mantinham-nos bastante ocupados...Costumávamos levantar-nos logo que o dia clareava, quando então Isidoro, depois de nos preparar uma xícara de café, ia até a cidade para comprar as provisões diárias...Quando vínhamos de volta para casa, cansados de nossas andanças, encontrávamos os nossos vizinhos, mulatos e índios, adormecidos nas redes em suas choças de palha, ou então sentados em suas esteiras, na sombra, sem ânimo até para conversar...Geralmente ocupávamos nossas noites organizando as nossas coleções e tomando apontamento. Jantávamos às quatro da tarde e tomávamos chá por volta das sete da noite. Às vezes 'dávamos um passeio pela cidade, para apreciar a vida brasileira ou desfrutar da companhia de outros europeus ou americanos".³¹⁸

No entanto, foi através das informações colhidas por meio de suas relações de sociabilidade estabelecidas em Belém – entre estrangeiros (americanos e ingleses) portugueses, mestiços ou brasileiros – que podiam planejar e levar a adiante suas excursões, sendo os ingleses e americanos ali residentes seus principais informantes sobre a região nessa primeira etapa. Um dos contatos promissores nesse sentido foi estabelecido após duas demoradas excursões à serraria e usina de propriedade de um

317 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 37.

318 BATES, Henry. *Um Naturalista no Rio Amazonas...* pp. 32-34.

americano por nome Upton. Foi nesse ponto que conheceram o superintendente da fábrica, um canadense chamado Leavens, que, por sua vez, *“nos mostrou tudo o que havia de interessante para ser visto e nos levou aos lugares, nos arredores, onde os pássaros e os insetos eram mais numerosos”*.³¹⁹ Após excursionarem por terra e por água efetuando novas coleções, surgiu a oportunidade de empreender uma excursão pelo Tocantins em companhia do Sr. Leavens, mediante notícias por ele recebidas da abundância de cedro nas proximidades do rio Tocantins. Longe de colocar objetivos de conquista e de exploração da riqueza da terra, Wallace justifica a expedição nos seguintes termos: *“Durante séculos, o madeireiro, com seu machado, tem sido o pioneiro da civilização nos sombrios recessos das florestas do Canadá, enquanto os tesouros desse grande e fértil país estão ainda intactos”*.³²⁰ Em vista disso, à medida que Wallace avança para o interior da região, faz sempre referência à vinculação da exploração dos recursos naturais para comércio e indústria em larga escala como forma de levar o progresso e a civilização para esses *sombrios recessos das florestas*.

Em 26 de agosto, após preparativos, que consistiam em conseguir homens, embarcação, provisões, visto e pagamentos de taxas alfandegárias deixaram Belém em direção ao Tocantins, onde esperavam passar 3 meses de viagem. Do equipamento e provisões que levavam para viagem, Wallace relata:

*“...uma canoa de tábuas toscamente aparelhada...tendo uma tolda, ou coberta, feita de folha de palmeiras, que formava uma cabine na proa, e na parte dianteira tendo uma outra igual, porém mais baixa, sob a qual foram guardadas e acomodadas as nossas provisões e bagagens. A canoa era provida de dois mastros com velas, um na proa e outro na popa, e tinha um comprimento de 24 pés por 8 largura. Além das nossas espingardas, munições e caixas para guardar as coleções que fizéssemos, levávamos provisões para três meses, consistindo de farinha de mandioca, peixe, cachaça para nossos homens, chá, café, biscoitos, açúcar, arroz, carne salga e queijo, para o nosso gasto...Isso tudo, com roupas, os utensílios de cozinha e um saco de moedas de cobre, única moeda corrente no interior.”*³²¹

Do mesmo modo, a tripulação foi composta por:

“o velho[negro] Isidoro, como cozinheiro; Alexandre, um índio dos engenhos, que era apelidado de ‘Capitão’; Domingos, que já havia viajado rio acima e o conhecia bem, e

319 WALLACE, op. cit., p. 38.

320 Ibidem, p. 83.

321 Ibidem, p. 88.

*que, por isso mesmo, devia ser o nosso piloto; e Antonio, o menino anteriormente citado”.*³²²

A expedição alcançou o braço principal do rio Tocantins no dia 30 agosto, seguindo-se em direção à cidade de Cametá, principal cidade ribeirinha do trajeto. Mas toda a trajetória de viagem ao Tocantins foi marcada pelo dilema de arregimentar homens para suas excursões. Ao seguir viagem ao Tocantins, Wallace e seu companheiro de viagem esperavam somente enfrentar os obstáculos naturais que poderiam obstruir seus caminhos. Não esperavam, entretanto, se confrontar com focos de resistência ao trabalho. Assim, constitui-se no principal ponto de entrave para seguir viagem a dificuldade em contratar homens para a tripulação de sua embarcação, sendo inúmeras as deserções e negativas que enfrentaram ao longo do percurso. A passagem à aldeia de Patos sintetiza bem todas as dificuldades por eles vivenciadas neste sentido. Ao chegarem à localidade, a maioria dos homens que desde Belém haviam formado a tripulação (remadores e piloto) da viagem haviam fugido. Deste modo, esperavam compensar suas perdas de homens na localidade, mas, conforme a seguinte passagem, suas esperanças foram em vão:

*“O Sr. Leavens verificou que ali não se encontravam os cedros senão a uma milha de distancia da praia e, por isso, decidimos continuar a viagem no dia seguinte, tendo dois homens de Patos prometido acompanhar-nos até as cachoeiras. Na manhã seguinte, entretanto, esperamo-los, tendo-nos eles então respondido que não poderiam acompanhar-nos. Assim, depois de termos aguardado um dia, fomos a finas de contas obrigados a ir sem eles, esperando contudo, com os nossos próprios recursos, alcançar as cachoeiras, e dali, em seguida, regressar. A questão do cedro, desde ali, ficou completamente de lado, pois, se não podíamos arranjar homens para trabalhar na canoa, muito menos para cortar e tirar a madeira. Até agora, já havíamos perdido nove ou dez dias, à espera de homens, e somente uma vez conseguimos fazer com que eles nos acompanhassem. Esta é uma das grandes dificuldades com que os viajantes sempre lutam aqui.”*³²³

Além das deserções, que provocaram atrasos³²⁴ de nove a dez dias para subir o Tocantins, eles enfrentaram alguns obstáculos naturais que dificultavam a navegação. Descobriram, assim, que para navegar os rios da região banhada pelo Amazonas era

322 Ibidem, p. 88.

323 Ibidem, pp. 104-105

324 Alcançaram o ponto mais extremo da expedição, Arroios, cujas proximidades estão localizadas as corredeiras de Guaribas, em duas semanas, contando daí mais três semanas de volta na descida do rio até o Pará.

preciso antes de tudo conhecer o regime de suas águas e os obstáculos do relevo. Neste sentido, ao escolherem o segundo semestre do ano para navegar – que corresponde de junho a dezembro em que há o menor nível das águas – pelo Tocantins, houvera a necessidade de abandonar a escuna em que navegavam, pois, com a estação seca, os rios ficam impróprios para navegação de embarcações de grande porte, sobretudo, abaixo de Arroios, para onde somente canoas conseguem ultrapassar as corredeiras. Sobre este aspecto do cotidiano da viagem, Wallace descreve a seguinte cena: “*Na nossa volta para Aroiás [ou Arroios como designou Bates] os nossos remeiros, quando descíamos os pequenos rápidos, davam agudo gritos e cantavam de maneira mais desentoada possível parecendo gozar com isso a maior satisfação*”.³²⁵

De volta ao Pará, no dia 30 de setembro de 1848, após cinco semanas de viagem, contabilizaram, no que tange às primeiras realizações de coleta no Pará e Tocantins, um montante de 7000 exemplares de insetos de todas as ordens, e um grande número de raras e novas espécies, especialmente aves e conchas, as quais foram preparadas e remetidas para Londres no dia 23 de outubro de 1848, aos cuidados do agente de vendas o Sr. S. Stevens.³²⁶ Cumprindo-se dessa maneira a primeira etapa de viagens, Bates e Wallace, como havíamos supracitado, elegeram pontos diferentes para suas viagens naturalistas. Wallace, deixando os estudos de insetos inteiramente de lado no período de retorno ao Pará, voltou-se para a coleta e o estudo das aves.³²⁷ Sua próxima incursão seguiria até a ilha de Marajó, enquanto Bates, em dezembro do mesmo ano, daria continuidade aos seus estudos de insetos partindo para o litoral de Canapijó, onde conseguira permissão para ficar hospedado na fazenda de Caripi “*para passar dois ou três meses*”³²⁸, deixando desde aí de excursionar conjuntamente com seu companheiro de viagem.³²⁹

325 WALLACE, op. cit., p.104.

326 Citação de carta remetida ao Sr. Stevens está disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/S003.htm>. Acesso em: 01/06/08.

327 WALLACE, op. cit. p. 127. “*Os insetos eram raramente encontrados ali, talvez devido à secura da estação à ausência de florestas. Em vista disso, desde logo deixei de colecioná-los, para atender exclusivamente aos pássaros, que eram tanto mais abundantes, embora não fossem raros, nem muito notáveis*”.

328 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...* p. 76.

329 Na verdade, a principal fase da viagem de Wallace, na subida ao rio Negro, o britânico teve como principal companheiro – de cultura branca – em grande parte de sua excursão, o negociante português João Antonio de Lima. Mas, foi ainda durante sua trajetória de viagem que pôde conhecer e trocar idéias com o naturalista, e, também, britânico, Richard Spruce, que percorreu a região entre 1849-1864. Graças a esta relação de amizade, estabelecida no interior da Amazônia, que se pôde conhecer grande parte dos estudos deste botânico inglês, pois, após a morte de Spruce, foi Wallace que editou o trabalho de seu amigo “*Notas de um botânico no Amazonas e nos Andes (1908)*”. Ver SEAWARD, M. R. D. *Richard Spruce, botânico e desbravador da América do Sul*. História, Ciências,

Na véspera de seguir para Marajó, “*não havendo... nenhuma canoa de saída para lá, senão daqui a algumas semanas*”³³⁰, esperou por transporte na Olaria do Sr. Borlaz, onde empregou seu tempo livre caçando e estudando os hábitos dos pássaros pequenos. Nessa etapa da narrativa, vemos claramente o tema da adaptação dos animais:

*“Em todos os trabalhos de história natural, encontramos constantemente referências à maravilhosa adaptação dos animais, quanto aos seus alimentos, aos seus hábitos e às localidades onde são encontrados. Só agora é que os naturalistas estão começando a ir além disso, compreendendo que deve haver outro princípio que regule as formas infinitamente variadas da vida animal. Este reparo deve causar, de certo, alguma impressão, pois os numerosos pássaros e insetos de diferentes grupos, que rara ou dificilmente têm uma semelhança qualquer um com o outro, porém que, todavia, se alimentam pela mesma maneira e habitam as mesmas localidades, não poderiam ter tido tão diferentemente constituídos e adornados para aquele propósito somente. Os machos, as andorinhas, os tiranos apanhadores de mosca e os jacamares, nutrem-se das mesmas espécies de alimento, e pela mesma maneira o procuram...”*³³¹

Antes da demanda para a ilha de Mexiana, situada entre a ilha de Marajó e a praia setentrional, havia colhido informações que para lá existia enorme variedade de aves, onças e jacarés. O traslado, ocorrido no dia 3 novembro, durou quatro dias, foi realizado por uma canoa em que usualmente se transportava gado. Continha uma tripulação de jovens homens tapuios, que eram “*ótimos e ativos companheiros de viagem*”.³³² Em Mexiana, foi recebido pelo administrador da fazenda, o alemão Sr. Leonardo, a quem apresentou carta do comerciante português Sr. Calixto. Logo foi levado a uma ampla acomodação onde instalou sua bagagem. Foi nas excursões realizadas nesse lugar, que Wallace declarou-se pela primeira vez encantado “*ante a beleza da vegetação*” e da fauna. O seu encantamento derivava, sobretudo, da grande variação de animais, levando-o a refletir mais uma vez sobre o tema da adaptação das espécies:

“E causa mesmo adaptação esta abundância de vida animal, de todas as espécies, amontoando-se em tão restrito espaço, comparadas à maneira como elas se acham distribuídas e disseminadas na floresta virgem. Isso faz-nos chegar à conclusão de que

Saúde – Manguinhos, vol, VII(2): 377-88, Jul.-out., 2000. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300007&lng=...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300007&lng=...)
Acesso em: 08/03/06.

330 WALLACE, op. cit., p. 123.

331 Ibidem, pp. 123-125.

332 Ibidem, p. 125.

*a luxúria dos trópicos não é tão favorável ao desenvolvimento delas, nem pode, tão pouco, suportar tanta vida animal. Os plainos povoam-se sempre mais densamente do que as florestas, e as zonas temperadas, como já foi observado pelo Sr. Darwin, são, ao que parece, melhor adaptadas do que os trópicos para suportar os grandes animais terrestres”.*³³³

Daí seguiu para ilha de Marajó, estabelecendo-se outra fazenda, em Juncal, e após algumas semanas retornou a Belém, onde engendrou outro plano de viagem pela região. Desta vez o destino escolhido era a ilha de São Domingos, situada entre os rios Guamá e Capim. Como de praxe, havia trazido uma carta de apresentação para seu próximo hospedeiro, desta vez, um negociante brasileiro. Com efeito, o próximo ponto de ancoragem de Wallace no Baixo Amazonas foi Santarém, situada às margens do Tapajós. Sua expedição desde este ponto em diante seguiria subindo o rio Amazonas. Desta forma, ele desembarcou nas vilas e povoações situadas no curso principal do rio-mar, passando pelos povoados de Óbidos, Monte Alegre, Villa Nova, Serpa, alcançando Barra do Rio Negro no dia 31 de dezembro de 1849, quase dois anos depois de chegar ao Brasil.

Seu próximo hospedeiro fora o italiano Henrique Antony, um dos principais negociantes da cidade de Barra, a quem Wallace dirige carta de apresentação. De acordo com Wallace, Antony se comportou de acordo com os códigos vigentes do país de cordial hospitalidade, pondo à sua *“disposição dois cômodos de uma casa nova, de sua propriedade, e ainda a tomar as refeições à sua mesa”*.³³⁴ Na ocasião, Wallace fora informado que era *“o tempo mais próprio para encontrar o gavião de penacho, célebre gritador de plumagem bonita, e que se acha, freqüentemente, nas ilhas do rio Negro, a cerca de três dias de viagem água acima”*.³³⁵ Com o desejo de *“ir até lá”* comunica sua intenção de partir rio acima para obtenção da espécie rara de ave ao Sr. Henrique Antony, que, por sua vez, solicitou junto às autoridades *“que me fossem fornecidos índios necessários para fazer tal viagem”*.³³⁶ Após 3 dias de viagem chegaram à residência do Sr. Balbino em Castanheira. Desta vez, seu próximo hospedeiro seria um índio *“que morava perto.”* Seu novo alojamento é descrito nos seguintes termos: *“A parte da casa, que eu devia ocupar, era um pequeno cômodo de chão muito escorrido, com três portas, duas das quais eram de folhas de palmeira, e servindo de janela a*

333 Ibidem, p. 143.

334 Ibidem, p. 214.

335 Ibidem, p. 217.

336 Ibidem, p. 217.

outra. Não me tendo sido feita nenhuma outra oferta, aceitei desde logo o uso desse apartamento”.³³⁷ Para ele, trabalhava um menino índio “que o Sr. Henrique Antony...emprestou, para acender o fogo, coar café e preparar o jantar, prevendo assim o caso de não ser possível encontrar-se uma pessoa para esses serviços” e um caçador que havia contratado para pegar aves, o qual “perseverantemente, saía todos os dias ao romper da madrugada, e só voltava às nove ou dez horas da noite”.³³⁸ Após um mês de permanência nesse lugar, conseguira obter vinte e cinco exemplares de gavião de penacho! Seguem-se os preparativos para o retorno à Barra.

Após cerca de dois ou três meses de espera em Barra de tempo favorável para uma nova excursão, partiu em demanda ao Solimões “especialmente para ir até a fazenda de criação do Sr. Brandão, sogro de meu bondoso hospedeiro”³³⁹, situada em Manaquiri, onde permaneceu durante 2 meses. De volta à Barra, decidiu prosseguir viagem para o Alto Rio Negro, já que Barra “é uma localidade muito pobre, para o aumento de minhas coleções”.³⁴⁰ No último dia de agosto de 1850, “com boas esperanças e perspectivas de alcançar as remotas e poucos conhecidas regiões”³⁴¹, ele deixara Barra, seguindo o plano de viagem para o Alto Rio Negro. Sobre a embarcação que o conduziria ao seu objetivo ele a descreveu:

*“A nossa canoa era de cerca de 35 pés de comprimento por 7 de largura, tendo eu arranjado uma regular acomodação. Na sua parte de ré, havia um tosco convés, feito de troncos de paineiras, partidos ao meio, e que era coberto por uma tolda, de teto semicircular, de folhas de palmeiras e altura mediana, sob o qual podíamos permanecer sentados ou deitar-nos confortavelmente...Na parte dianteira, ou de avante, da canoa, havia uma tolda semelhante àquela, porém mais baixa, e tendo por cima da mesma outro convés, formado igualmente como o de ré, e sustentado por paus roliços, colocados lateralmente, a prumo, como guardas. Isto se chama jangada, ou balsa, e ali ficam os índios, quando então remando as vogas, que são feitas de enormes pás de remos colocadas nas extremidades de compridas peças de madeira roliça.”*³⁴²

Daí passou pela antiga sede da Província, Barcelos, e por várias aldeias e povoados ao longo do rio Negro, chegando em outubro às cachoeiras do rio Negro, onde “enormes massas de rochedos desnudos, começam obstruir ali, por toda parte, o

337 Ibidem, p. 218.

338 Ibidem, p. 220.

339 Ibidem, p. 227.

340 Ibidem, p. 244.

341 Ibidem, p. 249.

342 Ibidem, pp. 249-250.

leito do rio. As águas correm ondeantes e célebres em torno das pontas de rochedos, que se erguem ali, no canal principal, e precipitam-se rapidamente, formando inúmeros redemoinhos”.³⁴³ Para ultrapassar cada obstáculo natural contou com a experiência nativa de navegação: “com seus esforços [os índios] bem conjugados, nos arrastam e nos levam para cima, vencendo-se assim, galhardamente, o grande obstáculo que se antepunha”.³⁴⁴ Em São Gabriel, estão localizadas as principais cachoeiras e daí para cima os rápidos tornam-se mais numerosos. Após ultrapassar os difíceis rápidos alcançou o “grande e desconhecido rio Uapés”³⁴⁵; daí aportando na pequena aldeia de Nossa-Senhora-da-Guia. Ao receber informações sobre o galo da serra, “principal motivo da... excursão até aqui”³⁴⁶, planejou e executou o plano de subir a serra do Cobati para obter a desejada espécie de ave, efetuando uma verdadeira pilhagem da espécie. Wallace assim comenta o saldo da expedição até a serra:

“Com doze caçadores, durante nove dias na floresta, eu havia conseguido doze galos da serra, dos quais dois atirados por mim próprio. Além dessas aves, consegui também dois bonitos trigônidas, alguns pequenos manakins de topete azul, alguns curiosos pássaros Barbados e uns tordos-formicários”.³⁴⁷

Com efeito, o viajante-naturalista “estava aflito para partir, tão depressa quanto possível, em demanda do rio Negro na Venezuela”³⁴⁸ e seguir para territórios mais remotos. Com estes objetivos, vai além dos limites de fronteira brasileiros, passando pela Serra do Cucuí, situada entre o Brasil e a Venezuela, chegando à aldeia venezuelana de São Carlos no dia 4 de fevereiro de 1851. O entusiasmo e a emoção de Wallace por ter atingido este ponto são evidentes: “Este foi o ponto mais remoto alcançado por Humboldt, vindo de uma direção oposta, e eu, agora, estava entrando e palmilhando o território atingido por aquele ilustre viajante, há cerca de cinquenta anos”.³⁴⁹ Do mesmo modo, atingira o canal do Caciquare “singular curso de água que une o rio Negro ao Orenoco”.³⁵⁰ Assim, como Humboldt, efetuou medições do “ponto de ebulição da água, com um termômetro de precisão, para o propósito de determinar as altitudes acima do nível do mar”.³⁵¹ Foi para confirmar suas dúvidas quanto às

343 Ibidem, p. 262.

344 Ibidem, p. 263.

345 Ibidem, p. 267.

346 Ibidem, p. 276.

347 Ibidem, p. 292.

348 Ibidem, p. 292.

349 Ibidem, p. 300.

350 Ibidem, p. 301.

351 Ibidem, p. 312.

previsões de Humboldt em relação às altitudes acima do nível do mar da aldeia de São Carlos, definida em 812 pés, considerando-as muito exageradas, já que suas parciais medições determinaram uma altitude de aproximadamente 300 pés, seu próximo destino seria o ponto divisor das águas das bacias do Amazonas e Orenoco. Seguindo com este objetivo para a aldeia Javita para onde atingiu o ponto mais remoto que desejava alcançar: “*Havia deixado os limites do vale do poderoso Amazonas e estava agora entrando nas cabeceiras de outros rios, cujas águas vão engrossar outro dos maiores cursos de água do globo – o Orenoco*”.³⁵² Após 40 dias em Javita, no dia 31 de março, ele seguiu com outro plano de viagem, desta vez em direção ao “*inexplorado Uapés*.” Nesse trajeto, além da tripulação de dois índios, Wallace fora acompanhado pelo negociante português João Antônio de Lima, seu principal companheiro de viagem desde Manaus.

Como carga levavam, além de suprimentos e equipamentos habituais, “*anzóis, canivetes, colares, foram logo separados*” pois “*correspondia aos gostos dos adquirentes, com os quais deveriam estreitar relações*”.³⁵³ Como havia aprendido, tais objetos eram necessários para se estabelecer relações de trocas com as populações indígenas do rio Uapés: “*O Sr. L. desejava comprar farinha e salsaparilha; e eu, peixes, insetos, pássaros e toda sorte de arcos e flechas, zarabatanas, cestos e outras curiosidades, feitas pelos indígenas*”.³⁵⁴ Pelo rio Uapés, atravessaram várias e perigosas cachoeiras e corredeiras, graças à disposição dos índios em entrever todos os perigos. Durante os meses de travessia, estabeleceu-se relação de contato com várias aldeias do Uapés, como por exemplo, a aldeia de *Jaurité*, onde permaneceu por aproximadamente um mês entre os índios, aí efetuando várias descrições de cunho etnográfico, como demonstrado por suas observações sobre o ritual do Jurupari. Descendo novamente o Negro, despediram-se de São Jerônimo no dia 25 de abril de 1852, retornando por São Gabriel até chegar em Barra do Rio Negro, no dia 17 de maio do mesmo ano. Assim, sua viagem pela Amazônia havia chegado ao fim ao atingir novamente Belém do Pará, onde comprou passagem no navio de bandeira britânica, o *Helena* (ou *Helen*), para retornar a sua pátria.

Missão cumprida, ele havia atravessado todo Amazonas. Aspirando igualar-se aos feitos de Humboldt, ele chegou até a passagem do Orinoco – cujo canal de ligação

352 Ibidem, p. 319.

353 Ibidem, p. 344.

354 Ibidem, p. 345.

aquele havia descoberto para o rio Negro. Coletou milhares de plantas e centenas de animais, alguns vivos, mas, e a maior parte mortos. Aprendera idiomas e os costumes por meio de gentes de díspares origens. Medira rios, lagos, o relevo. Escalara serras, atravessara cachoeiras, entrara em cavernas, experimentara frutas silvestres, comera da mesma comida dos índios. Enfrentara toda sorte de perigos, doenças, insetos, a floresta úmida. Tudo o que vira com seus próprios olhos, havia medido, colecionado e calculado. Igualmente à trajetória de viagem de Agassiz, suas mensurações revelam um desejo de pôr em ordem “*um mundo que se manifestava desordenadamente*”.³⁵⁵ Embora olhasse para o meio com o distanciamento necessário para depurar os fatos, colocando-os num quadro descritivo da realidade, nota-se uma busca por vivenciar nesse mundo uma experiência extraordinária; sentir um mundo não relacionado consigo mesmo, talvez por que entregar-se à natureza dos trópicos revelasse um desejo de despreendimento, um desejo de abraçar a totalidade do mundo de que ele fazia parte. Uma busca por vivenciar sensações que só seriam satisfeitas diante de uma natureza infinita que apequenava o seu ser: “*Foi com as mais vivas emoções de admiração, num misto de pavor e de respeito, que contemplamos a vastidão das águas deste majestoso e afamadíssimo rio*”.³⁵⁶ Entregar-se à experiência de viagem em toda a sua plenitude, tal atitude não nos foi possível visualizar em Agassiz. Provavelmente por que ao tomar um distanciamento demasiado de tudo o que via, ele não conseguira olhar, mas apenas ver superficialmente os fatos que foram utilizados para ratificar certas ‘verdades’ que caíam em descrédito.

Até esse instante, seguimos o roteiro de viagens transpostos pelos viajantes para situarmos o cotidiano de suas expedições e os fatos que determinaram os pontos de deslocamentos. Na seqüência, tentaremos vislumbrar como o impacto da realidade de uma experiência de viagem por territórios amazônicos incidiu sobre seus olhares.

355 LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius...* p. 88.

356 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 182.

CAPÍTULO III – VIAJANTES ESTRANGEIROS E O MUNDO NATURAL AMAZÔNICO DE MEADOS DO SÉCULO XIX

*... Se eu quisesse falar com Deus,
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar...*
Gilberto Gil

3 – Ler, imaginar, viajar

Fazer o caminho ao encontro do maravilhoso. Essa foi a intenção *a priori* que mobilizou Wallace para a região Amazônica, ver com os próprios olhos “*todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram*”.³⁵⁷ Ler e imaginar formam a base das ações objetivas para a disposição de viajar. Resultado da herança imagética deixada por outros viajantes e cronistas que, ao revelarem sua experiência de viagem por meio de cartas, jornais e/ou livros, estimularam imaginações sobre as riquezas naturais da América meridional. Este legado descritivo e narrativo, uma vez combinado com o legado visual, no formato de quadros, fotografias e ilustrações – frutos do trabalho do crescente número de artistas que se moviam pelos quatro cantos do mundo atrás de material promissor³⁵⁸ – definiu para o imaginário ocidental do Oitocentos os termos pelos quais o Brasil passou a ser representado: espaço-símbolo de uma natureza tropical e exótica. Quadro este sempre presente no primeiro impacto visual do viajante:

³⁵⁷ Ibidem, p. 31.

³⁵⁸ MANTHORME, Katherine. *O Imaginário Brasileiro para o Público Norte Americano do Século XIX*. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago. 1996. p. 60.

*“Daí a pouco, num céu sem nuvens, surgia o sol, e avistamos, então, cercada de densa floresta, a cidade do Pará, com suas bananeiras e palmeiras, que se destacavam magnificamente, oferecendo aos nossos olhares um espetáculo duplamente belo, já pelo tom alegre da paisagem, já pela presença daqueles luxuriantes espécimes dos países tropicais, na sua esplêndida pompa nativa, os quais tantas vezes tivemos ocasião de admirar nas estufas de Kew e de Chatsworth”.*³⁵⁹ [grifos nossos]

A pulsão de viajar liga-se, então, a uma tradição literária deixada pelos cronistas cujas narrativas se constituem em “veículo ideal dos sonhos e mitos”.³⁶⁰ Desde Marco Pólo, Cristovão Colombo, passando por La Condamine que o “relato de viagem é adornado com diversos contos ou narrativas de substrato mítico atraente. Essas “licenças” do texto contribuem para conferir-lhe caráter estético, e os autores em muitos casos, sabem utilizar bem este recurso”.³⁶¹ Do mesmo modo, Humboldt também revelou algumas preocupações enquanto escritor, à medida que declarou que seu objetivo “era reproduzir o prazer que uma mente sensível experimenta a partir da contemplação imediata da natureza... elevado pelo vislumbre (insight) da conexão entre forças ocultas”.³⁶²

A consagração de uma natureza luxuriante, de tons vibrantes e alegres era evidenciada nos temas recorrentes na literatura, na iconografia e pinturas artísticas desde que von Humboldt, e outros viajantes que nele se inspiraram, revelou sua experiência de viagem sobre o continente proibido – a América meridional – sob a forma impressa. Para além de canonizar determinadas imagens sobre a América do Sul – a tríade icônica floresta, montanha e planície – Humboldt estabeleceu através de seus escritos científicos o mito de uma natureza primal, reinventado a América enquanto natureza para o imaginário europeu, talvez “porque aquela foi a maneira pela qual os europeus dos séculos XVI e XVII haviam originalmente inventado para si mesmos, e, em grande parte, pelas mesmas razões”.³⁶³ Ou seja, o mundo mítico primal do homem americano era visualizado como a-histórico e sem cultura. Conseqüentemente, Humboldt, ao extirpar a participação humana da paisagem americana, enfatizou seu caráter “preenche de fantasias sociais”³⁶⁴ projetadas sobre um mundo intocado, livre da ação humana

³⁵⁹ WALLACE, op. cit., p. 36

³⁶⁰ KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 92.

³⁶¹ Ibidem, p. 103.

³⁶² PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* p. 217.

³⁶³ Ibidem, p. 220.

³⁶⁴ Ibidem, p. 219.

transformadora. Uma garantia das ambições euro-imperialistas de domínio e posse. Assim, a excitação inicial de Wallace em relação às novas paisagens, em relação à América meridional, também revelava uma herança deixada pelos primeiros exploradores, já que a busca por riquezas continuava a funcionar como catalisador de expectativas.³⁶⁵ E neste aspecto, a Amazônia no Oitocentos continuava se configurando como um espaço cujas riquezas de recursos naturais permaneciam quase inexploradas, sobretudo por conta da deficiência de comunicação, como mencionamos no capítulo anterior.

Assim, em 1847, Wallace propõe insolentemente a Bates que transferisse seus esforços de coleta para o continente proibido da América do Sul e lá ganhasse seu próprio sustento com a coleta de objetos de história natural. A idéia de partir para a região ao Norte do Brasil, Pará e Amazonas, surgiu após Wallace ter lido o livro do americano William H. Edwards – *A voyage up the Amazon, including a residence at Pará*. Foi a inspiração que faltava para impulsionar o naturalista para o encontro de seus anseios científicos mais íntimos. É o que podemos perceber na seguinte passagem: “*para lá resolvi partir, não só em razão da facilidade de seu acesso, mas também pelo pouco que era conhecida aquela região, em confronto com outras da América do Sul...*”.³⁶⁶ Em outras palavras, podemos concluir que Wallace explicitamente revelava o desejo de partir para onde a maior parte dos homens (brancos) não haviam estado, evidenciando um desejo por aventura, a excitação que lhe proporcionaria o vislumbre de novas paisagens e de novas experiências. E dentro desta questão, não podemos esquecer que em vez de escolherem outros pontos da América do Sul, que sintetizavam para o imaginário europeu o exotismo e a exuberância da paisagem do Novo Continente – as montanhas de picos gelados dos Andes peruanos, os campos abertos dos pampas argentinos – Wallace e Agassiz decidiram-se pelas densas matas virgens das margens do Amazonas e do Orenoco para suprir suas expectativas naturalistas. Além dos motivos acima salientados por Wallace, outra razão para tal escolha deriva do fato de Humboldt não ter conseguido explorar a bacia do Amazonas. Evidenciando que parte do fascínio pela região amazônica resultou de uma intenção consciente de completar a etapa pela qual o grande naturalista alemão deixou de executar, ou, talvez até, igualá-la ou superá-la em grandeza e em extensão de realizações. Nada mais emocionante para um europeu,

365 MANTHORME, Katherine. *O Imaginário Brasileiro para o Público Norte Americano do Século XIX*...p. 62.

366 WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2004. p. 32.

cuja mente foi alimentada por histórias fantásticas de outros mundos, do que a idéia de *romper a trama de sua vida cotidiana* e partir para “*alguma terra bem distante, onde reina um sertão constante*”.³⁶⁷ Conforme nos esclarece Ana Pizarro:

“La Amazonía como espacio físico y humano, cultural, tenía elementos que actuaban como dispositivos simbólicos en el ocupante, gatillándole conexiones semióticas del imaginario, permitiéndole construir con lo que veía un universo mítico, que respondía a sus carencias, expectativas, necesidades físicas y espirituales. El resultado de ello fue la elaboración de textos con elementos en común cuyas relaciones representan las formas de los imaginarios de la sociedad europea en determinadas condiciones de existencia. Este discurso constituyó un corpus que surgía a partir de la interacción del nuevo ocupante: español, portugués, holandés, inglés, francés con el medio. No era un discurso inocente, venía cargado de un punto de vista, de una historia y de las necesidades de ésta. Cargado pues, de fantasías. Su efecto sobre el medio fue sin embargo determinante para lo que sería el futuro de este espacio geográfico y sus sociedades”.³⁶⁸

Nestes termos, podemos entender a experiência de viagem empreendida por esses naturalistas, como um processo mesmo iniciático, já que à primeira vista o ponto central que impulsiona os protagonistas a lançarem-se para além-mar é o gosto pelo enfrentamento do desconhecido.³⁶⁹ Neste sentido, entendemos que toda viagem é uma ruptura e essa ruptura revela risco.³⁷⁰ E é Todorov que explicita através dos seguintes questionamentos o que gostaríamos de enfatizar: “*Ora, o relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem? O próprio Colombo não havia partido por que havia lido o relato de Marco Pólo?*”.³⁷¹ Este legado narrativo deixado por outros viajantes alimentou o desejo de nossas personagens a penetrar para o interior da floresta, não apenas por que queriam descobrir e catalogar novos espécimes para a História Natural, mas também pelo desejo de afastar-se do meio que lhes era familiar, e penetrar num mundo que lhes fugia à compreensão. A pulsão de viajar e relatar não possuía somente motivações pragmáticas,

367 Ibidem, p. 32.

368 PIZARRO, Ana. *Imaginário y Discurso: La Amazonía*. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Año XXXI, n.61. Lima-Hanover, ler. Semestre 2005, pp. 59-74.

369 Ibidem p. 8. Conforme a autora: “A viagem tem uma áurea de um processo iniciático, a travessia ligava o conhecido e o desconhecido e o rito de passagem eram provas frente a monstruosidade do mar tenebroso...O viajante ao voltar não era o mesmo, observa Brosse...está impregnado do desconhecido e este mito se converte no mito do herói”

370 KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos...* p. 103.

371 TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 17.

mas demonstrava ainda a atração e o fascínio que exercia sobre suas mentes este tipo de empreitada. Encontrar-se com o desconhecido, afastar-se do mundo ordinário excitava esses homens, talvez porque isso revelasse um nível mais profundo da saga humana de descobrir a totalidade de que faz parte.³⁷² Por isso, o encontro com uma natureza exótica, estranha, para esses viajantes estava para além dos limites europeus.

Podemos encontrar indícios desse legado na primeira expedição de Wallace ao lado de Bates na bacia do Tocantins, quando revelou já ter “...as... *vistas voltadas, com muito prazer, para aquele novo e inexplorado sertão*”.³⁷³ Com este objetivo, Wallace e seus companheiros de viagem, após transmutarem vários obstáculos naturais no Tocantins, a chegada em Patos, “*lugarejo...composto de uma dúzia de casas e localizado na margem oriental do rio, num barranco elevado*”³⁷⁴ esperavam conseguir homens que pudessem guiá-los até a foz do Araguaia para onde o Sr. Leavens – principal articulador da excursão – desejava seguir após ter sabido da existência de grande quantidade de cedro naquela região. Entretanto, vendo-se a impossibilidade de conseguirem ajudantes “*para trabalhar na canoa, muito menos para cortar e tirar madeira...*”³⁷⁵, desistiu-se do projeto de subir até o rio Araguaia. Para compensar este fracasso, o Sr. Leavens propôs uma última expedição até um riacho de nome Caxangá, a fim de confirmar a informação que recebera de seu piloto da existência de ouro e diamantes, pois segundo Bates o “*Sr. Leavens parecia muito interessado no assunto...*”³⁷⁶ No entanto, a narrativa naturalista deixa claro que para Bates e Wallace as verdadeiras riquezas do Tocantins era a variedade de pássaros e insetos que encontraram ao longo do percurso. E neste aspecto, a experiência de viagem, narrada em meados do Oitocentos, se diferencia das crônicas de viagem do século XV e XVI, cujos relatos deram mais ênfase às riquezas materiais (sobretudo metais preciosos, como conta a lenda do Eldorado) que os exploradores e/ou cronistas do Seiscentos acreditavam ter visto. Por isso, longe de ficarem decepcionados por não encontrar cedro, nem ouro, nem diamantes, lamentaram mesmo não prosseguir até os elevados planaltos do Brasil central onde desejavam apreciar e estudar as paisagens naturais que para lá se afiguravam no horizonte; depreende-se deste fato que, diferentemente dos interesses de outras personagens de fronteira³⁷⁷, podemos observar a imagem “*benigna e letrada*” de

372 Afirmação também expressada por Torov e por Kappler nas obras acima referenciadas.

373 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 86.

374 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...*p. 60.

375 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 104.

376 BATES, op. cit., p. 63.

377 Ou ao lado deles como designou Pratt: “como o homem do mar, o conquistador, o cativo, o

Bates e Wallace (também aqui situamos a imagem de Agassiz e Elizabeth Cary) correndo pelo interior da Amazônia “armados com nada mais do que uma bolsa de colecionador, um caderno de notas e alguns frascos de espécimes, não desejando nada mais do que pacíficas horas com insetos e flores”.³⁷⁸ Atitude evidenciada por Bates no seguinte trecho: “À medida que descíamos o rio, saltávamos em terra freqüentemente, não perdendo oportunidade, nem o Sr. Wallace, nem eu, de enriquecer a nossa coleção”.³⁷⁹ Daí a maior ênfase em descrições de espécies raras e desconhecidas para ele e para a Europa. Sendo assim, Wallace ao observar pela primeira vez espécies como “a maravilhosa arara azul”, assim como o artista que olha sobre a face da natureza almejando transferir a bela cena para sua tela, longe de usar termos técnicos, efetua descrições escritas como se estivesse traçando seus contornos e cores na tela de um quadro: “A sua plumagem, muito brilhante, é inteiramente azul, como anil, sendo seu bico esbranquiçado”.³⁸⁰ A natureza é, neste aspecto, reproduzida e fixada por meio de uma descrição estética. Não foi, portanto, o Eldorado que os naturalistas pretendiam encontrar, mas sim espécies raras, *verdadeiros tesouros naturalistas*, as quais dão sentido à empreitada, e recompensam todos os esforços, padecimentos sofridos nas solidões das florestas. Tal esforço também pode em parte ser compreendido como um indício de certo sentimento de culpa, uma vez que representando a si mesmos como uma figura *benigna e letrada*, os viajantes naturalistas tendem a se esquivar de qualquer semelhança com os viajantes conquistadores da América. Para falar com Pratt, a história natural repousa num desejo de “tomar posse sem a subjugação e a violência”.³⁸¹

Foi, portanto, para *olhar e admirar* a imagem de um luxuriante e fértil mundo natural que os passos desses viajantes foram movidos. Com este objetivo, o viajante ao mergulhar na floresta, considera tudo passível de exame: “Fiz um passeio ao longo da praia, para examinar as rochas, verificando serem elas efetivamente de origem vulcânica, tendo cor escura”³⁸² “as borboletas amarelas” que “levantam-se a um só tempo, formando uma verdadeira nuvem flutuante, de cor amarela ou alaranjada”³⁸³ “as conchas eram toleravelmente abundantes” “grupos de árvores e de arbustos, no meio dos quais se viam também lindíssimas flores” “na lagoa, viam-se bonitos lírios,

diplomata...PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* p. 59.

378 Ibidem, p. 59.

379 BATES, op. cit., p. 65.

380 WALLACE, op. cit., p. 104.

381 PRATT, op. cit., p. 108.

382 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 103.

383 Ibidem, p. 104.

de uma cor amarelo-clara, e algumas lindas ranunláceas.” “inúmeros jacarés, apontando as suas cabeças aqui e acolá”.³⁸⁴

Atitude comparável a de Elizabeth Agassiz:

“Mil coisas nestas matas atraem a vista e nos distraem daquilo que procuramos. Quanta vez paramos para admirar um tronco por si só constituindo um mundo vegetal! A cada nodo, a cada encontro dos ramos, as parasitas se agarram; as lianas pendem dos galhos altos até o chão; os cipós enleiam o tronco, tão estreitamente unidos uns aos outros que se diriam as caneluras duma coluna. E quantas vezes ficamos imóveis, à escuta, para distinguir o sussurro do vento nas folhas das palmeiras, a uns cinqüenta pés acima de nossas cabeças; não é ruído lento e surdo de vento nos galhos dos pinheiros das nossas florestas; mais parece o som claro duma água corrente. Através da estreita trilha, uma enorme borboleta, dessa cor azul vivo que se admira nas coleções de insetos do Brasil, flutua serenamente no ar diante de nós; ei-la pousada quase a nosso alcance, dobrando os seus esplendores azulados e parecendo, calma e imóvel, uma simples flor castanho-escuro salpicada de branco! Aproximamo-nos cautelosamente, mas uma folha seca estala debaixo de nossos pés; o inseto foge, patenteando de novo, ao abrir as asas, todo o esplendor do seu maravilhoso colorido”.³⁸⁵[grifos nossos]

Com os olhos voltados para os tesouros da vida vegetal e animal – dialogando com os ensinamentos de Goethe, Schelling e Humboldt – Agassiz e Wallace ressaltam a importância de se olhar os animais e plantas em sua conexão de relações, já que simplesmente olhar os dados da natureza em seu local de origem “ensinam mais sobre a distribuição da vida de que um mês de estudo de gabinete, pois, em tais condições, as coisas se mostram na completa harmonia de suas relações”.³⁸⁶ Além disso, a atividade do olhar gera no indivíduo que observa expectativas, reações e sentimentos impactantes diante do espetáculo da variedade da vida. Sendo assim, a passagem acima evidencia claramente a tentativa de produzir uma pintura verbal de modo que transmita ao expectador (receptor da mensagem) a mesma sensação de prazer sentida pelo observador-viajante. É deste modo que podemos compreender o olhar panorâmico de Elizabeth Agassiz sobre a paisagem amazônica, quando ela e todos os componentes da expedição Tayer puderam olhar e admirar pela primeira vez a dimensão da bacia do Amazonas:

384 Ibidem, p. 108.

385 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 302-303.

386 Ibidem, p. 351.

*“Hoje é impossível fazer outra coisa que não seja **olhar e admirar**. Agassiz se mostra surpreso: “Esse rio não parece um rio; a corrente geral, neste **mar de água doce**, é dificilmente perceptível à vista e mais se parece com as vagas dum oceano do que com o movimento dum curso d’água mediterrâneo.”...Atravessando este arquipélago, **é um encanto para nós contemplar a vegetação estranha com que queremos ainda nos familiarizar**. A planta que atrai logo a nossa vista e se alteia nessa massa de verdura, com maravilhosa majestade e graça, é a **esbelta palmeira açai**, coroado por um penacho de folhas ligeiras, sob o qual os tufos de seus frutos...”³⁸⁷[grifos nossos]*

O fragmento acima evidencia o valor da visão do observador que julga e aprecia a paisagem ordenando-a a partir de seu ponto de vista privilegiado. Contudo, à medida que o viajante se familiariza e aprofunda o olhar em relação ao mundo natural, nota-se que o impacto visual é acrescido de outras formas sensoriais que traduzem o ineditismo da paisagem, como por exemplo o impacto auditivo:

*“**Ouviam-se por vezes os seus peculiaríssimos e rangentes piados**, de quando em quando as **ruidosas pancadas dos bicos dos pica-paus** e **o extraordinário barulho** feito pelos urros dos macacos, tudo isso indicando claramente que já estávamos nas **solidões plenas das florestas da América tropical**”³⁸⁸*

Há ainda o olfativo: *“As margens desse canal são das mais lindas; a floresta se animava das mais ricas cores, e o ar estava carregado do **perfume das flores**”³⁸⁹*

Ruídos e perfumes oriundos da *magnífica mata espessa e sombria* atraem o viajante, seduzem, causam prazer:

*“E como não deixar tentar pelo sombrio frescor, pelo **cheiro dos musgos** e das **fílicíneas**, pelo **perfume das flores**? A mata é cheia de **vida e de ruídos**; o **zumbido dos insetos**, os **sons estrídulos dos gafanhotos**, o **grito dos papagaios**, **as vozes inquietas dos macacos**, tudo isso **faz a floresta falar**”³⁹⁰*

Portanto, a contemplação do novo cenário causa prazer e por si só justifica e dá significado à jornada:

“A manhã está deliciosa. As saracuras e uma espécie de cordonizes estavam entoando os seus melancólicos cantos, que se ouvem quase sempre, de manhã e à noite, nas

387 Ibidem, p. 164.

388 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 66.

389 AGASSIZ, op. cit. p. 293.

390 Ibidem, p. 222.

*margens dos rios. Altas palmeiras erguem-se ali, na beira do rio. Quando o sol surgiu, com aquela **manhã tão fresca e tão agradável, o espetáculo era realmente belo***”.³⁹¹

Como podemos conjecturar, o olhar sobre a natureza ocupa-se em demonstrar as sensações que um viajante sente ao deparar com uma natureza estranha, infinita, sempre em movimento. A contemplação de uma paisagem inédita gera expectativas e ativa os sentidos do corpo e da imaginação. Para eles a natureza era sentida em sua plenitude, cujas sensações revelavam o gosto romântico por lugares agrestes, por regiões extra-européias que abrigavam criaturas estranhas e admiráveis como na cena a seguir:

*“As pequenas e admiráveis **borboletas, de asas ornadas de ouro, e que luzem como metal, escondem-se sob as folhas das árvores ou expandem as asas ao sol da manhã, enquanto as maiores e mais majestosas voam negligentemente pelos **sombrios caminhos da floresta****”*.³⁹² [grifos nossos]

E o que seriam estas borboletas com asas de ouro como metal reluzindo em sombrios caminhos da floresta? Tudo o que se queria ver eram paisagens agrestes, entocadas pela mão transformadora do homem, não só porque isso correspondia aos apelos da história natural, mas também porque produzia sensações de prazer, de encanto, de gozo. A natureza é, desta forma, adjetivada, ela provoca os mais variados estados de ânimos, ela é representada a partir de uma dimensão misteriosa e até certo ponto mágica. Características que evidenciam a proximidade dos viajantes com o repertório romântico sobre a natureza.

Conforme Giulio Argan, o belo romântico nasce em oposição ao conceito de belo clássico: aquele, subjetivo e mutável; este, objetivo, universal e imutável. O conceito de pitoresco, empregado como equivalente de romântico, foi teorizado pela primeira vez pelo pintor e tratadista inglês Alexander Cozens em fins do século XVIII. Seus princípios afirmam que a natureza é “*fonte de estímulos que correspondem a sensações que o artista esclarece e transmite*”; também ela deve ser vista em sua variedade, já que: “*a variedade das aparências dá um sentido à natureza tal como a variedade dos casos humanos dá a vida;*”, mas a variedade não impede vários pontos de vista sobre a paisagem, sendo o que “*mente ativa capta é um contexto de manchas diferentes, mas relacionado em si: a variedade de manchas...[são] múltiplos componentes da paisagem para transmitir um sentimento de alegria ou calma ou*

391 WALLACE, op. cit., p. 89.

392 Ibidem, p. 125.

tristeza”.³⁹³ A singularidade da paisagem, *a variedade das aparências*, se reúne num quadro que diante do olhar do expectador que lhe estimula as sensações, lhe desperta emoções. Os sentidos que vislumbram a natureza se revelam um canal de passagem para expressar sentimentos:

“O sol brilhava intensamente. As águas reluziam e faiscavam. Viam-se curiosos rochedos, de formas fantásticas, e ilhas entrecortadas de mato. Tudo isso era uma constante fonte de interesse e de gozo para meu espírito”.³⁹⁴

Mas, segundo Argan, foi Goethe, em fins do século XVIII – ao lançar sua teoria das cores, ressaltando a atividade do olho e não da luz, em franca oposição a Newton – que abriu o campo de ligação entre o subjetivismo romântico e a objetividade da ciência.³⁹⁵ Nesta perspectiva, a natureza não deve ser apenas fonte de sentimento, ela deve induzir o indivíduo a pensar, principalmente sobre *“a insignificante pequenez do ser humano frente à imensidão da natureza e suas forças”*.³⁹⁶ Para Goethe, o observador da natureza deve ser consciente de que tudo o que enxerga é apenas um fragmento da *“infinitude temporal e espacial da realidade, e de que as forças cósmicas que produzem os fenômenos são poderosas e ocultas”*.³⁹⁷ Tais características estão de acordo com a poética inglesa do sublime e do horror, definida pela primeira vez por Burke, que encontrou paralelo na poética alemã do *Sturm und Drang* as quais revelam uma realidade misteriosa e hostil que *“desenvolve na pessoa o sentimento de solidão (mas também de individualidade) e da desesperada tragicidade do existir”*.³⁹⁸ Em resumo: enquanto a poética do pitoresco vê o indivíduo integrado em seu ambiente natural, para a poética romântica do sublime encontra um sujeito angustiado, apavorado diante de sua própria condição humana. Para Argan, estas duas noções são complementares, pois é na sua efetiva contradição dialética que se evidencia *“o grande problema da época, a dificuldade da relação entre indivíduo e coletividade”*.³⁹⁹

No entanto, o olhar naturalista não se encerra no romantismo. Se pelo lado de Wallace, observamos uma preocupação em exaltar a beleza e a singularidade da ave em seu estado natural, comungando com um estilo estético de descrição dos fatos, outro

393 ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Trad.

Denise Bottmann; São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 18.

394 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 265.

395 ARGAN, op. cit., p. 18.

396 Ibidem, p. 19.

397 LISBOA, Karen. *A nova Atlântida de Spix e Martius...* p. 98.

398 ARGAN, op. cit., p. 12.

399 Ibidem, p. 20.

olhar, sobre o mesmo objeto, se alinha ao sistema de classificação taxionômica, fixada pelo suíço Carl Linneo. Como já expressamos, no primeiro capítulo, os princípios de Linneo foram desenvolvidos em 1735 e visaram instrumentalizar qualquer pessoa para dispor da maneira correta os seres de acordo com a classe e a ordem correta. Diferentemente do relato de Wallace, foi com base no sistema lineano que Bates perpetrou a descrição da arara azul, substituindo a denominação nativa por termo em latim e identificando-lhe ainda a estrutura física e os hábitos alimentares:

*“Vimos ali pela primeira vez a maravilhosa arara-azul (Macrocercus Hyacinthinus, Loth.) a arauína dos nativos, uma das mais belas e raras espécies da família dos papagaios. Essa ave só é encontrada no interior do Brasil a partir do 16° lat. Sul até a extremidade meridional do Amazonas. Mede um metro de comprimento desde o bico até a ponta da cauda, e sua plumagem é toda azul ferrete, salvo à volta dos olhos, onde a pele é nua e branca. Essas aves voam aos pares e se alimentam dos cocos, tão duros que é difícil parti-los com um martelo, são facilmente esmigalhados pelo poderoso bico da arauína”.*⁴⁰⁰

A arauína dos nativos foi por ele nomeada em termos lineanos *Macrocercus Hyacinthinus, Loth.* Do mesmo modo, Charles Darwin destacou, em seus comentários da obra de Bates, a importância para a história natural da valiosa descoberta do espécime da arara azul nos seguintes termos:

*“A arara azul (Ara Hyacinthina) é outra maravilha natural que foi encontrada aí pela primeira vez. Esta esplendida ave, que casualmente é trazida viva para os Jardins Zoológicos da Europa...Seu bico enorme – que deve maravilhar mesmo a pessoa menos curiosa – parece adaptado a permiti-la alimentar-se das nozes da palmeira do mucujá...”*⁴⁰¹

Assim, desde que Carl Linneo⁴⁰² criou os princípios que sistematizaram os estudos botânicos, zoológicos e mineralógicos, a literatura de viagem jamais seria a mesma. Usando terminologias em latim para designar plantas e outros seres conhecidos ou desconhecidos, atribuíra um padrão universal normativo de descrições da natureza. Logo a nomenclatura linneana de descrição dos seres seria parte integrante de todos os

400 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...* p. 61.

401 Id., 1944, p. 21.

402 Seus princípios queriam ordenar primeiramente as plantas, seus trabalhos, na verdade eram tratados de botânica, impondo ordem ao caos que se constituía não apenas a natureza, mas as classificações das plantas. Com Línio houve uma universalização de uma linguagem, sendo introduzida paralelamente o mesmo sistema para animais e minerais. Cf. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* pp. 55-59.

relatos de viagem a partir da segunda metade do século XVIII. Conforme Pratt: “*A coleta de espécies, construção de coleções, o batismo de novas espécies passaram a ser temas típicos da literatura de viagem*”.⁴⁰³ Mas segundo a autora, descrições da fauna e da flora não eram em si uma novidade, haja vista que nos livros de viagem do século XVI elas estavam presentes, entretanto eram “*estruturadas como apêndices ou digressões formais da narrativa*”⁴⁰⁴, ao passo que com o sistema de classificação linneano as descrições da natureza tornaram-se narráveis, podendo se constituir, à medida com que o autor traça uma seqüência de eventos, na base narrativa principal de uma obra.

A partir do momento em que a história natural “*concebeu o mundo como um caos*” os objetivos das viagens naturalistas passaram a ser coletar fatos para produzir uma ordem no mundo natural. De tal modo que museus, jardins botânicos, reproduções gráficas *in loco*, especializações artísticas, redes de patrocínio de viagens, concorreram de modo a instaurar um novo campo de visão que excluísse qualquer dúvida sobre a identificação de seres estranhos. Como conseqüência dessa linguagem universal, deste projeto totalizador que impôs uma nova linguagem e um novo sentido para as coisas, há a perda da estranheza, já que a ciência passou a revelar o significado oculto das forças da natureza. Sendo assim, a história natural provocou uma ruptura com imagens do maravilhoso sobre o mundo natural deixadas pelos conquistadores do século XVI. Conforme Thomas, o que os naturalistas descobriram foi “*que para a maioria das pessoas no início dos tempos modernos o mundo das plantas estava carregado de sentido simbólico...sortilégios, cerimônias acompanhavam a coleta de ervas medicinais...plantas protetoras em ocasiões de rituais*”.⁴⁰⁵ Crendices e superstições que “*se fundavam na antiga convicção de que o homem e a natureza estavam encerrados em um só mundo*”.⁴⁰⁶ Todavia, embora o impulso inquiridor dos naturalistas tenha levado a uma nova mentalidade sobre o meio natural, nos relatos de Elizabeth e Wallace é possível ainda encontrar recorrências ao imaginário de substrato mítico, de tal modo que Elizabeth ao ver diante de si *um curioso cogumelo* descreve suas impressões do seguinte modo:

“*Um destes últimos dias, indo à cidade, descobrimos na erva miúda da parte baixa da avenida **um cogumelo, o mais admirável que já vi.** A haste inteiramente branca, da*

403 Ibidem, p. 59.

404 Ibidem, p. 59.

405 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* pp. 89-90.

406 Ibidem, p. 90.

*grossura de meia polegada, e de três, ou quatro de altura, era ensinada por um chapéu em forma de clava, pardo escuro com uma ponta azul. Da base do chapéu pendia até uma polegada mais ou menos do solo um fileto branco com largas malhas extremamente delicadas, verdadeira renda de fada tecida pela rainha Mab em pessoa”.*⁴⁰⁷ [Grifos nossos]

Cabe então a Agassiz, em nota de rodapé, interromper as reminiscências de sua mulher com aquele passado antigo:

*“Esse cogumelo pertence ao gênero Phallus e parece não ter sido ainda descrito. Conservei-o em álcool, mas não me foi possível obter um desenho dele enquanto ainda duravam o seu viço e a sua beleza. De manhã bem cedo, quando a relva ainda estava úmida, encontramos às vezes um caramujo todo especial, uma espécie de Bulimus arrastando-se pela beira do caminho. A forma da parte anterior do pé não se parecia com a de nenhuma espécie até agora conhecida nesse grupo. Fatos como esse mostram quanto é para desejar que se desdenhem as partes moles desses animais tanto quanto os seus invólucros sólidos”.*⁴⁰⁸[grifos nossos]

- evidenciando que o compromisso científico com a realidade objetiva, deixa cada vez menos espaço para aquele legado antigo. Segundo Pratt, o sistema de Linneo se constitui em um projeto totalizador (talvez comparável ao que fez o cristianismo no Ocidente), cujos princípios revelam um novo tipo de consciência planetária entre europeus.⁴⁰⁹ De acordo com Mary Pratt, a história natural também representou a saga do homem burguês e letrado, pertencente ao espaço urbano, aventurando-se por mundos extra-europeus, em espaços iletrados e rurais. E neste sentido, o naturalista naturaliza a presença do cientista e da autoridade burguesa em escala mundial.⁴¹⁰

Em suma: se por um lado a linguagem lineana separa, ordena, nomeia e classifica as coisas, visando ordenar o caos em que se constitui a natureza em seu estado primitivo, o homem, neste sentido, se percebe separado do mundo natural; as descrições estéticas, pitorescas em relação às paisagens, ao contrário, partem de uma perspectiva integradora: todas as forças da natureza são visualizadas harmoniosamente, forças ocultas e grandiosas que apequenam o homem levando-o a uma interiorização. De um lado a dominação da natureza pelo homem; do outro a consciência das forças da natureza com as quais é preciso aprender, em vez de tentar controlá-las.⁴¹¹

407 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* pp. 156-157.

408 Ibidem, p. 157.

409 Cf. PRATT, Louise. *Os olhos do império...* pp. 55-75.

410 Ibidem, p. 61.

411 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a Cidade*. Trad. Paulo H. Brito – São Paulo: companhia das

3.1 – Lugares Pitorescos, Vistas agradáveis.

Como podemos observar nos trechos acima citados, aquela linguagem totalizadora, universal da história natural, que singularizou os escritos de viagens a partir de meados do Setecentos, reveza-se com uma linguagem que visava integrar o homem a natureza, uma descrição estética que encarnava os princípios românticos de divinização da natureza, como vimos. Apontava para uma mudança de sensibilidade já que o gosto pelo agreste fora mais presente apenas em lugares altamente explorados em seus recursos naturais por práticas agrícolas e industriais. Conforme Thomas, o gosto por espaços incultos foi resultado da reação contra o avanço ininterrupto das fronteiras agrícolas no século XIX. Se por um lado, a ação de cultivar a terra era um ato altamente louvado, regulando a menção moral de civilidade de um povo – já que espaços incultos era lugar de gente inculta –, em finais do XVIII o gosto pela uniformidade e simetria da paisagem mudou. Na Inglaterra esta mudança pode ser visualizada notoriamente pelo desenvolvimento de um estilo de jardinagem – daí o porquê do par romântico/pitoresco referir-se inicialmente à jardinagem – *“tão informal que às vezes era difícil distingui-lo de um campo não cultivado”*.⁴¹² Para os idealizadores desse novo estilo de jardinagem, quanto mais agreste e selvagem for à paisagem, maior é a fonte de renovação espiritual, maior é a emoção e fonte de inspiração. A celebração do estado selvagem converte-se em fins do século XVIII em ato religioso, atribuindo-se aos espaços ermos um valor estético e moral: *“a natureza não era só bela; era moralmente benéfica...uma oportunidade de auto-exame e de devaneio íntimo...exercia um salutar poder espiritual sobre o homem”*.⁴¹³

A idéia do sublime encontra sua fonte de inspiração em lugares que apavoram, que lançam o indivíduo ao terror e à exultação. Sentimentos antes reservados às forças do Criador, se vêm expandir em direção ao cosmos, a partir das descobertas astronômicas e das grandezas celebradas pelos exploradores em terras tropicais. Nestes termos, Elizabeth Agassiz evoca a grandeza do rio Amazonas: *“As proporções de tudo aqui, assombra o espectador, por mais que tenha ele lido ou ouvido dizer antes”*.⁴¹⁴

letras, 1989.

412 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* p. 307.

413 Ibidem, p. 309.

414 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 173.

“...verdes muralhas, que se elevam de ambos os lados e nos aprisionam...”.⁴¹⁵ Em Wallace a sensação de admiração da grandeza do rio demonstra uma consciência da impotência humana diante das forças da natureza: “Foi com as mais vivas emoções de admiração, num misto de pavor e de respeito, que contemplamos a vastidão das águas deste majestoso e afamadíssimo rio”.⁴¹⁶ Ou ainda na seguinte passagem:

*“Gastei três dias em minha viagem rio acima, e tive então a oportunidade de observar a notável diferença entre o Negro e o Amazonas. Ali não se viam mais ilhas de ervas flutuantes, nem os troncos de árvores desarraigadas, com suas cargas de gaivotas, e raramente se lhe percebia qualquer correnteza no álveo. E poucos são os sinais da vida nas suas escuras e plácidas águas. E, todavia, quando ocorre uma tempestade, levantam-se nelas ondas muito mais altas e perigosas do que as do Amazonas. Quando se formam negras nuvens, lá no alto, mais escuras se tornam as águas, parecendo tinta, levantando-se em altas e agitadas ondas, que se lhe quebram em espumas sobre a vastidão do leito. Ai então, a cena é em extremo sombria e triste”.*⁴¹⁷ [grifo nosso]

Ao mesmo tempo, à medida que montanhas e florestas tropicais deixavam de ser desprezadas, atribuíam-se aos habitantes de espaços ermos, incultos, um valor moral benéfico: eles passaram a ser celebrados por sua inocência e simplicidade.⁴¹⁸ Podemos encontrar subsídios desse pensamento na seguinte passagem de Wallace: “E, assim, passam aqueles bons índios a sua vida simples. São uma raça pacífica; poucos crimes graves são conhecidos entre eles; não roubam, não matam”.⁴¹⁹ Tema também da redação de Elizabeth Cary: “Há nessas pobres criaturas uma cortesia natural realmente cativante”.⁴²⁰ A partir desses trechos podemos concluir que Wallace e o casal Agassiz se afinam com a perspectiva romântica do pitoresco e do sublime. Mas suas apreciações sobre os trópicos revelam que esse novo gosto paisagístico não era coisa totalmente instintiva. Na verdade, era preciso que o indivíduo tivesse uma educação apropriada que moldasse sua sensibilidade, já que o cenário romântico não era coisa inerente à espécie humana. O indivíduo deveria, sobretudo, ter uma educação estética para insuflar o gosto por rochas, lagos, montanhas, matas, planícies, serras e bizarras criaturas do Novo Mundo. A apreciação de uma paisagem sem a mão transformadora do homem “surgiu como algo sofisticado, refletindo a aspiração

415 Ibidem, p. 181.

416 WALLACE, Alfred. *Viagem pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 182.

417 Ibidem, p. 217.

418 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* p. 309.

419 WALLACE, op. cit., p. 330.

420 AGASSIZ, op. cit., p. 172.

altamente literária e intelectual presente nas novas sensibilidades".⁴²¹ Em razão dessas heranças imagéticas e intelectuais, muitas das apreciações de Elizabeth e Wallace se guiaram por um padrão estético de descrição da paisagem. Tais aspectos representativos do pitoresco foram amplamente explorados pela cronista da expedição Tayer – muito mais que Wallace – haja vista que a escritora-viajante ora ressalta o *encanto da paisagem selvagem*, ora aprecia *cenar pastoris nas margens do rio*:

*“Entre Santarém e Óbidos, aonde chegaremos esta tarde, as margens do rio parecem mais povoadas que nas regiões que atravessamos primeiro. Tocamos quase nas margens e vemos passar diante de nossos olhos, como uma evocação das idades primitivas, os costumes da vida pastoril. Grupos de índios, homem, mulheres e crianças, nos saúdam das margens, acorados, embaixo da abóbada das grandes árvores plantadas ou escolhidas para servir de cobertura aos desembarcadouros. É este, com as montarias amarradas junto às praias, o primeiro plano invariável de todas as nossas paisagens. Às vezes uma ou duas redes estão suspensas às árvores cujos ramos deixam distinguir o teto de palha e as paredes da pequenina choça ou cabana. Talvez, se as víssemos de mais perto, essas cenas tão encantadoras da vida pastoril se nos mostrassem sob um aspecto mais grosseiro e prosaico; mas para que insistir? A Arcádia, ela mesma, provavelmente não teria resistido a um exame de muito perto, e duvido que tivesse podido apresentar um aspecto tão sedutor como dessas pequeninas habitações de índios das margens do Amazonas. A floresta primitiva que rodeia essas moradias é quase sempre cheia de clareiras. Estas estão no meio de pequenas plantações de cacau e mandioca – planta cuja raiz fornece ao índio a sua farinha – e as vezes também de seringueiras (árvore da borracha)...O cacau e a borracha são expedidos para o Pará em troca das mercadorias necessárias a essa pobre gente”.*⁴²²
[grifos nossos]

Como vemos, seus olhares estavam condicionados pela representação de uma natureza pitoresca, buscando no meio ambiente amazônico a *“conformidade com um padrão preconcebido ou modelo aceito de harmonia estética”*.⁴²³ Por essa razão, as cenas as quais *passam diante de seus olhos* evocam *idades primitivas*, despertam-lhe sentimentos nostálgicos, a consciência da perda de um passado onde a natureza exultava o sentimento de solidariedade comunitária entre as pessoas. Mostra-nos também uma visão ambivalente, tendo em vista que as transformações intencionais da natureza (reaproveitamento da terra, drenagens, desmatamento etc.) ocorridas nos EUA e na

421 THOMAS, op. cit., p. 314.

422 AGASSIZ, Louis. *Viagens pelo Brasil...* p. 181.

423 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* p. 316.

Europa têm no gosto pela natureza intocada o seu contraponto essencial. Segundo Raymond Williams, de um lado temos a natureza

“como princípio de ordem, do qual a mente ordenadora faz parte, e que pode ser reordenado e controlado pela atividade humana, através de princípios reguladores. Mas temos também a natureza como princípio de criação, do qual a mente criadora faz parte, e com o qual podemos aprender as verdades de nossa própria natureza, harmonizadas com a natureza exterior”.⁴²⁴

De acordo com Thomas, a apreciação consciente de uma paisagem também dependia do grau de instrução e conhecimento prévio de pinturas paisagísticas. Assim, pois, o termo paisagem (*landscape*) era usado apenas porque recordava uma vista (*landskip*) pintada. As cenas campestres tornaram-se, então, pitorescas por recordarem uma pintura. Foram estas representações artísticas que moldaram o gosto das classes educadas europeias. Nestes termos, podemos compreender que Elizabeth Agassiz representa a paisagem como uma vista pintada. Um quadro, cujo espectador precisava tomar determinada distância para observar as *manchas* das tintas de diferentes ângulos e relacioná-las entre si.

*“A tarde deste mesmo dia foi a mais agradável de quantas já passávamos no rio Amazonas. Estávamos sentados na proa do navio, sob a coberta, quando o sol flamejante baixou no horizonte. Sua grande imagem de um **vermelho fogo, refletindo-se n’água**, cedeu lugar rapidamente aos **pálidos e trêmulos raios do crescente lunar**; mas, mesmo depois de desaparecido, **largas faixas róseas**, elevando-se até o zênite, atestavam ainda o seu poder e emprestavam algo do seu brilho à massa enorme de **nuvens brancas que enchiam o oriente**; estas, **refletindo a luz sobre o rio**, transmutaram em **pura prata a superfície amarelo-sujo** de suas águas, enquanto que, por cima das colinas de Almerim, **o azul profundo do céu** parecia ainda mais forte no meio desses clarões”*.⁴²⁵ [grifos nossos]

Por meio de uma descrição que mais parece à visualização de um quadro, tudo está em perfeita conexão: o sol vermelho-fogo que reflete na água, os raios lunares, os efeitos das nuvens no céu...uma profusão de imagens e cores singulares que se harmonizam. Ela estava consciente de fazê-lo nestes termos tendo em vista que para ela a *Arcádia não resistiria a um exame de muito perto*, então, *para que insistir?* Uma atitude que fora apontada pelo jovem membro da comitiva Tayer, William James, como

424 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade...* p. 178.

425 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 176.

*fútil, romântica, inatural*⁴²⁶: “... Ela parece imaginar que somos meros personagens andando por aí em estranhas fantasias, num palco de cenário apropriado... Oh, que mulher tola!”⁴²⁷

Mas, se por um lado estava consciente dos vãos de sua imaginação quando deparava com o primitivismo da natureza, por outro sabia que à medida que seu olhar se aproximava da realidade objetiva, a superfície do quadro lhe mostraria detalhes desmistificadores. Resultava em desapontamento, pois evidentemente o cenário natural raramente era corretamente pitoresco. Há, portanto, uma clivagem entre esse imaginário e a realidade vivida, pois “*vista de muito perto, a Arcádia dissipa muito das ilusões.*”⁴²⁸ Assim, à medida que o tempo avança, “*os mosquitos não tardam a vir perturbar toda essa poesia*”.⁴²⁹ Neste sentido, podemos afirmar que apreciar uma paisagem implica separação e observação. Para falar com Raymond Williams, nunca a terra em que se trabalha é uma paisagem. Portanto, Elizabeth Agassiz era uma observadora que não apenas contemplava a paisagem, mas tinha consciência de fazê-lo como uma *experiência em si*.⁴³⁰ Esta visão é um desdobramento do desenvolvimento consciente do paisagismo quando o observador julgou necessário dividir suas observações em estéticas e práticas, relacionando-se diretamente com a ordem social vigente que promoveu uma fissura entre a paisagem vinculada à produção e a paisagem estética para consumo do olhar. Assim, pois,

“O traçado geométrico dos cercamentos, com suas sebes e estradas retílineas, é contemporâneo das curvas e irregularidades das paisagens dos parques. E, no entanto, são partes inter-relacionadas de um mesmo processo, que se opõem superficialmente em termos de gosto, mas apenas porque, num dos casos, a terra está sendo organizada para produção, para ser trabalhada por arrendatários e trabalhadores; enquanto no outro está sendo organizada para o consumo: a vista, o descanso organizado do proprietário, a paisagem”.⁴³¹

em seus passeios, Elizabeth Cary, via na paisagem selvagem, com sua exuberância de vida vegetal e comunidades de gentes que viviam na solidão das florestas, um lugar de

426 O ponto de vista de William James está de acordo com os críticos que passaram a ver as viagens pitorescas com desconfiança. Principalmente por que estas queriam adaptar a natureza a um grau de imitação consciente das obras de arte. Para os críticos, o mundo real possui deformidades, a natureza é em si mesma perfeita, não precisa de aprimoradores. Ver THOMAS, 1983, loc. cit.

427 Ibidem, p.131

428 AGASSIZ, op. cit. p.183

429 Ibidem, p.184

430 WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade*. Trad. Paulo H. Brito; São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 167.

431 Ibidem, p. 173.

refúgio, onde todo encanto da natureza tropical se reunia à *amável acolhida* de comunidades indígenas cuja *cortesia* era *natural e cativante*; uma imagem contraposta à sua pátria, já que as práticas agrícolas com seus campos geométricos haviam transformado a paisagem norte-americana, sem falar de outras áreas que foram inteiramente devastadas pelos processos de integração férrea e formação de grandes núcleos urbanos em pleno oeste, como por exemplo, a cidade de Chicago – isto após vencerem o único obstáculo nesse processo qual seja as tribos de peles vermelhas, cujas terras eram possuídas coletivamente.⁴³² O encontro com as alteridades ambiental e humana, então, a faz pensar sobre a incompletude e perigos da civilização (mecânica, industrial e individualista) em sua pátria: “*Há, ainda, nas casas de pobres dos nossos climas, um elemento repulsivo felizmente ausente aqui: em lugar duma cama volumosa e fétida, verdadeiro ninho de sevandijas, o índio suspende à noite, entre duas paredes, a sua fresca rede*”.⁴³³ Ela então questiona sua própria condição cultural, já que a perda da natureza gera “*sentimentos não por ser “natural”, e sim por ser “natal”*”.⁴³⁴ E neste sentido, as comunidades indígenas amazônicas são exaltadas por terem “*mais atrativos que a vida pseudocivilizada das povoações de raça européia*”.⁴³⁵

Lembremos que ao descortinar o mundo amazônico, do mesmo modo que outras viajantes mulheres, Elizabeth não possuía as mesmas obrigações que seus pares da expedição – de revelar fatos para a história natural. Sua viagem, neste sentido, não tinha o mesmo caráter exploratório e científico que movera muitos homens para espaços quase desconhecidos e inexplorados. Ora em passeios, ora sentada a observar os estranhos contornos das matas, rios e fisionomias, a cronista da expedição *Tayer* descreve detalhadamente a paisagem, dialogando com a lírica romântica, com a poesia bucólica, geralmente representada por uma região que tivesse campos abertos, gramíneas arbustos e algumas árvores isoladas, em meio a plantações. Sendo interrompida pela rotina dos trabalhos de história natural apresentados por seu marido e pelas circunstâncias mais realísticas de sua experiência de viagem, deste modo, cumpria seu papel de cronista da expedição:

“A situação deste sítio é das mais encantadoras. Sentados à mesa da nossa sala de jantar, recebendo o vento cheio, desfrutamos uma vista admirável: a floresta toma todo

432 HOBBSANW, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 230.

433 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 171.

434 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade...* p. 193.

435 AGASSIZ, op. cit., p. 185.

*o horizonte, aos nossos pés se estende a lagoa, por trás dela as colinas cobertas de matas se elevam suavemente e, exatamente, embaixo de nós, se vê o pequeno desembarcadouro em que estão amarradas a nossa lancha com seu toldo branco, a alegre canoa que veio ao nosso encontro e duas ou três montarias indígenas. Depois do almoço, dispersamo-nos: uns se estiravam nas redes, outros foram para a pesca ou para a caça: quanto a Agassiz, ficou absorvido no exame de peixes – Tucunarês (*Cichla*) Acarás (*Hero* e outros gêneros), Curimatãs (*Anodus*), Surubins (*Platystoma*), etc. – que acabaram de pescar na lagoa para ele. Reconhece também aqui ainda o que a exploração constantemente lhe tem indicado, isto é, a localização distinta de espécies particulares em cada diferente bacia do rio, lago, igarapé ou qualquer pequena porção d'água na floresta”.*⁴³⁶

Não que ela não estivesse familiarizada com a linguagem taxionômica, pois em muitas passagens ela foi suficientemente capaz de sintetizar os objetivos naturalistas da expedição e realizar descrições da paisagem conforme os cânones científicos da história natural. Mas estava claro que tudo o que escreveu não veio de suas próprias conclusões, ela escreve a partir de interferências advindas de seu marido ou de outros membros da expedição, como por exemplo, o Major Coutinho.

*“Se o nosso naturalista foi feliz em suas coleções zoológicas, o Major Coutinho não o foi menos nas geológicas, meteorológicas e hidrográficas. A sua cooperação é de valor inapreciável, e Agassiz não se cansa de bendizer o dia de convidá-lo a reunir-se à expedição. Os seus conhecimentos científicos, sua compreensão perfeita da linguagem dos índios, (“língua geral”) e a sua grande familiaridade com os usos dessas gentes fazem dele o mais importante dos colaboradores. Graças a ele, pôde-se iniciar uma espécie de diário em que, ao lado do nome científico de casa exemplar, o major menciona o nome vulgar e local dado pelos índios e tudo o que é possível de saber sobre o habitat dos animais”.*⁴³⁷

Podemos dizer que o *delicioso prazer de olhar as sombrias profundezas* das margens do rio Amazonas, onde *se erguem aqui e ali algumas palmeiras* e onde se encontram *povoações isoladas*, caracterizando uma linguagem visual e emotiva, é interrompido (ou acrescido) por uma descrição que visa didaticamente demonstrar a rotina sistemática das investigações científicas:

“Conservamo-nos hoje tão perto das margens, que quase pudemos contar as folhas das árvores, e tivemos excelente oportunidade para estudar as várias espécies de

436 Ibidem, p. 252

437 Ibidem, pp.158-159.

palmeiras. A princípio a mais freqüente era a Açai, porém agora se confunde no número das outras. A Miriti(Mauritia) é uma das mais belas, com seus cachos pendentes de frutos avermelhados e suas enormes folhas abertas, em que forma um leque, cortadas em fitas, cada uma das quais, na opinião de Wallace, constituindo a carga de um homem. A Jupati (Rhaphia), com suas folhas em forma de plumas, às vezes de 40 a 50 pés de comprimento, parece, por causa do seu caule curto, brotar quase do solo. O seu porte, semelhandando uma jarra...”.⁴³⁸

Mas, enquanto os homens se dedicavam à busca de objetos de história natural, demonstrando um compromisso com a verdade científica e com o caráter pragmático de suas excursões, Elizabeth Cary se entregava aos *prazeres de passeios pela floresta*, onde observava o *aspecto encantador* da paisagem, vendo diante de si *desfilarem* diferentes fisionomias – índios, negros e mestiços – e estranhos costumes. Do mesmo modo que a viajante inglesa Maria Graham, a visão panorâmica com que a americana descreve a paisagem brasileira estava longe de qualquer sistema ou “*desejo de classificação*”.⁴³⁹ Ao contrário dos demais membros da comitiva, vagava *ao léu* pela *magnífica, espessa e sombria mata*, garantindo a parte de suas anotações um caráter mais livre, pois descreve o mundo natural a partir de seu ponto de vista particular, atentando para figuras humanas e paisagens (pássaros, árvores, efeito de luz no céu, o sol que reflete nas águas) cuja essência emprestava à natureza amazônica uma feição pitoresca:

“Um dos grandes prazeres da estadia em Tefé, é que temos ao nosso inteiro alcance encantadores passeios. A minha maior diversão é passear de manhã muito cedo, pela floresta que domina o povoado. É alguma coisa admirável contemplar, dessa elevação, o sol nascer por cima das pequeninas casas que estão a nossos pés, o lago pitorescamente recortado de pequenos canais que se prolongam ao longe, e, nos últimos planos, o fundo das grandes florestas da margem oposta. Do nosso posto de observação sai um estreito caminho que se estende por entre as moitas e conduz a uma magnífica mata, espessa e sombria. Aí pode agente a vagar ao léu do seu capricho, porque há como que um Dédalo de pequenas trilhas abertas pelos índios através das árvores. E como não deixar tentar pelo sombrio frescor, pelo cheiro dos musgos e das filicíneas, pelo perfume das flores? A mata é cheia de vida e de ruídos; o zumbido dos insetos, os sons estrídulos dos gafanhotos, o grito dos papagaios, as vozes inquietas dos macacos, tudo isso faz a floresta falar”.⁴⁴⁰ [grifos nossos]

438 Ibidem, p. 167.

439 SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 106.

440 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 222.

“Se os passeios de manhã cedo são deliciosos, não menos encantadores são os que faço às tardes, na praia, em frente de casa. **O sol poente tinge de vermelho as águas do rio e do lago, e nada interrompe a calma uniformidade das margens, a não ser, aqui e ali, uma família de índios sentada na areia, em volta do fogo onde cozinham a refeição da tarde**”.⁴⁴¹ [grifo nosso]

Como podemos deduzir, as paisagens acima representadas dialogam mais com a poética do pitoresco que com a poética do sublime, haja vista que sua postura diante da natureza é de integração das formas, vendo nos trópicos um ambiente acolhedor que desenvolvia nos indivíduos sentimentos sociais.⁴⁴² Imagens campestres, lugares não cultivados que apresentam uma variedade luxuriante de seres, eram consideradas paisagens naturalmente artísticas, levando o espectador ao encanto e ao prazer.

“Ontem, às seis horas da manhã, primeiro passeio. Fomos ver um **lindo recanto da floresta, cujos atrativos são muito gabados pelos habitantes de Manaus. Vão aí tomar banho, comer ao ar livre e desfrutar os prazeres campestres**. Chama-se cascatinha, para distinguir este lugar dum outro mais pitoresco ainda, segundo dizem, situado a meia légua do outro lado da cidade, e onde existe uma queda d’água mais considerável. Em trinta minutos, os remadores nos conduziram, através dos caprichosos meandros do rio, a uma espécie de barragem natural feita pelos rochedos; as águas se precipitam com grande ruído sobre as partes baixas do rio, formando corredeiras. Desembarcamos aí e, metendo-nos pelas árvores adentro numa trilha estreita que margeia o igarapé, atingimos as “banheiras”, como aqui são chamadas. **Nunca uma floresta proporcionou a Diana e suas ninfas banhos mais atraentes e bem sombreados. Grandes árvores os cercam de todos os lados; longas cortinas de vegetação os separam uns dos outros, formando numerosas bacias isoladas e discretas onde a água, de uma frescura deliciosa, saltando de piscina em piscina, vai caindo de uma para outra pequeninas cachoeiras... nós mesmos não resistimos ao prazer de mergulhar nessa água que atrai de fato**”.⁴⁴³[grifos nossos]

E como podemos entender a existência da deusa Diana e suas ninfas em plena floresta equatorial? De acordo com Katerine Manthorne, a associação dos trópicos americanos à Arcádia, aos Campos Eliseos, ao Éden, foi verbalmente e visualmente expressada por quase todos os norte-americanos que passaram pela região. E particularmente tais representações foram endereçadas ao Brasil. Já Lisboa observa que: “Em Homero...as ninfas habitam uma natureza amável onde há grupos de árvores,

441 Ibidem, p. 223.

442 ARGAN, Giulio. *Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos...* pp. 12 e 20.

443 AGASSIZ, op. cit., p. 246.

bosques, água corrente e campina viçosa. E nos trópicos oferece-se semelhante paisagem ideal".⁴⁴⁴ Nestes termos, é significativo que a americana Elizabeth Cary povoe a floresta tropical com mitos clássicos, relacionando-os à sua sensação de prazer ao desfrutar de uma paisagem corretamente pitoresca: a frescura da água que proporciona deliciosos banhos, a isto juntando-se grupos de árvores que sombreiam a paisagem. Além disso, complementando esta pintura verbal da escritora-viajante, em outras passagens descreve grupos de palmeiras, flores silvestres, campos abertos, a mata coberta de orvalho como se estivesse caracterizando um ambiente que se revelava verdadeiro jardim espontâneo. Em Manaus observa em passeio matinal a "*mata ainda coberta de orvalho*", as cachoeiras, a frescura da água, as flores silvestres, as rochas, todos elementos da natureza em perfeita interação, produzindo efeito encantador.

*"Esse passeio matinal, na **mata ainda coberta de orvalho, foi um encanto**, antes que, antes que o calor do dia se fizesse sentir, chegamos a uma pequenina construção junto da cachoeira, no meio de uma mata, numa elevação ao pé da qual corre o rio, que se precipita do alto de uma estreita plataforma rochosa."*

*"Pela sua formação essa cascata é uma Niágara em miniatura...Após a queda, as águas se intrometem por uma estreita passagem entulhada por grandes blocos, troncos derrubados, e raízes mortas que dividem em corredeiras. Um pouco mais longe se encontra uma bacia profunda e larga, de fundo arenoso, coberta por uma abóbada de vegetação tão espessa e sombria que até os raios do sol do meio-dia nela não penetram. **Aí é que são os banhos, banhos deliciosos** conforme tivemos ocasião de experimentar. A sombra é tão densa e a corrente tão rápida que a água adquire uma temperatura excessivamente fresca, fato que **aqui é extraordinário**, parecendo mesmo fria a quem acabou de se expor aos raios do sol. Ao lado dessa bacia, observei uma **parasita toda em flor**. Quando chegamos à Amazônia, já havia passado a época da floração da maioria das parasitas, e, se vimos belíssimas coleções dessas plantas nos jardins, não as encontramos ainda nas florestas. A que estou falando se encontra no oco duma grande árvore, que se inclina por cima do rio; é um tufo de folhas verde-carregado, **com grandes flores coloridas de violeta e amarelo palha**; está inteiramente fora do alcance, e esse **pequeno jardim suspenso é de um efeito encantador que seria pena destruí-lo**".⁴⁴⁵ [grifos nossos]*

Podemos entrever, desta forma, que o olhar de Elizabeth estava treinado para ver paisagens ideais, em conformidade a um padrão ditado por pintores, paisagistas e pela

444 LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius*...p. 102.

445 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil*... pp. 267-268.

poesia bucólica. Também porque essa era a maneira mais conhecida para descrever a estranha paisagem tropical, tornando-a *visualmente imaginável*⁴⁴⁶ para leitores europeus e norte-americanos. Conforme Lisboa, “*esse esforço em identificar paisagens familiares ao olhar europeu também é perscrutável uma vez que os autores se remetem às vistas adjetivadas de “românticas” ou, pelo seu sinônimo, de pitorescas*”.⁴⁴⁷ Mas, por outro lado, a aceitação de uma obra prescinde identificação com ela. Por isso, quando pensamos no grande sucesso editorial do livro dos Agassiz, evidencia-se claramente que a linguagem emotiva e pitoresca, cujos princípios proporcionam reintegração do homem à natureza, correspondia ainda aos apelos do leitor urbano, principal receptor da mensagem, para usarmos as palavras de Janice Theodoro, por quem “*vive nas cidades nos séculos XIX e XX, mas sonha e deseja estar imerso na natureza mãe, a única que oferece as suas dádivas a todos igualmente*”.⁴⁴⁸

3.2 – Terras remotas, florestas e rios sem fim: imagens ambíguas sobre a natureza

Mas, se seus *olhos adestrados* esperavam ver o ideal de paisagem de acordo com o gosto europeu, por outro a experiência da viagem leva-os a enxergar deformidades na realidade. Wallace não esconde sua decepção:

“Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como o que eu havia imaginado e conjecturado durante o tédio de uma viagem marítima”.⁴⁴⁹

Ao passo que suas vistas procuraram identificar paragens familiares ao olhar europeu, também regiões alhures eram celebradas pelo exotismo, pela variedade de formas, o que gerava no viajante a expectativa de *ver com seus próprios olhos* aquelas imagens extraordinárias que outros cronistas haviam revelado sobre a América meridional; um mundo idílico, avesso às paragens inglesas e estadunidenses, por onde a intensidade de transformações na natureza e no campo havia realizado um turbilhão de mudanças sentidas na relação entre homem e natureza. A celebração de uma natureza onde

446 LISBOA, Karen. *A nova Atlântida de Spix e Martius*...p. 104.

447 Ibidem, p. 104.

448 THEODORO, Janice. *Da justa medida ao excesso: O imaginário de Jorge Armado como alicerce da Nação Brasileira*. Texto elaborado pela professora Janice Theodoro da Silva para o laboratório– Jorge Amado os Dilemas da Justa Medida – realizado em 24 de maio de 2007 na UFAM, p. 101.

449 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*...p. 38.

*“A beleza das palmáceas só por alto poderia ser descrita. Elas são essencialmente características dos trópicos. De formas elegantes e variadas, e de linda folhagem, com os seus frutos tão úteis ao homem, despertam logo, não só aos naturalistas, mas também a todos aqueles que estão familiarizados com as descrições dos países tropicais, onde elas se encontram, um extraordinário e infalível interesse”.*⁴⁵⁰

Como repetidas vezes enfatizamos, para qualquer viajante fascinado pelas descrições desses lugares, sua expectativa era de encontrar o Éden, a Arcádia nos trópicos, sendo a palmeira um dos símbolos visuais mais representativos para o olhar viajante que a concebia como sinal bíblico do Paraíso⁴⁵¹:

*“Dentre os traços característicos da paisagem tropical não creio que haja um de que se faça menos idéia, entre nós, do que aquele que as palmeiras nos fornecem. O seu nome é legião. A variedade de suas formas, de seus frutos, flores e folhas, é verdadeiramente maravilhosa, e, não obstante isso, é impossível deixar de reconhecer a sua fisionomia geral”.*⁴⁵²

Do mesmo modo, outras numerosas formas tropicais são requeridas pelo observador atento:

*“Árvores de extraordinária altura erguem-se por toda parte...As parasitas e trepadeiras, de grandes folhas luzentes, pregam-se-lhes os caules, elevando-se até aos mais altos galhos...”.*⁴⁵³

*“Frutos e sementes, curiosíssimos, espalham-se pelo solo, e muito há para prender a atenção e causar espanto a qualquer amante da natureza”.*⁴⁵⁴

*“Uma moita de cactos de aspecto verdadeiramente tropical; de trinta pés de altura de altura, crescia perto da casa, mas fora plantada ali. Os matos estavam cheios de curiosas bromélias e aruns, e bem assim de muitas árvores e arbustos isolados”.*⁴⁵⁵

*“Olhando-se para cima, com as suas folhagens curiosamente espalhadas, em violento contraste com o céu claro é este um dos Admiráveis característicos da floresta tropical, já repetidas vezes referido por Humboldt.”*⁴⁵⁶

450 Ibidem, p.43.

451 Segundo Manthorne, a palmeira para alguns viajantes é símbolo visual importante por que é associada a árvore bíblica e o sinal da direção do Paraíso.MANTHORNE, Katherine E. *O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX...* p. 62.

452 AGASSIZ, Louis. Viagem ao Brasil. pp. 319-320.

453 WALLACE, op. cit., p. 44.

454 Ibidem, p. 44.

455 Ibidem, p. 58.

456 Ibidem, p. 60.

Além da vegetação, seus olhos atentos se voltam para o mundo animal: “o que logo nos atrai a curiosidade são os sáurios”.⁴⁵⁷ Em seguida “as formigas não podem deixar de ser referidas”.⁴⁵⁸ Entretanto, nenhuma outra espécie de insetos são tão numerosas quanto

“as lindas borboletas de um azul metálico, que são as primeiras a ser notadas pelos viajantes da América do Sul, em cujo território somente são elas encontradas, e que ao longo dos caminhos das florestas, voando preguiçosamente, ora sob densa sombra, ora sob a brilhante claridade, constituem um dos mais admiráveis espetáculos, que o mundo dos insetos pode apresentar”.⁴⁵⁹

Juntando-se a este espetáculo proporcionado pela fauna e flora tropicais, o *clima delicioso*:

“O clima, quanto até aqui temos experimentado, tem sido delicioso. O termômetro não se elevou acima de 87° à tarde, e nunca desceu a menos de 74° durante a noite. As tardes e as manhãs são agradáveis e frescas, e temos geralmente uma chuva, e aprazível brisa, à tarde, que purificam e refrescam a atmosfera”.⁴⁶⁰

Atmosfera ideal para passeios:

“Nas noites de luar, até às oito horas, as senhoras passeiam pelas ruas e subúrbios, sem qualquer manto na cabeça, em trajes leves, e os brasileiros, em suas “rocinhas”, ficam defronte a palestrar, com a cabeça descoberta e em mangas de camisa, até 9 ou 10 horas da noite, inteiramente despreocupados das frescas brisas noturnas e do orvalho dos trópicos, de que tanto receamos e consideramos perigosos”.⁴⁶¹

E a floresta virgem com suas características inigualáveis:

“A uma distancia de cerca de duas milhas da cidade, começamos a penetrar na floresta virgem, o que logo reconhecemos pelo alto porte das árvores e mais profundas sombras, que algo denunciavam sua aproximação. O elevado número e a variedade de árvores de alto porte, com seus troncos elevando-se freqüentemente de 60 a 80 pés de altura, sem um galho e perfeitamente retilíneos, as enormes lianas, que por eles se estendem obliquamente, como fantásticas serpentes de bote pronto para apanhar a presa, eram os seus principais característicos”.⁴⁶²

457 Ibidem, p. 46.

458 Ibidem, p. 45.

459 Ibidem, p. 48.

460 Ibidem, p. 50.

461 Ibidem, p. 50.

462 Ibidem, p. 59.

Embora seu contato inicial quisesse dar conta de tudo o que *as descrições dos países tropicais* haviam celebrado, ao deparar com a uniformidade da paisagem, com a ausência de imagens cânones da floresta equatorial que apontavam para a exuberância das formas da natureza, como por exemplo, a falta de palmeiras, decepciona, causa sensação de monotonia no viajante que, então, passa a acusar a inferioridade da natureza amazônica em relação à sua pátria, fazendo o viajante “*experimentar muito desapontamento quando visita o local*”.⁴⁶³

“Ali não havia palmeira ou quaisquer outras formas da admirável vegetação tropical. Os musgos e pequenas plantas nada tinham de particular. O local era parecido com muitos que eu tenho visto em nossa pátria. As solidões das florestas são solenes e grandiosas, mas nada, aqui, neste país, ultrapassa a beleza dos nossos rios e o cenário dos nossos bosques. Aqui e acolá, viam-se alguns bizarros grupos de plantas cobertas de flores, ou, então, uma enormíssima árvore, tomada completamente por trepadeiras, carregadas de flores, que nos extasiam deveras pelo seu aspecto verdadeiramente tropical”.⁴⁶⁴

Este sentimento fora experimentado por Wallace logo na primeira semana de visita ao Pará, quando em Belém “*embora constantemente embrenhado nas florestas de seus arredores, eu não vi sequer um beija-flor, um papagaio ou um macaco*”.⁴⁶⁵ As flores e os insetos também não impressionam:

*“A par disso, mesmo ali, **alguma coisa há que falta** e que esperávamos encontrar: **as magníficas orquídeas, tão apreciadas na Europa**, que julgávamos fossem encontradas abundantemente nas florestas tropicais, **não se vêem**, a não ser umas poucas espécies de flores de uma amarelo baço e pardo muito mirradas”*.⁴⁶⁶

*“Não vimos ainda **nenhum dos notáveis e grandes insetos da América do Sul**, os **rhinóceros, ou escaravelhos-arlequins**, porém encontramos numerosos exemplares do gigante *Mantia*, ou inseto rezador, e também algumas *Mygale*, ou aranha pegadora de pássaros, que são aqui impropriamente chamadas tarântulas, e que dizem ser muito venenosas”*.⁴⁶⁷

Wallace – mais que Elizabeth – ficara decepcionado haja vista que

463 Ibidem, p. 39.

464 Ibidem, p. 106.

465 Ibidem, p. 39.

466 Ibidem, p. 44.

467 Ibidem, pp. 48-49.

“as produções naturais nos trópicos a princípio não corresponderam à minha expectativa. Isto em parte é devido às narrações feitas por viajantes devaneadores, fantasistas, que, descrevendo somente as suas belezas, a sua pompa, a sua magnificência, quase fazem uma pessoa acreditar que nada de um caráter diferente possa mesmo existir sob o sol dos trópicos”.⁴⁶⁸

Observamos, por estas descrições, que Wallace partiu rumo a uma geografia imaginativa, decantada por outros cronistas sobre a natureza americana. Foi para a confirmação de algumas daquelas imagens extraordinárias de exotismo, exuberância e riquezas apreendidas que o viajante se põe em marcha para o Amazonas. No entanto, à medida que avança, sua visão idealizada da natureza tropical é substituída pelo olhar de desencanto ao encontrar-ser pela primeira vez diante de uma paisagem que não o fascina. O que seus olhos perceberam foram algumas partes da região do baixo Amazonas e do Tocantins, já exploradas pela ação humana: *“Nas matas de um segundo crescimento, nos campos e em muitos outros lugares mais, nada há que desperte a atenção de uma pessoa qualquer, a não ser ao naturalista, que se acha fora da Europa”*.⁴⁶⁹ De tal modo que ao testemunhar no Pará (Marajó) o processo de sujeição da natureza, a queimada, ele descreve o acontecimento de forma dramática, revelando uma consciência de que a ação do homem pode levar à diminuição da vida selvagem:

*“No nosso regresso à choupana, passamos por uma parte do campo, que estava sendo queimada. Tive o ensejo de observar o curioso fenômeno do fogo, avançando, ao mesmo tempo, de direções opostas. O vento ajudava o fogo a avançar rapidamente na direção de oeste, enquanto, ao mesmo tempo, em outro local, obrigava as crescidas e altas relvas a dobrar-se para o lado das chamas, e estas, ainda que de modo mais brando, iam por sua vez, adiantando na direção leste. Queimam-se aqui, propositalmente, os campos, todos os anos, na quadra do verão. Em seguida, logo após as primeiras chuvas, brota uma bonita pastagem, em substituição das ervas e relvas secas, que são consumidas pelo fogo...Regressei por terra para a fazenda, ao longo de uma estrada, que estava **com um aspecto verdadeiramente desolador. A cena, agora, era de completa tristeza e de absoluta esterilidade.** Não se via, milhas a fora, em toda a roda, uma folha sequer das relvas que foram queimadas. Tudo se havia transformado ali em um imenso leito de compridas varas, estendendo-se por todos os lados da ilha, de uma a outra ponta. Em alguns lugares, jazem, em grande leitos, as cinzas das*

468 Ibidem, p. 43.

469 Ibidem, p. 106.

numerosas mimosas, cheias de espinhos. Em intervalos, viam-se consideráveis tratos de terrenos, cobertos de árvores desfolhadas".⁴⁷⁰ [grifo nosso]

Para um olhar sedento pela novidade da natureza selvagem – em contraponto à cultivada Europa – ver o fogo dissipar o verde o remete à sensação de perda, de desolação, não apenas pelo aspecto antiestético produzido pela cena de destruição da natureza viva, mas por considerar repulsivas e feias paisagens remetidas para produção, evidenciando-nos uma atitude diferente das ações dos colonizadores dos séculos XVI e XVII em que o vermelho do fogo e o verde das florestas ganhavam outro sentido, como nos esclarece Nicolau Servcenko:

“É do verde que emergem índios hostis, animais selvagens, insetos e doenças. É o verde que previne o olho de encontrar riquezas fáceis para saquear. É o verde que preenche o sítio reservado para as plantações de cana-de-açúcar. É o verde que esconde e protege as populações cujo destino é servir. O alívio vem na forma do sinal vermelho: fogo nas florestas, para abrir um horizonte tão distante quanto a visão pode alcançar e, uma vez alcançado, fogo novamente".⁴⁷¹

Como já expressamos anteriormente, a apreciação da natureza requer a separação de cenários preparados para o cultivo vinculado à produção e à paisagem para a satisfação do olhar. Para esses viajantes tais cuidados são oriundos de um sentimento moral cada vez mais presente entre os europeus, sobretudo ingleses, do Oitocentos, a de que a perda da natureza gera uma perda para o espírito humano, sendo na solidão de espaços incultos, e não na terra lavrada, o refúgio necessário para a interiorização e elevação espirituais. Um anseio de escapar do burburinho crescente das cidades e das fábricas, aliado a um desejo de liberdade. E neste aspecto, alguns pensadores, como John Stuart Mill em 1848, reivindicam a necessidade de *“preservar algumas áreas onde os homens ainda pudessem ficar a sós*".⁴⁷² Concomitante a este processo, surgiu o desenvolvimento de sentimentos que atacavam a crueldade contra os animais. É por compartilhar dessas atitudes que o naturalista-viajante descreve outra cena, ocorrida em espaço cultivado de uma fazenda em Marajó, demonstrando sensibilidade ao sofrimento dos animais:

“Divertimo-nos muito ali, assistindo às suas rudes lidas com o gado, ora forçando as reses a entrar no curral, ora jogando nelas os laços, quando alguma tinha de ser

470 Ibidem, p. 144.

471 Do mesmo modo observou MARTINS, Luciana Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes...* p. 14.

472 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* p. 318.

*abatida. Para esse propósito, jogam dois laços, que são atirados para pegar nos pés ou na cabeça. As pontas dos laços são firmemente sustentadas pelos cavaleiros. O matador, então, salta do cavalo, e, num golpe rápido, jarreta o pobre animal, com uma certa cutilada. Para mim, em verdade, foi esse um **espetáculo bastante desagradável e brutal**. A rés cai imediatamente no solo e em vão tenta levantar-se; e, então, corre os olhos em roda, sobre os seus impiedosos atacantes. Depois, com outro golpe, por fim, a faca é-lhes introduzida na garganta, penetrando o peito. Ainda bem o animal não está morto, já começaram a tirar-lhe o couro e a esquartejá-lo. Os cães e os urubus ficam de lado, à espreita, aguardando o momento de se arremeterem ao festim, que vão ter onde se acham as entranhas das rés, numa poça de sangue, que demarca o local. **É um espetáculo muitíssimo desagradável de assistir-se, e eu não desejo testemunhá-lo mais do que uma vez**”.*⁴⁷³ [grifos nossos]

Tal atitude também foi evidenciada por Keith Thomas entre os ingleses do século XVIII, quando estes viajavam pelo exterior. Em algumas narrativas viajantes britânicos observam que se sentiram chocados ao presenciarem o tratamento submetido aos animais:

*“A tourada espanhola há muito era famosa por aquilo que o primeiro conde de Clarendo denominava sua “rudeza e barbárie”. Os turistas ingleses sempre iam vê-las, mas não mais que uma única vez. “Quinze ou dezesseis touros miseráveis foram massacrados” escreveu o perspicaz William Beckford após uma tourada portuguesa, em 1787, acrescentando em outra ocasião: “Enjoei-me com o espetáculo”. Meus nervos ficaram à flor da pele e tive a impressão de sentir cortes e estocadas durante o resto da noite”. “Um esporte execrável”, concordava Robert Southey”.*⁴⁷⁴

A reação *desagradável* do viajante reflete a crescente preocupação inglesa ao tratamento dos animais, que segundo Thomas mostra:

*“a emergência de uma crença da época vitoriana que se tornaria uma convicção arraigada: a de que os animais mais infelizes eram dos países latinos do sul da Europa, pois neles ainda vigoravam as antigas doutrinas católicas sobre a inexistência de alma nos animais”.*⁴⁷⁵

Ora, o visível desconforto de Wallace ao testemunhar o abate do gado faz parte do corrente sentimento inglês de aversão à matança de animais, à crescente sensação de culpa pela alimentação carnívora, cujos desconfortos causaram, entre outros fatores,

473 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 149.

474 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural...* p. 170.

475 Ibidem, p. 171.

inúmeras tentativas para dissimular ou ocultar matadouros dos olhares públicos, a fim de não causar “*choques excessivamente fortes entre a realidade material e as sensibilidades privadas*”.⁴⁷⁶ É em conformidade com esse legado que podemos observar algumas reações de Wallace quando escreve:

“Acrescentamos ainda algumas palavras a respeito da alimentação do povo. A carne de vaca constitui o principal alimento. As reses procedem das fazendas de criação, sitas alguns dias de viagem rio acima, de onde são trazidas em canoas. Durante a viagem, recusam alimento e perdem a maior parte da gordura chegando ao seu destino em deploráveis condições. São abatidas logo, no dia seguinte, para o consumo diário, e são abertas a machado e a cutelo, sem nenhuma observância dos preceitos de higiene, deixando-se o sangue correr sobre a carne. Diariamente, cerca das seis horas da manhã, vêem-se numerosas carroças seguindo em diferentes direções pela cidade, para fazer a distribuição da carne aos açougues, o que é feito em peças, tal qual a carne de cavalo, quando é levada para algum canil. E isto, para uma pessoa de estômago, delicado, não deixa de causar repugnância, quando, ao sentar-se à mesa outra coisa ali não vê, senão carne de vaca”.⁴⁷⁷

O que Wallace sente é a sua moral abalada ante a provas de barbárie dos homens que infligia às criaturas indescritíveis sofrimentos. O desenvolvimento destas convicções na sociedade inglesa desdobrou-se em vários aspectos e significados: não apenas a profissão dos açougueiros tornou-se objeto de preconceitos “*o ofício de um açougueiro, concordavam Adam Smith, é a função mais brutal e odiosa*”⁴⁷⁸, mas embasaram argumentos do vegetarianismo e impuseram uma nova moral que culminaram, como já expressamos no capítulo anterior, nas legislações de proteção ambiental dos fins do século XIX e início do XX.

No entanto, o processo pelo qual arregimentava suas coleções nada havia de condizente a essa nova sensibilidade *pelas criaturas brutas*⁴⁷⁹ como mostra o fragmento a seguir:

“Diverti-me muito com a minha espingarda, ora serpenteando por entre altas ervas, para caçar as ariscas aves aquáticas, ora andando pelo campo, onde encontrava um pica-pau ou arara, que recompensava a minha perseverança. Fiquei muito contente abatendo, pela primeira vez, uma bonita arara azul-amarela. Em compensação essa

476 Ibidem, p. 355.

477 WALLACE, Alfred R. *Viagens pelo Amazonas e Negro...* pp. 50-51.

478 THOMAS, op. cit., p. 350.

479 Usamos o termo empregado por Keith Thomas.

ave deu-me árduo trabalho para depená-la, no que gastei algumas horas, pois a sua cabeça é tão carnosa, tão cheia de músculos, que não é fácil limpá-la completamente".⁴⁸⁰ [grifos nossos]

Acima o próprio viajante confessa o seu prazer, mais que os fins utilitários, que se constituía a perseguição de animais selvagens. A atitude de Wallace nessa passagem se assemelha aos costumes da tradição inglesa de caçar animais por esporte e divertimento, sendo um passatempo cultuado ainda hoje no meio aristocrático. Assim, a prática naturalista de Wallace também obedecia ao impulso de atirar para matar quando via o sinal de pássaro raro e desta maneira suas coleções cresciam à medida que efetuava a execução de muitos espécimes amazônicos, demonstrando que seu principal desejo era satisfazer a crescente febre dos colecionadores de animais exóticos, aves raras e empalhadas. Nesta atitude não vemos qualquer menção de que era errado matá-los, simplesmente porque não concebia que tal ação poderia resultar no desaparecimento de espécies particulares. Talvez também por que aquele não fosse o seu papel, mas antes estava inserido na tarefa constante de localizar as espécies *"extraindo-as de seu nicho arbitrário, particular (o caos) e colocando-as em seu posto apropriado no interior do sistema (a ordem – livro, coleção ou jardim) junto ao seu recém criado nome secular europeu"*.⁴⁸¹ E qualquer ação neste sentido é justificada, naturalizada, ressaltando-se o objetivo "benigno" do naturalista.

Por outro lado, a menção de certa "consciência preservacionista" não demonstra por si só a plena efetivação de práticas sociais em defesa da fauna e da flora, domésticas ou não, mas nos mostra indícios de que entre os britânicos haviam-se iniciado alguns debates, algumas atitudes que sinalizavam para outra atitude do homem frente à natureza: o gosto pela natureza selvagem, noções que circularam pelos circuitos de letrados ocidentais. Wallace provavelmente não estava alheio a essas discussões, a esses sentimentos crescentes, como pudemos observar na passagem acima citada. Contudo, parece-nos evidente que o viajante, ao observar a natureza amazônica expõe estas preocupações excluindo-se de qualquer culpabilidade no processo de coleta de espécies, e reservando aos nativos, para o Outro, a responsabilidade pela ação predatória:

"Em algumas praias, [as tartarugas] depositam-nos [ovos] em tal número, que aqueles lugares quase são uma só massa de ovos abaixo da superfície. Os índios vão colhe-los ali, para fazer óleo. Enchem as suas canoas com os ovos que, em seguida, dentro da

480 WALLACE, op. cit., pp. 140 e 141.

481 PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...*pp. 65-66.

própria canoa, são quebrados e misturados a um só tempo. O óleo sobrenada, e, em seguida, é escumado e cozido, sendo guardado, depois dessa operação, a fim de ser usado para a iluminação ou culinariamente. Destroem-se assim, anualmente, milhões de ovos. Em consequência dessa devastação, estão-se tornando cada vez mais raras as tartarugas grandes do Amazonas. Nas praias mais extensas, chega-se a produzir dois mil potes de óleo por ano. Cada pote contém 5 galões, e são necessários cerca de 2.500 ovos para cada pote, o que dá a cifra de 5000.000 de ovos destruídos em uma só localidade. Dos que escapam, só uma diminuta porção é que consegue vingar e alcançar a maturidade. Quando as tartarugas novas saem dos ovos e correm para a água, já estão à espreita muitos inimigos. Os grandes jacarés abrem as enormes mandíbulas e engolem-nas às centenas. Os jaguares...As águias...”.⁴⁸²[grifo nosso]

Contudo, a trajetória de Bates nos oferece novos elementos para outra analogia do primeiro impacto em relação à alteridade ambiental amazônica. Considerando que as impressões de Bates foram escritas pós-evolucionismo⁴⁸³, isto é, após uma década de residência nas províncias do norte do Brasil, ele reconsiderou suas primeiras impressões:

*“Com efeito, há na floresta uma variedade enorme de mamíferos, pássaros e répteis, mas eles se acham muito espalhados e **todos demonstram muito receio ao homem**. A região é tão vasta em cobertura vegetal tão uniforme, que só a longos intervalos, nos lugares que se mostram particularmente mais atraentes do que outros, os animais são vistos em grande número”.⁴⁸⁴ [grifo nosso]*

O naturalista inglês achou a chave de interpretação da natureza amazônica utilizando as mesmas explicações à contrapelo usadas por Darwin ao percorrer Galápagos. Ou seja, invertendo a ordem da explicação darwiniana para o qual a mansidão dos animais resultava da ausência de habitantes humanos, para Bates, os animais da região eram escassos em determinados espaços porque adquiriram instintivamente medo da ação predatória do homem. Entretanto, embora seu pensamento indicasse uma crítica às teses depreciativas ao mundo natural americano, instauradas por Buffon, seu apelo às grandes animálias não correspondia à mesma predileção de Buffon pelos animais de grande porte? Sobre estes aspectos Wallace explica que para olhar e admirar as surpresas do *“luxuriante território situado a um*

482 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 563-564.

483 Bates volta à pátria no mesmo ano da publicação do famoso volume “A origem das espécies” de Charles Darwin, em 1859. O livro de Bates fora publicado somente 4 anos depois (1863) ante a insistência do próprio Darwin para que o fizesse.

484 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...* pp. 36-37.

grau do Equador”⁴⁸⁵ o observador deve buscar “*certa soma de familiaridade é necessária para conhecer os seus habitats, bem como alguma prática para descobri-los na floresta, quando às vezes os pressentimos próximos*”.⁴⁸⁶ Somente para fora da cidade é que a natureza causava algum espanto *a qualquer amante da natureza*:

“Prosseguindo-se umas poucas milhas para fora da cidade e penetrando-se de fato na floresta, que a cerca por todos os lados, contempla-se então outra cena, muitíssimo diferente. Árvores de extraordinária altura erguem-se por toda parte. A sua folhagem varia em cor, desde o claro mais esbelto ao escuro mais carregado. As parasitas e trepadeiras, de grandes folhas luzentes, pregam-se-lhes os caules, elevando-se até os mais altos galhos, enquanto outras, de enormes hastes, pendem, como cordas e cabos, de suas grimpas... muito há para prender a atenção e causar espanto a qualquer amante da natureza”.⁴⁸⁷

Por outro lado, a tradição de se fazer cercamentos em bosques para impedir a entrada de animais, ou o cultivo de árvores para corte, faz da brenha inglesa a expressão de práticas sociais que escapam a uma linha precisa de tempo, pois desde o século XIII o comércio de madeira já estava bem estabelecido para construção e para lenha,⁴⁸⁸ sendo estas ainda podadas e criteriosamente abatidas, evidenciando que em muitas áreas “*as matas já tinham deixado de ser hostis, tendo se tornado domésticas, parte essencial da economia do campo*”.⁴⁸⁹ Se antes do século XVIII as matas inglesas não cultivadas eram vistas como um obstáculo para o progresso humano – lugar onde residiam perigos e gente rústica, o refúgio dos fora-da-lei – por certo que havia em parte a concordância no caráter utilitário de manter-se certas reservas para extração “*de madeira e que os bosques seriam úteis para combustível e outros propósitos. Mas as árvores deviam ser cultivadas em terra inferior, em matas plantadas para corte ou para extração de madeiras nobres, regularmente cortadas e limpas. Para matas de qualquer outro gênero não havia lugar*”.⁴⁹⁰ Desta forma, a mudança na atitude de desferir golpes de machado em árvores em nome do progresso veio em razão da crescente necessidade prática de plantar árvores para retirar madeira para construção e carvão para combustível. Além da atividade madeireira, medidas foram criadas para preservar a mata a fim de fornecer ambiente favorável para animais de caça. Mas é no século XVIII

485 WALLACE, op. cit., p. 39.

486 Ibidem, p. 39.

487 Ibidem, p. 44.

488 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*...p. 236.

489 Ibidem, p. 236.

490 Ibidem, pp. 234-235.

que o par árvore/caça tornou-se indissociável, principalmente com a emergência do modismo entre a aristocracia de caça à raposa. Uma moda que ditou o plantio de árvores e a preservação de bosques para refúgio desses animais. Portanto, fornecer alimento e abrigo para animais de caça foi o segundo ponto de desenvolvimento de uma consciência preservacionista na Inglaterra, a este critério soma-se a conseqüente “crença de que a mata acrescentava beleza e dignidade ao cenário”.⁴⁹¹

Mas, retomemos a percepção dos viajantes sobre a natureza amazônica. Aquelas impressões iniciais de decepção em relação à variedade e à perfeição da fauna e da flora também foram expressadas pelo seu companheiro de viagem Bates. Do mesmo modo, Bates observou que a beleza e o número de pássaros não satisfizeram suas expectativas: “A maior parte dos pássaros que vimos era de pequeno tamanho e de plumagem pouco vistosa; de fato, seu aspecto se assemelhava, de um modo geral, ao dos pássaros que encontramos nos campos da Inglaterra”.⁴⁹² Além dos pássaros, seguiram-se outras decepções em relação ao meio natural amazônico:

“Para grande decepção nossa, não vimos **nenhuma [flor]**, ou apenas exemplares insignificantes. As **orquídeas são raras** nas matas cerradas das regiões baixas. Acredito poder afirmar agora com bastante certeza que a maioria das árvores da selva, no Brasil equatorial, apresentam flores pequenas e pouco notáveis... Ficamos decepcionados também por não termos visto **nenhum animal de grande porte na floresta...**”.⁴⁹³ [grifos nossos]

Esta citação nos remete a alguns pontos de discussão sobre a concepção da natureza que circulava na época da viagem. Desde o Setecentos havia se instaurado uma polêmica sobre o Novo Mundo nos círculos intelectuais europeus: a concepção da debilidade ou imaturidade das Américas.⁴⁹⁴ Para os adeptos da debilidade e inferioridade da América em relação ao Velho Mundo, além da dimensão das alimárias, o clima se constituía em outro importante critério para definir as relações de inferioridade ou superioridade de um ou de outro continente: “Montesquieu, como se sabe, sublinhava a dificuldade de estabelecer ou manter instituições livres em climas quentes e lascivos, que tornam o povo indolente e vil”.⁴⁹⁵ Para Hegel “O ardor dissipa a voz e volta a exprimi-la no esplendor metálico da cor. O som parece no calor. E também a voz,

491 Ibidem, p. 235.

492 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...* p. 15.

493 Ibidem, pp. 15-16.

494 GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica...* passim.

495 Ibidem, p. 40.

embora sendo qualquer coisa mais elevada que o som, sofre com essa exposição ao clima tórrido".⁴⁹⁶ E De Pauw ainda se mostra mais radical que o próprio Buffon: *"Assim como tantas outras espécies animais indígenas, degeneram em um clima hostil à sociedade e ao gênero humano: "a totalidade da espécie humana encontra-se indubitavelmente debilitada no Novo Continente"*.⁴⁹⁷ Sendo a natureza americana fraca e corrompida, pois nela prosperam apenas os insetos, as serpentes, os animais nocivos e apavorantes.⁴⁹⁸

Como leitores entusiastas de Alexander von Humboldt, Wallace e Bates compactuavam com uma visão de natureza tropical exuberante, o que demonstrava que ao procurarem as paragens sul-americanas colocavam-se contrários à tese buffoniana de inferioridade das espécies americanas e que a submetia a uma revisão crítica.⁴⁹⁹ Então, como esclarecer as suas primeiras impressões da natureza nestes termos? Considerando que o primeiro impacto dos naturalistas sobre a Amazônia foi realizado pela via textual – livros, jornais, revistas – uma resposta provável para tal atitude mostra que os viajantes ao verem com seus próprios olhos a realidade dos trópicos tenham expressado uma espécie de sentimento de cura pelo gosto da natureza tropical:

*"O exagero das idéias, que geralmente fazemos a respeito dos trópicos, provem da leitura dos trabalhos de naturalistas, que são em grande número entre os viajantes daquelas regiões. Se eu **cheguei a uma conclusão diferente, não é porque eu seja incapaz de apreciar os esplendores do cenário tropical, porém, sim, porque acredito que eles não são da natureza ou da espécie com geralmente são pintados. Os cenários de nossa terra são insobrepujáveis. Nada há nos trópicos que se lhes aproxime, nem os cenários dos trópicos são como os que vêem aqui. Lá – singulares estruturas de caules e de lianas, folhas gigantes, palmeiras esbeltas e as plantas, individualmente, tendo vistosas flores, são os aspectos característicos. Aqui – um interminável tapete de verdura com tufos de vistosas flores, dos mais variados matizes, e uma constante variedade de planícies e de florestas, de prados e de bosques, que mais do que os objetos individualmente, enchem de verdadeiro deleite o espectador"***.⁵⁰⁰ [grifos nossos]

Em outras palavras, da relação textual de que dispunham emergia uma geografia imaginativa carregada do mito de uma natureza intocada, ideal, paradisíaca; no entanto, ao contrário do que suas expectativas queriam encontrar, evidenciaram que nas florestas

496 Ibidem, p. 326.

497 Ibidem, p. 57.

498 Ibidem, p. 58.

499 Ibidem, p. 345.

500 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 546.

tropicais “*nota-se que pouco de beleza e de vigor possuem o seu colorido*”.⁵⁰¹ Estas evidências mostram que o desapontamento fora, sobretudo, estético. Neste sentido, é significativo que Wallace tenha usado a metáfora da pintura para justificar o fato de não ter encontrado prazer estético na paisagem. Se os cenários por ele vistos discordaram das vistas usualmente pintadas por outros viajantes, é por que as “*sensações de prazer que experimentamos, quando observamos os objetos naturais, dependem mais das associações de idéias que fazemos sobre sua utilidade, a sua novidade ou a sua história*”⁵⁰², que do resultado de eventual falha em sua educação estética, de sua pouca sensibilidade para “*apreciar os esplendores do cenário tropical com que geralmente são pintados*”.⁵⁰³ Além disso, como podemos observar acima, que os signos *Aqui e Lá* foram usados na forma de um espelho que reflete nitidamente o contraste entre dois mundos. *Aqui* – “*prados e bosques das regiões temperadas*”... “*os tratos de solo expandindo-se em verdejantes pradarias ou em ricas pastagens*...” *Lá* – *densa e alta floresta primitiva, sendo ao mesmo tempo, a mais dilatada e mais selvagem, que existe na superfície da terra.*”⁵⁰⁴ Tal julgamento evidencia que o viajante não apenas possuía resquícios das visões depreciativas sobre as zonas equatoriais em seu pensamento, mas, além disso, que revisava sua posição em relação à polêmica, passando a ver de forma crítica os princípios da filosofia da natureza, base das descrições românticas sobre os trópicos, do mesmo modo que Hegel (também um detrator da América) o fez, conforme nos esclarece Gerbi:

“*Porém na idade madura, distanciando-se de Schelling e aborrecido com as rapsódias místicas dos românticos, Hegel constatava friamente e descrédito em que caíra a pretensa ciência filosófica da natureza: “Aquilo a que, em tempos mais recentes, se deu o nome de filosofia da Natureza consiste em grande parte num jogo fútil com analogias vazias e superficiais, as quais, não obstante, se pretende que sejam conclusões profundas. Com isso, a contemplação filosófica da Natureza mergulhou em merecido descrédito*”.⁵⁰⁵

Segundo Gerbi, a originalidade da tese de Buffon foi determinar diferenças entre os continentes Europeu e Americano para o qual este era terra nova, pois “*ficou mais tempo sob as águas do mar, que mal acaba de emergir e ainda não secou direito*”.⁵⁰⁶

501 Ibidem, p. 541.

502 Ibidem, p. 544.

503 Ibidem, p. 546.

504 Ibidem, p. 533.

505 GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica...* p. 318.

506 Ibidem, p. 27.

Conseqüentemente, no plano humano “*é um ambiente ainda intocado, do qual o homem ainda não tomou posse, insalubre, portanto, para gente civilizada e animais superiores.*”⁵⁰⁷ Wallace, portanto, reaviva os princípios da tese de Buffon, embora tenha por outro lado, revisado algumas daquelas idéias depreciativas:

*“Nós não estamos de acordo com a generalizada crença de que os pássaros dos trópicos têm uma deficiência de canto, proporcional ao brilho de sua plumagem, crença essa que deverá ser modificada. A maior parte das aves dos trópicos, de brilhante plumagem, pertencem a famílias e grupos que não são cantores, enquanto os nossos pássaros de plumagem mais coloridas, como o pintassilgo, o canário, não são menos canoros, havendo também pequenos pássaros, que igualmente assim o são. Ouvimos uns cantos parecidos com os do nosso melro e com o do pintaroxo, e um pássaro soltou três ou quatro doces e queixosas notas, que atraíam muito a nossa atenção. Os interessantes gorjeios de muitos deles prestam-se facilmente, graças à nossa fantasia, para formar verdadeiras frases e, no silêncio da floresta, produzem efeito encantador.”*⁵⁰⁸

Como podemos evidenciar nos trechos anteriores, parece-nos evidente que o viajante compartilhava de alguns posicionamentos hegelianos sobre a natureza americana – não no mesmo tom radical de De Pauw – mas revisando alguns pontos da tese setecentista. Deste modo, Wallace contrariava os adeptos das idéias buffonianas para os quais os trópicos úmidos causaram a deficiência canora das aves, uma característica que afetava os órgãos sexuais dos pássaros.⁵⁰⁹ Igualmente à observação feita sobre os pássaros, o viajante exaltou o clima de Belém, onde a uniformidade da temperatura e a constância da umidade tornava-o, *um dos climas mais agradáveis do mundo*”.⁵¹⁰ Assim, em seu breve resumo sobre o clima da região, conclui:

*“Durante toda a estação seca, nunca se passa um intervalo de mais do que três dias, ou, quando muito, de uma semana, em um ligeiro temporal de trovoadas, acompanhado de pesado aguaceiro, que em geral desaba à tarde, lá pelas 4 horas, e às 6 horas já passou outra vez, deixando a atmosfera deliciosamente fresca e pura, e toda refrescada e tonificada a vida animal e vegetal”.*⁵¹¹

Embora estes trechos indiquem uma visão benéfica sobre a natureza da região, ao final de sua narrativa de viagem (não esquecemos que suas conclusões foram escritas

507 Ibidem, p. 27.

508 WALLACE, op. cit., p. 61-62.

509 GERBI, op. cit., p.135.

510 WALLACE, op. cit. p. 527

511 Ibidem, p. 527

em perspectiva, digo, rememorando a experiência já em sua terra natal), reitera os princípios da tese de debilidade. Deste modo, reafirma a inferioridade do clima do vale do Amazonas em relação ao clima temperado devido:

*“O calor na estação seca, e a umidade, na estação das águas, impedem os exercícios ao ar livre, os quais os habitantes de uma zona temperada pode entregar-se quase constantemente... A própria natureza, vestida de um eterno e quase imutável garbo de verdura, apresenta-lhe apenas a mesma monótona cena, que desde a infância ele bem conhece. Não há estradas ou caminhos no interior do país, que o levem para fora das vilas ou das cidades, ao longo das quais uma pessoa possa caminhar com conforto e com prazer. Tudo aqui é floresta densa ou, então, as intrincadas clareiras..Aqui, não se vêem as longas tarde de verão, para perder-se tempo, admirando as lentas e gloriosas mutações do sol poente, nem as longas noites de inverno, que inflamam os corações e fazem aproximar em doce convívio todos os membros de uma família, no mais íntimo e mais estreito contato, aumentando, assim, o intercambio social e os encantos do lar”.*⁵¹²

Visivelmente ele expressa sua dificuldade de conviver com a natureza dos trópicos por esta não se encontrar domesticada, evidenciando o gosto por ambientes naturais semelhantes aos europeus. Mas no esforço do viajante em identificar a natureza tropical de acordo a um padrão estético pré-concebido, ele encontra nas margens dos rios ou das estradas um repertório para suas descrições de paisagens prazerosas:

*“O pitoresco e a nova aparência das margens do rio, quando o sol se ergueu, atraíam toda a nossa atenção. O rio, embora fosse um insignificante tributário do Amazonas, era mais largo que o Tamisa. As suas margens, por toda parte, vestem-se de densas florestas”.*⁵¹³

*“Ao longo do canal, que percorríamos, ficava eu encantadíssimo com o vivo colorido da paisagem com o vivo colorido da folhagem, que ostentava toda a variedade das tintas outonias da Inglaterra”.*⁵¹⁴

*“A vegetação ali, nas margens do rio, uma milha abaixo do Pará, era muito pomposa”.*⁵¹⁵

*“O encanto da paisagem ainda se realçava pelo rio, todo cheio de curvas, ora de um lado, ora para outro, trazendo a vista uma constante mutação de cenários”.*⁵¹⁶

Em outras paisagens identifica-se com lugares agrestes, porém, que já sofreram intervenção humana, como quando topa com sítios e lavouras:

512 Ibidem, p. 473.

513 Ibidem, p. 76.

514 Ibidem, p. 181.

515 Ibidem, p. 57.

516 Ibidem, p. 135.

*“Todavia, os caminhos eram agradáveis, e podíamos chegar até às roças de mandioca e de arroz, onde encontrávamos sempre deliciosas frutas, principalmente laranjas”.*⁵¹⁷

*“Depois disso, prosseguimos agradavelmente a nossa viagem, uns dois ou três dias mais, notando a diferença que a região fazia no seu aspecto, que se tornava mais aprazível, vendo-se lavouras de cana e de arroz e as casas construídas pelos primeiros portugueses, que se estabeleceram ali, com bonitas capelinhas, as cabanas dos negros e dos índios em roda de suas propriedades, tudo melhor de aparência e gosto em confronto com qualquer das construções agora erigidas ali”.*⁵¹⁸

No entanto, em confronto com as paisagens pitorescas, encontramos outras descrições que tendem a enfatizar o caráter sombrio e indômito da *“selvagem floresta virgem, que é inteiramente desabitada”*.⁵¹⁹ Em uma excursão ao Marajó Wallace enfatiza esta mutação de cenários:

*“O cenário tornou-se agora muito mais sombrio. **Enormes árvores uniam, lá no alto, as suas frondes, como que para nos privar de qualquer raio solar**”.*⁵²⁰

*“Maior não poderia ser o **contraste das cenas, que tínhamos acabado justamente de deixar, como a em que agora estávamos entrando. Uma era de luxuriante verdura e outra de aspecto tão triste e tão estéril, quanto pode ser um triste e assolado pântano, agora tisonado pelo ardente sol e que se cobre de tufos de uma erva feito de arame, vendo-se daqui e acolá uns caniços e plantas sensitivas espinhosas, com algumas lindas e minúsculas flores entre estas e aquelas...Era muito desagradável a caminhada naquele solo composto de numerosos e pequenos montículos, tão unidos uns aos outros, que não era possível caminhar bem, nem sobre eles, nem por entre eles**”.*⁵²¹

[grifos nossos]

Em relação a isto, se levarmos em consideração que na Inglaterra, mesmo os espaços não vinculados para produção agrícola já haviam sofrido algum tipo de intervenção humana, poderemos levantar alguns pontos que explicam em parte a ambigüidade das descrições do viajante. Com isso, entende-se que a crescente consciência, surgida a princípio por razões utilitaristas, de perda da natureza, gerou nos indivíduos o gosto por lugares não cultivados como forma de satisfação não apenas econômica como também estética. A emergência desse gosto estético estimulava os homens à imposição de novas práticas sociais, entre as quais estão os passeios ao ar livre. Em Londres, o costume de andar a pé para tomar ar generalizou-se de tal maneira

517 Ibidem, p. 158.

518 Ibidem, p. 158.

519 Ibidem, p. 169.

520 Ibidem, p. 136.

521 Ibidem, p. 137.

na vida social inglesa que os parques londrinos se “*converteram no cenário-modelo para desfiles elegantes ao ar livre*”.⁵²² Neste sentido, não podemos estranhar que Wallace tenha expressado seu desapontamento nos seguintes termos: “*Não há estradas ou caminhos no interior do país, que o levem para fora das vilas ou das cidades, ao longo das quais uma pessoa possa caminhar com conforto e com prazer.*” Na verdade essa reação deve ser pensada como uma reivindicação do homem urbano, cujas sensibilidades estéticas eram satisfeitas com a apreciação de jardins botânicos, cinturões verdes e santuários de animais, entre outros espaços “naturalmente” artificiais. Voltamos a frisar que essas novas sensibilidades partiam de homens nostálgicos, cada vez mais comprimidos pelo adensamento populacional e multiplicação das fábricas, que viam nas solidões dos cenários incultos um retiro temporário do burburinho das multidões.

Mas precisamos ainda comparar a visão de Wallace com um dos passeios de Elizabeth Cary:

*“Bem quisera prolongar o meu passeio até dentro das grandes florestas circundantes, mas a floresta impõe aqui o suplício de Tântalo: tanto mais atraente quanto mais impenetrável. As senhoras me disseram que não existe um único caminho aberto nas proximidades da casa”.*⁵²³

Como se sabe, o rei Tântalo foi lançado por Zeus num vale de abundante vegetação e água, sendo sentenciado a permanecer aí sem poder saciar a sede nem a fome. Ao se aproximar do rio, a água secava; ao querer colher os frutos das árvores, seus galhos se levantavam para longe do alcance. Assim como o sofrimento do rei Tântalo, Elizabeth desejou apreciar algo aparentemente próximo, porém, concluiu que a natureza selvagem era inalcançável para ela. Ao associar a floresta a esta passagem da mitologia grega, a autora-viajante enfatizou o caráter pujante e ao mesmo tempo impenetrável da floresta amazônica. Desta forma, a floresta é descrita a partir de uma perspectiva ambígua: de um lado a abundância de espécies animal e vegetal. Por outro lado, verdadeiros suplícios com que os viajantes se confrontaram: o sol que os acabrunhava, a chuva e a umidade do ar que prejudicava as coleções, sede, fome, irritantes insetos, mucuins, carapanãs, piuns, mutucas, morcegos e, enfim, as muralhas verdes que os sufocavam.

522 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*... pp. 245-246.

523 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil*... p. 227.

Na subida à serra de Monte Alegre, além dos caminhos “*difíceis de vencer*”, Wallace observa que “*o calor era intentíssimo. A água de nosso odre já havia acabado e não sabíamos onde podíamos arranjar outra, para matar a sede*”.⁵²⁴ Velejando pelo Amazonas sofreu ainda “*muita importunação com a chuva que caía, e que era incessante. Os mosquitos, outrossim, eram para nós uma grande tortura. Noites e noites seguidas, eles nos faziam ficar num estado de verdadeira irritação febril*”.⁵²⁵ Ao passar pelo rio Solimões, em demanda ao povoado de Manaquiri, Wallace e seus guias índios foram atacados seguidamente por insetos de diferentes gêneros: “*incomodativas e picantes formigas que, não estimando a presença e a proximidade do fogo, nem tampouco preferindo ir para água, enxamearam a nossa canoa, espalhando-se por toda ela*”.⁵²⁶ E ao cair da noite pelos “*mosquitos, dentro em pouco, tornaram conhecida a sua presença. Atormentados por eles, até o dia amanhecer, passamos a noite desassossegadamente, num estado quase febril*”.⁵²⁷ Na aldeia de Javita pragas de mosquitos o atormentavam principalmente na hora de desenhar suas coleções:

“Era com maior dificuldade que eu desenhava ali, pois geralmente voltava às 3 ou 4 horas da tarde de minhas explorações pela floresta, e quase sempre se encontrava numa espécie nova; e, para aproveitar a claridade do dia, via-me obrigado, antes de escurecer, a fazer logo os desenhos. Desta sorte, eu ficava exposto à vontade da praga de mosquitos, os quais, todas as tardes, em densas nuvens, aos milhões, apareciam ali, para importunar-nos. Picando-nos o rosto, as orelhas e as mãos, provocavam-nos desagradabilíssima irritação. Muitas vezes, eu era obrigado, levantando-me bruscamente da cadeira, em que me achava sentado, a largar precipitadamente o lápis e a sacudir as mãos ao ar frio”.⁵²⁸

No período de estada em Barra do Rio Negro, as chuvas constantes ameaçavam suas coleções de tal modo que Wallace considerou dar cabo delas: “*A atmosfera estava tão saturada de umidade, que os insetos emboloravam, as penas e os pêlos desprendiam-se e caíam das peles dos pássaros e dos outros animais, tornando-as quase inúteis*”.⁵²⁹ Nesse momento, advertiu ainda sobre os efeitos da estação chuvosa que a um só tempo provocava desolação e morte a natureza animada, e também despertava no viajante tédio e ansiedade pela chegada do tempo mais favorável para

524 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 197.

525 Ibidem, p. 211.

526 Ibidem, p. 231.

527 Ibidem, p. 232.

528 Ibidem, pp. 321-322.

529 Ibidem, p. 211.

excursionar: *“Dois ou três meses assim se passaram, na mais ociosa monotonia, quando o tédio atingiu o seu ponto máximo”*.⁵³⁰ Na aldeia de Guia, à espera de companhia para orientá-lo até a Venezuela, de nada valeu ficar embrenhado dias seguidos na floresta, pois não encontrou *“pássaro algum que valesse a pena matar. Os insetos eram igualmente raros. A floresta era sombria, úmida e saliente como a morte”*.⁵³¹ Além do mais a constância das chuvas faz o transcurso do tempo se transformar em *“tristonhos dias e enfadonhas noites”*

Em contraste com os *lindos cenários* abertos *“sob a intensa luz solar”*, ambientes de mata fechada onde o olhar não consegue vislumbrar a luz do sol ou o azul do céu angustiam o viajante, julgando-os tristes. Nesses sombrios recessos não encontra a harmonia nas formas, as copas das árvores limitam sua visão assim como a mata fechada limita seus passos. A vida silvestre que encontra é sempre *“mirrada”*, sem cor, sem viço. Limitado seu campo de visão, o observador transgride padrões de referência que referendam a beleza dos cenários dos trópicos. Na serra de Monte Alegre, ao lançar o olhar sobre o *“longínquo horizonte”* Wallace teve a *“impressão pouco favorável a respeito da fertilidade da região ou da beleza do cenário tropical”*.⁵³² No caminho até a serra do Cobati (no atual estado de Roraima), buscando encontrar uma espécie desconhecida de gavião, diferentemente de outras passagens, ele usou o signo *“extraordinária confusão”*⁵³³ para definir esteticamente a disposição da paisagem cujos contornos suas referências não souberam interpretar. Mais adiante, após longa marcha por *“caminhos detestáveis”* pela densa floresta, o cenário transmuta-se em:

“extensa clareira, com bosques e árvores baixas em redor...Ali, incontestavelmente, era muito mais agradável do que o nosso anterior acampamento da gruta, que era completamente fechada pela alta e densa floresta e onde mal podiam penetrar os raios solares”.⁵³⁴

Das experiências de pleno gozo, como quando nas proximidades da aldeia de São Gabriel, no rio Negro, Wallace em êxtase descreveu a paisagem: *“O sol brilhava intensamente. As águas reluziam e faiscavam. Viam-se curiosos rochedos, de formas fantásticas, e ilhas entrecortadas de mato. Tudo isso era uma constante fonte de*

530 Ibidem, p. 227.

531 Ibidem, p. 292.

532 Ibidem, p. 283.

533 Ibidem, p. 283.

534 Ibidem, p. 290.

interesse e gozo para meu espírito".⁵³⁵ Na travessia do rio Negro, nas proximidades de Barra do Rio Negro, foi com satisfação que contemplou o espetáculo que se descortinava no horizonte:

"Que deslumbrante brilho era do sol! Quão alegre era o rio, com suas águas reluzentes! Que satisfação e quão agradável ver outra vez as suas ilhas de ervas flutuantes e os enormes troncos de árvores, com suas cargas de gaivotas, gravemente pousadas sobre eles!".⁵³⁶

A sensação de acolhimento e elevação espiritual tem o seu contraponto em lugares indômitos, quase inatingíveis, por onde o viajante é levado a passar por experiências limites:

*"Algumas vezes, para galgarmos um precipício, tínhamos que subir agarrando-nos as raízes das árvores ou aos grossos e pendentes cipós. Outras vezes, íamos arrastando-nos de rojo, num solo formado de ponteagudas rochas salientes, que variavam do tamanho de um carrinho a uma casa. Eu não podia acreditar o que a certa distância parecia coisa insignificante, pudesse, **assim de perto, ter um aspecto tão gigantesco, tão rude e tão brutal**"*.⁵³⁷ [grifo nosso]

Mais uma vez a proximidade encerra a visão estética da natureza. Frente à grandiosa e brutal natureza o viajante se julga nos limites de suas forças físicas, revelando a tensão existente entre o ambiente dos trópicos e o homem europeu.⁵³⁸ Diante do perigo de soçobrar, de perder-se na mata, o viajante declara-se *"verdadeiramente muito fatigado, E a perspectiva, que me deparava, de outra difícil ascensão, para atravessar perigosas elevações e arriscadas descidas de sombrios precipícios, não era lá, por maneira alguma, agradável"*.⁵³⁹ Se de um lado encontrou um ambiente estimulante, prazeroso e acolhedor, por outro a natureza é sentida de maneira hostil, misteriosa e ameaçadora. Neste sentido, o autor-viajante evocou algumas visões depreciativas acerca do ambiente natural. Ao mesmo tempo, evidenciava-se uma apreensão da natureza que o aproxima da visão do sublime, tema também da poética romântica, como evidenciamos acima. Comungando com a poética do sublime, do mesmo modo Karen Lisboa observou certa dimensão visionária nos escritos de Spix

535 Ibidem, p. 265.

536 Ibidem, p. 231.

537 Ibidem, p. 284.

538 Aspecto também mencionado por Karen Lisboa. *A nova Atlântida de Spix e Martius...*passim.

539 Ibidem, p. 286.

e Martius associada a visões infernais. Encontramos paralelo deste legado na seguinte passagem de Wallace:

*“Pregada sobre uma das goteiras da nossa choupana, via-se a cabeça seca de uma cobra, e devia ter sido morta uns dias atrás. Era uma jararaca, de uma das espécies de Craspedocephalus, que devia ser um de um enorme tamanho, pois as suas venenosas presas, em número de quatro, tinham seguramente uma polegada de comprimento. Meu amigo o desertor, informou-me, então, que ali havia muito daquela espécie, as quais se encontram nas moitas de capim, próximas as casas, e que elas saem à noite. Por isso, era necessário, segundo ele me aconselhou, que eu tivesse muito cuidado, não só dentro de casa, como também fora dela, no quintal. A picada de um cobra seria morte na certa”.*⁵⁴⁰

Nenhuma outra forma animal revela-se tão ameaçadora para o viajante quanto as temidas cobras ou serpentes. Do mesmo modo que visões de uma natureza perfeita foram deslocadas para a região, criaturas infernais também habitavam suas imaginações sobre os trópicos. Nem mesmo ao ficar diante do jaguar⁵⁴¹ evidenciou sentir medo que enxergar o esqueleto de uma jararaca e apreciar a dimensão de suas presas. Se as palmeiras eram associadas a visões paradisíacas, a imagem da serpente permanecia emblemática no imaginário europeu do Oitocentos. Deste modo, embora o viajante tenha passado sem nenhum evento dramático envolvendo uma serpente, ela o perseguiu em suas excursões, sobretudo em sua imaginação. Assim sendo, nenhuma outra descrição declarou a tensão e o pavor pessoais de Wallace ao mundo natural, quanto à longa distância percorrida a pé até a aldeia de Javita, já em território venezuelano:

*“O sol tinha-se posto, de modo que foi preciso apressarmos bem os nossos passos. O meu ajudante conservava-se preso aos meus calcanhares. Nas travessias dos brejos e dos córregos, encontramos as primeiras dificuldades para acertar o caminho, ao longo dos estreitos troncos que serviam de pontes. **Eu estava descalço** e, a cada minuto, tropeçava nalgum toco eu nalguma pedra saliente; outras vezes, desviava-me para os lados da estrada, e ia pisando sobre as coisas que pareciam querer arrancar-me os artelhos. **Estava escuro como breu.** Distinguiam-se, contudo, as pesadas nuvens que se estavam formando, vendo-as através das aberturas, no alto das arcadas formadas pelas frondes das árvores da floresta, mas **o caminho por onde seguíamos ficava totalmente imperceptível.** Eu sabia que os jaguares eram muito abundantes ali, e por sua vez,*

⁵⁴⁰ Ibidem, p. 312.

⁵⁴¹ Ibidem, p. 309. Ao contrário o viajante declarou: “...muito me agradou. De tão admirado e surpreso que fiquei, não cheguei a sentir medo”.

*muito abundantes também as serpentes, e, desse modo, a cada passo, eu esperava sentir resvalar-se sob os meus pés o frio corpo de uma delas, ou, então, sentir enterradas em minhas pernas as suas mortíferas presas. Através da escuridão que reinava, eu olhava fixamente, esperando de um momento para outro esbarrar com os vivos e luzentes olhos azuis de um jaguar, ou, então, ouvir-lhe o forte e soturno urro nas solidões da floresta”.*⁵⁴² [grifos nossos]

Além disso, os caminhos percorridos na noite “*escura como breu*” potencializavam as sensações apavorantes, a consciência de se estar no meio de uma natureza ameaçadora. A tensão somente é dissipada, após “*emergirmos da sombria escuridão da floresta, saindo então em um espaço aberto*”.⁵⁴³ Tenebrosos caminhos que são interrompidos pelo vislumbre de um *espaço aberto*, o que representava o alívio certo das tensões. Por conseguinte, a dimensão sublime da natureza descrita pelo viajante entrelaça a perspectiva de um ambiente natural misterioso e hostil que desenvolve no indivíduo o sentimento de solidão.⁵⁴⁴ A noção trágica do existir e da individualidade do homem, embora possamos também relacioná-la à dimensão heróica do homem da ciência que soube resistir ao teste de trabalhar em meio a condições adversas. Sobre este aspecto afirma Mary Pratt que a linguagem impessoal e benigna dos relatos de viagem esconde “*altos interesses em jogo. Como os exploradores vieram a notar, rios de dinheiro e prestígio dependiam do crédito que conseguissem fazer com que os outros lhe atribuissem*”.⁵⁴⁵ Por outro lado, a ânsia, o desejo do viajante de “*conhecer outra região tão interessante, quanto desconhecida*”⁵⁴⁶ está em conformidade com ideal ilustrado, uma vez que a viagem se constitui por si mesma ocasião para o aprendizado.⁵⁴⁷ Conforme Flora Süssekind, sempre voltado para o seu projeto inicial de estudo da vegetação, da fauna e outros aspectos da região o viajante-naturalista é estimulado pela paisagem, porém evitando perder-se em devaneios. Por esta razão, se uma paisagem em especial o agrada, tomando-a como um estímulo para o espírito, “*algo parece interferir de imediato – um ruído, um perigo, um espécie novo qualquer – e remetê-los à sua atividade princeps*”.⁵⁴⁸

542 Ibidem, p. 316.

543 Ibidem, p. 317.

544 ARGAN, Giulio. *Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos...* p. 12.

545 PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império...* p. 343.

546 WALLACE, op. cit., p. 384.

547 Conforme Süssekind, o aprendizado aí não é, pois, exatamente de si mesmo, mas da própria capacidade de resistência e trabalho mesmo em condições por vezes bastante adversas. SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui...* pp. 110-111.

548 Ibidem, p. 109.

Por outro lado, ambientes variados e acolhedores das imagens pitorescas se chocam com a uniformidade da paisagem, que, por sua vez, despertam tédio e monotonia no olhar. Assim, viajando por um ambiente estranho, por vezes hostil, o adventício se confronta com o próprio desalento de não ter com quem conversar; a sensação de estar deslocado, de não pertencer àquele lugar, desperta-lhe a consciência de isolamento. De tal modo que Wallace, embora sempre ocupado em seu perseverante trabalho com as coleções – projeto que o impele as suas anotações diárias – após 40 dias em Javita, observa:

“As tardes que passei ali eram muito monótonas e enfadonhas. Eu quase não tinha com quem conversar. Além disso, não tinha comigo livro algum. Lá uma vez ou outra, eu tratava uma ligeira palestra com o comissário; mas o nosso “stock” de assuntos logo, logo se exauria”.⁵⁴⁹

Enfim, observamos que a experiência de viagem de Wallace o levou a duas posturas diferentes frente à realidade: se de um lado percebe uma natureza acolhedora, como um estímulo para seu espírito; por outro, ao vê um ambiente hostil, estranho, monótono, o viajante é confrontado com a singularidade de sua existência. Um olhar ambíguo sobre a natureza cujo caráter reflete a difícil tarefa de se conciliar o gosto pela natureza selvagem e as necessidades materiais, o progresso econômico e civilizacional do homem de cultura ocidental européia. Sobre estes indícios vejamos o seguinte fragmento de sua narrativa:

“E, assim, tendo inculcado em minha mente mais essa viagem, com que prazer, com que delícia eu já estava a pensar, nas doçuras do lar! Que verdadeiro paraíso era para mim o distante torrão natal! Como pensava nos múltiplos e singelos prazeres, de que já estava há tão longo tempo ausente: - as campinas verdejantes, os bosques aprazíveis, as estradas floridas, os jardins bem cuidados, todas essas coisas que são aqui completamente desconhecidas. Que visões haveria de ter, quando ficasse sentado ao lado da lareira! Que satisfação haveria de ter, à hora do chá, sentado à mesa, vendo em torno os rostos dos familiares! Que delícia já me parecia simples pão com manteiga! E assim dentro de um ano e tanto, talvez poderia eu achar-me de novo no meio de tudo isso. Só de nisto estar a refletir, já desejava que se passassem logo os longos meses, as enfadonhas horas de viagem, os aborrecimentos e trabalhos das tediosas excursões, que eu ainda tinha de fazer e suportar. E, assim, nos meus solitários passeios, trazia eu, horas seguidas, os pensamentos voltados para casa”.⁵⁵⁰

549 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*...p. 324.

550 *Ibidem*, p. 386.

Uma vez mais acreditamos ser necessário comparar este trecho acima com uma das impressões de Elizabeth Cary:

*“Cansei-me depressa em estar ao sol olhando pescar, e entrei na floresta; já a cafeteira chiava no fogo e achei muito agradável almoçar à sombra das grandes árvores, sentada num tronco caído coberto de musgos. Por sua vez, os pescadores voltaram do lago e encaminhamo-nos todos para as canoas, com uma carga completa de peixes. Os homens se reuniram numa das pequenas montarias e levaram o pescado para casa; as senhoras tomaram lugar na canoa grande. Era um domingo; e eu me pus a pensar na singularidade da minha situação. A essa hora, todos os sinos estavam tocando em Boston e a multidão acorria às igrejas, sob o céu luminoso que os belos dias de outubro dão à Nova Inglaterra; ao passo que eu descia suavemente o curso dum calmo igarapé, sentada numa piroga, no meio dos índios seminus que moviam os seus pangaios ao ritmo monótono duma canção bárbara”.*⁵⁵¹

Deste modo, à medida que o tempo avança os viajantes são levados a externar sentimentos melancólicos, nostálgicos da pátria, do convívio com os seus. O sentimento de desterro os atinge, levando-os a um nível de consciência mais profunda sobre o lugar ao qual pertencem – a cultura branca européia e estadunidense. Nisto a cronista-viajante elucida sua maior descoberta, para usarmos a expressão de Tzvetan Todorov: *“que o eu faz do outro”*.⁵⁵² A descoberta de que o seu ponto de vista *aqui* mereça separar-se de todos que estão *lá*. A imagem do espelho invertido mais uma vez encontra sua nitidez na relação que se estabelece com o Outro.

3.3 – Natureza ou Civilização na Amazônia?

Voltemos a destacar os objetivos da viagem de Wallace e Agassiz. A jornada para o Brasil tinha como propósito satisfazer suas expectativas científicas, refutar antigos preconceitos contra o Novo Mundo, elaborar hipóteses sobre a origem da vida, identificar novas espécies por meio dos métodos taxionômicos e, por fim, ver e sentir as forças da natureza em toda a sua plenitude. Estes foram os princípios reguladores do olhar naturalista de Wallace e dos Agassiz em relação ao meio ambiente amazônico. Elementos cuja essência empresta às suas narrativas caráter, por vezes, ambíguo. Por

551 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...*p. 223.

552 TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro...* p. 3.

outro lado, a experiência em zonas de contato, lugar que funciona como espelho invertido pelo qual reflete as diferenças de uma e de outra cultura, permitiu-lhes refletir sobre sua própria condição humana: indivíduos brancos, anglo-saxões, educados. Assim a imagem pública do homem que sabe se comportar mesmo em remotos lugares é enfatizada mediante o encontro com o Outro: “*Paramos para almoçar, em um bonito lugar, debaixo de uma linda árvore, onde saboreei uma xícara de café e biscoitos, enquanto os homens se fartam de peixe e farinha*”.⁵⁵³

E nada mais significativo dos valores da civilização ocidental dos séculos XVIII e XIX que a bebida do café, já que nenhuma outra bebida expressou tão plenamente os valores essenciais da jovem sociedade burguesa desse período. A descoberta de que suas qualidades tonificantes e excitantes favoreciam o intelecto, estimulando a memória associativa, a vivacidade do pensamento, o estado de vigília, faz do café a bebida predileta da confiante sociedade burguesa. E, como podemos observar nos relatos dos viajantes, ela se constitui na principal companheira de suas peripécias num mundo cujos valores sociais eram incompatíveis aos seus: “*Bebendo logo uma xícara de café quente, senti-me de novo muito bem disposto*”.⁵⁵⁴ Assim, a “inocente” atitude de beber café no meio de uma floresta primitiva e em meio à barbárie de costumes, reflete nada menos que os valores próprios dos adventícios, valores, por vezes, que demonstram o pretensão refinamento de seus hábitos em contraposição aos costumes das gentes da terra. Demonstra que o conceito de civilização serve tanto para demonstrar uma espécie de consciência eurocêntrica resguardada pela autoridade científica – neste ponto expressa-se como um vocábulo sintético que abrange desde a polidez dos hábitos, o abrandamento das pulsões humanas e o refinamento dos costumes (cultura, artes, ciência) – como para o progresso econômico (comércio, indústria etc.).

Com efeito, embora em algumas passagens a natureza fosse representada de maneira hostil, inóspita, ameaçadora, prevalece em seus relatos a imagem de uma natureza dadivosa, que oferecia abundância e diversidade de produtos naturais. Na verdade, mesmo as imagens depreciativas foram pensadas como uma evidência da necessidade de domesticar a natureza que, por sua vez, devia ser transformada num reservatório de possibilidades econômicas. A natureza era neste sentido portadora de uma fecundidade infinita, capaz de abrigar e alimentar milhares de pessoas que vivem na miséria nos grandes centros industriais e urbanos. Deste modo, para esses viajantes

553 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 134.

554 Ibidem, p. 171.

estava claro o destino que deveria ser auferido àquelas sombrias florestas, às margens monótonas dos rios. A certeza da vocação potencial da região para a agricultura ou, para usarmos as palavras do historiador Kelerson Semerene, que ela estava destinada a ser “o celeiro do mundo.”⁵⁵⁵ Por essas razões, mesmo diante de uma natureza pouco atraente, o viajante-explorador revela seu desejo intervencionista na paisagem. Era preciso promover o povoamento da região por gente laboriosa, sobretudo oriundas do norte da Europa, os anglo-saxões:

*“Quando eu considero a soma excessivamente pequena de trabalho, que é necessário nesta região, para converter a floresta virgem em verdejantes pradarias ou em férteis plantações, quase chego a desejar vir para cá com meia dúzia de amigos dispostos para o trabalho, a fim de usufruir a região. E, com isso, eu poderia mostrar a todos os seus habitantes de que maneira logo se pode obter aqui um verdadeiro paraíso terrestre, como jamais conceberam que possa existir. É um erro vulgaríssimo, continuamente copiado e repetido de um para outro livro, afirmar que nos trópicos a exuberância da vegetação sobrepuja os esforços do homem. Justamente o seu inverso é que a verdade. A natureza e o clima aqui são perfeitamente favoráveis ao trabalhador agrícola, e eu asseguro, sem receio, que se pode converter a “primitiva” floresta em ricas pastagens ou verdejantes pradarias, em hortas, jardins ou pomares, com as mais variadas produções, com a metade do trabalho, e o que é mais importante ainda – em menos da metade do tempo que é necessário em nosso solo, mesmo que se tenha de tratá-la e capiná-la, logo que o campo comece a brotar”.*⁵⁵⁶

Diante da decepção, seus *olhos adestrados* buscaram corrigir dadas realidades, evidenciando diferentes interesses em relação ao mundo natural amazônico. Enquanto há plantas descritas por sua exuberante beleza, outras descrições se ocupam em revelar o valor pragmático e/ou utilitário das plantas.

“O que mais nos interessou, contudo, foi uma partida de grandes toras de maçaranduba ou árvore-leiteira, que se achavam ali. Nos caminhos, ao longo da floresta, já havíamos reparado em alguns de tais troncos, assinalados com entalhes, feitos para o propósito de se lhes extrair o leite. É uma das árvores mais nobres e mais esbeltas da mata, elevando-se, com um caule retilíneo, a enorme altura. A sua madeira é muito dura, de fina grã, muito durável, e própria para trabalhos expostos às intempéries. Comem-se os seus frutos, que são muito saborosos. São do tamanho de uma pequena maçã, sendo a sua polpa muito succulenta. Mas, de tudo isso, o que é mais

555 SEMERENE, Kelerson. *Homens e Natureza na Amazônia brasileira: Dimensões (1616-1920)*. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002. passim.

556 Ibidem, p. 417

*curioso é o leite que dela se extrai, em grande quantidade, quando se lhe corta a casca. Ele tem a consistência de creme magro e apenas por seu sabor peculiar é que se pôde distinguir do genuíno leite da vaca”.*⁵⁵⁷

O caráter utilitário da paisagem é a chave para entender as premissas ambíguas de Wallace. Para o viajante a paisagem precisava ser corrigida por meio da intervenção européia. Longe de achar que não era espaço para gente civilizada, como Buffon, o clima amazônico era ideal para o trabalho:

*“...um homem...trabalhar tão bem aqui, como nos ardentes meses de verão na Inglaterra; e, trabalhando três horas de manhã e outras tantas à tarde, poderá produzir muito mais todas as coisas necessárias à vida do que um bom trabalhador, em doze horas de trabalho, em nossa pátria... Não há no mundo nenhuma outra região com capacidade para produzir tão abundante e tão abundantemente tudo que se queira, como aqui...Tendo tudo isto com fartura, uma casa de madeira, cabaças e vasilhas de barro da região, pode-se viver na abundancia, sem ser necessária uma única e qualquer produção exótica...”.*⁵⁵⁸

Nestes termos, para levar o progresso e a civilização para essas periféricas zonas de contato, o viajante inglês acreditou ter encontrado no par agricultura e povoamento a chave para transformar a região “*num verdadeiro paraíso terrestre*”. Preocupação também presente nas impressões de Louis Agassiz sobre o Brasil:

*“Duas coisas impressionam vivamente o viajante no Alto Amazonas. Logo à primeira vista se percebe quanto é urgente a necessidade duma população mais numerosa; em seguida se sente a necessidade duma mais alta moralidade por parte dos brancos. Enquanto tais condições não forem satisfeitas, será bem difícil desenvolver os recursos desta região. Para se chegar a esse resultado, é extremamente importante abolir todo o entrave à livre navegação do Amazonas e seus tributários; é preciso abrir essas grandes vias fluviais à ambição e à concorrência de todos os povos. Não somente a população branca é muito escassa para suprir a tarefa que tem diante de si, como essa população não é menos pobre em qualidade do que reduzida em quantidade”.*⁵⁵⁹

Visivelmente, a preocupação basilar do naturalista suíço-americano expressava uma crítica à colonização ibérica, caracterizada por sua baixa moralidade; sua incapacidade de promover o adensamento demográfico da região; e, sobretudo, por que

557 Ibidem, pp. 63-64.

558 Ibidem, p. 119.

559 AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth . *Viagem ao Brasil...* pp. 238-239.

não era afeita ao cultivo da terra. A detração à colonização portuguesa revela nitidamente a imagem autoconfiante que esses europeus do norte tinham sobre si mesmos. Neste sentido, ao ver homens “*duma classe civilizada, adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens*”⁵⁶⁰ o naturalista convoca os norte-americanos e os ingleses, os verdadeiros arautos da civilização fundada nos valores burgueses da livre concorrência econômica e do individualismo, para a tarefa de proteger os seus valores sagrados e levar (ou elevar?) o progresso e a civilização a estes confins. Pois certamente estes “*não se quereriam degradar ao nível dos índios como o fazem os portugueses*”.⁵⁶¹ Se, por um lado, Louis Agassiz mostra-se consciente do caráter *sórdido* da empresa de colonização inglesa cujas transações com os peles vermelhas “*não lhes deixou certamente as mãos limpas*”⁵⁶², por outro, a tarefa para a qual foi designado precisava continuar: proteger os valores da civilização constantemente ameaçados pela “selvageria”, pela barbárie do mundo. Tarefa que viu fracassar pelas mãos portuguesas, evidenciando-se através destes indícios as diferenças fundamentais entre a cultura ibérica e a anglo-saxã. Para Janice Theodoro, a diferença decisiva entre uma e outra cultura pode ser avaliada a partir da incorporação de dois conceitos fundadores: “*libertas a necessitate* (liberdade por natureza) e *libertas gratie* (liberdade pela graça). Segunda a historiadora,

*“A sociedade ibérica seria tributária da liberdade como natureza. Por meio dela a apreensão do mundo se realizaria por meio dos sentidos permitindo variação de significados no tempo e no espaço (flexibilidade da norma). Já, a tradição anglo-saxã, tributária da liberdade pela graça, capaz de fornecer ao homem indícios da verdade de forma bastante insidiária, tenderia a conceber a norma (verdade) de forma bem mais rígida. Neste sentido o “excesso” incomodaria mais ao Norte que ao Sul do Equador”.*⁵⁶³

Tendo em vista a ressalva de que a relação do homem com a natureza não é desprovida de expectativas, de idéias e representações preconcebidas sobre ela,⁵⁶⁴ observa-se por estas passagens que os viajantes oriundos da cultura anglo-saxã buscavam no meio ambiente amazônico “*a medida exata, o modelos perfeito e a partir*

560 Ibidem, p. 239.

561 Ibidem, p. 239.

562 Ibidem, p. 239.

563 THEODORO, Janice. *Da justa medida ao excesso: O imaginário de Jorge Amado como alicerce da Nação Brasileira...* p. 97.

564 Estamos compartilhando da ressalva evidenciada pelo historiador Kelerson Semerene. SEMERENE, Kelerson. *Homens e natureza na Amazônia Brasileira: Dimensões (1616-1920)*. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002. p. 69.

dele, organizar a natureza". Uma concepção que visava hierarquizar, separar os elementos da natureza cujas premissas serviriam ainda para julgar a cultura humana, em vez de compreender, adaptar-se às circunstâncias "*permitindo acomodações em relação a norma*".⁵⁶⁵ Haja vista este olhar que visa subordinar o Outro, acompanhemos o raciocínio de Elizabeth Cary no seguinte trecho:

*"A paisagem das margens do Solimões estão longe de ser tão interessantes como a do Amazonas inferior... a floresta mais baixa, é menos luxuriante, e as palmeiras menos freqüentes e belas... Nosso navio passa agora entre as próprias margens do grande rio; não costeia mais as ilhas tão numerosas e lindas que quebram a monotonia da viagem entre Pará e Manaus. O nosso horizonte se ampliou, mas o que ganhou em extensão perdeu em pitoresco em detalhe... E agora, acabaram-se as habitações, nada que lembre homem! Vinte e quatro horas passam-se às vezes sem que avistemos uma choça sequer. Mas, se o homem desapareceu, os animais se mostram em grande número; o surdo bater das rodas faz erguer o vôo a numerosas aves escondida nas margens; as tartarugas projetam fora d'água as suas cabeças escuras; os crocodilos aparecem aqui e ali, e, de quando em quando, um bando de capivaras de pêlo castanho-escuro se embrenha nas margens e vai se refugiar embaixo das árvores, com a nossa aproximação".*⁵⁶⁶

Primeiro dado: encontra uma paisagem menos luxuriante, a vegetação não a impressiona, a floresta é baixa e as *palmeiras* são "*menos freqüentes e belas*"; segundo dado: distante das margens, a paisagem "*perdeu em pitoresco em detalhe*"; terceiro dado: exclama seu desconforto por não ver nada que "*lembre homem*"; e por último apresenta sem o estilo emotivo e pitoresco de antes a grande variedade da fauna e da flora. O que podemos depreender destes indícios que caracterizam esta passagem tão ambígua? Para a viajante-escritora que apreciava a paisagem através do convés do navio a vapor, a vasta e monótona extensão da margem do rio Solimões, sem a presença humana, era vista como uma falha para o amante da natureza acostumado a admirar a gigantesca vegetação e a variedade de formas da floresta equatorial; além disso, para um olhar predisposto à retórica expansionista, aquelas monótonas paisagens praticamente vinham a implorar ao expectador o seu povoamento por uma raça mais enérgica e laboriosa, a saber os norte-europeus e os anglo-americanos. Também aqui resulta de um *olhar aperfeiçoador*⁵⁶⁷ de acordo com as aspirações capitalistas e européias.

565 THEODORO, Janice. *Da justa medida ao excesso: O imaginário de Jorge Amado como alicerce da Nação Brasileira...* p. 99.

566 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* pp. 207-208.

567 PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* p. 114-115.

*“Aliás com o correr dos tempos, estas florestas sem fim acabam por parecer monótonas; quando os dias se sucedem aos dias sem que se descubra uma só habitação e se cruze com uma canoa, acaba-se aspirando por ver terras cultivadas, pastagens, campinas, campos de trigo e de feno, enfim, por tudo que denote a presença do homem. Sentada à tarde na popa do navio, passando centenas de léguas entre margens desabitadas e florestas impenetráveis, acabo por ceder ao peso do tédio. Embora de vez em quando apareçam umas choças de índios ou uma povoação brasileira, cortando a distancia, só há um punhado de gente nesse território imenso. Chegará necessariamente a época em que a humanidade tomará posse, em que nessas mesmas águas onde só cruzamos com três canoas em seis dias, os navios a vapor e embarcações de toda espécie subirão e descerão continuamente; em que a vida e o trabalho, enfim, animarão estas margens; mas esses dias ainda não chegaram...”*⁵⁶⁸

[Grifos nossos]

A descrição visual de Elizabeth Cary expressa um sentimento de solidão entrelaçado ao desejo imperialista de tomar posse da região por meio de um projeto transformador da paisagem, revelado pela ausência do que não encontra na paisagem: *terras cultivadas, pastagens, campinas...* Ela então compactua com o mesmo *olhar aperfeiçoador* europeu que, segundo Pratt: *“apresenta habitats de subsistência como paisagens “vazias”, significativas apenas em termos de um futuro capitalista e de seu potencial para produção de excedentes comercializáveis”*.⁵⁶⁹ Descarta por essa via o ponto de vista das gentes da terra, cujo olhar dá significado e história a região, onde animais, plantas e formações geológicas *“têm nomes, usos, funções simbólicas, história, papéis nas estruturas de conhecimento indígena”*.⁵⁷⁰

Entretanto, continuando a sua digressão sobre a paisagem na qual apresenta a Amazônia e sua população como a-históricas, sem passado, revela ainda, por contraste, a própria condição da sociedade capitalista industrial de que a autora faz parte, incapaz de conceder equitativamente a todos os benefícios materiais e políticos. Podemos afirmar que as solidões monótonas das florestas levam-na a uma auto-reflexão sobre os transtornos de viver em uma sociedade industrial:

“Quando me lembro de quantas pessoas paupérrimas vi na Suíça, curvadas sobre um mecanismo de relógio ou num tear de rendas, ousando erguer os olhos a custo do seu trabalho, e isso do nascer do sol até pela noite adentro, sem conseguir, mesmo assim,

568 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...*p. 325.

569 PRATT, op. cit., p. 115.

570 Ibidem, p. 115.

ganhar o necessário para sua subsistência, quando penso na facilidade com que tudo dá aqui, numa terra que nada custa, pergunto-me por que estranha fatalidade uma metade do mundo regurgita por tal forma de habitantes que o pão não chega para todos, enquanto que na outra metade a população é tão escassa que os braços não dão conta para a colheita! Não devia a emigração afluir em ondas para essa região tão favorecida pela natureza e tão vazia de homens!...Infelizmente, as coisas caminham muito lentamente nestas latitudes, e as grandes cidades não se improvisam em meio século, como entre nós”.⁵⁷¹ [grifos nossos]

Ora, esta visão equivale à mesma dos arautos da civilização que marcharam rumo ao oeste americano, a fim de tomar posse daquelas insólitas extensões de terra, abrindo caminho para inúmeras transformações subseqüentes: desde o fomento de ambições individuais de pessoas que podiam obter facilmente terras virgens para amanhar; ao desenvolvimento de práticas sociais que definiram os padrões morais da burguesia capitalista, como o individualismo, a confiança no futuro e em si mesmo (sobretudo no progresso pessoal) e a fé nas instituições democráticas como garantia da igualdade de todos os homens (não extensiva aos índios peles vermelhas, negros e mexicanos).⁵⁷² Conforme o historiador Hideraldo Lima, devemos pensar estes viajantes naturalistas como:

“...anuanciadores de um novo tempo, um tempo em que a sociedade ocidental de onde procediam estava vivendo “o caráter ambíguo da existência moderna (ou) a sensação de viver em dois mundos: um moderno e outro que não chega por inteiro.” Nesse novo tempo, onde a visão de paraíso cede lugar a visão de barbárie, o olhar do viajante transforma-se “em racionalidade que leva às últimas conseqüências a dominação sobre a natureza e sobre os outros homens””.⁵⁷³

Com efeito, como descendente do homem de fronteira, a escritora americana acentuou a importância de se promover ondas de migração para uma região tão favorecida e tão vazia de homens como um ideal de progresso a ser alcançado pela Amazônia, por que este também o foi para os EUA. Permanentemente aqueles estavam dispostos a partir ao menor aceno para regiões onde o meio físico fomentasse suas ambições: para onde houvesse melhores e mais baratas terras e/ou para onde se

571 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* pp. 325-326.

572 BILLINGTON, Ray Allen. *Fronteiras*. In: VANN, Woodward. *Ensaio comparativo sobre a História Americana*. Trad. Octavio M. Cajado – São Paulo: Editora Cultrix, 1972. pp. 92-93.

573 COSTA, HIDERALDO L. *Cultura, trabalho e luta social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século XIX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1995. p. 26-27.

anunciasse a próxima construção de uma estrada de ferro.⁵⁷⁴ Como nenhuma outra nação, os EUA deram ênfase à conquista individual: de terras, de riquezas, de prosperidade pessoal entre indivíduos. Afastado o único empecilho, os peles vermelhas, quase de graça os desbravadores conseguiram terras virgens para adubar, para constituir pastos viçosos para o gado e fortunas prováveis surgiam também das explorações de suas riquezas minerais e florestais. Além disso, por encontrarem-se distantes da Europa, talvez por conta de um oceano que os protegiam, não se defrontaram com as estruturas de tradição feudal sobre a terra que teria servido como freio à mudança. Como nos esclarece Hobsbawn: *“A solução norte-americana foi determinada por esse fato único, o de dispor de um suprimento virtualmente ilimitado de terra desocupada e da ausência de todas as velharias ligadas às relações feudais e ao coletivismo camponês tradicional”*.⁵⁷⁵ Nesse clima, percebe-se um confronto entre *“uma visão da sociedade que considerava a propriedade individual perfeitamente alienável...e uma visão que assim não pensava é talvez mais evidente na confrontação entre índios e ianques”*.⁵⁷⁶ E a luta se dava ainda no campo do discurso, haja vista que os índios norte-americanos eram considerados os maiores empecilhos para a civilização e para o progresso. Ao considerarmos Elizabeth Agassiz como herdeira do caráter norte-americano liberal-burguês, urbano-industrial, individualista, democrático e arrogantemente nacionalista, não se pode estranhar que ela compartilhasse de uma visão negativa a respeito dos primitivos habitantes de seu país: *“Admiro a ingênua afabilidade dessa gente tão diferente de nossos índios do norte, tristes e carrancudos, não gostando de conversar com os estrangeiros”*.⁵⁷⁷

No entanto, os termos de referência que usa para reivindicar para si e para seu país uma superioridade sem precedentes, não a impediu de fazer uma reflexão crítica sobre os infortúnios decorrentes daquele processo. Deste modo, na medida em que lança seu olhar para outras culturas, para a alteridade ambiental e humana, percebe a incompletude de seu próprio mundo:

“Nunca ao entrar numa choça indígena fomos chocados por cheiro desagradável, salvo alguma emanção produzida, na fabricação da farinha, pela manipulação da mandioca que exala, numa de suas fases, um cheiro ligeiramente ácido. Outro tanto não podemos dizer de muitas casas onde passamos a noite quando viajamos no Oeste

574 BILLINGTON, Ray Allen. *Fronteiras...* pp. 96-97.

575 HOSBAWN, Eric. *A Era das Revoluções...* p. 212.

576 Ibidem, p. 212.

577 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 223.

*ou mesmo no Sudeste dos Estados Unidos; por mais de uma vez o aspecto duvidoso do leite e o bafio que se sentia não pressagiavam boa coisa para o repouso da noite”.*⁵⁷⁸

A ênfase na incompletude da modernidade de seu país fora delineada por meio de uma comparação que ousou apontar consideráveis deformidades nas sociedades urbanas e industriais. Tal visão não se restringiu apenas à autora-viajante. As observações de Wallace sobre a cidade de Belém surpreenderam-no da seguinte forma:

*“Nada me impressionou tanto aqui, como a calma e o espírito ordeiro da cidade e dos seus arredores. Não se vê ninguém carregando facas ou outras armas. Há menos conflitos e brigas, ou mesmo casos de embriaguez, nas ruas tanto de dia como de noite, do que qualquer cidade da Inglaterra de igual população. E quando nos lembramos de que a população paraense é constituída, na sua maior parte, por gente ineducada, que se compõe de escravos, índios, de brasileiros, de portugueses e estrangeiros, e que o álcool é vendido em todos os cantos...só isso diz tudo do bom natural e das disposições pacíficas da província”.*⁵⁷⁹ [grifos nossos]

Mais uma vez a apreciação das alteridades leva o viajante a refletir sobre a incompletude de sua identidade, haja vista que a pacífica disposição dos brasileiros é o reflexo invertido da sociedade industrial inglesa, como podemos deduzir na seguinte passagem de Wallace:

*“É verdade que as misérias, as necessidades, infortúnios,
A pobreza, os crimes, os corações empedernidos,
As intensas agonias mentais e que arrastam
Os homens para a sua própria destruição,
Fazendo-os terminar os dias na cela de um manicômio,
Os milhares de tormento que o ouro faz cair sobre nós,
As grandes lutas de morte, para obter os meios de vida,
Tudo isso os selvagens ignoram e não sofrem”.*⁵⁸⁰

A representação do bom selvagem, fonte de exaltação nos versos de Wallace, está relacionada à consciente intenção do naturalista de introduzir os dilemas de viver em meio à deprimente atmosfera artificial das grandes cidades: as misérias, a pobreza, os crimes e os milhares tormentos que a busca pela riqueza individual faz cair sobre a consciência. A criação do poema, inspirado em sua identificação com o Outro (selvagem, natural), em termos, aponta para a difícil tarefa dos europeus e

578 Ibidem, p. 225.

579 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 84.

580 Ibidem, p. 330.

estadunidenses de conciliar a prosperidade material, os apelos ao progresso, a conservação do meio natural e modos de vida tradicionais. Neste sentido, seu conteúdo expressa um sentimento de culpa em relação ao depauperamento da natureza, sobretudo por métodos perdulários: o solo foi esgotado, florestas caíram aos golpes de seus machados, camponeses e índios expulsos de suas terras. É que para os adeptos do progresso econômico industrial, tanto a tradição quanto a conservação foram desdenhados em nome da prosperidade material já que o progresso pessoal corria paralelo ao progresso da nação.

Ora exaltando a natureza primitiva dos trópicos, ora a condenando através da antiga premissa que concebia espaços incultos como lugar de gente inculta, esta percepção contraditória é análoga à afirmação de Jean Starobinsk: *“Alguma coisa, na civilização, trabalha contra civilização”*.⁵⁸¹ Assim, desde que a palavra civilização foi associada a uma série de valores que nasciam da época revolucionária – a perfectibilidade e o progresso – a palavra deixou de abranger

“apenas um processo complexo de refinamento dos costumes, de organização social, de equipamento técnico, de aumento de conhecimentos, mas se carregará de uma aura sagrada, que a tornará apta, ora a reforçar os valores religiosos tradicionais, ora em uma perspectiva inversa, a suplantá-los”.⁵⁸²

A resposta encontrada pelo estudioso francês reside no caráter mobilizador do termo que, ao adquirir uma autoridade sagrada, não tardou a incitar vários grupos sociais e idéias rivais a se auto-proclamarem *“seus representantes e defensores, reivindicando, a esse título, o monopólio de sua propagação”*.⁵⁸³ Por outro lado, o caráter sagrado faz do termo um critério de julgamento para tudo o que não corresponde aos seus apelos de civilização.

“torna-se permissível reclamar o sacrifício supremo em nome da civilização. O que significa dizer que o serviço ou a defesa da civilização poderão eventualmente, legitimar o recurso à violência. O anticivilizado, o bárbaro devem ser postos fora da condição de prejudicar, se não poder ser educados ou convertidos”.⁵⁸⁴

581 STAROBINSK, Jean. *As máscaras da civilização: Ensaio*. Trad. M. Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 40.

582 Ibidem, p. 32.

583 Ibidem, p. 32.

584 Ibidem, p. 33.

Sobre estes aspectos podemos observar que os viajantes condenaram a conquista colonial⁵⁸⁵, ao mesmo tempo que enfatizaram seu papel enquanto herdeiros dos ideários iluministas. Nesse instante, cabia a eles a tarefa de educar, emancipar e civilizar àqueles que concebiam como bárbaros e/ou selvagens. Mas, a contraposição de alguns valores inerentes à sociedade à qual pertenciam reflete o duplo aspecto da civilização: enquanto de um lado acreditavam no ideário do alcance da perfectibilidade humana, quando o mundo fosse povoado de gentes instruídas, livres e racionais “*capazes de não se deixar dominar exclusivamente pela preocupação material*”, por outro lado, a sociedade industrial aumentava o abismo que os separava de uma sociedade ideal. Desta maneira, “*torna-se cada vez mais difícil manter o postulado de uma civilização sem conflito interno*”.⁵⁸⁶ Wallace, homem que compartilhava dos ideários de igualdade social nos moldes do radicalismo owenista, evidentemente atacou os postulados de civilização apresentando-a do mesmo modo como fez Baudelaire, “*uma grande barbárie movida a gás*”.⁵⁸⁷ Neste sentido, o elogio ao homem selvagem “*ornando-o de todas as qualidades que a civilização deveria promover*”⁵⁸⁸ evidenciava um ideário (talvez inatingível) que consistia na busca da plenitude humana para além da civilização – entre os selvagens. Por este viés, os selvagens foram apresentados como o ideal de sociedade sem classes, igualitária, que este viajante – mais que Agassiz – lutou por efetivar em seu país. Enfim, o impacto do contato com as alteridades levou esses viajantes a externarem um sentimento de inquietude quanto aos males que a civilização (mecânica, industrial) causou sobre o mundo natural, sobre outras culturas e sobre as mentes, a psique (alma) dos indivíduos, tal qual expressou Wallace: “*as misérias, as necessidades, infortúnio, a pobreza, os crimes, os corações empedernidos, as intensas agonias mentais e que arrastam os homens à destruição, fazendo-os terminar os dias na cela de um manicômio*”.⁵⁸⁹ Embora esses brancos *racionales* tenham escrito “*num estado de verdadeira indignação contra a vida civilizada*” reconheciam o valor da

585 Do mesmo modo Lisboa ressalta que apesar de Spix e Martius não estarem alheios as contradições da empresa colonialista portuguesa, principalmente em relação aos incolos originais. Apesar da crítica contra “*a conduta desrespeitosa dos colonos, o passado da violenta conquista, a escravidão indígena, a violação da legislação, a política dos aldeamentos, as missões religiosas, as autoridades governamentais e, enfim, conferem a colonização o papel de ter semeado tantas sementes de destruição no Novo Mundo, aparentemente relativizando e quase inocentando os índios de sua decadência, da qual não cessam de falar*”. (p.157) Seu discurso sobre o estado de selvageria dos primeiros habitantes “*não atenuou os propósitos eurocêntricos inerentes ao processo colonizador*”. (p.158) LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius...*

586 STAROBINSK, op. cit., p. 45.

587 Ibidem, p. 45.

588 Ibidem, p. 45.

589 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 330.

civilização como critério valorativo, normativo e moral que permitia proteger o mundo da barbárie: “*todavia não penso em colocar, como alguns querem, o homem selvagem acima do civilizado, ou desejar que retrogrademos e vivamos a maneira de nossos antepassados, antes da vinda de César*”.⁵⁹⁰

3.3 – Aprender com o Outro: Reciprocidade e adaptação diante da alteridade humana e ambiental.

Para seguir para inexplorados lugares, em meados do século XIX, todo viajante contava com o auxílio prestimoso das gentes da terra, cujo espírito de observação foi desenvolvido no contato prolongado com a vida ao natural.⁵⁹¹ Movendo-se por entre as brenhas selvagens, as gentes amazônicas sabiam interpretar o “*rústico alfabeto*”⁵⁹² em que se constituía aquela realidade topográfica, com seus labirínticos cursos d’água e seus caminhos de acesso quase imperceptíveis em meio à mata fechada, conforme Wallace:

*“Poder-se-á passar através de rios, de lagos e de pântanos, e, por todas parte, achar-se em torno de um **ilimitado deserto de águas**, tudo coberto, porém, de uma alta **floresta virgem**. Dias seguidos, poder-se-á navegar através desta floresta, esbarrando nos troncos das árvores, ou parando, para poder passar sob as folhas cheias de espinhos das palmeiras, cujas copas, embora fiquem no topo de caules de 40 pés de altura, estão ao nível da superfície das águas. Neste labiríntico sem trilhos, sem rastros, o índio encontra caminho pelas ligeiras indicações de ramos quebrados ou de arranhões nas cascas das árvores. E, assim, dias seguidos, tranquilamente, viaja, como se estivesse trilhando um estrada bem batida”.*⁵⁹³ [grifos nossos]

Características de indivíduos acostumados a enfrentar, desde a infância, os caprichos da selva. Com uma educação voltada aos desígnios da floresta, os índios sabiam “*distinguir ou identificar os menores vestígios da passagem de animais. Um exame superficial das pegadas de um homem ou um bicho basta-lhe muitas vezes para tirar deduções mais precisas sobre sua origem, sua direção e a época em que foram*

590 Ibidem, p. 330.

591 HOLLANDA, Sérgio. B. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.20

592 Ibidem, p. 20.

593 WALLACE, op. cit., p. 228.

produzidas".⁵⁹⁴ Com os sentidos exercitados pelo gênero da vida que levavam distinguiam "*as plantas trincando uma folha; pelo gosto sabe dizer a que espécie pertence e determinar-lhe o préstimo e a serventia*".⁵⁹⁵ Pelo olfato os caingangues percebiam a aproximação de uma cobra; outros imitavam os sons do animal perseguido, modelando a voz conforme o sexo e a distância em que aquele se encontrasse.⁵⁹⁶ Por último, há o exemplo dos indígenas do Brasil central que sabiam diferenciar à grande distância o "*barulho dos lenhadores derrubando madeira*".⁵⁹⁷ Um talento pelo qual foram apreciados pelos sertanistas que singraram o interior do país em busca de riquezas no século XVII, atrás desta prestimosa mão-de-obra, mas que também influenciou a vida dos caboclos e sobreviveu até os dias de passagem pela Amazônia de vários viajantes estrangeiros dos séculos XIX e XX. Para Elizabeth Cary os aguçados sentidos indígenas são dons quase miraculosos:

"Nada mais curioso do que ver com que tato os índios sabem descobrir ninhos de tartaruga. Vão com passo rápido e movimento inquieto, como se tivesse uma espécie de instinto na ponta dos artelhos. Se pisam um bom lugar, embora não apresente em absoluto qualquer sinal exterior visível, eles não se enganam e param de repente; então, escavando o solo, desenterram os ovos que se acham em geral oito ou dez polegadas de profundidade".⁵⁹⁸

Análoga à atitude dos bandeirantes do século XVII, conforme o historiador Sérgio Buarque de Hollanda, que se habituaram as "*soluções e muitas vezes aos recursos materiais dos primitivos moradores da terra*"⁵⁹⁹ o viajante estrangeiro percebeu – muitas vezes a dura penas, como vimos – que para transpor as brenhas amazônicas era preciso estreitar relações com os gentios. Sobre este aspecto, em passagem pelo Tocantins, o inglês Henry Bates concluiu:

*"A essa altura **eu já havia aprendido** que a única maneira de alcançar os objetivos que me tinham trazido ao país era **acostumar-me ao modo de vida das classes mais humildes do lugar**. No Amazonas, pouco proveito têm para o viajante as cartas de recomendações endereçadas a pessoas de posição, pois naquelas remotas vastidões de selvas e rios os **canoeiros são praticamente donos do próprio nariz**; as autoridades não podem forçá-los a transportar viajantes ou a trabalhar para eles, e por*

594 HOLLANDA, 1994, loc. cit.

595 Ibidem, p. 22.

596 Ibidem, p. 22.

597 Ibidem, p. 22.

598 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 224.

599 HOLLANDA, op. cit. p. 19

consequinte o forasteiro tem de conquistar a sua amizade se quiser ser levado de um lugar a outro".⁶⁰⁰ [grifos nossos]

Bates, Wallace e outros viajantes estrangeiros que passaram pela Amazônia no século XIX testemunharam o fato, já amplamente conhecido pelos portugueses, brasileiros e outros residentes, de que embora contassem com o apoio das autoridades locais, por meio de *cartas de recomendação endereçadas a pessoas de posição*, tal facilidade não garantiam o acesso à floresta amazônica. Era preciso que o viajante tivesse em mente que, para transpor aquele espaço, era necessário se adaptar aos modos de vida da população ribeirinha, *conquistar a sua amizade*. O indígena, por sua vez, dono de uma capacidade de orientação pelas espessas matas e pelos caminhos rudimentares "*estreitas veredas e atalhos que estes haviam aberto para uso próprio*"⁶⁰¹, impõe o seu ritmo de vida àqueles homens da ciência. Sejam os conquistadores do século XVI, colonos, sertanistas e jesuítas do século XVII, ou estrangeiros do século XIX, todos haviam se rendido à destreza pela qual os naturais da terra sabiam se conduzir "*pelos astros ou rastros*"⁶⁰² da natureza. Conforme Hollanda, "*uma seqüência de galhos cortados à mão poderia significar uma pista...golpes de machados nos troncos mais robustos...uma vareta quebrada em parte desiguais*"⁶⁰³ que somente um olho habilmente treinado saberia distinguir os sinais: "*Era o processo chamado ibapaá, segundo Montoya, caapeno, segundo o padre João Daniel, cuapaba, segundo Martius, ou ainda caapepena, segundo Stradelli*".⁶⁰⁴ Aos olhos inexperientes e desavisados dos adventícios os caminhos trilhados pelos indígenas se compunham com características inesperadas:

"Remamos cerca de meia milha para alcançar terra, caminhamos em seguida meia milha na areia da praia, depois do que os nossos índios mergulharam na floresta, seguindo um trilho, e nós silenciosos, os acompanhávamos. Após essa marcha de um milha na floresta, saímos em um campo aberto, onde havia muitas relvas, vendo-se, espalhado, aqui e acolá, grupos de árvores e de arbustos, no meio dos quais se viam também lindíssimas flores. Caminhamos cerca de um milha, ao longo de um trilho, que por vezes se tornava quase imperceptível para nós, até que afinal, alcançamos um tremedal extenso, coberto de plantas aquáticas, com algumas moitas de arbustos e árvores de tronco enegrecido. Os nossos índios, sem dizer palavra, imediatamente se

600 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas*...p. 67.

601 HOLLANDA, op. cit., p. 19.

602 Ibidem, p. 20.

603 Ibidem, pp. 19-20.

604 Ibidem, p. 20.

*foram afundando na água, até os joelhos, para negociar os patos, que logo vimos, a certa distancia, em promiscuidade com as garças e outras aves aquáticas. Não tendo outra coisa a fazer ali na praia, nós os seguimos, patinando na água e no barro, entre árvores e arbustos imersos, num emaranhado de raízes de plantas aquáticas, que nos prendiam e nos puxavam, tolhendo a nossa caminhada, e sentindo-as quentes e viscosas”.*⁶⁰⁵

Saber o significado desses sinais no meio da espessa mata resultava de um conhecimento muito superior ao sistema de sinalização dos brancos, cujos mapas mais desorientavam que elucidavam algum ponto obscuro. Conforme Hollanda, dotado de seus aguçados sentidos e de uma capacidade inventiva para desenvolver técnicas e mecanismos mais adequados às circunstâncias fazia do indígena “o senhor de um admirável instrumento para triunfar sobre as condições mais penosas e hostis”.⁶⁰⁶ Ao adventício restava ficar à mercê dos expedientes inventados pelos selvagens, haja vista que seu equipamento técnico trazido do Velho Mundo não estava preparado para a realidade das úmidas brenhas tropicais. Para ultrapassar a mata fechada, carregar uma espingarda representava, por seu peso e por sua dimensão, um incômodo maior que a zarabatana e a flecha indígena. Além disso, a espera por encontrar o ponto de melhor precisão para mira da arma deixava escapar o momento de surpreender a presa. A umidade da atmosfera equatorial muitas vezes afetava o mecanismo da arma fazendo-a negar fogo, importunações pelas quais passou Wallace quando avistou a espécie que pretendia capturar na seguinte passagem: “Minha espingarda, contudo, tinha-se molhado de orvalho, na longa caminhada, e negou fogo”.⁶⁰⁷ Sobre as virtudes das armas indígenas Wallace observou ainda:

*“Para esse propósito, usavam a zarabatana ou tubo de assoprar...por intermédio do qual, soprando, eles conseguem disparar pequenas setas, mas com muita precisão e uma força tais, que conseguem matar a grande distancia, pássaros ou outra caça qualquer. Fazem-no com tanta certeza, como se fosse com uma espingarda. As setas que empregam são envenenadas. Assim, pois, ainda que elas produzam um pequeno ferimento, isso é o bastante para fazer vir abaixo uma grande ave”.*⁶⁰⁸

Desta forma, restava ao forasteiro adotar os métodos de locomoção e de exploração da natureza dos indígenas. No alto rio Negro, em virtude da escassez de

605 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...* p. 108.

606 HOLLANDA, op. cit., p. 24.

607 WALLACE, op. cit. p. 291.

608 Ibidem, p. 270.

alimentos, foi por meio desse aprendizado que o naturalista britânico conseguiu obter espécies para abastecer a expedição, fazendo uso da técnica de pesca indígena de envenenar o lago com raiz de timbó:

“Quando os índios voltaram com as raízes de timbó, nós todos imediatamente começamos a quebrá-las e desfibrá-las colocando-as para isso sobre a rocha e dando fortes pancadas com um pau. Em seguida, foram levadas e postas dentro de uma pequena canoa, que enchemos de água e de barro. Tudo isso foi devidamente remexido e comprimido, até que o sumo se desprendesse bem. Isso feito, levamos essa mistura para um rancho próximo, pouco acima de lugar onde estávamos. Aos punhados, e pouco a pouco, fomos jogando para dentro do riacho a mistura que havíamos preparado. E ali ficamos esperando o resultado. O veneno começou a produzir imediatamente seus efeitos”.⁶⁰⁹

Sem dúvida, a maior parte do progresso da história natural deve muito a esse saber empírico sobre a natureza, afinal, como esclarece Agassiz:

“Grande número [espécies] das que formam estas florestas são desconhecidas ainda da ciência, mas, não obstante isso, os índios, esses botânicos e zoólogos práticos, têm um conhecimento perfeito não apenas de suas formas exteriores, mas também de suas diferentes propriedades. Um conhecimento empírico como esse, dos objetos naturais que os rodeiam, vai tão longe entre eles que reunir e coordenar as noções esparsas nas diversas localidades desta região seria, não há dúvida, contribuir grandemente para o progresso das ciências”.⁶¹⁰[grifos nossos]

Na passagem supracitada pode-se ver claramente a consciência naturalista sobre a importância de se apropriar dos saberes indígenas, embora eles sejam substituídos por uma terminologia latina padrão que definiu em escala planetária um novo vocabulário, consagrador da autoridade científica do europeu e do norte-americano. Comparativamente, podemos dizer que na mesma proporção que o camponês inglês do século XVIII era um conhecedor do mundo natural que o cercava⁶¹¹, também os nativos da região amazônica o eram. Primeiro porque utilizavam seu próprio sistema para classificar a natureza selvagem, evidenciando *“um desejo universal que têm todos os povos “primitivos” ou não de conhecer e classificar seu ambiente biológico, seja simplesmente pelo desejo em si, seja pela satisfação de impor um padrão ao seu meio*

609 Ibidem, p. 314.

610 AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil...* p. 324.

611 THOMAS, Keith. *O homem e mundo natural...* p. 84.

circundante”.⁶¹² Segundo, porque eram eles que tinham o conhecimento prático acerca dos benefícios das plantas e animais, fosse para uso medicinal, alimentação ou fabricação de artigos.

Conforme Hollanda, a influência indígena sobreviveu mais fortemente em lugares onde foram “*assíduas a comunicação e a mestiçagem com o gentio*”.⁶¹³ Não é de se estranhar que os negros Isidoro e Luís, contratados pelo naturalista inglês para trabalhar como empregado doméstico e caçador, respectivamente, no Pará, tenham adquirido a mesma habilidade indígena para caçar animais e identificar as propriedades das plantas:

“O nosso velho guia [Isidoro], ora entregue a ocupações domésticas, como criado ao serviço de dois cavalheiros estrangeiros, já havia trabalhado muito na floresta, estava bem familiarizado com as várias árvores, sabia dizer-lhes os nomes e conhecia todas as suas propriedades e empregos”.⁶¹⁴

Luís era um ótimo caçador. Vagava pelas matas, desde a manhã até a noite, ia a grandes distancias, e, ao voltar, trazia-me quase sempre lindos pássaros. Arranjou-me logo alguns bonitos cardiais palradores, surucuas de peitos vermelho, tucanos, etc. Conhecia as moradas e hábitos de quase todos os pássaros e sabia imitar-lhes perfeitamente os piados e cantos, a fim de atraí-los para perto de si e assim poder matá-los”.⁶¹⁵

Mas a influência indígena não termina aí. Cada novo contato com a selva e com seus primitivos moradores tornava o viajante ou o colono cada vez mais aclimatado ao ambiente diferente dos moldes europeus. De tal modo que Wallace expressa *estranheza* em relação aos costumes adquiridos pelos moradores de um sítio em Manaquiri, no Solimões, colonos de origem portuguesa: “*Era de causar estranheza, outrossim, ver-se uma moça, decentemente trajada, sentar-se numa esteira, no chão, tendo à sua roda meia dúzia de índias, que ficavam fazendo rendas e outros trabalhos de agulha*”.⁶¹⁶ Também Louis Agassiz não deixou de expressar sua crítica em relação a esse processo:

“Não somente a população branca é muito escassa para suprir a tarefa que tem diante de si, como essa população não é menos pobre em qualidade do que reduzida em quantidade. Ela apresenta o singular fenômeno duma raça inferior, duma classe

612 Ibidem, p. 85.

613 HOLLANDA, op. cit., p. 21.

614 WALLACE, op. cit. p. 67.

615 Ibidem, p. 154.

616 WALLACE, op. cit., pp.233-234.

*civilizada adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens. Nas povoações do Solimões, as pessoas que são consideradas como da aristocracia local, a aristocracia branca, exploram a ignorância do índio, ludibriam-no e embrutecem-no, mas tomam não obstante os seus hábitos e, com ele, sentam-se no chão e comem com as mãos”.*⁶¹⁷

Explicitamente, observa-se que o fenômeno de aculturação portuguesa é tido por Louis Agassiz como prova da deterioração moral branca, efeito do duplo sentido do contato prolongado com outras culturas: se por um lado o português subjugou o índio, aquele também se rebaixa a mesma condição deste. O naturalista inglês também observou esse efeito refluxo nos homens civilizados. Wallace, antes de avançar pelo Solimões, no evento do encontro com o senhor Seixas, *brasileiro educado e comandante do distrito*, no Tocantins, expressou sentir-se surpreso ao observar que “*seu filho, um menino de 6 ou 7 anos, brincava em casa completamente nu*”.⁶¹⁸ O mesmo tema se estendeu aos acampamentos seguintes, quando na praia “*Viam-se lá alguns homens, mulheres e crianças, estando estas nuas*”⁶¹⁹ cujo “*chefe do grupo era um brasileiro, que havia descido das minas*”.⁶²⁰ Em Tronqueiras:

*“Havia várias famílias residindo ali, e, todavia, não arranjavam uma casa sequer onde ficar, tendo apenas escolhido um agradável local, de solo limpo, sob algumas árvores, entre troncos e galhos das quais estenderam as suas redes. Numerosas crianças, nuas, estavam rolando e brincando nas areias da praia, enquanto as mulheres e alguns homens se balouçavam nas redes. Viam-se nas praias as suas canoas alçadas, as espingardas encostadas nas árvores e grande panela de barro sobre o fogo, enquanto todos pareciam gozar, lá ao seu modo, todas as delícias que um homem pode desejar”.*⁶²¹

A ausência de roupas entre homens ditos civilizados tanto pode ser compreendida como a falta de um estatuto de civilização entre as pessoas, quanto a visualização de crianças não-índias correndo e brincando em uma agradável paisagem pode ser apontada como a celebração da inocência e simplicidade dos habitantes das florestas tropicais, que distantes de espaços urbanos estão a salvo dos males da civilização (superficialidade, hipocrisia, imoralidades, malevolências e injustiças)⁶²²;

617 AGASSIZ, op. cit., p. 239.

618 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*...p. 100.

619 Ibidem, p. 102.

620 Ibidem, p. 102.

621 Ibidem, p. 105.

622 Conforme Jean Starobinsk “*E de Montaigne a Rosseau, passando por La Hontan e muitos outros viajantes do Novo Mundo, a comparação entre civilizado e o selvagem (ainda que canibal) não acaba*

mas, por outro lado, a imagem representa ainda a grande maleabilidade, a adaptação dos não-índios frente à realidade da floresta, frente aos costumes indígenas.

Em viagens pela Amazônia podemos observar a correspondência desse legado na trajetória de viagem de Wallace. Andando descalço, somente em mangas de camisa, cada vez mais o autor se torna ciente da necessidade de se adaptar aos costumes indígenas desfazendo-se de alguns estatutos da civilização: *“A areia estava muito quente e, descalços como estávamos, era quase impossível poder-se caminhar sobre ela. Os índios quando tem de atravessar extensas praias, de quando em quando param e cavam buracos na areia, neles enfiando os pés, para esfriá-los”*.⁶²³ Mas é seu companheiro de viagem, Bates, a nos fornecer uma emblemática imagem sobre os efeitos do impacto das determinações do meio selvagem sobre o viajante. Em excursão aos arredores do Pará, ao vagar por um caminho de mata espessa, cujos troncos das árvores estavam cobertos por uma espécie de trepadeira espinhosa, o viajante observou que esta constituía *“o grande estorvo para o viajante, pois pendem acima do caminho e costumam prender o chapéu do passante e arrancá-lo, ou rasgar a sua roupa”*.⁶²⁴ A cena mostra a sensação de impotência do indivíduo civilizado em meio a um ambiente bravo. Ao penetrar nas brenhas selvagens, o viajante não apenas têm suas roupas rasgadas a cada movimento, mas também percebe sua autoconfiança abalada. Do mesmo modo, na subida da serra Cobati, em Roráima, Wallace chegou à conclusão das ruins conseqüências de não se adaptar aos imperativos da floresta:

“E eu ia patinhando por cima de tudo isso com os pés descalços. Esbarrava nos ramos das árvores, que me fazia cair o chapéu, ou, então, me prendiam a espingarda, que eu trazia à mão, causando-me, assim, grandes incômodos. Lá mais adiante, os aguçados e recurvados espinhos das trepadeiras obstinavam-se em agarrar-se às mangas da camisa, obrigando-me, com toda prudência, a fazer alto, para poder desembaraçar-me deles, ou, então, me arrancavam alguns pedaços de roupa, já um tanto gasta, e que iam ficando para trás, dependurando neles. Os índios iam quase todos completamente nus. Os que haviam trazido roupa, calças e camisas, levavam estas em pequenas trouxas, que eram conduzidas ao alto da cabeça. Olhando, então, para mim mesmo, nenhuma dúvida tive da excelente demonstração da pouca valia, senão ruins conseqüências, de andar vestido em uma floresta”.⁶²⁵ [grifos nossos]

em vantagem do civilizado.” Cf. STAROBINSK, Jean. *As máscaras da civilização...*p. 18.

623 WALLACE, op. cit., p. 115.

624 BATES, Henry. *Um naturalista no rio Amazonas...*p. 29.

625 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...*p. 279.

As passagens acima grifadas revelam como o impacto da experiência da viagem, em um lugar que por excelência é a antítese do mundo cultivado europeu, incita o adventício a fazer um auto-exame sobre sua própria condição de homem civilizado. A auto-reflexão sugere que alguns de seus juízos de valor, como, por exemplo, as roupas que definem, via de regra, o seu estatuto social de homem educado, assumem “*pouca valia*” num mundo que julga incivilizado. Para além do incômodo sentido, o adventício evidencia compreender a lógica pela qual faz os indígenas “*andar totalmente nus.*” Ele, do mesmo modo que Bates, não mais caminhava com a autoconfiança de um indivíduo condicionado pelos espaços urbanos. Por outro lado, a reação de Wallace olhando para si mesmo e para o Outro remete à consciência da necessidade de assimilar alguns valores que não eram mais os seus. Para esses viajantes a realidade da mata virgem aconselhava-os a se acostumar com a idéia de despir-se de seus costumes e a diminuir o distanciamento de contato com os habitantes da floresta.

Assim sendo, quando Wallace soube da existência de uma ave rara (o galo da serra), pássaro desconhecido para ele, na fronteira com a Venezuela, primeiro recorreu a “*um índio, que sabia falar português*”⁶²⁶ para saber onde encontrar e depois o contratou para que o conduzisse à região desejada. Em seguida, para trilhar os perigosos e longos percursos até a serra, o viajante precisou contar com o apoio de um grupo maior de homens que, ao mesmo tempo, o guiasse ao local desejado e trabalhasse para ele na identificação e caça às espécies. Para isso lançou mão da antiga fórmula da persuasão para convencer os nativos. Prometendo um generoso pagamento em sal e outros arsenais de interesse indígena, como “*anzóis, canivetes, colares*”⁶²⁷, o viajante-naturalista conseguiu “*persuadir quase todos os homens da aldeia*” de Guia, no total de 13 homens, para acompanhá-lo até a serra de Cobati, com a promessa de “*pagar-lhes bem cada galo que matassem e me trouxessem*”.⁶²⁸ Além do mais, as distâncias longas e o caminho de difícil acesso a ser vencido a pé impeliram o viajante a compreender a necessidade de se familiarizar com outros artificios dos gentios:

“Como o nosso caminho se estendia através da floresta e tínhamos que fazer o percurso de uma dez milhas a pé, não podíamos conduzir muitas bagagens. Cada homem levava a sua gravatana, arco, setas, rede e alguma provisão de farinha. Além disso, levavam ainda somente um pouco de sal, confiantes, como estávamos, de que a

626 Ibidem, p. 272.

627 Ibidem, p. 345.

628 Ibidem, p. 276.

*floresta haveria de fornecer-nos o mais que fosse preciso para o nosso alimento. Eu mesmo tive que reduzir a minha bagagem e as minhas provisões, chegando até a dispensar a minha diária e única delícia do café”.*⁶²⁹

Dos resultados práticos da expedição até a serra do Cobati, acreditamos já termos explicitado: mais de 20 galos da serra e dezenas de outros pássaros foram abatidos. Mas, o princípio da viagem por si só já nos mostra outros indícios que revelam como essa experiência o levou a um movimento (por vezes a um estado mental) de identificação, de reciprocidade com a alteridade humana que o acompanhava na maior parte de suas peripécias – o indígena. Em princípio, pensemos nos fatos narrados pelo próprio naturalista. O viajante havia sido ressalvado pelos próprios indígenas sobre a necessidade do comportamento frugal para vencer a natureza. Por essa razão, abstém-se de mais um símbolo de sua existência civilizada: “*a minha diária e única delícia do café*”. Nisto, compartilhou das mesmas certezas dos índios: “*de que a floresta haveria de fornecer-nos o mais que fosse preciso*”. Isto, somado ao fato de que na longa distância percorrida a pé até a serra do Cobati o viajante inglês não contou com a companhia de nenhum homem branco, podemos especular algumas outras conseqüências do resultado dessa expedição. Com os primitivos habitantes da região o viajante ainda teria muito a aprender. Mas antes de seguirmos os passos do viajante galês pelo alto rio Negro, retomemos as cenas anteriores, quando esteve em Manaus (na época Barra do Rio Negro) a excursionar por suas imediações.

Em seu segundo ano de viagem, para satisfazer seu objetivo naturalista, Wallace foi conduzido até a povoação de Castanheiro, próximo à Barra do Rio Negro, onde pela primeira vez foi hóspede de índios, cujas casas ficavam “*embrenhadas na floresta*” e “*não se avista vizinhança*”. Constatou que somente “*um dos homens sabia falar português. Os demais falavam língua indígena, chamada língua geral, que eu achei a princípio muito difícil de assimilar, devido à falta de livros adequados para o seu ensino*”.⁶³⁰ Nesse período de isolamento, aprendeu com os naturais da terra rudimentos da língua geral, instrumento necessário para se estabelecer relações de reciprocidade com as comunidades indígenas que desejava visitar ao longo de seu percurso pelo alto Rio Negro:

“Contudo, é uma língua [a língua geral] muito simples e muito fácil de aprender. A palavra igarapé, que se aplica geralmente para a designação de rios pequenos,

629 Ibidem, p. 277.

630 Ibidem, p. 218.

significa geralmente para a designação de rios pequenos, significa “caminho das canoas”. Tabatinga, “fumaça”, literalmente quer dizer “fogo branco”. Muitas palavras soam como no grego; por exemplo: sapucaia, “ave”; apegaua, “homem”. Nos vocábulos que designam animais, a mesma vogal repete-se muitas vezes, produzindo um efeito bastante eufônico. Assim, temos as seguintes palavras: parauá, papagaio; maracajá, “gato do mato”; sucuruju, “cobra não venenosa.” O indiozinho que se achava em minha companhia, sabia falar o português e a língua geral, e, desse modo, com seu auxílio, eu podia arranjar-me muito bem”.⁶³¹

Além disso, seu espírito de observação – que por vezes visava ao útil – somado ao contato prolongado com os nativos impelia a sua curiosidade a experimentar a comida indígena:

*“A maior parte dos frutos silvestres, que são os preferidos desta gente, principalmente pelas mulheres e pelas crianças, são de um sabor muito ácido ou muito amargo. Só depois de algum tempo, é que um estrangeiro poderá habituar-se a comê-los. Por vezes, quando eu via uma criança roendo um fruto qualquer, eu pedia para prová-lo, julgando que deveria ser doce ou agradável ao paladar, principalmente ao das crianças, quando ainda estão na idade de brincar com bonecas. Contudo, eu verificava que o mesmo tinha um sabor muito parecido com o do aloés ou da quássia, cujo gosto amargo ficava mais de uma hora em minha boca. Alguns têm gosto de abóbora, e outros são tão picantes, como agrião”.*⁶³²

Apesar da experiência negativa de seu paladar com o sabor dos frutos silvestres indígenas, ele enfatiza o caráter adaptativo necessário ao explorador. Caminhando ou navegando por longas distâncias onde dificilmente se encontrava a *cultivação regular do solo*, o viajante, quando encerrada suas provisões de viagem, que consistia em *“farinha de mandioca, peixe, cachaça, para os nossos homens; chá, café, biscoitos, açúcar, arroz, carne salgada e queijo, para o nosso gasto”*⁶³³, lançava mão dos necessários meios de alimentação nativa:

*“Não conseguimos atirar nesse dia, mas voltamos com **ótimo apetite para o nosso café, leite de maçaranduba, pirarucu e ovos**. O pirarucu é um peixe seco, que se come com farinha, constituindo o alimento principal da população nativa. **Nas regiões mais remotas do interior, é muitas vezes a única coisa que se pode obter, de modo que cuidamos logo de fazer uso dele, para nos acostarmos de uma vez**”.*⁶³⁴

631 Ibidem, p. 219.

632 Ibidem, p. 223.

633 Ibidem, p. 88.

634 Ibidem, p. 66.

*“A sua carne [pirarucu], com farinha e café, forneceu-nos excelente jantar, e a cauda de jacaré, que eu agora **experimentei pela primeira vez**, não era de forma alguma para menosprezar-se”.*⁶³⁵ [grifos nossos]

*“Nos matos, apanhamos **cocos de açaí, dos quais se faz uma bebida** muito apreciada pelo povo, e que é, de fato, **muito boa, quando a ela nos acostumamos...** ficando com a consistência de um creme de bonita cor vermelha, que se come com açúcar e farinha. Com seu uso, torna-se muito agradável ao paladar, pois fica muito parecido com o creme de noz, e, sem dúvida, deve ser muito nutritivo”.*⁶³⁶

Tomando uso dos costumes locais, o adventício parece esquecer-se, mesmo que momentaneamente, da sua missão civilizatória. As cenas que narram as refeições em diversos acampamentos são significativas sobre este aspecto, pois mostram o viajante compartilhando a refeição, quase sempre, ignorando seus valores próprios que demarcavam uma fronteira nítida entre o civilizado e o selvagem. Conseqüentemente o viajante não compartilhará somente o alimento. Assim sendo, retomemos novamente a excursão de Wallace pelo alto rio Negro, até a serra de Cobati:

*“Acendeu-se o fogo e a carne dos porcos foi posta a assar. Em roda de fogo, estavam 13 índios nus, que conversavam em uma língua desconhecida. Dois deles, somente, sabiam falar um pouco de português. Com eles eu passava o tempo a conversar, respondendo-lhes várias perguntas que me faziam a respeito de onde vinha o ferro, como se faz o tecido de algodão, se o papel crescia em meu país e se nós lá temos mandioca e bananas. Eles então ficavam muito espantados, ao ouvir que em nosso país só há homens brancos, e, mais ainda, não podiam imaginar como esses homens podem viver em uma terra onde não há florestas. E, assim, iam sucedendo outras perguntas mais, procurando eles saber de onde vêm o vento e a chuva, e como o sol e a lua voltam para os seus lugares outra vez, após desaparecerem de nós. Eu tentava satisfazer-lhes todas as perguntas, com as minhas explicações. E, daí, então, eles por sua vez, contavam as suas histórias de onças, dos pumas, dos ferozes porcos selvagens, do terrível curupira, o demônio dos matos, e do homem selvagem, que tem uma longa cauda e que se encontra lá bem no centro da floresta. Assim, iam me contando histórias interessantes”.*⁶³⁷

635 Ibidem, p. 138.

636 WALLACE, Alfred. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro...*p. 118.

637 Ibidem, p. 288.

Como vemos, a cena é governada pela *descoberta que o eu faz do outro*.⁶³⁸ Ao contrário de outras cenas de contato em que o viajante conserva-se imóvel – cujo “*discurso reside no distanciamento narrativo daquilo que é dito*”⁶³⁹ – em que procura demarcar a fronteira entre o civilizado e o incivilizado, e, portanto, sem espaço para interação, neste caso os dois lados interagem, trocam (é possível que quase se toquem) suas visões de mundo, suas versões da realidade, apropriam-se mutuamente das experiências um do outro. Se de um lado, observamos o viajante tentando satisfazer a curiosidade nativa sobre o seu mundo, em troca os índios satisfazem ao próprio naturalista contando suas “*histórias interessantes*”. Nenhuma outra cena possui tantos elementos que traduzem ou exemplificam a “*mística da reciprocidade*”.⁶⁴⁰ O viajante ao invés de mostrar a superioridade do conhecimento europeu frente às histórias supersticiosas indígenas, sua postura, ao contrário, foi de delegar o mesmo interesse que lhe fora reservado por estes.

Como já expressamos em diversos momentos, a necessidade de superar determinados obstáculos naturais constitui o imperativo para o viajante estabelecer essa aproximação. Assim, se a princípio espantou-se com os costumes dos habitantes de Castanheira que “*vivem da maneira mais frugal possível*” deixando-o “*deveras confundido com isso, procurando então descobrir o que é que eles comem em suas refeições*”⁶⁴¹ no último ano de sua excursão, mesmo sofrendo com “*chuvas, outras vezes com sol, as mais das vezes, porém, somente passando a papas de farinha e água*” ele declarou estar “*tão bem acostumado, que já não me lembrava de mais nada daquilo que, um ano antes, fora para mim uma grande e penosa provação*”.⁶⁴² Novamente ele aponta o valor do tempo para as mudanças em sua apreciação.

Nos 40 dias que passou em territórios venezuelanos, na aldeia de Javita, o naturalista curiosamente identificou-se com a comunidade, mas não conseguiu interagir com a ela. A identificação é resultado das semelhanças de alguns padrões de referências da paisagem valorados pelo seu olhar de europeu, como por exemplo a ordenação dos espaços, a dominação da natureza selvagem:

638 Aqui usamos a expressão inicial da obra de TODOROV, Tvezan. *A Conquista da América: A questão do outro...* p. 3.

639 PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* p. 140.

640 Apud PRATT, passim.

641 WALLACE, op. cit., p. 222.

642 Ibidem, p. 401.

*“Uma grande falta, que se fazia sentir em todas as outras partes da bacia Amazonas, que eu havia percorrido, é suprida aqui: uma estrada através da floresta virgem, pela qual se tornam mais facilmente acessíveis os seus mais sombrios recessos, e, assim, mais seguramente poderia eu obter os curiosos insetos de tão remota região, bem como pássaros e outros animais que nela habitam”.*⁶⁴³

*“A aldeia é esmeradamente tratada; conserva-se sempre limpa e livres de matagais. Faz-se semanalmente uma capina regular, para trazê-la constantemente limpa”.*⁶⁴⁴

O viajante identifica-se, mas sente dificuldade de comunicação. Não falava corretamente o espanhol, e nem sabia tampouco a língua dos índios, pois *“a língua falada por aquela gente é chamada de maniva ou baniva... cada aldeia tem sua língua.”*⁶⁴⁵ Também sofreu com a indiferença e a incongruência de um povo que não entendia a sua presença na região, o estranho *rationales* em busca de insetos e outras excentricidades. O isolamento cultural somado à sua percepção da diferença, de singularidades, ocasiona uma auto-reflexão. Ele, pela primeira vez, sentiu-se como o Outro também. Assim, após a fuga de seus ajudantes índios Wallace observa:

*“E foi o bastante, pois, para fazê-los sair, voar o mais depressa possível daquela terra estranha e do ainda mais estranho homem branco que empregava todo o seu tempo capturando insetos e desperdiçando boa cachaça, nela conservando peixes e cobras”.*⁶⁴⁶

Um Outro que se percebe como portador de uma cultura entre várias. Assim, mais adiante, ao receber *“minhas costumarias visitas dos índios”* o viajante vê-se como um intermediador entre culturas:

*“Não deixaram de ficar algum tanto surpresos, quando me viram a cuidar do fogo e preparar o meu jantar. Ao explicar-lhes as circunstâncias a que fui obrigado a sujeitar-me, logo disseram que os meus índios eram “mala gente”, insinuando, ao mesmo tempo, que eles próprios nunca os julgaram de forma melhor”.*⁶⁴⁷

Com efeito, embora ressalte que *“não tinha com quem conversar”* em Javita encontrou ambiente fértil para demonstrar *“as minhas idéias e o meu estado de alma naquela ocasião”* onde a criação do poema resume o *“estado de verdadeira indignação contra a vida civilizada em geral.”* Javita foi descrita como modelo de sociedade

643 Ibidem, p. 319.

644 Ibidem, p. 324.

645 Ibidem, p. 325.

646 Ibidem, p. 332.

647 Ibidem, p. 333.

igualitária o qual seus pares civilizados deveriam aprender a imitar: uma sociedade regulada pelo bem e interesses comuns; na qual não se vêem injustiças, desigualdades. Ao contrário da sociedade industrial, que, nas palavras de Marx: *“a única força que une as pessoas um com o outro é o egoísmo, o ganho e interesse privado individual. Cada um cuida de si apenas por si mesmo e ninguém se preocupa com os demais”*.⁶⁴⁸

Enfim, a exaltação aos primitivos homens da selva também pode ser entendida como um movimento que visa julgar as incoerências da própria moral civilizatória, entre outras a superficialidade e a hipocrisia. Alguns dilemas que somente poderão ser suprimidos com a identificação, isto é, através do vislumbre de uma sociedade ideal: as sociedades primitivas sem estado. Desta forma, a cada encontro com as diversas povoações indígenas na subida do rio Uapés, lugar mais remoto de suas expedições, exalta-se aos homens da selva: *“regozijei-me deveras por achar-me, afinal de contas e de fato, na presença dos mais legítimos representantes da floresta”*.⁶⁴⁹ Ao mesmo tempo em que revelava uma crítica subjacente à moral civilizatória:

“A pintura, com que elas [as índias] decoram o corpo, tem um efeito interessante e dá-lhes quase a aparência de que estão vestidas. E, como tal, ao que parece, assim a encaram. Todavia, muitos, que ainda não presenciaram tão estranhas cenas, poderão talvez discordar de mim; deve, porém, recordar ainda a minha opinião de que há mais imodéstias nos transparentes trajés cor de carne e nos ornatos de nossas atrizes do que na perfeita nudez destas filhas das selvas”.⁶⁵⁰

Assim, provavelmente com os pés descalços, ele continua sua trajetória no encalço indígena, acostumando-se às circunstâncias adversas, por vezes, assimilando as tudo ao redor. Sua chegada em Barra, após longo período de excursão, que levou quase dois anos, evidencia novamente que, apesar da identificação com o selvagem, o viajante não conseguiu desprender-se do lugar a que pertence – a cultura européia. Ao avistar Barra novamente, a primeira impressão negativa do lugar foi esquecida para dar vazão à sua satisfação de encontrar um lugar povoado por gente civilizada:

“No dia 18 de setembro, exatamente quinze dias após ter deixado São Joaquim, chegamos, sem novidade, à cidade de Barra. As suas alvas casas e a vista franca da cidade, que vimos de longe, pareciam encantadoras, sobretudo depois de haver-me acostumado com as casas de paredes barreadas e sepultas na floresta das aldeias do rio Negro. Fiquei logo sabendo que meu amigo, o Sr. Spruce, se achava na cidade, ali

648 Passagem referenciada por PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império...* p. 153.

649 WALLACE, op. cit., p. 344.

650 Ibidem, p. 378.

*estando detido, como sucedeu também comigo em Guia, por falta de homens. Estava ele numa casa que se tornou clássica para os naturalistas, pois aí também residiu Natterer”.*⁶⁵¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nossa viagem subjetiva. De nossa leitura das narrativas acreditamos ter respondido algumas questões a que nos propomos no início deste

651 Ibidem, p. 404

trabalho, mas também esperamos ter suscitado outras, dada a riqueza de temas que a literatura de viagem nos suscita, e que nunca se esgotam. Primeiramente, devo observar que a escolha destes naturalistas visou interpelar o olhar anglo-saxão sobre as alteridades ambientais e humanas sobre nossa realidade. Como sabemos, ingleses e americanos constituíram a maioria de indivíduos que romperam a trama cotidiana de suas vidas para partir para “*alguma terra bem distante onde reina um verão constante*”⁶⁵² no século XIX. A ânsia de viajar e conhecer lugares para nenhum outro homem branco ousou penetrar, o desejo de aventura, tanto pode ser compreendido como uma atitude que visava à manutenção do prestígio e da carreira em seus países – daí o ato de escrever converter-se em instrumento para disseminar a memória das peripécias do viajante – quanto como um desejo de liberdade, uma vontade de desprender-se de si mesmo para encontrar um sentido para a sua própria trajetória humana.

É significativo pensarmos que, em meados do século XIX, a conjuntura pressionava de todos os lados o pensamento, os costumes pautados na tradição. Wallace e os Agassiz viajaram num mesmo instante em que se dissipam revoluções em seus países: o primeiro em 1848, ano das insurreições camponesas pela terra; os segundos, em 1865, nos momentos finais da guerra civil da Secessão. Nesta conjuntura, valores sociais antigos foram rompidos, para dar vazão a uma ordem social fluida, pautada nas ambições individuais, sobretudo na prosperidade material pessoal. Poderios reais foram questionados por suas arcaicas formas de governar, com seus soberanos tirânicos que estrangulavam o espírito empreendedor das pessoas. Economias pautadas no modelo da monocultura e do trabalho escravo sucumbiram. A religião também foi alvo da ciência que tenta suplantar suas verdades. Enfim, o homem ocidental nesse período desdenhava a tradição, o passado. Suas expectativas nem mesmo se centravam no presente, já que sua fé no progresso, sua autoconfiança empurravam suas vistas para o futuro. Assim, entrelaçados a estas perspectivas, conceberam uma natureza americana pródiga, exótica e, por vezes, superior ao meio ambiente do Velho Mundo. Uma visão que projetava as ambições de autonomia dos americanos em várias dimensões: da soberania política à autonomia das mentes. O Novo Mundo, campo das inovações, revoluções, contrapunha-se à Velha Europa, com seus costumes tradicionais.

Mas, de fato, as diferenças entre a Europa e a América levaram esses indivíduos a refletir sobre suas existências, sobre sua cultura. Nesta relação há um fascinante jogo

652 WALLACE, op. cit., p. 31.

de espelho, haja vista que o reflexo de um projeta-se invertidamente no Outro, resultando num duplo efeito reflexo: de um lado vemos a auto-imagem que a cultura branca anglo-saxã constrói sobre si mesma; de outro, a projeção invertida que faz do Outro incivilizado, amoral, portanto, passível de ser submetido, ou de ser salvo, pelos verdadeiros arautos da civilização. Todavia, seus termos de referência não impediram que essas pessoas realizassem uma auto-reflexão crítica sobre as contradições que rondavam os seus próprios países. As comparações entre sua cultura e as alteridades muitas vezes não acabavam em vantagem para os primeiros.

Ao mesmo tempo em que descrevem cenas paradisíacas, introduzem elementos das atividades econômicas das gentes da terra, mesclando assim uma visão idealizada de sociedade com uma preocupação capitalista sobre a realidade produtiva e potencial da região. Há uma atitude de inventariar a utilidade prática das plantas e animais. Há, portanto, uma mescla de duas mentalidades divergentes: de um lado a narrativa é construída com elementos que rejeitam as premissas burguesas capitalistas, por outro lado, o discurso naturalista também se alinhava a elas. Assim, à luz dessas narrativas, podemos vislumbrar a contradição dialética da própria modernidade: a dificuldade da relação entre indivíduo e coletividade.

Por outro lado, no processo de interpretação da realidade seus olhares, muitas vezes, foram balizados por uma herança intelectual que se propunha, pôr ordem, eliminar o caos em que constitui a natureza selvagem. A natureza precisava ser ordenada, subjugada, dominada. Nesse processo, a natureza não mais era interpretada simbolicamente; homens e natureza não pertenciam mais à mesma esfera. O que os naturalistas fizeram foi suplantam um imaginário antigo em que o mundo natural era concebido por meio de seu sentido humano e simbólico, por um cenário natural separado, a ser visto por um observador externo que pudesse examiná-lo, estudá-lo, dissecá-lo. Mais que isso, esses homens levaram para o campo humano esta visão fragmentária. Grupos de homens silvícolas, por estarem encerrados num mundo selvagem, foram vistos mais próximos dos animais que do homem, já que essencialmente faltam-lhe as boas maneiras, o autocontrole de seus impulsos, fatores que fazem os homens distinguir-se dos animais. Foi por meio desses filtros mentais que Wallace descreveu a seguinte cena:

“Quando eu voltava para casa, encontrei um indiozinho, e, na mesma ocasião, uma iguana, de três pés de comprimento no mínimo, de dorso listado, com o papo erguido,

*olhando muito firme e que saiu a correr pela estrada. O menino, correndo, pegou-a pela cauda, e, ali mesmo, com ambas as mãos, de um golpe, deu-lhe com a cabeça em uma árvore, matando-a e levando-a em seguida para casa, onde, sem dúvida, dela fez um bom repasto”.*⁶⁵³

Esses indivíduos buscavam a verdade, que só podia ser alcançada ao tomar-se distância do que se vê. Neste sentido, vieram para a Amazônia também com intuito de confirmar certas imagens que outros cronistas haviam pintado verbalmente sobre a região. Muitas vezes o resultado foi de frustração para o olhar preconcebido pela estética romântica da paisagem pitoresca, já que, evidentemente, a floresta tropical nem sempre dispunha de elementos adequados para constituir-se em uma paisagem de acordo com os parâmetros dos jardins românticos europeus.

Além de classificar coisas e seres encontrados no vale do Amazonas, mais que descrever o quadro da natureza que compõe a região, Elizabeth Cary, Louis Agassiz e Wallace também identificavam os seus papéis enquanto autoridade científica. Assim, do encontro com o Outro podemos vislumbrar os viajantes representando a si próprios, indivíduos pertencentes à classe média letrada, cuja tarefa de suas vidas tem sido dedicada à ciência. Por outro lado, ao pensarmos na imagem do homem e da mulher ocidentais educados, que sabiam se comportar em qualquer lugar, mesmo naqueles distantes sertões, é difícil conceber a preservação de sua etiqueta burguesa diante de formas de vida e de cultura tão díspares à sua. Era preciso, antes de tudo, conhecer alguns signos, alguns meios de comunicação, assimilar alguns hábitos estranhos, apreender alguns valores sociais, adaptar-se a eles e, enfim, apropriar-se dos milenares conhecimentos nativos acumulados. Comer da mesma comida dos índios, despir-se para excursionar na floresta, adaptar-se ou integrar-se às determinações do meio era uma necessidade para esses estrangeiros. Deste modo, muitas das cenas foram governadas pelas relações de trocas, pela assimilação, pela reciprocidade entre culturas díspares. A educada filha da melhor classe de Boston, Elizabeth Cary, atestou o valor dessas relações no Brasil:

“Terminada a refeição, fomos tomar café fora da mesa, e os nossos lugares foram tomados pelos convidados índios que, por sua vez, se sentaram para jantar. Dava gosto de ver com que perfeita cortesia a maioria dos brasileiros da nossa condição social serviam em pessoa a essas senhoras índias, passavam-lhe pratos, ofereciam-lhe vinhos, tratando-os com a mesma delicada atenção que teriam para com as mais altas damas

653 Ibidem, p. 91.

da terra. As pobres mulheres se sentiam esqueladas e embaraçadas; apenas ousavam tocar nas lindas coisas colocadas diante delas. Enfim, um dos cavaleiros serventes, que muito viveu entre os índios e conhecia os seus costumes, tomou das mãos de uma delas o garfo e a faca e exclamou: Nada de cerimônias! Fora o acanhamento! Comam com as mãos, como estão acostumadas e encontrarão, com o apetite, os prazeres da mesa!” ...as damas se puseram logo à vontade e fizeram honra aos pratos. Os índios que vivem na vizinhança das cidades conhecem os usos da civilização e sabem muito bem o que é um talher, mas nenhum deles, podendo, gosta de usá-los.”⁶⁵⁴

Mostra-nos que nessas zonas de contato nenhum indivíduo deixa de influenciar e ser influenciado pelo Outro, os viajantes embora exaltassem a vida dos habitantes da floresta, embora cientes das conseqüências trazidas pela civilização, compreendiam que a empresa civilizatória precisava continuar. Neste sentido, podemos concluir que sua identificação com o outro era apenas parcial, nunca completa, pois jamais se esqueceram do lugar a que pertenciam – a cultura européia. No entanto, algo nos diz que a longa temporada nestes remotos sertões deixou marcas nesses viajantes tão significativas, que mesmo de volta entre os seus, o viajante vacilava a apontar qual o melhor lugar para se viver, como se vê especialmente nos relatos finais de Wallace:

*“England! My heart is truly thine, - my loved, my loved, my native earth! Mas a simples idéia da boa existência, que se poderia levar aqui, livre de todos os cuidados dos negócios monetários e das importunações da civilização, fazem duvidar, por vezes, se não seria mais acertado dizer-te adeus a ti, para sempre, e vir pra cá, viver uma vida fácil e de abundância no rio Negro”.*⁶⁵⁵

E, finalmente, “*Eré (adeus)!*” para dizermos que foi assim que Wallace despediu-se de sua experiência entre os nativos da Amazônia.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES NARRATIVAS

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. trad. Edgar Sússekind de Mendonça – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

⁶⁵⁴ AGASSIZ, op. cit. p.253

⁶⁵⁵ Ibidem, pp. 419-420

- AGASSIZ, Luís e AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas*. Trad. Candido de Mello Leitão. Vol. 1 São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.
- BATES, Henry. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- WALLACE, Alfred R. *Uma Narracion de Viajes por el Amazonas y el Rio Negro*. Trad. Rafael Lassaletta y Jose Alvarez. Iquito-Peru: Monumenta Amazônica, 1992.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2004.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABER, James S. *História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz*. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/08
- ARAÚJO, Reis Hermetes. *Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX*. Revista de Brasileira de História, São Paulo, 23, Nov. 2001.
- ARGAN, Giulio. *Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARDOSO, Sergio. *O Olhar dos Viajantes*. In: Aduino Novaes (org) ...et al. O Olhar. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, tradução de ..., 1990.
- CHAUNU, Pierre. *A América e as Américas*. Lisboa – Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1969.
- Classic Encyclopedia*. Based on the 11h Edition of the Encyclopedia Britannica (pub. 1911)
- DOMINGUES, Ângela. *Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos*. História, Ciência, Saúde – vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702001000500002&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 03/03/06.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000. (ed. orig. 1983)
- ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Trad. Ruy Jungmann – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994. 2v.
- EL-KEREH, Almir Chaiban. *A Companhia de Navegação do Amazonas e a Defesa da Amazônia Brasileira: “O Imaginado Grande Banquete Comercial”*. Disponível em: http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_74.pdf. Acesso em: 26/05/2008.
- FREITAS, Marcus Vinícius. *Charles Frederick Hartt, Um Naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900*; trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. *Natureza e Cultura: Representações na Paisagem*. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Sobral – São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- Henry O. Forbes. *Obituary: Alfred Russel Wallace, O. M.*, *The Geographical Journal*, vol. 43, no. 1 (jan., 1914), pp. 88-92. Disponível: <http://www.jstor.org/pss/1778825>. Acesso: 8/05/08
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- HOSBAWN, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Temi, 1977.
- <http://academic.emporium.edu/aberjame/histgeol/agassiz/agassiz.htm>. Acesso em: 14/05/08.
- Dicionário informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 28/05/08.
- Wallace Biography section. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 01/06/08.
- KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- KURY, Lorelai. *A sereia Amazônica dos Agassiz: Zoologia e Racismo na Viagem ao Brasil*. Revista Brasileira de História. vl. 21 n.41 São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200009. Acesso em: 04/04/05.
- KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: relato e imagem*. In Revista História Ciências e Saúde vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001.
- LANDES, David S. *Prometeu Desacorrentado: Transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão...[et. al.]. 4ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa, Editorial Estampa, trad., 1995.
- LEITE, Miriam L. Moreira. *Natureza e Naturalistas*. Disponível em: www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0042-01.shtml. Acesso em: 05.05.08.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LOUREIRO, Antônio José Souto. *História da Navegação no Amazonas*. Manaus: Lorena Ltda, 2007.
- MACHADO, M^a Helena P. T. *Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawings, 1865-1866*. translated by John M. Monteiro – Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.
- MANTHORME, Katherine. *O Imaginário Brasileiro para o Público Norte Americano do Século XIX*. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago. 1996.
- MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PERROT, Michelet. *História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Bernardo Joffily – São Paulo: Cia das letras, 1991.
- PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi (org.) *Historia da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

- PIZARRO, Ana. *Imaginário y Discurso: La Amazônia*. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Año XXXI, n.61. Lima-Hanover, Semestre 2005.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Gutierrez – Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- RABY, Peter. *Wallace, o herói esquecido da evolução*. Folha de SP, São Paulo, 29 jun. 2008. Entrevista concedida a Folha de SP. Disponível em: <<http://integras.blogspot.com/2008/06/150-anos-depois-teoria-da-evolucao.html>> Acesso em: 10/08/08.
- REICHEL, Heloisa Jochims. *Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história*. Texto de Comunicação. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS – RS- BRASIL.
- ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- SEAWARD, M. R. D. *Richard Spruce, botânico e desbravador da América do Sul*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol, VII(2): 377-88, Jul.-out., 2000. Disponível em: [HTTP://:www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300007&lng=...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300007&lng=...) Acesso em: 08/03/06.
- SEMERENE, Kelerson. *Homens e natureza na Amazônia Brasileira: Dimensões (1616-1920)*. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002.
- SILVA, Leonardo Dantas. *Textos Sobre o Recife*. Koster: o mais fiel retratista da paisagem. <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.html>. acesso: 16/07/07.
- STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad. Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- STEFFOFF, Rebeca. *Charles Darwin: a revolução da evolução*. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THEODORO, Janice. *Visões e Descrições da América: Alvar Nunes Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX)*. Revista USP. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago. 1996.
- THEODORO, Janice. *Da justa medida ao excesso: O imaginário de Jorge Amado como alicerce da Nação Brasileira*. Texto elaborado pela professora Janice Theodoro da Silva para o laboratório– Jorge Amado os Dilemas da Justa Medida – realizado em 24 de maio de 2007 na UFAM.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. Trad. João Roberto Martins Filho; São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- TODOROV, Tzevan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés – 3ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- UGARTE, Auxíliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Tese de doutorado. São Paulo: USP/PPGH. 2004.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade*. Trad. Paulo H. Brito; São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WOOD-RUSSEL, A. J. R. *Centros e Periferias no Mundo Luso-Brasileiro, 1500-1800*. Revista Brasileira de História. Vol. 18 n. 36. São Paulo, 1998. Print ISSN 0102-0188 – The Hopkins University – Trad. Maria de Fátima Gouvês (UFF).

